

Universidade Federal de Ouro Preto

Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Programa de Pós-Graduação em História
PPGHIS

Tese

A História dos Godos escrita por Jordanes: Estudo e Tradução

*Gustavo Henrique Soares de Souza
Sartin*

Ouro Preto
2019



UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin

**A HISTÓRIA DOS GODOS ESCRITA POR JORDANES:
ESTUDO E TRADUÇÃO**

Mariana
2019

Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin

**A HISTÓRIA DOS GODOS ESCRITA POR JORDANES:
ESTUDO E TRADUÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em História.

Área de concentração: Ideias, Linguagens e Historiografia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Duarte Joly

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Federal de Ouro Preto
2019

S249h

Sartin, Gustavo Henrique Soares de Souza.

A História dos Godos escrita por Jordanes [manuscrito]: estudo e tradução / Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin. - 2019.

242f.: il.: mapas.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Duarte Joly.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Jordanes, sec. VI - Teses. 2. Gôdos - Teses. 3. Historiografia - Teses. 4. História antiga - Teses. I. Joly, Fábio Duarte. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 93/94

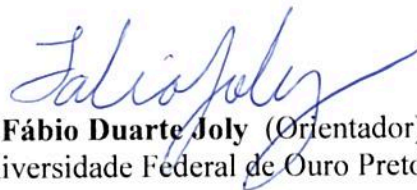


Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin

"A História dos Godos escrita por Jordanes: estudo e tradução"

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Mariana, 22 de outubro de 2019




Prof. Dr. Fábio Duarte Joly (Orientador)
Universidade Federal de Ouro Preto



Prof. Dr. Fábio Faversoni (Membro)
Universidade Federal de Ouro Preto



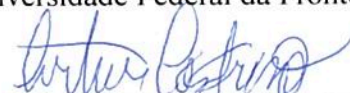
Prof. Dr. Alexandre Agnolon (Membro)
Universidade Federal de Ouro Preto



Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto (Membro)
Universidade Federal do Paraná

participação por videoconferência

Prof. Dr. Renato Viana Boy (Membro)
Universidade Federal da Fronteira Sul



Prof. Dr. Arthur Costrino (Membro)
Universidade Federal de Ouro Preto

AGRADECIMENTOS

O campus da *University of North Carolina at Charlotte*, onde estudei há muito tempo, ostenta, em uma de suas praças, a estátua de um homem que, segurando um martelo e um cinzel, esculpe a si próprio a partir de um bloco de pedra. É uma imagem forte, é claro, mas faz parte do mundo da ideologia e não da realidade. A verdade é que os produtos culturais são resultado de esforços coletivos. Não foi à toa, assim, que por vezes me lembrei das correções que as professoras do primário faziam às minhas redações enquanto escrevia a tese; ou das aulas de Lógica na disciplina de Filosofia, já no ensino médio. Eu não haveria conseguido dar a minha contribuição ao projeto de ampliação do conhecimento histórico — realizada, como não poderia deixar de ser, através de uma perspectiva pessoal — sem o auxílio dos professores que tive, em todos os níveis. Eles merecem, portanto, a minha mais sincera gratidão.

Esse reconhecimento se estende, também, a todos os que estiveram, de alguma forma, ao meu lado na jornada que conduziu à escritura da tese, iniciada há alguns anos. Isso inclui professores, colegas, alunos, amigos, namoradas, parentes...

Agradeço, ademais, à Universidade Federal de Ouro Preto, tão judiada pelas dificuldades financeiras dos últimos anos, e aos membros das bancas de qualificação e de defesa desta tese, Otávio Luiz Vieira Pinto, Renato Viana Boy, Alexandre Agnolon, Artur Costrino e Fabio Faversoni. Mais especificamente, admito a minha dívida para com o meu amigo e orientador, Fábio Joly, que em nenhum momento deixou de me oferecer o seu total apoio.

Por fim, agradeço também à minha irmã, ao meu pai e à minha já falecida mãe. Sem o seu amor e estímulo, nada disso haveria sido possível.

RESUMO

A história dos godos de Jordanes, ou *Getica*, é a mais antiga das histórias restantes de um povo “bárbaro” pós-romano, mas o seu autor alega que ela seria um resumo da história gótica escrita por Cassiodoro, que não atravessou a Idade Média. A obra original foi supostamente escrita na *Italia* durante a década de 520 ou início da seguinte, quando Cassiodoro residia na corte dos reis ostrogodos, mas a de Jordanes foi escrita por volta de 550, em *Constantinopolis*. Nosso trabalho consiste em uma análise crítica da *Getica*, acompanhada da sua tradução para o Português, realizada com o auxílio da Linguística Sistemico-Funcional. Os principais elementos da nossa análise são: (1) A narrativa de Jordanes acerca da ascensão gótica reflete mudanças de longo-termo na estrutura militar do Império Romano; (2) os godos são enaltecidos através de um dispositivo retórico que criou uma oposição entre “bons” e “maus” bárbaros; (3) Jordanes tinha um conhecimento limitado dos eventos que ocorreram após o ponto final da obra de Cassiodoro.

Palavras-chave: Jordanes, godos, historiografia, Antiguidade Tardia.

ABSTRACT

The Gothic history of Jordanes or *Getica* is the oldest extant history of a “barbaric” post-Roman people, but its author also alleges that it is an abridgement of the Gothic history written by Cassiodorus which didn't make it through the Middle Ages. The original work was supposedly written in Italy during the 520s or early 530s, when Cassiodorus resided on the court of the Ostrogothic kings, but Jordanes' was written around 550 in Constantinople. Our work consists in a critical analysis of the *Getica*, accompanied by its translation into Portuguese, made with the assistance of Systemic Functional Linguistics. The main features of our analysis are: (I) Jordanes' narrative of Gothic ascension reflects long-term changes in the military structure of the Roman Empire; (II) the Goths are glorified through a rhetorical device which created an opposition between “good” and “bad” barbarians; (III) Jordanes had a limited knowledge of the events that unfolded after the point in which the work of Cassiodorus ended.

Keywords: Jordanes, Goths, historiography, Late Antiquity.

SUMÁRIO

Introdução	1
Godos e romanos	2
Jordanes	6
<i>A Getica</i>	7
Aspectos peculiares da composição	8
Linguagem	9
Recepção e debates	12
Edição e traduções	21
Nossa tradução e a questão da avaliatividade	22
Capítulo I – A ascensão dos godos	27
1.1 – A “barbarização” do exército romano	27
1.2 – As mudanças na estratégia defensiva	35
1.3 – Um exército de estrangeiros?	42
1.4 – O exército de Estilício	54
1.5 – “Reis” bárbaros	59
1.6 – Considerações finais ao primeiro capítulo	62
Capítulo II – Átila, o arquetípico bárbaro violento	64
2.1 – Jordanes apresenta Teodorico, Aécio e Átila	65
2.2 – A ameaça de Átila	71
2.3 – A batalha nos campos cataláunicos	78
2.4 – Átila em fuga, mas ainda perigoso	85
2.5 – Considerações finais ao segundo capítulo	93
Capítulo III – Jordanes e o passado recente	95
3.1 – Por que os vândalos não foram escolhidos como vilões?	95
3.2 – A história escrita por Cassiodoro e o que mais?	99
3.3 – Jordanes e Procópio	105
3.4 – Considerações finais ao terceiro capítulo	107
Considerações finais	108
Anexo – Transcrição e tradução do texto da <i>Getica</i>	111
Referências bibliográficas	234

INTRODUÇÃO

Publicada por Jordanes em *Constantinopolis*¹ no ano de 551 ou 552, a *Getica*, também chamada *De origine actibusque Getarum* (Sobre as Origens e Feitos dos Getas), foi baseada em uma obra hoje perdida, escrita cerca de vinte anos antes por Cassiodoro Senator, um erudito romano do sul da *Italia* que ocupava o cargo de *magister officiorum* (“mestre dos ofícios”, uma espécie de primeiro-ministro) do reino dos ostrogodos.² Em virtude do desaparecimento do texto de Cassiodoro, a mais antiga história de um povo “bárbaro”³ pós-romano hoje disponível é a escrita por Jordanes.

A despeito de ser frequentemente publicada de forma isolada em tempos modernos, a *Getica* é a terceira parte de uma obra maior. A primeira consiste em uma cronologia universal nos moldes cristãos, que termina com a ascensão de Augusto e o início do que seria o quinto e último império mundial. A segunda é uma história romana que vai do nascimento de Rômulo até o vigésimo quarto ano do reinado de Justiniano I, em 551. As duas primeiras partes formam *De Summa Temporum uel Origine Actibusque Gentis Romanorum* (O Ápice dos Tempos ou as Origens e Feitos dos Romanos) ou, simplesmente, *Romana*. A *Getica*, por sua vez, narra a trajetória dos godos desde tempos mitológicos na *Scandza* (região correspondente à Escandinávia atual, imaginada como sendo uma ilha) até a rendição do rei ostrogodo Vitiges a Belisário, comandante militar do Império Romano do Oriente, e as subsequentes bodas de sua viúva e Germano, parente do imperador Justiniano, da qual, em 551, nasceu um filho. A primeira parte trata das origens e migrações dos godos, a segunda conta a história dos visigodos e a terceira, dos ostrogodos.

¹ O optamos por preservar, tanto na da análise quanto na tradução, os nomes de lugares que aparecem no texto latino. Pensar que, por exemplo, “*Lugdunum*” seja “Lyon” ou que “*Massilia*” seja “Marselha” é anacronístico, pois “*Lugdunum*” e “*Massilia*” não mais existem.

² Um apanhado das controvérsias historiográficas sobre a *Getica* pode ser visto em: GOFFART (1988, pp. 20-31).

³ Quanto ao emprego do termo “bárbaro”, seguimos o que escreveu GOFFART (1981, p. 285): “*First, the term 'barbarian' is unobjectionable as long as we recognize that it expresses a Greco-Roman point of view. In the language of the empire, its neighbors sometimes formed a collectivity*”.

Godos e romanos

Antes de tratarmos especificamente da narrativa de Jordanes sobre o passado dos godos, é preciso que estabeleçamos alguns pontos principais acerca do contato entre godos e romanos.

Durante os três primeiros quartéis do século IV, algumas tribos de origem gótica se instalaram na região fronteira do norte da diocese (conjunto de províncias) da *Dacia*, gradativamente assimilando a cultura romana.⁴ Em 376, fugindo do súbito aparecimento de hordas de hunos, vindas do oriente, muitos desses godos rumaram para o sul, efetivamente adentrando o território romano. De acordo com o historiador Amiano Marcelino, à época militar romano:

Os hunos seguiam seus passos (do líder godo Atanarico), velozmente o ameaçando. Teriam-no alcançado e destruído se, para tanto, não precisassem se desfazer da pesada carga de seus espólios. Nesse ínterim, um boato lentamente se espalhou pelas outras tribos de godos, de que uma raça de homens até então desconhecida descera como uma avalanche das montanhas mais altas, como se tivessem surgido de algum canto escondido, devastando e arruinando tudo em seu caminho. A maioria do povo, enfraquecida pela escassez de bens de primeira necessidade, [então] desertou Atanarico em busca de um domicílio afastado de toda e qualquer notícia de bárbaros. Depois de longa deliberação para eleger o local, pensaram na *Thracia* como o refúgio mais conveniente, por duas razões: os prados são fertilíssimos e, ademais, a [grande] extensão do *Danubius* mantém isoladas as terras cultiváveis - pois já era sabido que os estrangeiros eram alvos dos trovões de Marte. Dessarte, mesmo os mais teimosos concordaram com a decisão geral. [...]

Assim, comandados por Alavivo, [os godos] ocuparam as margens do *Danubius* e, enviando um embaixador a[o imperador] Valente, humildemente pediram para que fossem aceitos, prometendo viver em paz e, se a situação assim demandasse, fornecer tropas auxiliares.

(Amiano Marcelino, *Histórias*, 31.3.8 e 31.4.1)⁵

⁴ Conforme SANCHÉZ (1984-5, p. 249).

⁵ *Ammianus Marcellinus, Res Gestae*, 31.3.8, 31.4.1: “*Huni passibus eum citis urgebant et iam oppresserant adventantes, ni gravati praedarum onere destitissent. Fama tamen late serpente per Gothorum reliquas gentes, quod invisitatum antehac hominum genus modo nivium ut turbo montibus celsis, ex abdito sinu coortum adposita quaeque convellit et corrumpit: populi pars maior, quae Athanaricum attenuata necessariorum penuria deserverat, quaeritabat domicilium remotum ab omni notitia barbarorum, diuque*

Não tardou para que houvesse desentendimento entre os refugiados e as autoridades romanas locais, o que resultou na chamada “Guerra Gótica” (376 – 382), na qual os godos contaram com reforços de outros grupos “bárbaros” da fronteira oriental. Desorganização e disputas internas pesavam contra os romanos e, na batalha decisiva, disputada perto de *Hadrianopolis* em 378, somente o exército do império oriental estava presente. Como resultado, os romanos foram completamente derrotados e o imperador Valente foi morto. Segundo Amiano Marcelino, “é sabido que, com dificuldade, [somente] um terço do exército [oriental] escapou”.⁶

Após a guerra, os vitoriosos refugiados godos foram formalmente incorporados ao império por Teodósio I, que governou um mundo romano novamente (e pela última vez) unificado. Num primeiro momento, a política oficial parece ter consistido em assentar os tais *foederati* (“federados”, nações que mantinham tratado, *foedus*, com Roma e cujos habitantes mantinham sua liberdade em território romano)⁷ em regiões fronteiriças, utilizando-os como barreira contra os avanços de outros grupos “bárbaros” mais hostis.⁸ Assentados no oriente (*Thracia, Dacia e Panonnia*)⁹, os civis entre esses *advenae* (estrangeiros) teriam sido tratados pelo Império como *coloni* (à época, camponeses de status servil), simplesmente sendo agregados a propriedades já existentes e possuindo as obrigações fiscais próprias de tal condição.¹⁰

Os godos haviam sido cristianizados por missionários “arianos”, chamados assim por serem supostamente seguidores de Ário, sacerdote atuante em *Alexandria ad Aegyptum* em fins do século III e princípio do IV. Os arianos rejeitavam a doutrina da *homoousia*,

deliberans, quas eligeret sedes, cogitavit Thraciae receptaculum gemina ratione sibi conveniens, quod et caespitis est feracissimi et amplitudine fluentorum Histri distinguitur ab arvis, patentibus iam peregrini fulminibus Martis: hoc quoque idem residui velut mente cogitavere communi. [...] Itaque duce Alavivo ripas occupavere Danubii, missisque oratoribus ad Valentem, suscipi se humili prece poscebant, et quiete victuros se pollicentes et daturos, si res flagitasset, auxilia”.

⁶ *Ammianus Marcellinus, Res Gestae*, 31.13.18: “constatque vix tertiam evasisse exercitus partem”.

⁷ Conforme BERGER (1953, p. 474).

⁸ Conforme WOLFRAM (1979, pp. 154-155).

⁹ Conforme COSTER (1959, p. 146) e MIRCOVIC (1997, p. 95).

¹⁰ Conforme MIRCOVIC (1997, pp. 98 *et seq.*).

afirmando que O Filho, por ter vindo do Pai, não poderia tomar parte completamente em Sua natureza. A relação entre o já católico Império Romano e os godos era, dessarte, mediada necessariamente por uma barreira religiosa.

O status de *foederati* obtido por esses godos significava, ademais, que, em troca de “benefícios”, os guerreiros entre eles se colocavam a serviço do imperador, sendo empregados como *auxiliae* (tropas auxiliares) das legiões ou mesmo lhes substituindo. Devido às dificuldades de recrutamento interno, resultantes mormente da oposição dos grandes latifundiários, que não desejavam que a mão-de-obra barata constituída por seus dependentes servis fosse reduzida, o Império, com o passar do tempo, foi-se tornando refém desses guerreiros estrangeiros. A natureza específica do pagamento romano pela “proteção” seguramente era ditada pelas contingências, mas eles tipicamente incluíam remessas de metais preciosos.

Além da ameaça de nações “bárbaras” inimigas, a própria presença dos *foederati* em território romano representava para os romanos um risco permanente, como demonstram as incursões de Alarico I, “rei” desses godos incorporados ao império, na *Italia* da primeira década do século V. A relação entre os *foederati* e os imperadores, assim, tendia a ser de má-fé: os romanos assumiam compromissos que não pretendiam cumprir e seus “aliados” germânicos extorquiam tudo o que podiam.

Entre 407 e 409, povos que, ao contrário dos godos, declaradamente repudiavam a autoridade imperial (vândalos, alanos e suevos), avançaram do oriente sobre as *Galliae* e *Hispania*, levando Honório (o imperador do Ocidente) a convocar os guerreiros godos para que recuperassem o controle dos territórios perdidos.

No outono de 413, tendo sido bem-sucedidos no combate aos exércitos do “rei” burgúndio Gundahar e do líder alano Goar — que no ano anterior haviam cruzado a fronteira do rio *Rhenus*, tomado as cidades de *Vangium* (Worms), *Noviomagus* (Speyer) e *Argentoratum* (Estrasburgo) e proclamado em *Moguntiacum* (Mainz) um imperador-fantoche, Jovino — os godos já ocupavam o sul da diocese da *Gallia*, em caráter não-

oficial. Apenas seis anos mais tarde, em 419, eles foram oficialmente assentados por Honório nas províncias *Gallia Aquitania II* e em parte da *Gallia Narbonensis*. O assentamento haveria sido uma “premiação” pelo sucesso dos guerreiros godos em derrotar os inimigos de *Roma*.

Em pouco tempo, os godos controlariam toda a *Gallia Narbonensis*, estabelecendo sua “capital”, em *Tolosa* (atual Toulouse, na França). Sua expansão continuou ao longo do século e a área sobre seu controle passou a incluir também boa parte da diocese da *Hispania*. O chamado *regnum tolosanum*, não obstante, duraria somente até 507, quando esse grupo de godos (então já chamados "visigodos") seria expulso das *Galliae* pelos francos. Sua nova capital acabaria sendo estabelecida em *Toletum* (atual Toledo, na Espanha).

Após a deposição de Rômulo Augústulo, em 476, formar-se-ia na *Italia* um outro reino gótico (dito “ostrogótico”), governado por descendentes daquelas tribos que não haviam adentrado o império em fins do século anterior e que haviam se submetido à autoridade dos hunos. Com a morte de Átila, em 453, contudo, o poderio militar huno rapidamente se dissolvera, permitindo que os ostrogodos passassem a atuar de modo independente.

A despeito do reconhecimento teórico, por parte de visigodos e ostrogodos, da autoridade do imperador em *Constantinopolis*, na prática os seus reinos eram autônomos. Essa situação, juntamente com a existência de um reino vândalo na antiga diocese da *Africa* e de um franco nas *Galliae*, criava tensões recorrentes entre *Constantinopolis* e o ocidente. Nesse contexto, o imperador Justiniano decidiu lançar uma guerra de reconquista no segundo quartel do século VI, principiando por *Africa* e *Italia*.

Jordanes

O autor da *Getica*, segundo o seu próprio relato, foi *notarius* (secretário) de um ostrogodo da linhagem dos Ámalos (50.266) que ocupava a alta posição de *magister militum* (mestre dos soldados) na *Constantinopolis* da primeira metade do século VI. Jordanes, todavia, não revelou abertamente a sua etnicidade. Seu avô paterno servira sob Candac, um líder alano e, a julgar pelo nome, “Alanoviamuth”, pertencia a essa mesma etnia. O homem a quem o autor da *Getica* serviu na juventude era filho da irmã de Candac, mas, pela linhagem paterna, seria descendente dos Ámalos. Além disso, no fim do texto, em 60.316, Jordanes afirmou: “Que ninguém acredite que, em favor do povo sobre o qual falei, eu acrescentei algo além do que li e descobri — ainda que eu tenha quase essa mesma origem”. É provável, assim, que Jordanes contasse os godos entre os seus ancestrais, embora o seu avô paterno fosse alano.

Sua *De origine actibusque Getarum* (Sobre as Origens e Feitos dos Godos) ou simplesmente *Getica*, publicada no início da década de 550, foi baseada na história dos godos escrita cerca de vinte anos antes na *Italia* ostrogótica por Cassiodoro, intitulada *Libri XII De Rebus Gestis Gothorum* (Doze Livros Sobre as Coisas e Feitos dos Godos).

Não existe consenso na historiografia sobre quanto da narrativa de Cassiodoro está presente na *Getica*.¹¹ É certo, contudo, que o contexto da escrita das duas obras é bastante diferente. Quando Cassiodoro compôs sua história, os ostrogodos dominavam a *Italia*, sendo que o próprio rei Teodorico, o Grande, haveria patrocinado a obra. É razoável supormos que seu objetivo se coadunasse com o que se sabe das posições políticas de Cassiodoro, ou seja, a obra haveria sido composta para produzir a concórdia entre ostrogodos e romanos. Para tanto, a narrativa exaltaria os invasores, colocando-os em uma posição de igualdade frente aos romanos. Uma peculiaridade da situação, relevante no contexto da época, é que Cassiodoro era um católico, mas escrevia na corte ariana de

¹¹ Um bom resumo das controvérsias historiográficas pode ser visto em: GOFFART (1988, pp. 20-31).

Ravenna, de modo que sua obra certamente minimizava a distinção entre católicos e arianos.

Entre 542 e 551, época em que provavelmente foi composta a *Getica*, a conjuntura política havia se alterado grandemente em relação à época em que Cassiodoro escrevera sua história dos godos. Totila, o último rei ostrogodo, lutava em vão contra as forças de *Constantinopolis*, cuja ação era parte do que parece haver sido um plano de reconquista dos antigos territórios romanos ocidentais, posto em prática por Justiniano. Jordanes, que apesar de ter ancestrais godos era católico, não tinha motivos para minimizar a distinção entre as duas vertentes cristãs, como certamente fizera Cassiodoro. Além disso, sendo Jordanes súdito de um imperador romano, não faria sentido que sua história apresentasse os godos como iguais aos romanos, o que possivelmente haveria sido o caso da obra em que se baseou. É evidente, contudo, que os dois homens, Cassiodoro e Jordanes, deviam compartilhar em algum nível suas posições políticas, mas é provável que a natureza da narrativa da *Getica* haja sido limitada pelo sentimento anti-“bárbaro” em voga em *Constantinopolis* durante o período em que foi composta.

A *Getica*

Talvez em função de sua posição como secretário (ou, talvez mais precisamente, ex-secretário) de um alto funcionário imperial, a história dos godos na versão de Jordanes parece haver sido composta a partir de uma perspectiva alinhada com a política oficial de *Constantinopolis*,¹² cidade que o autor chamou tanto de *nostra* como de *regia* (5.38 e 20.107).

Parece existir uma tensão permanente na narrativa da *Getica*, decorrente do fato de Jordanes escrevê-la para uma audiência romana que devia subescrever a política imperial de reconquista do ocidente ao mesmo tempo em que procura enaltecer o passado gótico. Talvez justamente por isso, o resultado seja, em grande medida, uma narrativa trágica, pois

¹² Conforme CROKE (2003, p. 373).

a despeito de toda sua virtude, os godos deveriam ser derrotados ao final — mesmo que lutando de forma meritória. Dito de outro modo: o escritor, cômico de que o seu leitor sabia da derrota gótica na *Italia*, prestes a se consumir de forma completa, construiu um retrato heroico daqueles que acabarão derrotados na parte final da narrativa.

Quando o texto foi escrito, as forças de Justiniano, havendo recuperado a *Africa* das mãos vândalas ainda na década de 530, vinham levando grande vantagem sobre os ostrogodos. De fato, o último rei ostrogodo, Teia, seria deposto em 553. A reconquista da *Italia* talvez tivesse, ademais, um significado simbólico, pois implicava na retomada da cidade de *Roma*, capital histórica do império. Não surpreende, assim, que de *Constantinopolis* o reino dos visigodos na *Hispania* parecesse bem mais periférico do que o ostrogótico, parecendo até mesmo geopoliticamente irrelevante, de modo que a vitória romana na *Italia* travestia-se da conquista do povo godo como um todo. Isso fica claro no fim da narrativa, quando Jordanes declara que “o vitorioso e também triunfante imperador Justiniano e o cônsul Belisário serão apelidados de 'vandálico', 'africânico' e 'gético’”, ou seja, seriam apelidados de “vencedores sobre vândalos, conquistadores da *Africa* e vencedores sobre os getas/godos”.¹³

Estruturalmente, a *Getica* está dividida do seguinte modo: (1) uma introdução geográfica; (2) a memória da vinda dos godos da *Scandza*; (3) anedotas sobre os getas, igualados por Cassiodoro/Jordanes aos godos, cujo conteúdo é claramente lendário; (4) a história dos visigodos; (5) a história dos ostrogodos.

Aspectos peculiares da composição

A *Getica* apresenta uma combinação única de elementos historiográficos. Em primeiro lugar, trata-se da mais antiga história de um povo “bárbaro” pós-romano que chegou aos nossos dias. Escrever a história de um povo em vez da de uma cidade, ou

¹³ Jordanes, *Getica*, 60.315: “*victor ac triumphator Iustinianus imperator et consul Belesarius Vandalici Africani Geticique dicentur*”.

império era, em si mesmo, algo muito raro durante a Antiguidade Clássica, sendo que o único exemplo disso talvez seja *Antiquitates Iudaicae* (Antiguidades Judaicas) de Flávio Josefo, composta no último quartel do século I da Era Comum.

A *Getica* se aproxima, por outro lado, dos compêndios historiográficos produzidos nos séculos III e IV, como o *Breviarium Historiae Romanae* (Breviário de História Romana), composto por Flávio Eutrópio no terceiro quartel do século IV e parcialmente baseado na obra de Tito Lívio, tanto por sua relativa brevidade como também por haver sido baseada em uma obra de maior extensão.

Sendo parte de uma “história universal”, ainda assim, a *Getica* se insere em uma tradição que remonta ao século IV a. E. C., quando esteve em atividade o grego Éforo, mas que talvez tenha tido seu maior expoente com Diodoro Sículo, três séculos mais tarde. Autores cristãos tardo-antigos como Paulo Orósio, em sua *Historia Adversum Paganos* (História contra os Pagãos), reinventaram o gênero, não apenas sincronizando os eventos mais antigos com a narrativa bíblica, mas produzindo uma teleologia que culminava em um presente no qual o cristianismo estava em vias de vencer o “paganismo” e no qual o retorno de Jesus era cada vez mais iminente.

Linguagem¹⁴

O texto de Jordanes foi elaborado no que modernamente se convencionou chamar de “Latim tardio”. Trata-se da expressão escrita de uma língua que mantinha-se viva e em transformação, ainda que restrita por uma tradição literária que até certo ponto ainda se buscava preservar. O “Latim tardio” distingue-se, assim, do chamado “Latim medieval”, presente em documentos produzidos a partir de meados do século VIII, que precisava ser aprendido como uma língua estrangeira mesmo pelos habitantes das áreas “latinas”.

¹⁴ A seção sobre a linguagem da *Getica* incorpora elementos texto que escrevemos para acompanhar uma tradução nossa da introdução geográfica do texto de Jordanes em SARTIN (2012).

O Latim tardio, ao incorporar progressivamente elementos do chamado “Latim vulgar” (termo que simultaneamente refere-se à fala coloquial em geral e ao modo de falar das camadas populares)¹⁵, conservou a maioria dos seus aspectos morfológicos e sintáticos do seu antecessor clássico até por volta do ano 600, quando a documentação escrita passa a revelar simplificações cada vez mais frequentes no sistema de casos gramaticais. Esse processo, em combinação com transformações que há séculos já vinham ocorrendo no sistema fonético, resultou no surgimento das línguas românicas.¹⁶ A *Getica*, todavia, foi produzida duas gerações antes desse limiar.

Embora o período clássico da produção literária latina haja se estendido do segundo quartel do século I a. E. C. até meados do século II E. C.¹⁷ (digamos, de Cícero a Apuleio), a distinção entre um modo de falar das elites instruídas deliberadamente empregavam como ferramenta de distinção social e a fala da maioria “inculta” já estava estabelecida no início desse período.

Foi através da tradição literária que os romanos construíram a ideia de uma grafia “correta” das palavras, ainda que existisse algum grau de variação nas práticas de escrita literária. Tal tradição, ademais, era mantida pelas elites letradas e tendiam a refletir as pronúncias prestigiosas, as pronúncias dessas mesmas elites. Com a natural e inevitável evolução dos modos de falar, todavia, a distância entre o que efetivamente era dito pela maioria e o que se escrevia não parou de aumentar. Muitas das grafias inusitadas que encontramos na *Getica* resultaram do que Robert L. Politzer em 1961:

Estudos recentes demonstraram que os erros cometidos pelos escritores e escribas do Latim tardio seguem padrões consistentes que revelam os desenvolvimentos e até as tendências dialetais subjacentes de sua fala.¹⁸

¹⁵ ILARI (2002, p. 62): “Um exemplo da influência exercida pelo latim vulgar sobre o literário é o número cada vez maior de vulgarismos na língua da literatura. [...] Quanto às interferências do vulgar no latim escrito, elas foram cada vez mais numerosas com o passar do tempo, na pena de escribas que pensavam de fato em vulgar, desconhecendo os modelos clássicos, e dominavam o latim de forma primária”.

¹⁶ Para uma discussão detalhada, vide LÖFSTEDT (1959, pp. 1-38).

¹⁷ As abreviaturas “a. E. C.” e “E. C.” correspondem, respectivamente, a “antes da Era Comum” e “Era Comum”.

¹⁸ POLITZER (1961a, p. 209): “Recent studies have shown that the mistakes made by the Late Latin writers and scribes follow consistent patterns which reveal the developments and even the underlying dialectal trends

No caso específico de Jordanes, é necessário que levemos em consideração, adicionalmente, que o Latim devia ser a sua terceira língua: a primeira seria uma língua germânica, talvez o Gótico; a segunda o Grego, língua do quotidiano em *Constantinopolis*.¹⁹ Por conta disso, “não é surpreendente que o seu domínio do Latim não estivesse no nível do de Cícero, Boécio ou mesmo de Cassiodoro”, escreveu Otávio Luiz Vieira Pinto.²⁰ O autor da *Getica*, além disso, alega não haver tido qualquer formação de Retórica na juventude.²¹ Naturalmente, assim, o seu texto apresenta elementos que o distinguem daqueles dos autores latinos clássicos. É provável, ademais, que Jordanes haja escrito a *Getica* em Latim a despeito de habitar uma cidade onde a língua corrente era o Grego por conta da língua em que estava escrita a sua principal fonte, a história dos godos produzida por Cassiodoro.

Na *Getica*, o aspecto “tardio” da linguagem se revela sobretudo nos âmbitos lexical e ortográfico, ainda que sua sintaxe nem sempre corresponda à clássica. Não são incomuns, além disso, as associações, em uma mesma oração, de palavras de sentido próximo, talvez em decorrência de erosão semântica.²²

Exceto por uma ou outra lição a respeito de “vulgarismos”, os modernos estudantes da língua latina costumam ter contato apenas com a sua variante clássica, de modo que as

of their speech”.

¹⁹ GAUDI (2010, p. 359): “[...] it is crucial to recall that Latin was not Jordanes’ mother tongue and may well have been even his third language after Gothic (spoken by many in Gunthigis’ army) and Greek (the language of most cities in the region; see Croke 1987:119)”.

²⁰ PINTO (2017, p. 205): “He knew Greek and must have known one or two other Germanic and nomadic dialects, so it is not surprising that his mastery of Latin was not on par with that of Cicero, Boethius or even Cassiodorus.”

²¹ Como o próprio Jordanes informa em 50.266.

²² Essas repetições ou quase-repetições foram um fenômeno comum na literatura do período, como nota POLITZER (1961b, p. 487): “The sharp increase of synonymic repetition in early medieval Latin literary as well as legal texts must find its explanation in particular linguistic circumstances which led to the expansion of this traditional rhetorical device. These circumstances, I believe, were the Germanic-Romance and Latin-Romance bilingualism or quasi-bilingualism which characterized the linguistic situation of the Romance countries in the centuries preceding the emergence of written Romance. [...] For we must remember that at least until the emergence of written Romance, Latin-Romance bilingualism was, as some scholars have termed it, largely subconscious. The use of ‘Romance’ Latin words in conjunction with ‘classical’ Latin words was not only a stylistic device, but had also the useful purpose of making a phrase more generally comprehensible”.

peculiaridades do Latim tardio acabam dificultando a compreensão do conteúdo textual. Na Antiguidade Tardia, como bem notou Paolo De Paolis em 2010, “as mudanças cada vez mais profundas que se vão produzindo na Língua Latina, também pelo progressivo e crescente contato com falantes não latinos, causam grafias cada vez mais diversas e distintas entre si, conforme numerosos e variados fatores, tais quais a tipologia do texto, a área geográfica, o nível de instrução e a categoria social de quem escreve”.²³ Não obstante, esses desvios da norma clássica, tornam os textos produzidos durante a Antiguidade Tardia, como a *Getica*, especialmente interessantes para a Linguística Histórica, porquanto nos permitem vislumbrar transformações que se completariam apenas nos séculos seguintes e que resultariam no surgimento das línguas românicas.

Recepção e debates

Em um artigo publicado em 1987, Brian Croke apontou que, no século XIX, a escrita de Jordanes, distante da norma clássica, frequentemente havia sido interpretada como sinônimo de “pesquisa desleixada e inteligência duvidosa”, ao passo que a *Getica* acabava sendo vista como uma mera compilação da história escrita por Cassiodoro.²⁴ Um exemplo disso é a opinião expressa por Theodor Mommsen, na introdução de sua edição da *Getica*, de que até a altura da morte de Teodorico, rei dos ostrogodos, em 526, o texto de Jordanes não passaria de uma compilação “deslocada e corrompida” da obra de Cassiodoro.²⁵ Não obstante, as opiniões acerca tanto de Jordanes como da *Getica* em

²³ DE PAOLIS (2010, pp. 59-60): “*In epoca tardoantica, tuttavia, il panorama prende a modificarsi radicalmente: i cambiamenti sempre più profondi che si vanno producendo nella lingua latina, anche per il progressivo e crescente contatto con parlanti non latini, causano grafie sempre più diverse e differenziate a seconda di numerosi e svariati fattori, quali la tipologia del testo, l'area geografica, il livello di istruzione e la categoria sociale di chi scrive*”.

²⁴ CROKE (1987, p. 117): “*Instead, wayward Latin was taken to mean wayward research and dubious intelligence. The view began to spread that Jordanes was an incompetent and that his Getica in particular amounts to nothing more than a simple summary of Cassiodorus' lost History of the Goths (commissioned, if not completed, before 526) and can therefore be safely exploited as a repository of Cassiodoran culture and opinion*”.

²⁵ MOMMSEN (1882, p. xliv): “*In summa re Geticorum libellus, quatenus in eo tractantur res morte Theoderici anteriores, mera epitome est, luxata ea et perversa, historiae Gothicae Cassiodoriana*”.

particular mudaram muito ao longo do século XX. É notável como, em “*Some Remarks on the literary Technique of Gothic Historian Jordanes*”, Charles Christopher Mierow observou que, a despeito da proficiência incompleta de Jordanes na sua língua adotiva, o Latim, notável sobretudo em alguns desvios gramaticais, o seu estilo literário não era desprovido de sofisticação.²⁶

O próprio Croke defendeu, a partir do contraponto da *Chronica* escrita por Cassiodoro em 519 com a *Getica* que, nos eventos presentes em ambas, aquela apresentaria uma perspectiva claramente mais favorável a Teodorico, o Grande, e aos (ostro)godos do que esta.²⁷ Em outras palavras, é muito provável que Jordanes haja atenuado a tendenciosidade a favor dos ostrogodos que encontrara no texto cassiodoreano, de modo que o autor da *Getica* não poderia ser considerado um mero compilador. Não obstante, Giovanbattista Galdi, em um estudo publicado em 2010, notou que Jordanes, em sua outra obra historiográfica, a *Romana*, quando se baseava na obra de Lúcio Aneu Floro, copiava verbatim cerca de, pasmem!, oitenta por cento das linhas do original. Haveria Jordanes feito o mesmo na *Getica* com a história escrita por Cassiodoro? É impossível saber, até porque, mesmo na *Romana*, Jordanes não repetiu com as outras fontes o tratamento que deu à obra de Floro, alterando muito mais o seu conteúdo textual.²⁸ Cabe aqui um registro adicional:

²⁶ MIEROW (1923, p. 141): “*This unfortunate estimate of Jordanes as a man of no learning or ability whatever needs to be corrected and supplemented by at least an indication of the charm of the author's personality, which a sympathetic reader cannot but feel pervading his entire work*”.

²⁷ CROKE (1987, p. 131): “*A comparison of the differing accounts of the same events in Cassiodorus' Chronicle and Jordanes' Getica reveals two consistently divergent interpretations. In the former there is certainly a conscious attempt to explain events in a manner favorable to Theoderic and the Goths; the attempt is conspicuously lacking in the latter. Indeed, in the Getica there are opinions and explanations that would hardly be acceptable in a history commissioned by Theoderic to glorify his regime and pedigree. Perhaps it could be argued, on the hypothesis that Cassiodorus revised his history in 551, that these discrepancies merely reflect the changed circumstances of Cassiodorus, writing in the imperial capital a quarter of a century after Theoderic's death. Yet this would then be difficult to reconcile with the main thrust of that hypothesis, that the whole revised edition was designed to portray the Goths and the history of their cooperative relations with Roman society and court in the best possible light. On the contrary, the differences would appear to vindicate Jordanes' independence in the Getica and point away from Cassiodorus as an ever-present Hauptquelle*”.

²⁸ GALDI (2010, pp. 361-362): “*In numerous paragraphs of the Romana Jordanes copies his source text verbatim. Specifically, this technique characterises the large section based on the Epitome of Florus that sums up the most relevant historical facts from the beginning of Rome until the end of the res publica (Rom. 87-110, 115-209, 224, 236, 241-7, 251-4, henceforth referred to as the Florus fragment). As Jordanes*

Galdi concluiu que, quando Jordanes adaptava o texto das suas fontes na *Romana*, ele frequentemente simplificava o original através da inserção de elementos coloquiais pós-clássicos.²⁹ Se Galdi tem razão, isso significaria também que as passagens da *Getica* que Mierow considerou sofisticadas tinham origem no texto cassiodoreano? Trata-se de uma suposição razoável, mas, enquanto hipótese, é inverificável.

A respeito dessa mesma questão, James J. O'Donnell percebeu, em 1982, algo que torna o debate sobre a autoria da *Getica* ainda mais complexo:

Que Jordanes estava no comando da obra e sabia o que estava fazendo é também provado pelo padrão de referências cruzadas contido nele. Ocorrem numerosas referências de uma passagem a uma anterior — em cada um dos casos, essas referências são verdadeiras e precisas. Elas devem ter sido, portanto, feitas pelo próprio Jordanes e não apenas copiadas da edição original da obra.³⁰

Não obstante, em 1988, Walter Goffart alegou que o texto de Jordanes seria uma simplificação grosseira do cassiodoreano. Segundo ele, Cassiodoro haveria apresentado uma reconstrução do passado longínquo da linhagem de Teodorico, de modo a talvez possibilitar uma verdadeira conexão entre os getas, presentes na etnografia grega, e os godos. Na pena de Jordanes, por sua vez, a equivalência entre getas e godos acabou declarada sem, todavia, ser demonstrada.³¹ Causa certa estranheza, contudo, que as claras

transcribes the text of Florus verbatim in about percent of these lines, this section is of great interest to the textual critic. [...] Apart from the long Florus fragment, Jordanes seldom copies the text of his models verbatim".

²⁹ GALDI (2010, p. 374): "Among the cases of adaptation of the source the most interesting ones for the linguist are those in which the author modifies longer sections of text. Interestingly enough, these changes often simplify the model through the insertion of some post-classical elements. Since these features are frequently attested both in late literary and non-literary sources (particularly in inscriptions), they are likely to have been common in the late spoken usage and can thus be regarded as colloquialisms".

³⁰ O'DONNELL (1982, p. 230): "That Jordanes was in command of the work and knew what he was about is also proven by the pattern of cross-references contained within the work. There are numerous references from one passage back to an earlier one – in every single case, these references are true and accurate. They must therefore have been made by Jordanes himself, not merely borrowed from the original edition of the work".

³¹ GOFFART (1988, p. 105): "Before vanishing, the twelve books on the Goths contributed to Jordanes's *Getica*, but Cassiodorus would be poorly served if we imagined that his celebration of the Amals and their people could be reconstructed on the basis of its Byzantine travesty. In what age did Cassiodorus's narrative begin? How far into antiquity were his Getae traced? Answers can be only speculative. We know he made much of the Amal line reaching back fourteen generations from Theodoric, perhaps to the first century A. D. In order for the equivalence of Goths to Getae to have a concret basis, his Goths — those of Theodoric's

limitações da *Getica* enquanto fonte documental para o período anterior ao século IV sejam atribuídas por Goffart sobretudo à ação simplificadora de Jordanes, enquanto Cassiodoro receba o benefício da dúvida. O mesmo Goffart, em 2005, mencionou três diferentes autores que analisaram a *Getica* a partir de compilações do vocabulário cassiodoreano, “demonstrando o que todos assumem de saída, que Jordanes muito empregou a sua fonte principal”³²: Carl Schirren (em 1858), Rolf Hachmann (em 1970) e Johann Weissensteiner (em 1994).³³

Em um artigo publicado em 1989, Peter Heather defendeu que Jordanes haveria essencialmente copiado o texto de Cassiodoro — e nesse ponto ele subscreve a tese defendida por Arnaldo Momigliano em “*Cassiodorus and the Italian Culture of his time*” (1955). Para Heather, podem ser encontradas, na *Getica*, autênticas memórias godas, coletadas por Cassiodoro durante o convívio na corte dos ostrogodos.³⁴ O autor, então, reconstrói a linhagem do rei ostrogodo Teodorico a partir do texto jordaniano, que considerou de base cassiodoreana. Para que a tese de Momigliano e Heather a respeito de Cassiodoro haver registrado em sua história memórias autênticas coletadas junto aos ostrogodos esteja correta, todavia, seria necessário não apenas que o autor houvesse tido contato elas na corte de Teodorico, mas que tivesse também real interesse em relatá-las sem falseamento. Dado que Cassiodoro, em outras obras, demonstrou um óbvio interesse em enaltecer a dinastia dos Ámalos, à qual pertencia Teodorico, a tese de Momigliano e Heather não pode ser simplesmente aceita sem ressalvas. Vale destacar, nesse sentido, as palavras de Gilbert Dragon: “A obra [de Cassiodoro] é, na origem, aquela de um cortesão obediente às sugestões de Teodorico, preocupado em destacar a antiguidade da família dos

Italian kingdom — had to originate earlier than the dynasty, but they had no practical use for the mythical past antedating even the Trojan War that the Getica fancifully supplies”.

³² GOFFART (2005, p. 386): “They have mainly demonstrated what everyone assumes from the start, namely, that Jordanes made much use of his main source”.

³³ Respectivamente, “*De ratione quae inter Iordanen et Cassiodorum intercedat commentatio*”, “*Die Goten und Skandinavien, Quellen und Forschungen zur Sprach und Kulturgeschichte der germanischen Völker*” e “*Cassiodor/Jordanes als Geschichtsschreiber*”.

³⁴ HEATHER (1989, p. 105): “There is also a Gothic origin to some of the *Getica*'s material, which makes it unique among surviving sources. It specifically refers to Gothic stories which recorded Filimer's migration into the Black Sea region (4:28), and deeds of Gothic heroes (5:43)”.

Ámalos e, na medida do possível, a progressiva romanização dos godos, é evidente; mas o panegírico se transformou em história, o elogio em legitimização”.³⁵ Além disso, como notou A. H. Merrills em 2005, “Estudos comparativos de outros grupos não-letrados demonstraram além da dúvida razoável que quaisquer tradições godas que houvessem sobrevivido até o início do século VI provavelmente foram preservadas apenas em uma forma fragmentária”.³⁶ Cassiodoro, então, mesmo se escrevesse de boa fé, haveria se visto obrigado a preencher as lacunas nas narrativas tradicionais dos ostrogodos. Ao fazê-lo, todavia, certamente adaptou essas memórias lacunares aos interesses do rei Teodorico.

Em 2014, Wolf Liebeschuetz discutiu a natureza da *Getica* em “*East and West in Late Antiquity: Invasion, Settlement, Ethnogenesis and Conflicts of Religion*”. Para ele, a narrativa ali contida deve haver mantido a estrutura básica e os temas principais do texto de Cassiodoro, ainda que Jordanes certamente haja realizado a sua própria pesquisa suplementar.³⁷

Liebeschuetz analisou, ademais, alguns dos mais gritantes anacronismos da *Getica*, como a distinção entre visigodos e ostrogodos ainda no século IV e a colocação da linhagem dos Ámalos na chefia destes num passado tão recuado. Para tanto, o autor se vale da comparação com Amiano Marcelino, que menciona apenas tervíngios e greutúngios, não visigodos e ostrogodos. Não haveria, ademais, qualquer menção a alguém da árvore genealógica dos Ámalos nas fontes do século IV ou mesmo do início do V.

Ainda mais recentemente, em 2017, Otávio Luiz Vieira Pinto publicou a sua tese sobre Jordanes. Para ele, é preciso que se deixe de lado as discussões sobre o quanto do

³⁵ DRAGON (1971, pp. 293-294): “*Que l'ouvre soit à l'origine celle d'un courtisan obéissant aux suggestions de Théodoric, soucieux de mettre en valeur l'antiquité de la famille des Amales et, autant que possible, la progressive romanisation des Goths, c'est l'évidence; mais le panégyrique se mue en histoire, l'éloge en justification*”.

³⁶ MERRILLS (2005, p. 108): “*Comparative studies of other non-literate groups have demonstrated beyond reasonable doubt that any Gothic traditions that did survive into the early sixth century are likely to have been preserved only in fragmentary form.*”

³⁷ LIEBESCHUETZ (2014, p. 104): “*Jordanes tells us that he has seen the whole work, although it was not available to him at the time of writing, that he could not recall Cassiodorus' wording, but that he retained the general sense and the deeds related by Cassiodorus entirely.*”

texto de Cassiodoro estaria presente no texto de Jordanes e sobre o quanto este apresentaria autênticas memórias godas. A *Getica* deveria ser lida como uma peça autoral, mesmo que todo o seu texto houvesse sido copiado literalmente de outros autores.³⁸ Além disso, “Jordanes aproveitou a oportunidade para escrever uma narrativa que não apenas fizesse sentido para si próprio, mas que também explorasse os meandros do seu próprio entendimento do que era a história dos godos e de como ela se desenvolveu”.³⁹

Para Pinto, ademais, a *Getica* não seria uma obra de propaganda política. Para ele, a geografia seria o elemento a unir as diferentes seções da narrativa: os getas (que Jordanes faz equivaler aos godos na seção sobre o passado distante), os godos e os hunos teriam em comum o fato de habitarem ou haverem habitado a mesma região, a *Magna Dacia*. Por conta disso, a narrativa escrita por Jordanes sobre a origem e os feitos dos godos seria “um relato etnogeográfico romano da região”.⁴⁰

Algumas objeções podem ser levantadas aos argumentos desenvolvidos por Pinto. A primeira é que mesmo se não apenas levarmos em conta o trabalho de Jordanes em selecionar e recortar as suas fontes como o valorizarmos, o nível de intervenção nos textos originais importa, porque podem ocorrer discordâncias de juízos, perspectivas e objetivos não só entre o historiador e as suas fontes, mas também entre elas. Um caso conhecido é o da “*Νέα Ἱστορία*” (Nova História) escrita por Zósimo por volta do ano 500: enquanto o autor segue Eunápio, ele é muito crítico do *magister militum* Estilício; quando passa a seguir Olimpíodoro, todavia, torna-se moderadamente elogioso.⁴¹ Houvesse Zósimo se disposto a interferir mais no conteúdo textual das suas fontes, talvez essa incongruência fosse mitigada. Por conta disso, mesmo que se abandone a busca por autênticas memórias

³⁸ PINTO (2017, p. 221): “*Even if the whole text were copied verbatim from other sources, we would still have to take into consideration the logic behind Jordanes’ choices.*”

³⁹ PINTO (2017, p. xviii): “*Jordanes seized the opportunity to write a narrative that not only made sense to him but also explored the meanders of his own understanding of what was the Gothic history and how it developed.*”

⁴⁰ PINTO (2017, p. 206): “*The De Origine is a non-Roman ethnogeographical account of Magna Dacia.*”

⁴¹ RIDLEY (1982, xii-xiii): “*Indeed, we must go further and agree with Photius’ charge that the later historian often copied mindlessly, even where, as a result, he became involved in contradictions. The most glaring example is his estimate of Stilicho, quite critical in book V while he is following Eunapius, then mildly eulogistic in 5.34 where he copies Olympiodorus.*”

godas supostamente coletadas por Cassiodoro, como sugere Pinto, continua sendo relevante a discussão sobre o que, na *Getica*, tem origem cassiodoreana.

Pinto parece ter razão em afirmar que a identificação feita por Jordanes entre getas e godos passa por uma questão geográfica. Os getas, afinal, são por vezes igualados aos citas, os habitantes da *Scythia* — a região que seria posteriormente habitada pelos godos. É isso, somado à semelhança entre os nomes, que haveria possibilitado a identificação entre os dois grupos. Não obstante, a teoria de Pinto de que, ao compor a *Getica*, Jordanes estaria pensando em termos de uma “grande *Dacia*” causa surpresa, sobretudo porque a expressão não aparece na obra. Nem mesmo o termo “*Dacia*” aparece muitas vezes, sendo mencionado apenas em dez dos trezentos e dezesseis passos da *Getica*. O termo “*Pannonia*”, em comparação, foi mencionado em quatorze deles.

É claro que a mera contagem das menções à *Dacia* não refuta a teoria de Pinto. Jordanes expressou, afinal, a equivalência entre o que chamou de “antiga *Dacia*” e uma “*Gotia*”, uma terra dos godos (no passo 12.74). Não obstante, vale ressaltar que qualquer tentativa de compreender a composição de um documento a partir de um conceito que não é exatamente mencionado bem pode ser vista como um anacronismo, de modo que a teoria de Pinto acerca da *Magna Dacia* deve ser vista, no mínimo, com cautela.

Por último, a tese de Pinto parece esvaziar a *Getica* de muito — ou de quase todo — o seu conteúdo político, ainda que ela haja sido composta num momento de grande agitação. Em 549 ou 550, afinal, o papa Vigílio estava em *Constantinopolis* e demandava que o imperador Justiniano aumentasse os seus esforços contra os ostrogodos na *Italia*, como discutiremos no terceiro capítulo.

O intenso debate historiográfico acerca da *Getica*, desde meados do século XX, tem se dado, assim, em torno dos seguintes pontos principais: (1) confiabilidade do texto acerca de eventos anteriores ao início do século V; (2) os objetivos de sua composição na *Constantinopolis* de meados do século VI. O primeiro item está vinculado diretamente ao debate sobre quanto resta na *Getica* do texto escrito por Cassiodoro, visto que é geralmente

entendido que ele haveria podido inquirir longamente os ostrogodos acerca de seu passado, a ponto de ser capaz de reconstruí-lo em alguma medida. Quanto ao segundo item, parece-nos, o debate tem sido um tanto infrutífero por conta do modo esquemático com o qual são tratados por Jordanes os eventos das décadas de 530 e 540 — discutiremos o tratamento que Jordanes dá ao passado recente no terceiro capítulo. Parece seguro supor que o próprio Jordanes haveria tido que atualizar a narrativa de Cassiodoro até perto do presente. Fá-lo, contudo, de um modo extremamente sucinto,⁴² ao mesmo tempo em que provavelmente atenua alguns dos elogios que Cassiodoro haveria tecido aos ostrogodos — como o demonstrou Croke (acima). O resultado disso é que a *Getica* acabou sendo uma espécie de “elogio brando” aos godos, de modo que seria um exagero pensar que a sua composição resultaria de um desejo do autor de intervir de forma incisiva no debate político no presente. Devia existir, quando Jordanes compôs a *Getica*, um profundo sentimento antigótico entre os romanos, tanto no ocidente quanto no oriente. A composição da obra foi, obviamente, uma tentativa de intervir nesse debate, ainda que haja sido uma intervenção bastante cuidadosa, na qual os godos são elogiados mas colocados abaixo dos romanos. Essa é, aliás, a principal tese que procuramos sustentar ao longo do presente trabalho.

Enquanto fonte histórica, ademais, a principal “utilidade” da *Getica* parece-nos relacionar-se ao mal documentado século V, sobretudo às décadas de 430, 440 e 450, quando os hunos representavam uma ameaça grave à integridade territorial tanto do Império Oriental como do Ocidental, ao mesmo tempo em que os visigodos se colocavam como um poder político alternativo aos romanos nas *Galliae*. Parte da narrativa acerca desse período adveio da história escrita por Prisco de *Panium*, contemporâneo aos acontecimentos, hoje fragmentária. É impossível, todavia, segurança absoluta sobre se foi Cassiodoro ou Jordanes que recorreu a tal fonte, ainda que talvez a balança pese um pouco

⁴² A. H. MERRILLS (2005, p. 104): “*Of the events that postdate 533, only the marriage of Germanus and Matasuentha receives particular emphasis and even that is scarcely afforded the attention elsewhere granted to other events. On the most straightforward level, therefore, it would certainly be possible to read the Getica as a fundamentally Cassiodoran construct with later material added with little comment by a later editor*”.

em favor do primeiro. Se, de fato, a *Getica* preserva muito da estrutura da história escrita por Cassiodoro, como parece ser o caso, o recurso a Prisco teria origem em Cassiodoro. Ocorre, porém, que Jordanes é bastante esquemático quando trata de campanhas militares ao longo de todo o texto, exceto quando trata das campanhas relacionadas a Átila, sobre as quais Prisco parece ser a fonte principal. Cerca de um sexto de toda a *Getica* trata dessas campanhas ou de eventos a elas relacionados, ainda que o período em questão se estenda por somente quatorze anos, de 439 até 453. Isso não significaria que Jordanes tivesse à sua disposição a história escrita por Prisco, cujo conteúdo adicionou ao resumo que havia feito da história escrita por Cassiodoro? Não é impossível, mas, ainda que Cassiodoro teoricamente tivesse menos interesse do que Jordanes de apresentar um conflito em que os “seus” ostrogodos estivessem do lado oposto aos romanos, trata-se de uma questão irrespondível.

Certo é, todavia, que Átila foi transformado num modelo de bárbaro feroz, no qual os romanos não poderiam confiar, em oposição aos godos, que seriam nobres e moderados. Não obstante, essa construção literária de Átila como antagonista arquetípico recai mormente sobre a sua personalidade, parecendo ter pouco ou nenhuma influência sobre o que é dito acerca das campanhas em si, em sua materialidade. A construção literária de Átila é o tema do nosso segundo capítulo.

A *Getica*, a despeito dessas particularidades na composição, é uma fonte histórica indispensável para se compreender o século V e a fragmentação do Império do Ocidente nesse período. Por conta disso, nosso primeiro capítulo tratará da ascensão dos godos nesse contexto.

Edições e traduções

A *Getica* tem por *editio princeps* uma publicação de Konrad Peutinger em Augsburgo, no ano de 1515, na qual era acompanhada pela história dos lombardos de Paulo Diácono.⁴³ Utilizamos como texto-base a edição considerada por muito tempo canônica, publicada em 1882 por Theodor Mommsen como parte da coleção *Monumenta Germaniae Historica*, que contém a *Romana* e a *Getica* e traz todas as variantes textuais dos manuscritos por ele consultados.⁴⁴ Uma edição mais recente, feita por Francesco Giunta e Antonino Grillone, foi publicada em 1991.⁴⁵ Enquanto Mommsen tem sido alvo de críticas por conta do seu texto final da *Getica* conter amiúde as variantes que sugeririam que o seu autor empregava um registro linguístico mais baixo, Giunta e Grillone receberam críticas pelo contrário: diante das variações nos manuscritos, eles haveriam tendido a escolher as variantes mais próximas do Latim clássico.⁴⁶ Utilizamos o texto estabelecido por Mommsen de forma crítica, revendo as variantes textuais nas passagens cuja compreensão era mais difícil. Foi o que fizemos, por exemplo, no passo 42.219, quando corrigimos o texto adotando uma variante que o editor havia preterido.

Existem, pelo que sabemos, três modernas traduções da *Getica*: a de Charles Christopher Mierow para o Inglês (1915)⁴⁷; a de Olivier Devillers para o Francês (1995)⁴⁸; e

⁴³ *Jornandes de rebus Gothorum. Paulus Diaconus Forojuliensis de Gestis Longobardorum*. Edente Chuonradus Peutinger. Augustae Vindelicorum: Ioannes Miller, 1515.

⁴⁴ Trata-se de: MOMMSEN, Theodorus (ed.). **Jordanis Romana et Getica**. Berolini: Apud Weidmannos: 1882. *Monumenta Germaniae Historia. Auctorum Antiquissimorum Tomi V Pars Prior*.

⁴⁵ Trata-se de: GIUNTA, Francesco; GRILLONE, Antonino (a cura di). **Jordanis De Origine Actibusque Getarum**. Roma: Istituto Storico Italiano per il Medioevo, 1991.

⁴⁶ É o que diz, por exemplo, GALDI (2010, pp. 359-360): “*Besides, the harsh judgements on Jordanes’ language are obviously conditioned by the edition of Mommsen who sometimes chooses, among different lectiones of the manuscripts, the most ungrammatical ones. This point has been particularly stressed by Giunta and Grillone in their more recent edition of the Getica. It must be noted, however, that these two scholars often make the opposite mistake by going too far in their ‘normalisation’ process: in several instances they arbitrarily refuse the form transmitted by the first manuscript family, particularly by the Palatinus, and ‘correct’ it through grammatically ‘better’ variants in the second or third one*”.

⁴⁷ Trata-se de: JORDANES. **The Gothic History of Jordanes in English version, with an Introduction and a Commentary by Charles Christopher Mierow**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, Humphrey Milford e Oxford University Press, 1915.

⁴⁸ Trata-se de: JORDANÈS. **Histoire des Goths**. Introduction, traduction et notes par Olivier Devillers. Paris: Les Belles Letres, 1995.

a de José María Sánchez Martín para o Espanhol (2001)⁴⁹. Trabalhamos com a primeira e a terceira, contejando a nossa tradução com a de Mierow e Sánchez Martín nos trechos de mais difícil interpretação.

Todas as traduções do Latim e do Grego no presente trabalho são de nossa autoria, salvo indicação em contrário.

Nossa tradução e a questão da avaliatividade

De acordo com J. R. Martin e David Rose (2007, p. 7), a Linguística Sistêmico-Funcional reconhece os seguintes aspectos gerais do emprego social da linguagem: (1) a chamada “metafunção interpessoal” possibilita o estabelecimento de relações sociais; (2) a “metafunção ideacional”, a representação das experiências; (3) e, finalmente, a “metafunção textual” permite a organização textual de nossas relações sociais e experiências.

Martin e Rose denominam “avaliatividade” (*appraisal*) o aspecto da metafunção interpessoal que possibilita ao emissor informar ao receptor qual a sua opinião a respeito do que está dizendo. A rigor, a avaliatividade pode ser considerada a partir de três aspectos textuais: (1) “atitude” (*attitude*), (2) “amplificação” (*amplification*); e (3) “comprometimento”⁵⁰ (*engagement*). O primeiro deles é o mais importante, visto que carrega uma maior carga de conteúdo semântico. É através da “atitude” que o emissor expressa “afeto” (*affect*), “julgamento” (*judgement*) e “apreço” (*appreciation*); sendo que cada um desses se relaciona, respectivamente, com sentimentos, caráter e valor.

A “amplificação”, por seu turno, é usualmente obtida através do recurso a “intensificadores” — o que muito comumente identificamos como advérbios ou locuções adverbiais. Tal “léxico atitudinal” (*attitudinal lexis*) não opera sozinho, dependendo sobremaneira de “palavras de conteúdo” ou, mais tecnicamente, “itens lexicais” (*lexical*

⁴⁹ Trata-se de: JORDANES. **Origen y gestas de los godos**. Edición y traducción de José María Sánchez Martín. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

⁵⁰ Para a tradução do termo “*engagement*”, seguimos SOUZA (2011, pp. 85-87).

items). Além desse aspecto de “força” (*force*), a rigor, a amplificação pode ser conseguida também através do “foco” (*focus*), resultado do emprego de palavras ou expressões como “precisamente”, “por volta de”, “não exatamente”, etc.

O último dos três aspectos textuais da avaliatividade é o “comprometimento” (*engagement*), que diz respeito a quais vozes se expressam no texto. Por exemplo, a narrativa de Jordanes pode trazer avaliações em nome do próprio autor ou das “personagens” de sua trama — como “os romanos”, “o imperador”, “os visigodos”, etc.

Sobretudo no segundo capítulo, discutiremos como Jordanes apresenta os godos na *Getica*, tanto em contraste com outros povos “bárbaros” como com os romanos. Em outras palavras, trataremos de questões relacionadas à “avaliatividade” na narrativa jordaniana. Nossa própria prática tradutória foi adaptada para tanto. Como a análise da avaliatividade dá-se sobretudo no campo lexical, tivemos um cuidado especial com as palavras que de algum modo qualificavam as personagens, procurando nos ater metódica e rigorosamente ao texto latino quando as traduzíamos.

Nossa abordagem talvez fique mais clara através de um exemplo. No passo 43.225, Jordanes, ou melhor, o narrador refere-se a Átila como “*versutus et callidus*”. Em sua tradução para o Inglês, Mierow verteu esses termos como “*shrewd and crafty*”; enquanto Sánchez Martín produziu, em Espanhol, “*taimado y astuto*”. Ora, Jordanes está apenas chamando Átila de “versado e calejado” — ambas metáforas, aliás, empregadas ainda hoje em nossa língua. Esse tipo de uso em sequência de palavras de acepções semelhantes numa mesma oração é bastante comum no Latim tardio e devia servir tanto para intensificar quanto para esclarecer o significado da primeira delas. Em outras palavras, Jordanes está dizendo que Átila era um sujeito muito experiente. É certo que tamanha experiência haja feito com que Átila se tornasse também astuto; sendo que “*shrewd and crafty*” e “*taimado y astuto*” tentam dar conta disso. Na passagem em questão, a propósito, o rei dos hunos tenta confundir os romanos ao deslocar suas tropas de modo imprevisível. Ainda assim, tanto “*shrewd and crafty*” como “*taimado y astuto*” não equivalem funcionalmente a

“*versutus et callidus*”, como é o caso de “versado e calejado”, porquanto expandem o sentido do original.

Vejam os outros exemplos. No passo 35.182, Jordanes escreveu o seguinte: “*forma brevis, lato pectore, capite grandiore, minutis oculis, rarus barba, canis aspersus, semo nasu, teter colore, origenis suae signa restituens*”. Temos aí uma descrição do aspecto físico de Átila, traduzida da seguinte forma por Mierow, por Sánchez Martín e por nós, respectivamente:

“*He was short of stature, with a broad chest and a large head; his eyes were small, his beard thin and sprinkled with gray; and he had a flat nose and a swarthy complexion, showing evidences of his origin.*”

“*De estatura era bajo, ancho de pecho, de cabeza grande y ojos pequeños; la barba la tenía poco poblada, los cabellos canosos, la nariz aplastada y la tez oscura, rasgos todos ellos que denotaban su raza.*”

“Era baixo, de peito largo, cabeça grande, olhos pequenos; a barba [era] rala e salpicada de branco; tinha o nariz achatado e a cor horrível — sinais que demonstravam sua origem.”

Analisemos as diferenças. “*Rarus barba*” pode ser compreendido como “raro quanto à barba”, de modo que esta bem poderia ser dita “*thin*”, “*poco poblada*”. O que vem em seguida, porém, é ambíguo. “*Canis*” é a forma que o adjetivo “*canus*” assume nos casos dativo e ablativo. Trata-se de um adjetivo usado normalmente para se descrever cabelos e barbas. “*Aspersus*” significa “espalhado”, “disperso”. “*Canis aspersus*” seria algo como “salpicado de branco”. Mas o que “salpicado de branco”? Não é possível ter certeza. Nós, assim como Mierow, consideramos que Jordanes continua a se referir à barba de Átila, enquanto Sánchez Martín crê que o autor passou a se referir aos cabelos. Obviamente, a questão de se Átila tinha barba ou cabelos grisalhos é absolutamente banal. Por outro lado, a discussão aqui centra-se em como se pode compreender — ou não — algo que foi escrito em Latim há quatorze séculos e meio.

O trecho inteiro é de difícil leitura. Jordanes, em seguida, comete o que seriam dois erros de ortografia no Latim clássico: escreve “*semo*” em vez de “*simo*” e “*teter*” em vez de

“*taeter*”. Ambos são perfeitamente explicáveis pela evolução fonética da língua ao longo dos séculos, mas, ainda assim, deles resulta o risco de o leitor/tradutor não reconhecer essas palavras e tampouco encontrá-las em algum dicionário. A palavra “*nasus*” não chega a causar maiores problemas, apesar de Jordanes flexioná-la como se pertencesse à quarta declinação e não à segunda. “*Semo nasu*”, por estar no caso ablativo, significaria “com o nariz achatado” ou “de nariz achatado”. Não nos parece problemático que Mierow e Sánchez Martín tenham escrito, respectivamente, “*and he had a flat nose*” e “*la nariz aplastada*”. Tivemos, também, que nos resignar a escrever “*tinha o nariz achatado*”, para que o trecho em questão ficasse coerente.

A grande diferença nas três traduções do trecho em questão, porém, está no termo “*teter*”. Quando verificamos “*teter*” no *Oxford Latin Dictionary*, vimos que esse verbete remete o leitor a “*taeter*”. Ali, na página 1900, encontram-se três acepções: (1) “*Physically offensive, foul, horrible, b (of animals, monsters, etc.). c (of smell, taste, sound, etc.)*”; (2) “*of persons, etc.) Morally offensive, vile, abominable*” e (3) “*(of actions, experiences, etc.) Monstruous, vile, horrible*”. Outros dicionários em língua inglesa e um em língua espanhola traziam acepções semelhantes.

A essa altura do processo tradutório, a questão parecia-nos resolvida: Mierow e Sánchez Martín, como no caso de “*versutus et callidus*”, haviam expandido o sentido do original. Afinal, Jordanes havia dito que a cor de Átila era “*horrível*” (ou ao menos “*desagradável*”) e os dois tradutores haviam convertido isso em “*swarthy complexion*” e “*tez oscura*”. Em outras palavras, ambos haveriam neutralizado o juízo de valor de Jordanes. Foi então que decidimos checar um último dicionário, dessa vez o Latino-Português de F. R. dos Santos Saraiva. Nele, o verbete “*tētēr ou tētēr, trā, trūm*” (página 1195) se inicia com “*adj. Lucr. Virg. Negro, escuro, sombrio. Tetræ notæ. Lucr. Manchas denegridas — tenebræ. Cic. Trevas profundas*” e depois segue com acepções semelhantes às do *Oxford Latin Dictionary*.

Esse é, ainda assim, um dos casos nos quais não se pode ter absoluta certeza quanto ao sentido do que foi escrito. É possível que Jordanes considerasse que Átila em particular, ou os hunos de modo geral, tivessem uma “cor horrível”; mas também é possível que ele simplesmente estivesse afirmando que eram morenos. Se, todavia, o sentido de “*teter*” como “escuro” não estivesse dicionarizado, seria possível dizer que, no trecho em questão, as traduções de Mierow e Sánchez Martín não equivaliam funcionalmente ao original, por conta de terem neutralizado o juízo de valor de Jordanes e interferido no aspecto avaliativo do texto. Por fim, depois de muito ponderar a questão, decidimo-nos por seguir Mierow e Sánchez Martín, de modo que nossa versão final traz “tinha o nariz achatado e a cor escura”.

CAPÍTULO I – A ASCENSÃO DOS GODOS

O leitor encontrará, neste capítulo, uma discussão acerca das transformações sobre as quais passou o mundo romano, sobretudo o ocidental, durante a Antiguidade Tardia e sobre como elas alteraram as relações entre romanos e bárbaros. Isso encontra justificativa na necessidade de se compreender os eventos narrados por Jordanes como mais do que simplesmente uma série de campanhas militares, sobretudo a partir do momento em que os godos adentram de vez o cenário geopolítico, no último quartel do século IV. O objetivo deste capítulo é, portanto, tornar compreensível o contexto de fragmentação do Império do Ocidente, que a narrativa de Jordanes não só espelha mas para o qual também é uma das fontes mais importantes.

1.1 – A “barbarização” do exército romano⁵¹

Durante os séculos I e II, o exército romano era composto mormente por cidadãos romanos plenos, mas a participação nas tropas auxiliares, muitas vezes correspondentes a regimentos de cavalaria, sempre esteve aberta aos *provincialis* e aos *peregrini*, súditos do Império sem cidadania.⁵² Após vinte e cinco anos de serviço, esses homens receberiam-na com prêmio por seus esforços. Quanto aos regimentos regulares de infantaria, o recrutamento, ao menos teoricamente, estaria restrito aos homens com cidadania romana plena, o que, obviamente, limitaria a participação do grosso da população das províncias.

⁵¹ As seções sobre “barbarização” do exército romano (1.1) e sobre as mudanças na estratégia defensiva do Império (1.2) se baseiam no que discutimos em nossa dissertação de mestrado: SARTIN (2011).

⁵² MATHISEN (2013, pp. 191-192): “*At the beginning of the Roman empire, Roman citizenship was an elite legal status to which certain rights, privileges, and obligations accrued under civil and criminal law. [...] The majority of the free population in the empire lived in the provinces and did not hold citizenship. these people were known as provinciales (provincials) or peregrini (foreigners) and they remained subject to whatever legal system was in force in their communities at the time of their annexation by Rome. one of the great successes of the Roman empire was that Roman citizenship became available to everyone living in the empire. the usual ways for provinciales to become citizens was by becoming members of city councils or by serving in the auxilia, the provincial branch of the Roman army (figures 1–2), the rationale for this being that citizenship should be a reward either for services expected or services already rendered*”.

O matrimônio legítimo foi vedado aos soldados até por volta de 197,⁵³ de forma que apenas após a dispensa eles poderiam usufruir de uma vida familiar semelhante àquela dos civis. Não obstante, parece ter sido comum que os soldados mais veteranos pudessem ter a companhia de concubinas instaladas em *canabae*, povoados próximos aos acampamentos militares. É de se supor que essas mulheres tivessem origem local, o que implica que, no caso das regiões fronteiriças, elas muitas vezes seriam etnicamente não-romanas.

Parece haver sido relativamente comum que os veteranos, após a dispensa, se estabelecessem em definitivo na província onde serviam. É o que sugere a análise dos dados epigráficos das províncias *Germania Inferior* e *Germania Superior*; ao longo dos séculos I, II e III: quase metade dos soldados aposentados seriam provenientes de outras regiões (87 de 184 casos).⁵⁴ Teoricamente, os filhos desses homens com as suas antigas concubinas ou com esposas legais não possuíam cidadania romana plena, de modo que só poderiam alistar-se nas tropas auxiliares. Não obstante, exceções parecem haver sido feitas frequentemente,⁵⁵ o que resultaria em uma certa dose de “não-romanidade” ao exército mesmo durante os séculos I e II.

Cabe notar, ademais, que a partir dos séculos I e II, cada vez mais, o recrutamento militar nas regiões rurais tornou-se difícil. A explicação para tanto certamente passou pela retração da utilização da mão-de-obra escrava nessas regiões e pela concomitante ampliação do regime de colonato.⁵⁶ Houve também um significativo declínio populacional

⁵³ GARNSEY (1970, p. 45): “Recent writers, however, seem agreed that all rank-and-file soldiers in the legions, auxiliary brigades, and elite cohorts (stationed mainly in Rome) were denied an official Roman marriage during their term of service, and that the situation changed about A.D. 197 when this right was granted, to legionaries at least, by Septimius Severus”.

⁵⁴ O estudo em questão, citado por ELTON (1996, pp. 84-87), foi realizado por John Mann, que o publicou em 1986 sob o título *Legionary Recruitment and Veteran Settlement during the Principate*.

⁵⁵ WATSON (1984, p. 39): “The legal requirement for admission to the legions was the possession of full Roman citizenship, though exceptions were commonly made for the sons of serving soldiers”. CARRIÉ (1992, p. 99): “[...] a situação de concubinato em que muitos soldados acabavam por viver era legalizada no termo do serviço e concedia-se a cidadania romana à companheira estrangeira e aos filhos nascidos dessa união”.

⁵⁶ As evidências para que tal fenômeno tenha ocorrido em uma data tão recuada são diversas. Apresentaremos, em seguida, algumas delas. (1) Enquanto considerações acerca do arrendamento de terras são praticamente inexistentes no “*De Agri Cultura*” (Sobre o Cultivo dos Campos) de Catão o velho, escrito por volta de 160 antes da Era Comum, no “*Rerum Rusticarum*” (Sobre as Coisas do Campo) de Marco Terêncio Varrão, escrito talvez por volta do ano 35 a. E. C., o recurso a *coloni* já aparece de forma significativa, ainda

a partir do último quartel do século II da Era Comum, o que talvez também tenha tido um papel na crescente dificuldade em repor as perdas das legiões,⁵⁷ pois, diante desse quadro, o recrutamento nas áreas rurais haveria passado a significar uma redução na quantidade de braços disponíveis para o cultivo do campo, o que colocava em oposição os grandes proprietários de terras e o governo imperial.⁵⁸

Esse impasse só fez aumentar, como nos mostra um documento do ano 440, intitulado “*De tironibus et de occultatoribus desertorum*” (Sobre os recrutas e sobre os ocultadores de desertores). Trata-se de uma lei estabelecida pelo imperador Valentiniano III, que determinava que os proprietários de terra deveriam fornecer aos exército o número de recrutas exigido, sob pena de terem que fornecer três recrutas adicionais para cada um que houvessem ocultado.⁵⁹

que parte das dificuldades resultantes do aumento das atividades durante as épocas de colheita teriam sido resolvidas sobretudo através da contratação de *mercenarii*, trabalhadores livres. Cerca de um século depois, no tratado de Lúcio Moderado Columela, o “*De Re Rustica*” (Sobre a Questão do Campo), escrito por volta de 60 da Era Comum, o recurso ao arrendamento das terras parece ter se tornado ainda mais importante. (2) Escrevendo por volta do ano 150 E. C., o jurista Gaio comentou as restrições que o imperador Antonino Pio impôs ao poder dos senhores sobre os seus escravos, em nome do combate ao desperdício (*Gaius, Institutionum Commentarii Quattuor*, 1.53). (3) Analisando a presença de escravos nos *corpora* epigráficos das províncias *Gallia Narbonensis* e *Gallia Lugdunensis* durante os séculos I, II e III da Era Comum, Alain Daubigney e François Favory constataram que houve uma tendência geral de diminuição ao longo do tempo na proporção das inscrições relativas a escravos e libertos em relação ao número total, revelando dessarte uma redução progressiva na presença de mão-de-obra escrava e sugerindo, até mesmo, um quase desaparecimento do regime escravista nas regiões analisadas (DAUBIGNEY, FAVORY, 1974, p. 319).

⁵⁷ BOAK (1962, p. 23): “*It is my conviction that I have been able to present convincing reasons, partly on the basis of contemporary evidence and partly on the strength of deductions drawn from the demographic history of other peoples, for believing that a shortage in manpower had developed within the Roman Empire as early as the last quarter of the second century. In my opinion this shortage is to be associated with, and was caused by, an actual retrogression of certain elements of the population, in particular the inhabitants of the rural areas. In this I see the explanation of such a phenomenon as the inability of the Emperor Marcus Aurelius to find the needed recruits for his army among the Roman and provincials and his resort to importations of barbarians to make up the deficit. By the beginning of the third century manpower shortage was felt to be affecting the population of the towns also*”.

⁵⁸ BOAK (1962, p. 25): “*The inevitable accompaniment of the population decline was naturally a corresponding decrease in the manpower available for agriculture, industry, and the public services, a condition which became more and more acute from the late third to the fifth century*”.

⁵⁹ *Novellae Valentiniani III*, 6.1-4: “*Imp. Theodosius et Valentinianus aa. ad Sigisvuldo comiti et magistro utriusque militiae. Frequentare saepius constituta temeritas plectenda compellit, ut inexcusabilis culpa sit, quam etiam recens prohibitio non emendat. Nulli enim concedi fas est, si toties vetita, nunc quoque severius interdicta temptaverit. I. Reparandi feliciter exercitus cura conferre debere tirones possessorem censuimus. Ne qui tamen damni publici abusus occasione lucrum capere se credat de fiscali dispendio, si personam semel insignitam militari titulo ruris colendi causa vel negotiationis exercendae gratia aut cuiuslibet*

A essa altura, então, os grandes proprietários de terras estavam em condições não apenas de evadir o pagamento de tributos através do recurso ao suborno e às ameaças, como de evitar a conscrição dos homens que cultivavam as suas terras. Flávio Renato Vegécio assim comentou a situação em “*De Re Militaris*” (Sobre a Questão Militar):

Ainda que conheçamos [as armas] devido ao uso e à experiência, por todos os lados a destruição é efetuada pelos inimigos, pois escolhemos sem atenção os soldados devido à longa paz. Enquanto os melhores (*honestiores*) escolhem o setor civil, são agregados às armas, graças à fraude nos exames, ou os recrutas apontados pelos terratenentes ou aqueles que incomodam os seus senhores. Convém, portanto, que jovens idôneos sejam escolhidos com grande diligência por grandes homens.

(Flávio Renato Vegécio, Sobre a Questão Militar, 1.7)⁶⁰

As dificuldades de recrutamento parecem ter sido mitigadas através do emprego de contingentes cada vez maiores de “bárbaros” (estrangeiros) e “semibárbaros” (homens com ancestrais estrangeiros ou mesmo estrangeiros apenas parcialmente romanizados) das regiões fronteiriças.⁶¹ Isso haveria sido possível sobretudo após a publicação da chamada

ministerii occasione detentet, Sigisvulde parens karissime atque amantissime, idcirco inlustris et praeclata magnitudo tua hac nos sciat edictali lege iussisse, quisque de tironibus aliquem nec non prioris militiae virum proprios numeros et signa deserentem rustico urbanove praedio crediderit occultandum, et ipsum restituat quem celavit et tres aptos militiae poenae nomine cogatur inferre; colonus conductor actorve loci, si id aetatis sit, ut stipendia ferre possit, militiae protinus adgregetur. Quod si nesciente domino desertor in cuiuslibet aedibus latuerit, colonum conductorem actoremve, qui id scierit, capitali supplicio esse feriendos. 2. Verumtamen ne occasionem calumniae dedisse videamur, si temporaliter habitandi causa miles vel tiro cuiuslibet praedium forte accesserit, id servata moderatione censemus, ut intra tricesimum diem, postquam in eodem loco esse coeperit, correptum is, quem superior legis poena constringit, ad civitatem quamque proximam deducat, officio publico ac primoribus civitatis tradat sub confectione gestorum ad provinciae moderatorem protinus perducendum, ut eius cura ad signa propria reducat et poenis competentibus subiugetur. 3. Iudicem sane, si coniventiam in his exsequendis negligentiamve praestiterit, decem libras auri eiusque officium similem quantitatem poenae nomine fisco iubemus exsolvere. 4. Quam legem ne quis se ignorasse confingat, per omnes provinciarum civitates edictis sollemnibus divulgabit. Dat. XIII. kal. apr. Romae, Valentiniano a. V. et Anatolio vc. cons.”.

⁶⁰ Flavius Renatus Vegetius, *De Re Militaris*, 1.7: “*Et quantum usu experimentisque cognouimus, hinc tot ubique ab hostibus inlatae sunt clades, dum longa pax militem incuriosus legit, dum honestiores quique ciuilia sectantur officia, dum indicti possessoribus tirones per gratiam aut dissimulationem probantium tales sociantur armis, quales domini habere fastidiunt. A magnis ergo uiris magnaue diligentia idoneos eligi conuenit iuniores*”.

⁶¹ CARRIÉ (1992, p. 95): “Mesmo nas províncias periféricas, foi a faixa mais exterior, a zona onde se situam os acampamentos, que desempenhou um papel decisivo: levando à coesão de um ambiente específico e moldando a sua identidade colectiva, essa zona acabou por fornecer o essencial do recrutamento e por criar uma hereditariedade de facto muito antes de o poder legislativo ser obrigado a estabelecê-la legalmente, quando os assaltos dos bárbaros fizeram vacilar os equilíbrios e as estruturas das zonas fronteiriças, terras de

“*Constitutio Antoniniana*”, no ano 212, através da qual o imperador Caracala concedeu cidadania para a todos os habitantes livres do Império. É possível, ademais, que a autorização para que os legionários pudessem desfrutar do matrimônio legítimo, concedida pelo imperador Septímio Severo em 187, também estivesse vinculada à mesma lógica, a de facilitar o recrutamento militar.

Um segundo comentário de Vegécio acerca das dificuldades de recrutamento pode lançar uma luz adicional sobre o perfil étnico do exército romano tardio. Vejamos:

Então, quando os camaradas completam sua contribuição (*stipendium*), é costume que os dispensados não sejam substituídos. Além disso — quando alguns são debilitados por doenças e dispensados; e outros desertam ou se arruinam de outras formas — é necessário que, todos os anos, na verdade quase todos os meses, um grupo mais jovem entre no lugar do que saiu, do contrário mesmo um exército numeroso irá se exaurir. E existem outras causas para as legiões estarem enfraquecidas: [hoje] o trabalho dos que nelas militam é maior, as armas são mais pesadas, a disciplina é mais severa. Por causa disso muitos se apressam em fazer juramento às [tropas] auxiliares, onde há menos suor e as premiações não tardam.

(Flávio Renato Vegécio, Sobre a Questão Militar, 2.3)⁶²

É surpreendente que, nesse excerto, Vegécio sugira que potenciais legionários amiúde se alistassem nas tropas auxiliares. A explicação para isso talvez resida no fato de que, enquanto os membros das tropas auxiliares apenas tinham de lutar, os soldados regulares podiam ser encarregados de uma gama maior de tarefas. Por outro lado, o relato de Vegécio sugere que, na primeira metade do século V, inexistia qualquer exigência relacionada ao status de cidadão para o ingresso no exército regular. Isso faria com que

soldados”.

⁶² *Flavius Renatus Vegetius, De Re Militaris, 2.3: “Deinde contubernibus completis stipendiis per testimoniales ex more dimissis non sunt alii substituti. Praeterea necesse est aliquantos morbo debilitari atque dimitti, aliquantos deserere uel diuersis casibus interire; ac, nisi annis singulis, immo singulis paene mensibus in recedentium locum iuniorum turba succedat, quamuis copiosus exhauritur exercitus. Est et alia causa, cur adtenuatae sint legiones: magnus in illis labor est militandi, grauiora arma, plura munera, seuerior disciplina. Quod uitantes plerique in auxiliis festinant militiae sacramenta percipere, ubi et minor sudor et maturiora sunt praemia”.*

fosse possível que homens identificados como não-romanos bem pudessem escolher onde serviriam, se nas legiões ou nas tropas auxiliares.

A *Constitutio Antoniniana* parece ter tido como efeito colateral a redução na diferença entre as legiões e as tropas auxiliares — um ponto destacado há muito por Gustave Bloch. Antes dela, segundo o historiador francês, as províncias haveriam fornecido homens tanto para as legiões como para as tropas auxiliares: as primeiras abastecidas por homens com cidadania romana plena e a segunda por possuidores apenas do *ius latinus*, um status intermediário ao dos *peregrini* (estrangeiros) e o dos cidadãos romanos plenos. Os provinciais portadores da cidadania plena, a despeito do seu local de residência, amiúde já haveriam assimilado a cultura romana. Após a *Constitutio Antoniniana*, todavia, haveriam sido admitidos nas legiões também aqueles que antes desfrutavam apenas do *ius latinus* ou do status de *peregrinus*. Dito de outro modo, mesmo aqueles homens pouco romanizados haveriam tido a possibilidade, a partir de então, de servir como legionários.⁶³

A partir de meados do século II, também segundo Bloch, os romanos haveriam repostado localmente as perdas das legiões — talvez em um esforço para reduzir tanto a dificuldade como os custos do processo de recrutamento. Como a maioria das tropas estava estacionada nas fronteiras, elas haveriam passado a fornecer, a partir de então, o maior número de recrutas. É possível que, inicialmente, a mudança na forma de recrutamento não houvesse tido grande impacto no perfil étnico das legiões — uma vez que, ao menos em tese, o acesso a elas estava restrito àqueles que possuíam cidadania pela —, mas a *Constitutio Antoniana* anulava essa exigência, de modo que o exército regular acabaria incorporando mais e mais elementos “bárbaros” ou “semibárbaros”, recrutados nas regiões

⁶³ BLOCH (1900, p. 169): “*La même distinction explique une particularité qui ne laisse pas de surprendre au premier abord. Comment se fait-il que les colonies romaines, Lyon, Cologne, Trèves, Avenches, contribuent en même temps au recrutement des légions et des troupes auxiliaires ? C’est qu’il n’y avait pas toujours égalité de droits entre les habitants du chef-lieu et ceux de la campagne. Les uns pouvaient être en possession du droit de cité alors que les autres ne jouissaient encore que du droit latin. Il est probable donc que les auxiliaires fournis par ces colonies appartenaient à la seconde catégorie. Les colonies de Trèves et d’Avenches avaient un territoire fort étendu. C’est pourquoi elles ont fourni plus d’auxiliaires que de légionnaires. Le territoire de Lyon, au contraire, était fort restreint, ce qui rend compte du nombre prépondérant de légionnaires sortis de cette cite*”.

fronteiriças.⁶⁴ A fronteira, para os romanos, chamada de “limes” (pl. “limites”) ou de “ἔσχατιων” (pl. ἔσχατια), funcionaria como uma zona de intercâmbio econômico e cultural.⁶⁵

As dificuldades para a realização do recrutamento militar parecem ter sido a causa, ademais, do estabelecimento da hereditariedade da condição de legionário, a partir de meados do século IV — o que também talvez ajude a explicar porque muitos preferiam servir não nas legiões, mas nas tropas auxiliares, como relatou Vegécio. Nesse contexto, os

⁶⁴ BLOCH (1900, p. 173): “*Ce fut la conséquence d’une réforme qu’on peut placer vers le milieu du IIe siècle ap. J.-C. Le recrutement jusque-là avait été largement régional. Il devint, à cette date, plus strictement local. Les pays seuls où se trouvaient cantonnées les troupes furent appelés à les alimenter. La domination de Rome était trop solidement assise et trop franchement acceptée pour que cette réforme se heurtât aux scrupules qui avaient inspiré en Gaule la conduite de Vespasien. Elle avait de plus ce bon côté d’éviter des déplacements coûteux. Mais elle aboutissait à exclure du service les habitants des provinces sénatoriales, aussi complètement que les Italiens. Ce qu’il y avait dans l’Empire de plus foncièrement romain disparut de l’armée pour céder la place aux populations des frontières. Entre la légion devenue, de provinciale qu’elle était déjà, à demi barbare, et les corps auxiliaires, une sorte de nivellement tendit à s’établir, et cela d’autant plus aisément que la grande distinction entre citoyens et non citoyens se trouva à peu près abolie en 212 ap. J.-C. par l’édit de Caracalla. Il ne restait plus qu’à ouvrir à cette invasion la garnison de Rome, et déjà la chose était à moitié faite. La zone du recrutement s’était élargie pour les cohortes prétorienne et urbaines en même temps que pour la légion. Depuis un siècle environ, les habitants de l’Espagne tarragonaise, de la Lusitanie, du Norique et des régions du Haut et du Moyen-Danube s’étaient insinués dans ces corps à côté des Italiens. Septime Sévère (193-211) en expulsa définitivement ces derniers et y appela en masse les Illyriens, les Africains, les Syriens*”. Muito mais recentemente, Kate Gilliver e Karl Strobel também afirmaram que o recrutamento teria passado a ser feito a nível local a partir do século II. GILLIVER (2007, pp. 183-184): “*As the permanent units of the imperial army became settled in their provincial bases and drew increasingly on local recruitment to maintain their numbers, the army became regionalized. A legion stationed on the Rhine frontier in the second century AD was a rather different unit from a legion stationed in Syria, not only in terms of the racial and cultural identity of the legionaries, but also, of necessity given the different terrain and enemies, in equipment and fighting styles*”. GILLIVER (2007, p. 193) “*Auxiliary units were initially raised from Rome’s provinces and were identified by their tribal or geographic origin, but gradually, local recruitment where the units were stationed diluted much of their ethnic identity, and in the second century AD citizens were serving in auxiliary units as well as legions*”. STROBEL (2007, p. 278): “*People coming from military society, developed in the garrison provinces, had already become the backbone of the army in the second century AD*”.

⁶⁵ ELTON (1996, pp. 5-9): “*However, the role of the army on the frontier is a large and complex topic, in part because there were a number of differing objectives which the army tried to achieve. [...] At this period [of the early Empire] most Romans in the frontier provinces who were not in imperial service were traders of some sort, frequently dependent on the army which provided a huge and constant market. The presence of these individuals, with interests in supporting the government, but at the same time exploiting local opportunities, created a set of economic frontiers dependent on exploiting economic opportunity*”. ELTON (1996, pp. 111-113): “*Frontiers are zones, rather than lines*”.

tirones (recrutas) filhos de legionários recebiam uma patente inicial ligeiramente mais alta, como recompensa por sua fidelidade ao Império.⁶⁶

Já não bastasse o aumento aparentemente contínuo das dificuldades em realizar o recrutamento de cidadãos, as autoridades romanas ainda tiveram que lidar com o elevado número de mortes resultantes das guerras intestinas ocorridas durante a chamada “Crise do Século III” (entre 235 e 284). Tais perdas haveriam acelerado a transição de um exército cuja base era o homem romanizado para um que se fiava cada vez mais em guerreiros das regiões fronteiras. Ademais, na parte ocidental do Império, o declínio populacional ocorrido durante o século III nunca foi revertido totalmente.⁶⁷

Com o fim do período de crise, os exércitos foram reorganizados sob Diocleciano, entre 284 e 306, com uma grande ampliação dos efetivos militares, como nos conta o apologista cristão contemporâneo Lactâncio:

Este (Diocleciano) subverteu o globo terrestre (Império Romano) tanto pela avareza como pela timidez [de seus conselheiros], pois ele escolheu três companheiros para governar o globo dividido em quatro partes e os exércitos foram multiplicados, sendo que cada um destes possuía muitos mais soldados do que os imperadores anteriores possuíram quando governavam uma república unificada.

(Lactâncio, Sobre as Mortes dos Perseguidores, 7.2)⁶⁸

Ainda que o tom de Lactâncio seja hiperbólico, parece mesmo haver acontecido uma ampliação dos efetivos militares sob Diocleciano, talvez de forma a repor as perdas

⁶⁶ FEAR (2007, pp. 428-429): “*Veterans’ sons were given a slightly higher rank on enlistment than other recruits (Cod. Theod. 7.1.5 dating to AD 364), but nevertheless there was resistance to their enforced enrolment, and within six months of the above privilege being granted a further law threatening veterans who were not complying with the regulations had to be passed*”.

⁶⁷ CAMERON (2001, p. 75): “*Aunque resulta notoriamente difícil demostrar que se haya producido una caída de la población en el siglo III, esto sigue pareciendo probable en términos generales en el caso de las provincias occidentales. Por contraposición, hay pruebas que sugieren que se produjo un considerable aumento de población en Oriente desde finales del siglo IV y sobre todo en el V. Sin embargo, hacia el siglo V las condiciones políticas eran muy distintas en Occidente y no llevaron a un aumento semejante*”.

⁶⁸ Lactantius, *De Mortibus Persecutorum*, 7.2: “*Hic orbem terrae simul et avaritia et timiditate subvertit. Tres enim participes regni sui fecit in quattuor partes orbe diviso et multiplicatis exercitibus, cum singuli eorum longe maiorem numerum militum habere contenderent, quam priores principes habuerant, cum soli rem publicam gererent*”.

ocorridas durante o período de crise. O Império, estima-se, haveria passado a contar com 350.000 a 500.000 homens em funções militares, números pelo menos iguais aos de antes do período de anarquia militar crônica, porquanto Septímio Severo haveria governado entre 193 e 211 empregando cerca de 350.000 soldados.⁶⁹ É bastante provável que uma grande ampliação dos efetivos militares em um período tão curto só haja sido possível através do recurso ainda mais frequente aos rudes homens das fronteiras.

1.2 – As mudanças na estratégia defensiva

Entre os anos de 117 e 235, período que vai da ascensão de Hadriano à morte de Alexandre Severo, o Império empregara uma estratégia defensiva que modernamente ficou conhecida como “defesa preventiva” e que consistia no estabelecimento de uma forte barreira linear de defesa perimetral.⁷⁰ A maioria dos legionários, assim, ficava estacionada em *castra* ou στρατόπεδα (fortalezas), *castella* ou φουρτια (fortes) e *turres* ou πύργοι (torres) ao longo das zonas fronteiriças. Havia, assim, um reconhecimento tácito da parte dos romanos acerca dos limites da sua capacidade logística: o “*Imperium sine fine*” (Império sem fim) de Virgílio (Eneida, 1.279) terminava n'algum lugar, a despeito da supracitada sinédoque de Lactânio (“globo terrestre” por “Império Romano”).

⁶⁹ FERRILL (1989, pp. 35-36): “Uma fonte antiga diz que Diocleciano quadruplicou o exército, mas nenhum estudioso moderno tem se mostrado disposto a aceitar tal afirmativa. As avaliações variam, e o tamanho exato é de fato desconhecido, mas provavelmente não se ficaria muito longe da realidade ao atribuir a Diocleciano e seus colegas um exército entre 400 e 500 mil homens. Isso é significativamente maior do que o exército de Sétimo Severo (cerca de 350 mil), mas sob outros aspectos as forças romanas talvez não tenham mudado muito”.

⁷⁰ FERRILL (1989, pp. 26-27): “No tempo de Adriano e seus sucessores, até os Severos (117-235 d.C.), os imperadores romanos seguiram uma estratégia nacional fundada na segurança impeditiva — o estabelecimento de uma barreira linear de defesa perimetral ao redor do império”. BROGAN (1933, p. 24): “*Hadrian inaugurated a new policy, making his mark here as on all the other provinces of the empire. He visited Germany in 121 before his journey to Britain, and probably, therefore, the German frontier was the first on which his scheme of the permanent barrier was tried, for his decision that the empire had now reached the limits of its growth was here expressed in the erection of a continuous palisade, of which unmistakable traces have been recovered. The posts were set in a ditch about three feet deep, which was then filled in. In certain marshy districts the lower part of the logs themselves has been preserved, while the ditch with post-holes has been found on all stretches. This palisade must have greatly facilitated the work of the patrols in preventing unauthorized persons from entering Roman territory. Under Hadrian the cohorts were brought up to the frontier itself and installed in new stone forts*”.

Essa estratégia de defesa preventiva parece ter sido parcialmente abandonada durante a chamada “Crise do século III” (entre 235 e 284), ao menos nas Galliae. A partir da década de 270, teve início ali um programa de fortificações urbanas que duraria cerca de um século e meio.⁷¹

Encerrado o período de anarquia militar, todavia, Diocleciano restabeleceu a estratégia de defesa defensiva, ainda que com algumas modificações. A mais importante delas talvez tenha sido a redistribuição das legiões de modo que cada ponto ameaçado abrigasse duas delas. Além disso, as pequenas dimensões das fortificações mais avançadas implicavam que duas legiões não poderiam estar simultaneamente instaladas em uma delas. Na prática, passou a haver uma dupla linha de defesa, sendo que as legiões da retaguarda poderiam tanto ser empregadas localmente como deslocadas temporariamente para fornecer suporte a algum outro ponto vulnerável ou sob ataque, sem que o perímetro defensivo ficasse esburacado.⁷² Essas unidades que operavam em separado eram chamadas de “*uexillationes*” e não só podiam ser combinadas conforme a necessidade como poderiam

⁷¹ BACHRACH (2010, p. 38): “During the latter part of the third century CE, the Roman imperial government initiated what ultimately would be a vast program of military construction in Gaul. These efforts were executed during the remainder of the third century, throughout the fourth century, and into the fifth century. The program continued until at least some eighty-five percent of the 125 largely undefended or inadequately defended urbes were converted into fortress cities”.

⁷² NISCHER (1923, pp. 6-7): “On the Danube the legions are usually posted in two stations, five cohorts in each. The distribution of the legions is such as to leave no gap anywhere. Yet we find here originally two legions, III *Herculia* and IV *Jovia*, which do not fit into the scheme of direct frontier-defence and which therefore can never have been actually stationed on the frontier. [...] The only possible conclusion is that these two legions were not stationed immediately on the frontier itself but formed a sort of divisional reserve, somewhere behind it, for a definitive sector of the Danube frontier. The headquarters of the two legions must have been the two towns of the province *Valeria* which bear their names, *Herculia* and *Jovia*. Here they occupied a central position, from which they could be quickly pushed forward to any point on the frontier that was threatened. [...] An] Enemy attempting to advance from the Danube to *Aquileia* would have to penetrate three defensive zones — the frontier-fortifications along the river itself, the reserve position *Herculia-Jovia* with its mobile garrison, and the passes of the *Julian Alps* held by the three legions that were called after them. What has been said about III *Herculia* and IV *Jovia* holds good also for I and II *Armeniaca*, and still more for V and VI *Parthica*, which consequently must also have been originally divisional reserves. [...] But, if we can prove that the system of divisional reserves was in use to the extent that has been indicated, we must assume that *Diocletian* instituted a similar system all over the empire. We must suppose therefore that there were also divisional reserves for the *Rhine* frontier; for the eastern sector of the *Danube*, for *Egypt* and for *Africa*”.

operar como uma legião normal.⁷³ Nesse novo sistema implementado por Diocleciano, as fronteiras europeias do Império receberam reforços: a defesa da fronteira do rio *Rhenus* (Reno), o *limes germanicus*, que até então era realizada por cinco legiões (*I Minervia* e *XXX Ulpia Victrix*, na *Germania II*; *VIII Augusta*, *XXII Primigenia*, na *Germania I*; e *III Itálica*, na *Raetia*), recebeu uma adição (*V Itálica*, na *Maxima Sequanorum*), enquanto a defesa do *Hister* (Danúbio) parece ter sido ainda mais reforçada, passando de onze legiões (*II Italica*, no *Noricum*; *X Gemina* e *XIV Gemina*, na *Pannonia I*; *I Adiutrix* e *II Adiutrix*, na *Valeria*; *IV Flavia* e *VII Claudia*, na *Moesia I*; *V Macedonica* e *XIII Gemina*, na *Dacia Ripensis*; e *I Italica* e *XI Claudia*, na *Moesia II*) para quatorze (com o acréscimo de *I Noricorum*, no *Noricum*; *V Iovia* e *VI Herculia*, na *Pannonia II*).⁷⁴

Essas legiões provavelmente mantiveram a sua estrutura tradicional, com efetivos entre 5.500 e 6.000 homens. Desses, 5.000 comporiam os regimentos usuais de infantaria e o restante corresponderia às *auxilia*, às tropas auxiliares. Estas, por seu turno, poderia ter consistido apenas em cavalaria (e, nesse caso, eram chamadas de “*alae*”), somente infantaria (chamadas de “*cohortes peditatae*”) ou mistas (“*cohortes equitatae*”).⁷⁵

A estrutura de defesa montada por Diocleciano seria, todavia, alterada durante o reinado de Constantino I, como relatou o historiador Zósimo por volta do ano 500:

Constantino também fez algo mais que proporcionou o início do acesso dos bárbaros aos domínios dos romanos. Por toda a fronteira (ἑσχατιῶν) do Império Romano — devido, como dissemos anteriormente, às precauções de Diocleciano — existiam cidades (πόλεις), fortes (φουρτῖα) e torres (πύργοι), onde habitavam

⁷³ SOUTHERN (1996, p. 8): “During the wars of the early Empire, it was common practice to assemble troops from one or more provinces and move them to another, either as part of an offensive, or to provide defensive assistance in times of crisis. Troops collected together for either of these purposes would be additional to the legions and auxiliary units already stationed in or near the area to be fought over. The Latin term for such groups of soldiers was *vexillationes*, which derives from the name of the military standard, or *vexillum*. [...] These *vexillationes* could comprise either purely legionary or purely auxiliary troops, or more often both kinds of troops would be brigaded together, operating as an individual army”.

⁷⁴ As listagens foram extraídas de NISCHER (1923, pp. 2-3, 8-9).

⁷⁵ SOUTHERN (1996, p. 6): “Legions were about 5500-6000 strong, and were composed, theoretically, of Roman citizens. [...] Auxiliary units, composed of non-citizens, were of three main types: *alae* consisting solely of cavalry, *cohortes peditatae* consisting solely of infantry, and mixed units of both foot soldiers and horsemen, called *cohortes equitatae*. In size, the auxiliary units were usually about 500 strong (*quingenaria*) or 1000 strong (*milliaria*)”.

todos os muitos soldados. Os bárbaros não podiam atravessá-las, pois em todos os lugares seriam repelidos por muitos inimigos. Constantino aboliu tais defesas, movendo a maior parte dos soldados da fronteira para cidades que não precisavam de auxílio. Expôs as defesas aos bárbaros e oprimiu cidades tranquilas com a peste que são os soldados, de modo que muitas se tornaram de imediato desertas novamente. Instalados nesses locais, os próprios soldados amoleceram. De fato, falando de forma simples, ele plantou as sementes da sangrenta devastação das coisas que ocorreu até os dias de hoje.

(Zósimo, História Nova, 2.34)⁷⁶

O relato de Zósimo⁷⁷ sugere, assim, que Constantino I haveria desenvolvido a distinção entre o exército fronteiro e o móvel, ensaiada por Diocleciano.⁷⁸ As legiões criadas pelo antecessor, que davam suporte às legiões de fronteira, foram dissolvidas e incorporadas a um exército móvel, recém-criado. Quanto àquelas previamente existentes, elas haveriam sido mantidas nas mesmas posições, mas com efetivos reduzidos, talvez para

⁷⁶ Ζώσιμος, Νέα Ἱστορία, 2.34: “Ἐπραξε δε τι Κωνσταντινος και ετερον, ο τοις Βαρβαροις ἀκωλυτον ἐποίησε την ἐπι Ῥωμαιοις ὑποκειμενεν κωραν διαβασιν. Τησ γαρ Ῥωμαίων ἐπικρατειας ἀπανταχου τον ἐσχατιων τη Διοκλητιανου προνοια κατα τον ειρημενον ηδη μοι τροπον πολεσι και φρονριοις και πυργοις διειλημμενης, και παντος του στρατιωτικου κατα ταυτα τον οικησιν ἐχοντος, ἀπορος τοις Βαρβαροις ην η διαβασις, πανταχου δυναμεως ἀπαντωσης τους ἐπιοντας ἀρωσασται. και ταυτην δη την ἀσφαλειαν διαφθειρων ὁ Κωνσταντινος των στρατιωτων το πολυ των ἐσχατιων ἀποστησας ταις οὐ δεομεναις βοθηαις πολεσιν εγκατεσινσε, και τους ενοκλουμενους ὑπο Βαρβαρων εγυμνωσε Βοθηαις, και ταις ἀνειμεναις πολεοιν την ἀπο των στρατιωτων ἐπεθηκε λυμην, δι ην ηδη πλεισται γεγωνασιν ερημοι, και τους στρατιωτας ἐκδοντας ἑαυτους θεατροις και τρυφαις ἐμαλακισε, και ἀπλωσ εἶπειν της αχρι τουδε πραγματων ἀπωλειας αὐτος τον ἀρχεν και τα σπερματα δεδωκε”. *Zosimus, Historia Nova*, 2.34: “*Fecit et aliud quiddam Constantinus, quod in dicionem populi Romani liberum barbaris aditum praeiuit, nam cum imperium Romanum extremis in limitibus ubique Diocletiani providentia, quemadmodum a nobis supra dictum est, oppidis et castellis atque burgis inclusum esset, omnesque copiae militares in iis domicilium haberent: fieri non poterat, ut barbari transirent, ubique copiis hostium repellendorum causa occurrentibus. hanc praesidiorum munitionem Constantinus abolens, maiorem militum partem de limitibus submotam, in oppidis nullius opis egentibus collocavit; a barbaris vexatos praesidio nudavit, tranquillas et quietas urbes militum peste gravavit, qua iam complures ad solitudinem redactae sunt; milites ipsos theatris et voluptatibus addictos emollivit; denique, simpliciter ut dicam, rerum hactenus pereuntium interneconion principium et semina praeiuit*”.

⁷⁷ Segundo Pat Southern, devemos aceitar o relato de Zósimo no que concerne à estratégia defensiva, mesmo que com alguma cautela. SOUTHERN (1996, p. 17): “*The famous passage from Zosimus (2.34) may therefore contain a germ of truth, in so far as he is full of praise for all that Diocletian had achieved, for the frontiers were secure and no barbarians could infiltrate through the strong defences which Diocletian had built up around the Empire. A note of caution should be appended to this judgement, in that Zosimus was a confirmed pagan, indignant at Constantine's encouragement of the Christian religion*”.

⁷⁸ CRUMP (1973, p. 99): “*As the system was laid down under Constantine, therefore, two essentially dissimilar military arms were created: one, a relatively static defensive force and the other, a highly mobile striking force*”.

algo em torno de 3.000 soldados de infantaria cada.⁷⁹ Passando a ser apelidadas de “*limitanei*” (fronteiriças) ou de “*ripenses*” (ribeirinhas), essas antigas legiões tornaram-se pouco mais do que guarnições de fronteira, protegendo o território contra pequenas incursões ou ameaçando a retaguarda de forças invasoras maiores que, por ventura, já houvessem adentrado o território.⁸⁰

A estratégia desenvolvida por Constantino é modernamente conhecida como “defesa em profundidade” e tem por base a suposição de que é impossível estabelecer uma forte linha de defesa perimetral a custos razoáveis, o que significa que os inimigos serão enfrentados apenas (ou sobretudo) dentro do próprio território, através do emprego de tropas de elite de alta mobilidade.⁸¹ A nova estratégia de defesa possibilitaria, também, que o imperador tivesse sob seu comando mais direto uma parcela maior do exército, o que certamente serviria também para restringir as tentativas de usurpação,⁸² de modo que possivelmente também existisse uma preocupação política por trás da mudança.

⁷⁹ NISCHER (1923, p. 30): “We formerly assumed that the legions of the Western Empire, and of those Danubian provinces that belonged to the Eastern Empire, were each 4,000 strong, the legions of the rest of the Eastern Empire each 3,000 strong. If this was so, then the whole of the legions would be approximately the same strength after the levy of the legionary vexillations had been made. (All of them were in the West, except those in the Thebaid) the average reduction in the strength of each of the legions concerned would be more than 1,600. It is highly probable that a partial endeavour would be made to fill up the resulting gaps with such inferior recruiting material as was available, but we can suppose the frontier-legions, after Constantine’s reforms had been carried through, have consisted, on average, of 3,000 infantry apiece”.

⁸⁰ NICOLLE (2011, p. 8): “During the 4th and well into the 5th century, frontier defence came to rely upon a screen of garrisons backed up by mobile field armies. The role of static garrisons was to stop small incursions and to threaten the rear of larger invading forces”.

⁸¹ FERRILL (1989, pp. 37-38): “A defesa em profundidade baseia-se na suposição de que as fronteiras não podem ser tornadas impenetráveis (pelo menos não a um custo razoável) e os atacantes inevitavelmente terão sucesso em penetrar nos perímetros defensivos. Tais invasões podem ser frustradas, contudo, mantendo fortificações relativamente poderosas em uma faixa relativamente profunda ao longo das fronteiras e um exército móvel (ou diversos espalhados regionalmente) dentro do império”.

⁸² CAMPBELL (1994, p. 232): “Moreover, the enhanced role of cavalry and the increased use of detachments of troops for special purposes, fostered the emergence of a kind of central force, containing cavalry and infantry, which was able to move to the support of the troops permanently stationed in individual provinces. Since it attended normally on the person of the emperor and was commanded by him, it might also make him less susceptible to revolt”.

Com essas reformas, parte do exército móvel, ou *comitatus*, estaria diretamente à disposição do imperador. Essas tropas seriam denominadas “*palatinae*” (palatinas). Os *comites* (companheiros ou condes), por sua vez, estariam no comando das *comitatenses*. Como existia um vínculo pessoal entre o imperador e esses homens no comando das *comitatenses*, a chance de insurreição era minimizada. Além disso, o termo “*legio*” (legião) passou, então, a denotar um regimento de infantaria composto por apenas 1.000 homens — em comparações aos 5.000 anteriores —, normalmente divididos em dois *numeri* ou batalhões. A diferença entre as tropas palatinas e as comitatenses estaria na composição: as primeiras contariam com *legiones*, *vexillationes* e *auxiliae*, enquanto as segundas apenas com *vexillationes* e *auxilia*. Cada *vexillatio* seria composta por 500, cavaleiros e cada *auxilia* seria um grupamento de infantaria com 500 homens recrutados entre os bárbaros.⁸³ As *legiones*, vale notar, ficavam diretamente sob comando do imperador.

Cabe destacar, ademais, como a proporção de cavaleiros em relação ao número total de homens parece mais alta no *comitatus* do que em versões anteriores do exército romano. Não obstante, um aumento dos contingentes de cavalaria parece já haver ocorrido no século anterior, ainda que os detalhes sejam desconhecidos.⁸⁴ Quaisquer que hajam sido os detalhes

⁸³ NISCHER (1923, p. 13): “*The field army consisted of regiments of the guard (palatini) and regiments of the line (comitatenses). These differed only in status, not in the manner in which they were employed. The palatini were divided into vexillationes, legiones and auxilia; the comitatenses into vexillationes and legiones. The vexillationes were cavalry regiments 500 strong; the legiones were infantry regiments 1,000 strong (each = two battalions of 500); the auxilia were independent infantry battalions of 500 men each*”. STROBEL (2007, p. 268): “*The term vexillatio was already used in 293 AD to characterize cavalry units in opposition to the infantry legion*”.

⁸⁴ Existe uma controvérsia a respeito de quando teria ocorrido o aumento nos efetivos da cavalaria, Karl Strobel considera que este haveria ocorrido ainda durante os principados de Septímio Severo (193-211) e Caracala (211-217), enquanto Simon McDowall argumenta a favor de uma data posterior, no principado de Galieno (253-268). STROBEL (2007, p. 275): “*The rise in number of the legionary cavalry should be attributed to the time of Septimius Severus and Caracalla and not later. It is probable that the new legions I, II, and III Parthica got a larger cavalry force first. [...] Large cavalry corps, consisting of various forces, always escorted the emperors on campaign in the third century AD*”. MACDOWALL (1995, p. 4): “*One of the results of this pressure on the Empire's defensive system was an increase in the cavalry arm. This was not because cavalry had proved themselves tactically superior to infantry, but rather because fast-moving cavalry had a better chance of deploying quickly to trouble-spots. The emperor Gallienus (253-68) took this one step further and created all-cavalry reserve forces, which were based at strategic locations in northern Italy, Greece and the Balkans. These reserves were probably created by withdrawing the old 120-man cavalry*

por trás dessa mudança, é compreensível que um “exército móvel” operando em uma estratégia de defesa em profundidade se fiasse mais na cavalaria do que os seus antecessores, que operavam num sistema de defesa preventiva nas fronteiras. A ampliação da importância relativa da cavalaria haveria propiciado, ademais, melhores oportunidades para grupos estrangeiros especializados na montaria, tais quais os godos, os alanos e os hunos.⁸⁵

Parece provável, ademais, que a proporção de cavaleiros no exército romano continuasse a crescer do século III até, pelo menos, os séculos VI ou VII.⁸⁶ A ênfase na cavalaria, pode ser percebida, em um manual militar bizantino, atribuído ao imperador Maurício I, que reinou de 582 a 602:

O comandante (στρατηγος) deve ter mais cavaleiros (ιππεις) do que homens à pé (πεζων), pois estes servem apenas para o combate corpo-a-corpo (τη συσταδην μαχη), enquanto aqueles são úteis em investidas e retiradas; e, quando desmontados, oportunamente servirão como companheiros à pé (πεζομακήσουσιν).

(O Estratégico de Maurício, 8.2.85)⁸⁷

detachments from the legions and brigading them into new units called equites promoti. These in turn were supplemented by light skirmishers recruited in Illyricum (equites dalmatae) and North Africa (equites mauri), possibly together with heavier units of equites scutarii. Eventually these new units came to be collectively referred to as equites illyriciani or as vexillatio, a term which originally mean a detachment drawn from frontier legions. The new vexillationes also enjoyed higher status than the old auxiliary cavalry. A unit at full strenght was about 500 men”.

⁸⁵ BACHRACH (1973, p. 36): “The Alans serving in Rome's military forces had an important effect on the general level of competence of the imperial cavalry. Vegetius indicates that the example set by the Goths, the Alans, and the Huns led to the improvement of the imperial cavalry, but also, unfortunately, to the neglect of the infantry”. Nota: Vegetius, *Ep. rei milit.*, I, 20; III, 26.

⁸⁶ Referindo-se ao exército do início do século VI, A. D. LEE (2006, p. 117) afirma o seguinte: “Against this background of fundamental continuities, some changes are evident. Cavalry units were playing an increasingly important role in combat relative to infantry, while two types of troop are more prominent in the sixth century — federates and bucellarii. The former had originally designated allied foreigners assisting Roman forces, but by Justinian's day the term had come to refer to valued cavalry units in the regular army, predominantly drawn from foreign peoples but including individuals from within the empire. Buccellarii seem to have originated as the personal guards attached to commanders which, by the sixth century, could sometimes constitute substantial units in their own right”.

⁸⁷ Μαυρικίου στρατηγικόν, η.β.πε: “Πλείονας ιππεις των πεζων έχέτω μαλλον ό στρατηγος οί μεν γαρ έν τη συσταδην μαχη μόνον εισιν έπιτηδειοι, οί δε και προς το διώκειν ευκολως και υποχωπειν εισι χρησιμοι, και κατιόντες των ιππων ευκαίρως πεζομακήσουσιν”. *Das Strategikon des Maurikios*, 8.2.85: “Der Feldherr soll mehr Kavalleristen als Infanterie haben, denn die einen sind nur im Kampf in der Formation geeignet, die anderen aber nützlich zu leichten Verfolgungen und Rückzügen, und abgesehen kämpfen sie zum passenden

1.3 – Um exército de estrangeiros?

No início do século V, os homens de origem estrangeira constituiriam pelo menos um quarto dos legionários, mas é bem possível que esse número fosse bem mais elevado, dada a dificuldade em se recrutar cidadãos em grandes áreas do Império.⁸⁸ Os homens de origem estrangeira deviam ser, não obstante, mais comuns no exército móvel do que no fronteiro. Um dos resultados do estabelecimento permanente de algumas legiões nas fronteiras parece haver sido a identificação quase completa dos seus homens com os sentimentos, aspirações e interesses dos outros residentes dessas áreas. A principal causa dessa evolução parece haver sido a permissão, no ano de 197, do matrimônio legal entre os legionários. No século V, muitos desses homens, chamados de “*limitanei*” (fronteiriços), parecem haver devotado boa parte do seu tempo à agricultura.⁸⁹ Não causa surpresa, portanto, que eles amiúde houvessem se mostrado avessos quanto à transferência para outras regiões.⁹⁰ Além disso, como bem colocou G. R. Watson (1984):

Em tempos de crise, os soldados, especialmente os recrutas, tendiam a escapar de seus postos e desaparecer em meio à população civil. A deserção tornou-se

Zeitpunkt als Infanteristen”.

⁸⁸ LIEBESCHUETZ (1993, p. 266): “*The proportion of regulars of barbarian origin is debatable. Recently, Elton (1990) has argued that the proportion was much smaller than has been generally thought, perhaps around twenty-five per cent. But that their numbers were significant at all levels is not in doubt. One reason may be that the imperial authorities found it difficult to recruit citizens over large areas of the empire*”. Wolfgang Liebeschuetz se refere à tese de doutoramento de Hugh Elton na Universidade de Oxford, intitulada “*Aspects of Defence in Roman Europe AD 350–500*”.

⁸⁹ MACMULLEN (1988, p. 175): “*It diminished the effectiveness of troops yet further if they turned into part-time farmers. The extent to which this happened is not clear. Perhaps it is best to lay out the evidence in reverse order, beginning with a constitution of A.D. 443. In that year, border troops, limitanei, were reminded of their obligation to work the lands assigned them ‘from the yore’. The text thus carries the practice of self-supporting soldiers at least as far back as the early fifth century. In the fourth, lots of guard posts in the northern and northwestern frontier provinces have preserved in their ruins equipment showing that the occupants carried on agriculture routinely, whether or not in an organized and obligatory fashion*”.

⁹⁰ WATSON (1984, p. 141): “*The almost complete identification of the outlook of the men of the frontier forces with the feeling as aspirations of the areas in which they lived and worked meant that the men became reluctant to be posted elsewhere, and the mobility of the army was impaired. This left the Roman government with little option but to create a separate, more mobile force, the field-army, which could be used as a strategic reserve*”. CARRIÉ (1992, p. 96): “Portanto, a regionalização gerou, por sua vez, um enraizamento local do soldado, que assim se tornava menos disposto a abandonar o seu território”.

mais séria em fins do século IV. No oriente, acentuou-se mais após a batalha de *Hadrianopolis* e, na *Britannia*, após a “conspiração bárbara” de 367-369 d. C.⁹¹

Essa divisão entre o exército móvel e o fronteiro atingia também os soldados individualmente, porquanto passaram a fazer parte de grupos legalmente distintos. Apesar disso, o exército móvel sempre podia incorporar homens ou mesmo grupos inteiros das tropas das fronteiras, que então realizavam localmente novos recrutamentos, repondo as perdas. Como eram promovidos para o exército móvel os homens mais capazes, esse processo tendia a resultar num enfraquecimento cada vez maior das tropas de fronteira. Não obstante, da *Notitiam Dignitatum et Administrationum omnium tam civilium quam militarium in partibus orientis et occidentis* (Relação de todos os dignitários e administradores tanto civis como militares nas partes do oriente e do ocidente), um documento do início do século V, revelou que, no Império do Ocidente, cerca de dois terços das tropas ainda estavam estacionadas nas fronteiras àquela época.⁹²

Parece haver se generalizado, a partir do reinado de Constantino I, o emprego de regimentos inteiros compostos por estrangeiros, muitas vezes capturados nas batalhas.⁹³ As dificuldades para realizar o recrutamento eram tantas que o supramencionado Flávio Renato Vegécio, ao discutir as *regulae bellorum generales* (regras gerais da guerra), argumentaria o seguinte:

É melhor dominar o inimigo através da escassez ou dos ataques surpresa ou do terror do que do combate, no qual a sorte costuma ter mais poder do que a virtude.

(Flávio Renato Vegécio, Sobre a Questão Militar, 3.26)⁹⁴

⁹¹ WATSON (1984, p 42): “In times of crisis soldiers, especially recruits, tended to slip from their posts and to disappear into the background of the civilian population. Desertion became most serious in the later fourth century; in the East it was most marked after the battle of Adrianople, in Britain after the ‘barbarian conspiracy’ of AD 367-9”.

⁹² NICOLLE (1992, p. 5): “According to the *Notitia Dignitatum*, written at the end of the 4th century, but updated for the Western provinces around AD 430, just under half the army was stationed in the Western part of the Empire, two-thirds of these being frontier troops”.

⁹³ LIEBESCHUETZ (1990, p. 14): “Throughout the fourth century recently captured prisoners of war continued either to be enrolled straightaway into the regular army or to be settled within the Empire. The furnishing of recruits was regularly demanded from defeated barbarians as a condition of peace. All emperors recruited beyond the frontier”.

Uma outra passagem, presente na história escrita por Amiano Marcelino e referente ao ano de 376, revela o sentimento de “alegria” (*laetitia*) do séquito do imperador do Oriente, Valente, frente à possibilidade de incorporar refugiados godos ao exército regular, de modo a permitir, com isso, que o Império não realizasse o recrutamento militar naquele ano:

Quando, porém, a crença no acontecido amadureceu e foi fortalecida pela chegada dos emissários estrangeiros, que com preces e pedidos buscavam que a plebe banida fosse aceita deste lado do rio, o assunto causou mais alegria do que temor; com os especialistas em adulação exaltando a grande sorte do príncipe, que dos fins da Terra [lhe] trouxe tantos recrutas; e opinando que, uma vez unidos os seus homens e os estrangeiros, ele teria um exército invencível e que, por conta da suspensão do recrutamento militar através das províncias, entraria no tesouro uma pilha de ouro.

(Amiano Marcelino, Histórias, 31.4.4)⁹⁵

Valente não foi, todavia, o primeiro imperador a simplesmente incorporar estrangeiros ao exército. Juliano, uns vinte anos antes, engrossara as tropas imperiais com estrangeiros capturados, como ele próprio revelou:

Três vezes, quando eu ainda era César, cruzei o *Rhenus*. Vinte mil pessoas que eram mantidas prisioneiras no lado de lá do *Rhenus* eu exigi e recebi de volta; em duas batalhas e um cerco eu capturei dez mil prisioneiros — e não anciãos inúteis, mas homens no auge da vida. Enviei a Constâncio quatro excelentes

⁹⁴ *Flavius Renatus Vegetius, De Re Militaris*, 3.26: “*Aut inopia aut superuentibus aut terrore melius est hostem domare quam proelio, in quo amplius solet fortuna potestatis habere quam uirtus*”.

⁹⁵ *Ammianus Marcellinus, Res Gestae*, 31.4.4: “*Verum pubescente iam fide gestorum, cui robor adventus gentilium addiderat legatorum, precibus et obtestatione petentium citra flumen suscipi plebem extorrem: negotium laetitiae fuit potius quam timori, eruditis adulatoribus in maius fortunam principis extollentibus, quod ex ultimis terris tot tirocinia trahens ei nec opinanti offerret ut conlatis in unum suis et alienigenis viribus invictum haberet exercitum, et pro militari supplemento, quod provinciatim annum pendebatur, thesauris accederet auri cumulus magnus*”. Outro exemplo da incorporação pura e simples de estrangeiros ao exército regular pode ter ocorrido em 406, quando o exército móvel do ocidente, sob o comando de Estilício, derrotou os invasores godos liderados por Radagásio. Embora Orósio (*Historia adversum paganos*, 7.37.16) afirme que um número imenso foi capturado e escravizado (“*Tanta uero multitudo captiuorum Gothorum fuisse fertur, ut utilissimorum pecudum modo singulis aureis passim greges hominum uenderentur.*”), Zósimo (Νέα Ιστορία, 5.26) relata que alguns dos invasores foram poupados e “postos em aliança com os romanos” (“τη Ρωμαίων προσέθηκε συμμαχία”). Fócio (Φώτιος), em seu resumo da história de Olimpíodoro (Ολυμπιόδωρος) de Tebas, por seu turno, afirma que o número de κεφαλαιῶται (chefes) ou ὀπίματα (nobres) conquistados (capturados?) por Estilício foi de δώδεκα χιλιάς (doze mil). A referência é: Μυριοβιβλον η βιβλιοθηκη, Π', Ολυμπιόδωρου Ιστορίας λογῶν κβ'/Myrobiblon sive Bibliotheca, LXXX, Olympiodori historiarum libri XII.

batalhões de infantaria, além de três defeituosos e dois valorosos esquadrões de cavalaria.

(Imperador Juliano, Epístola ao senado e povo de Atenas, 280 CD)⁹⁶

Se era difícil para o Império enfrentar os latifundiários e realizar o recrutamento em suas propriedades, não parecia existir qualquer escrúpulo quando se tratava de contratar guerreiros das tribos “bárbaras” instaladas nas regiões de fronteira. Mesmo que a maioria desses homens, de início, fossem incorporados principalmente ao exército fronteiriço, muitos deles acabavam transferidos para o exército móvel. Além disso, esses estrangeiros, pelo que parece, estavam cada vez mais sendo incorporados às tropas regulares e não às auxiliares, de modo que a distinção entre essas duas acabaria se tornando, em todos os sentidos, cada vez menores.⁹⁷

A despeito da presença cada vez maior de estrangeiros, enquanto a liderança dos exércitos coubesse a “romanos”, a segurança Império talvez pudesse ser garantida. Não havia, porém, como assegurar que esses guerreiros estrangeiros não encontrassem, entre eles próprios, quem os liderasse. Além disso, era natural que cada vez mais ascendessem a postos militares elevados homens cuja *romanitas* (romanidade) pudesse ser questionada. Esse parece haver sido o caso de Maximino, o Trácio, imperador entre 235 e 238, cuja trajetória Jordanes conta a partir do passo 15.83.⁹⁸ Maximino haveria ascendido ao trono,

⁹⁶ Ιουλιανου Αυτοκρατορ, 'Επιστολη Αθηναιων τη βουλη και τωι δημωι, 280 CD: “Τριτον ἐπεραιωθην καισαρ ἔτι τον Ῥηνον. δις μυριους ἀπητησα παρα των βαρβαρον υπερ τον Ῥηνον οντας αιχμαλωτους. ἐκ δυοιν ἀγωνοιν και μιασ πολιορκιας χιλιους ἐξελων ἐζωγρησα, ου την ἀχρηστον ἡλικιαν, ἀνδρας δε ἠβωντας. ἐπεμψα τω Κωνσταντιω τετταρας ἀριθμους των κρατιστων πεζον, τρεις ἄλλους τον ἐλαττωνων, ἱππεων ταγματα δυο τα ἐντιμοτατα”. *Emperor Julian, Letter to the Senate and People of Athens*: “Three times, while I was still Caesar, I crossed the Rhine; twenty thousand persons who were held as captives on the further side of the Rhine I demanded and received back; in two battles and one siege I took captive ten thousand prisoners, and those not of unserviceable age but men in the prime of life; I sent to Constantius four levies of excellent infantry, three more of infantry not so good, and two very distinguished squadrons of cavalry”.

⁹⁷ GOLDSWORTHY (2003, pp. 204-205): “There does appear to have been little difference between legionary and auxiliary infantry by this time in equipment or tactics. [...] All types of unit quite often appear in our sources under the vague label of *numeri*, and this is also the term normally used for the foreign units or *foederati*. Initially recruited from a single ethnic group, and often specializing in a particular fighting technique, over time these tended to draw manpower from any available source and become assimilated into and indistinguishable from the regular army”.

⁹⁸ SPEIDEL (2016, p. 342): “Maximinus' Thracian background should give cause to listen up. For Herodian, our only surviving contemporary narrative of the mutiny on the eve of the military expedition into Germany in 235 CE relates that 'Pannonians and barbarian Thracians' were responsible for elevating the Thracian

segundo o seu contemporâneo Herodiano, com o apoio de legionários de sua região de origem.⁹⁹ Jordanes justifica a descrição da carreira de Maximino com o argumento de que, sendo este um godo por parte de pai, “o povo [godo] obteve a mais alta posição no reino dos romanos”.

Parece bastante certo, não obstante, que a falta de romanidade das tropas haja sido geralmente vista como um problema pelo poder central. De todo modo, a origem mestiça ou mesmo estrangeira dos líderes militares talvez lhes permitisse mobilizar com mais facilidade os homens de sua etnia ou de sua região de origem, o que poderia ser vantajoso para o Império, desde que a fidelidade desses líderes pudesse ser assegurada. Além disso, o que significaria ser “romano”, digamos, entre fins do século IV e início do século V? Ser originário da *Italia*? Mas e os homens das *Hispaniae*? Ter o Latim como primeira língua? Mas e os que falavam Grego? Ser cristão? Os politeístas ainda eram a maioria.

Cabe, a essa altura, um parêntese. É seguro afirmar que a noção de *romanitas* haja sido objeto de disputas entre os diferentes grupos políticos, que buscavam associá-la a atributos que eles próprios possuísem. Pensemos, por um instante, na noção de *paganismus*. Tratava-se, inicialmente, de algo análogo a *rusticitas* (rusticidade), ou seja, um conjunto de características próprias “de quem vive no campo”. A partir de Constantino I, a ascensão do cristianismo deu-se sobretudo nos grandes centros urbanos, nos centros de poder, dado que era impulsionada pelo patrocínio imperial. Não tardou, nesse contexto, para que os cristãos urbanos buscassem associar o cristianismo e a urbanidade, por um lado, e o politeísmo e o *paganismus*, por outro. Uma dinâmica semelhante envolveu a própria noção de *romanitas*. Enquanto, por exemplo, o imperador Juliano, o Apóstata, procurava associá-la a um conjunto de valores alegadamente tradicionais, como o politeísmo, muitos

officer to the throne. Herodian apparently evoked common ethnicity as the most important bond between Maximinus and his supporters in the army. Moreover, Herodian's remark reeks of disapproval”.

⁹⁹ Herodiano, História desde o reinado de Marco Aurélio, 8.6.1: “Quando todo o exército soube da nova situação (leia-se 'a morte de Maximino'), este fica completamente (πάννυ) sem palavras (ἀφασία) e nem todos ficam satisfeitos, sobretudo os panônios e os bárbaros trácios, que originalmente lhe haviam concedido o poder”. Ἡρωδιανός, τῆς μετὰ Μάρκον βασιλείας ἱστορία, 8.6.1: “ὁ δὲ στρατὸς πᾶς ὡς ἐπίθετο τὰ γενόμενα, ἔν τε ἀφασία ἦσαν καὶ οὐ πάννυ τι τῷ πραχθέντι πάντες ἠρέσκοντο, καὶ μάλιστα γὰρ οἱ Παίονες καὶ ὅσοι βάρβαροι Θρᾶκες, οἱ καὶ τὴν ἀρχὴν αὐτῷ ἐγκεχειρίκεσαν”.

cristãos da mesma era procuram de alguma forma vinculá-la à própria noção de *christianitas*.

Essa identificação entre *romanitas* e *christianitas* nunca viria a tornar-se completa no ocidente católico, fosse pelo próprio colapso do Império Romano do Ocidente, fosse pela influência de Agostinho de Hipona. Este, diante das óbvias ameaças que o ocidente romano sofria, buscou enfatizar que importava o destino da “Cidade de Deus”, ou seja, da comunidade dos cristãos, e não o da “Cidade dos Homens”, do Império Romano. Os imperadores bizantinos, por outro lado, legitimaram-se continuamente através da noção de que seriam os governantes do locus privilegiado da cristandade, em sua (mais) verdadeira forma. Ora, os bizantinos jamais iriam deixar de pensar a si próprios como “Ρωμαῖοι”, como “romanos”; ou seja, acabaria por acontecer, ali, uma associação indissolúvel entre *romanitas* e *christianitas*.

Retomemos, todavia, a questão da barbarização do exército romano tardio. O Código Teodosiano contém uma lei, datada de 370, que restringe a união entre romanos e estrangeiros:

Os Imperadores e Augustos Valentiniano [I] e Valente para Teodósio, Mestre da Cavalaria. Nenhum provincial, de qualquer que seja a ordem ou local, casar-se-á com esposa bárbara, nem qualquer mulher provincial será unida a um *gentilis* (estrangeiro). Se relações através desse tipo de núpcias existirem e nelas for descoberto [algo] suspeito ou nocivo, [isso] deve ser expiado através da punição capital. Datado do quinto dia antes das calendas de junho. Valentiniano [I] e Valente, augustos e cônsules.

(Código Teodosiano, 3.14.1)¹⁰⁰

O alcance de tais proibições é certamente discutível, sobretudo no que concerne à vida militar — até porque as pesquisas arqueológicas indicam que os *limitanei*, à época, frequentemente traziam suas famílias, muitas delas certamente romano-bárbaras, para

¹⁰⁰ *Codex Theodosianus*, 3.14.1: “*Imp. valentin. et valens aa. ad theodosium magistrum equitum. nulli provincialium, cuiuscumque ordinis aut loci fuerit, cum barbara sit uxore coniugium, nec ulli gentilium provincialis femina copuletur. quod si quae inter provinciales atque gentiles affinitates ex huiusmodi nuptiis extiterint, quod in iis suspectum vel noxium detegitur, capitaliter expietur. dat. v. kal. iun. valentin. et valente aa. coss*”.

dentro das fortificações.¹⁰¹ Claro é, contudo, que existia à época um partido antibárbaro, cujo ideário pode ser estimado a partir do longo discurso que o filósofo neoplatônico (e futuro bispo) Sinésio de *Cyrene* (atual Shahhat, na Líbia) endereçou a Arcádio, imperador do oriente, por volta do ano 400.¹⁰² Eis um excerto:

Mesmo no atual estado saudável já se anunciam alguns problemas; e algumas escaramuças (ἀκροβολισμοί) têm acontecido. Alguns destes, como um abscesso, inflamam o Império; como no caso de um corpo ao qual partes estranhas são incapazes de unir-se em um estado saudável e harmonioso. O que é estranho, tanto no caso de corpos como de cidades, deve ser removido, como diria o médico imperial. Por acaso existiria outra maneira para que os nossos homens arruinem-se mais rapidamente do que não opor forças aos estrangeiros, como se estes fossem dos nossos, isentando indulgentemente do serviço militar os [cidadãos] requerentes e permitindo, ademais, àqueles [cidadãos] que estejam na região [onde ocorra um conflito] que se ocupem de outras coisas? Em vez de permitirmos que os citas (“Σκύθαι”; leia-se: “godos”) portem espadas (σίδηρο) aqui, melhor seria se buscássemos aquele homem que ama a agricultura a ponto de querer defender a terra. E, se mesmo depois disso estivéssemos preenchendo as fileiras militares, que buscássemos também o filósofo e o professor, o trabalhador assalariado e o artesão que trabalha visando o lucro.

(Sinésio de *Cyrene*, Sobre o Reino, 22)¹⁰³

¹⁰¹ Como sugere a declaração de NICOLLE (1992, p. 6): “Despite massive desertions by the often unpaid frontier limitanei, archaeology shows that soldiers were now bringing their families within the forts”.

¹⁰² HEATHER (188, p. 172): “Set in this wider context, the anti-Scythian tirade [of Synesius’ “De Regno”] is indicative of an important shift of mood among the political classes of the Eastern Empire in ca. A. D. 400. Through Synesius, Aurelianus declared that he would reverse the policy of the Emperor Theodosius towards Alaric’s Goths as it had been continued by Eutropius. He promised to withdraw their privileges and neutralise the independent power of what was the largest and most dangerous tribal grouping within Imperial borders”.

¹⁰³ Συνεσιος ο Κυρηναιος, Περί Βασιλείας εις τον Αυτοκρατορα Αρκαδιον, 22: “Τουτου μεν ουν οινσονται ακροβολισμοι τινες την ηδη γινονται, και φλεγμαινει μερη τινα [υρ. συχνα] της αρχης, ωσπερ σωματος, ου δυναμενων αυτω συγκραθηναι των αλλοτριων εις αρμονιαν υγεινην. εκκριναι δε δειν ταλλοτριον, απο τε σωματος και πολεων, ξατρων τε και στρατηγων παιδες αν ειποειν. Το δε μητε αντιπαλον αυτοις κατασκευαξεσθαι δυναμιν, και ως εκεινης οικειας ουσης, αστρατειαν τε διδοναι πολλοισ αιτοθσι, και προς αλλοις εχειν αφιεναι τους εν τη χωρα, τι αλλο η σπευδοντων εστιν εις ολεθρον ανθρωπον; Δεον τρο του Σκυθας δευρο σιδηροφορουντας ανεχεσθαι, παρα τε τες φιλης γεωργιας ανδρας αιτησαι τους μαχεσομενους υπερ αυτες, και καταλεγειν εις τοσουτον, εν ω δη και τον φιλοσοφον απο του προντιστησιον, και τον χειροτεχνου απο του Βαναυσειν αναστησαντες, και απο του πωλητηριου; [...]”. *Synesius Cyrenensis, De Regno ad Arcadium Imperatorem*, 22: “Hujus sane rei aliquot jam praeludia, ac velitationes existunt; nonnullaeque cum tumore inflamantur imperii, ceu corporis, pares, cum quo quae sunt aliena in ejusdem sani temperamentum concordiam coalescere nequeunt. Alienum autem omne ut a corporibus, ita a civitatibus excerni oportere tam medici quam imperatores dixerint. At neque contrarias illis vires oponere; et perinde ac si illae nostrae essent, vacationem a militia postulantibus indulgere, caeterosque, qui in regione sunt, aliis rebus occupari permittere, quid aliud quam hominum ad interitum festinantium est? Cum potius, quam arma gerere hic Scythas permittamus, petendi sint amica ab agricultura, qui ipsam tueantur homines, ac tantisper

Sinésio não constrói, portanto, uma noção positiva de *romanitas*. Esta não seria sinônimo de uma vida na sofisticação urbana ou tampouco um atributo típico do agricultor. Ela é construída, por ele, em oposição ao que seria o comportamento do estrangeiro, incapaz de ajustar-se de forma harmoniosa à sociedade dos romanos, incapaz de encontrar o seu lugar, incapaz de viver em paz.

Cerca de oito décadas mais tarde, por volta do ano 480, o bispo de *Augustonemetum* (atual Clermont-Ferrand, França), Sidônio Apolinário, parece traçar a distinção entre romanos e não-romanos tendo por base sobretudo a questão linguística. Eis um trecho de uma carta endereçada a um certo Arvogasto, que vive em alguma região fronteiriça:

Sendo íntimo dos bárbaros, ainda assim não conheces os barbarismos. [Estás] tanto na língua quanto no braço à altura dos antigos comandantes, os quais com destreza manejavam tanto o estilete como o gládio. Quanto à esplêndida fala dos romanos, se é que ela ainda existe em algum lugar, nas antigas *Belgicae* e na região do *Rhenus* foi abolida, mas em ti reside — às vezes incólume, às vezes fervorosa — e, ainda que as leis latinas hajam caído junto às fronteiras, as palavras [latinas] permanecem firmes [contigo]. Enquanto eu respondo à tua saudação, alegre-me grandemente, pois ao menos em teu ilustre coração permanecem os vestígios das letras em extinção, as quais, caso continues com as lições frequentes, te farão experimentar diariamente que, assim como os homens prevalecem sobre as feras, os instruídos vêm antes dos rústicos.

(Sidônio Apolinário, Epístolas, 4.17)¹⁰⁴

Noutra carta, emitida por volta da mesma época a um certo João, Sidônio avança um pouco mais nessa distinção linguística entre romanos e uma tribo estrangeira (*gens aliena*), provavelmente os visigodos, enfatizando o aspecto educacional:

ii centuriandi sint, dum et philosopho e schola, et operario e quaestuario artificio”.

¹⁰⁴ *Sidonius Apollinaris, Epistolae, 4.17: “sic barbarorum familiaris, quod tamen nescius barbarismorum; par ducibus antiquis lingua, manique; sed quorum dextera solebat non minus stylum tractare quam gladium. Quocirca sermonis pompa Romani, si qua adhuc uspiam est, Belicis olim sive Rhenanis abolita terris, in te resedit: quo vel incolumi, vel perorante, etsi apud limitem ipsum Latina iura ceciderunt, verba non titubant. Quapropter alternum salve rependens, granditer laetor, saltem in illustri pectore tuo vanescentium litterarum remanisse vestigia: quae si frequenti lectione continuas, experire per dies, quanto antecellunt belluis homines, tanto anteferri rusticis institutos”.*

[...] e em ti como o único professor nas *Galliae* durante esta tempestade de guerras que trouxeram nossas forças a um naufrágio, [a língua] Latina teve um porto. Devem, assim, tanto os nossos contemporâneos como os nossos sucessores, universalmente elogiar-te como a um novo Demóstenes ou a um novo Cícero, dedicando-te estátuas e imagens, pois através dos teus ensinamentos foram formados e educados. Agora, estando numa baía em meio a essa tribo invencível, ainda que alienígena, devem preservar tais símbolos antigos. Como agora os graus de distinção, através dos quais costumava-se discernir aquele que estava em cima daquele que estava embaixo, são coisa do passado, as letras serão doravante o único indício de nobreza.

(Sidônio Apolinário, Epístolas, 8.2)¹⁰⁵

Outro testemunho relevante sobre a questão identitária é o de Procópio de *Cesarea*. Ele descreve, por volta de meados do século VI, um grupo de soldados romanos da fronteira norte das *Galliae*, que a despeito da dissolução do Império do Ocidente haveria mantido a sua *romanitas*. Vejamos:

Mas então outro exército de romanos estava estacionado na fronteira das *Galliae* como guarda. Como não havia modo de retornar a *Roma* e, ao mesmo tempo, não estando dispostos a render-se aos inimigos, que eram arianos, eles se entregaram, junto com seus estandartes militares e com a terra que há tempos bem protegiam para os romanos, aos arboricanos¹⁰⁶ e aos germânicos (leia-se “francos”); e transmitiram os costumes (ἥθη) de seus pais à sua descendência, que os admirou a ponto de considerá-los dignos de respeito. Até este tempo são vistos como parte dos exércitos nos quais militavam antigamente, trazendo para as batalhas os antigos estandartes militares e seguindo as leis (νόμοι) de seus pais. Mantém em tudo a aparência (σχῆμα) de romanos, até mesmo na sola dos calçados.

(Procópio de *Caesarea*, Sobre as Guerras, Livro V, 12.16-19)¹⁰⁷

¹⁰⁵ *Sidonius Apollinaris, Epistolae*, 8.2: “[...] teque Gallias uno magistro sub hac tempestate bellorum Latina tenuerunt ora portum, cum pertulerint arma naufragiu. Debent igitur vel aequaevi, vel posteri nostri, universitatim ferventibus votis alterum te ut Demosthenem, alterum ut Tullium, nunc statuis, si liceat, consecrar, nunc imaginibus: qui te docente formati institutique iam sinu in medio sic gentis invictae, quod tamen alienae, talium vetustorum signa retinebunt. Nam iam remotis gradibus dignitatum, per quas solebat ultimo a quoque summus quisque discerni, solum erit posthac nobilitatis indicium litteras nosse”.

¹⁰⁶ Por “Ἀρβορύχοις”, “arboricanos”, Procópio muito provavelmente se refere aos habitantes da *Armorica*, região no noroeste das *Galliae* que correspondente grosso modo ao que hoje é a Bretanha, na França. Os armoricanos eram provavelmente de origem celta.

¹⁰⁷ Προκόπιος ὁ Καισαρεύς, Ὑπὲρ τῶν πολέμων λόγοι, Λόγος Πemptos (Liber V), ιβ' (XII), 16-19: “Καὶ στρατιῶνται δὲ Ῥωμαίων ἕτεροι ἐς Γάλλων τὰς ἐσχατίας φυλακῆς ἔνεκα ἐτετάχατο. οἱ δὴ οὔτε ἐς Ῥώμην ὅπως ἐπανήξουσιν ἔχοντες οὐ μὴν οὔτε τροσχωρεῖν Ἀρειανοῖς οἴσι τοῖς τολεμίοις Βουλόμενοι, σφᾶς τε αὐτοὺς ζῆν τοῖς σημείοις καὶ χώραν ἦν πάλαι Ῥωμαίοις ἐφύλασσαν Ἀρβορύχοις τε καὶ Γερμανοῖς ἔδοσαν, ἐς

Enquanto Sinésio distingue os estrangeiros dos romanos por sua belicosidade e incapacidade de se ajustarem de modo harmonioso à sociedade romana e Sidônio o faz enfatizando as diferenças linguísticas e educacionais, Procópio atrela a noção de “romanidade” a religião, costumes, leis e aparência. Ser romano, para ele, seria viver conforme os costumes romanos, sob leis romanas, adotando a fé cristã católica e mantendo uma aparência de romano ao trajar-se.

Cabe lembrar, a esta altura, de um dito atribuído a Teodorico, “rei” dos ostrogodos e governante da *Italia* entre 493 e 526: “O romano miserável imita o godo e o godo abastado imita o romano”.¹⁰⁸

Parece ser claro, portanto, que as diferenças entre romanos e não-romanos não chegam a apagar-se de todo ao longo dos séculos IV, V e VI, ainda que muitos romanos de regiões fronteiriças ou ocupadas por estrangeiros acabassem por se “barbarizar” ao menos parcialmente e que os estrangeiros vivendo em território romano viessem a se “romanizar”. A partir de certos elementos — como o grau de belicosidade, a língua, a educação, a religião, os costumes, as leis e o — era possível, à época, classificar indivíduos ou grupos quanto à sua maior ou menor romanidade. Isso não impede que notemos, todavia, o caráter aristocrático dessas distinções. O pedantismo de Sidônio, por exemplo, é evidente.

τε ἀπογόνους τοὺς σφετέρους ξύμπαντα παραπέμψαντες διεσώσαντο τὰ πάτρια ἦθη, ἃ δὴ σεβόμενοι καὶ ἐς ἐμὲ τηρεῖν ἀξιοῦσιν. ἕκ τε γὰρ τῶν καταλόγων ἐς τόδε τοῦ χρόνου δηλοῦνται ἐς οὓς τὸ παλαιὸν τασσόμενοι ἐστρατεύοντο, καὶ σημεῖα τὰ σφέτερα ἐπαγόμενοι ὅτω δὴ ἐς μάχην καθίστανται, νόμοις τε τοῖς πατρίοις ἐς αἰὲν χρῶνται. καὶ σχῆμα τῶν Ῥωμαίων ἐν τε τοῖς ἅπασιν κἂν τοῖς ὑποδήμασι διασώζουσιν”. *Procopius Caesariensis, De Bellis, liber V, XII, 16-19*: “*Alii vero Romani milites, qui erant in extrema Gallia stationarii, cum nec Romam redire possent, neque ad hostes Arianos desciscere vellent; se ipsi cum signis, et regionem, quam Romanis ante servabant, Arborychis ac Germanis permiseruat, moresque omnes patrios retineruere: quos eorum posterii ad se transmissos adhuc rite observant. Nam et ex numeris, in quos olim contributi militaverunt, hac etiam aetate agnoscuntur, et signa propria praeferentes invadunt praelia. Constanter patris utuntur legibus, et praeter alias Romani habitus partes, redimiculum capitis etiamnum gestant*”.

¹⁰⁸ *Anonymus Valesianus, 2.12.61*: “*Dum illitteratus esset, tantae sapientiae fuit, ut aliqua, quae locutus est, in vulgo usque nunc pro sententia habeantur; unde nos non piget aliqua de multis eius in commemoratione posuisse. Dixit 'aurum et daemonem qui habet, non eum potest abscondere'; item 'Romanus miser imitatur Gothum et utilis Gothus imitatur Romanum*”.

A segunda parte do chamado “Anônimo Valesiano”, de onde provém o excerto acima, foi composta em meados do século VI. O texto do Anônimo Valesiano está incluído no terceiro volume (livros 27 a 31) das “Histórias” de Amiano Marcelino, referido na bibliografia.

Voltemo-nos, agora, a esses “estrangeiros”. Parece-nos seguro afirmar que, entre fins do século IV e início do V, eles mais e mais substituíam as tropas regulares. Jordanes chega a afirmar que “por um longo tempo tem sido difícil para o exército romano lutar sem eles (os godos) contra qualquer povo” (21.111).

O caso mais famoso é certamente o de um grupo de godos conhecido inicialmente pelo nome de “tervíngios” (os futuros “visigodos”). Com o auxílio sobretudo dos greutúngios (os futuros “ostrogodos”), os tervíngios derrotaram, no ano de 378, o exército comandado por Valente, imperador do Oriente, na batalha de *Hadrianopolis*. Como as grandes perdas do exército oriental não puderam ser repostas nos anos seguintes¹⁰⁹, Teodósio I, sucessor de Valente, viu-se obrigado a recrutar os tervíngios para suas campanhas.¹¹⁰ Estes, a partir de 392, sob comando de seu “rei”, Alarico I, atuaram ao lado das forças imperiais contra o usurpador politeísta Eugênio, testa-de-ferro de um dos *magistri militum* (generais) do ocidente, o franco Arbogasto. Na batalha decisiva, ocorrida em setembro de 394 nas cercanias do rio *Frigidus* (atual Vipava, na Eslovênia), as forças imperiais obtiveram sucesso, sendo que os tervíngios haveriam suportado o maior peso da luta e sofrido as maiores baixas. Os guerreiros estrangeiros, naturalmente, esperavam ser recompensados por sua bravura.

No ano seguinte, com a morte de Teodósio, veio a divisão definitiva do império entre Ocidente e Oriente. Desapontados com o tratamento recebido, os tervíngios logo se insurgiram e, ao longo dos quinze anos seguintes, enfrentariam o exército móvel do Ocidente várias vezes, em um conflito que culminaria com o saque de Roma em 410. Ainda assim, em 412, o imperador do Ocidente Honório lançaria mão dos tervíngios, agora liderados por Ataulfo (cunhado de Alarico, morto em 410), contra os irmãos usurpadores Jovino e Sebastiano, testas-de-ferro do “rei” burgúndio Gundahar e do líder alano Goar.

¹⁰⁹ Segundo Amiano Marcelino, apenas um terço do exército móvel imperial haveria sobrevivido à derrota em *Hadrianopolis*. *Ammianus Marcellinus, Res Gestae*, 31.13.18: “constatque vix tertiam evasisse exercitus partem”.

¹¹⁰ BURNS (1973, p. 345): “Because of the increasing need for troops and mobility between 378 and the reign of Justinian, the Emperors had to recruit more heavily from the barbarian nations”.

Conquanto os tervíngios claramente constituíssem um grupo especial de estrangeiros em território romano, sua excepcionalidade estaria vinculada muito mais à sua grande capacidade militar do que à sua não-romanidade. Fontes dos séculos IV e V amiúde fazem referência à presença de contingentes populacionais estrangeiros conhecidos como *laeti*, cuja principal função parece ter sido a de fornecer combatentes ao exército.¹¹¹ Como os *peregrini* de antes de 212, esses *laeti* seriam súditos do Império sem cidadania. A supramencionada *Notitia Dignitatum* revela a existência de dezesseis assentamentos de *laeti* na *Dioecesis Galliae*, comandados por doze *praefecti*.¹¹² Cabe acrescentar, contudo, que alguns estudiosos argumentam que a diferença cultural entre os *laeti* e seus anfitriões, os provinciais romanos, haja se tornado menor com o passar do tempo.¹¹³

¹¹¹ MACMULLEN (1963, p. 554): “*Laeti*. These were troops of many tribes and peoples drafted into western defenses under Diocletian and later emperors. A few were re-captured Romans, the great majority barbarians (Franks, Suevi, Alamanni, Batavi, Nervii, Teutones and Lingones). They were organized in ethnic units kept at full strength by recruitment from lands assigned to them and their families near cities or scattered in villages. Praefecti and praepositi supervised them (Zos. 2.54.1; Not. Dig. Occ. 42.34f.; Cod. Theod. 7.20.10; 13.11.10; Ammian. Marcel. 20.8.13; paneg. vet. 4.21.1; and discussion of these references by Jullian, Hist. de la Gaule 7.64f, and 8.81f.; Mommsen, Ges. Schriften 6 [1910] 166f. and 256f.; R. Grosse, Röm. Militärgesch. [1920] 207f.; and A. Grenier, Manuel d'arch. gallo-romaine 1 [1931] 398f.)”. LIEBESCHUETZ (1990,p. 13): “*Laeti* were potential soldiers, always liable to be called up. Each settlement seems to have consisted of members of the same tribal grouping”.

¹¹² *Index ad Notitiam Dignitatum et Administrationum omnium tam civilium quam militarium in partibus orientis et occidentis, in partibus Occidentis* 42: “Praefectus laetorum Teutonicianorum, Carnunta Senoniae Lugdunensis. Praefectus laetorum Batavorum et gentilium Suevorum, Baiocas et Constantiae Lugdunensis secundae. Praefectus laetorum gentilium Suevorum, [lacuna] et Ceromannos Lugdunensis tertiae. Praefectus laetorum Francorum, Redonas Lugdensis tertiae. Praefectus laetorum Lingonensium per diversa dispersorum Belgicae primae. Praefectus laetorum Actorum, Epuso Belgicae primae. Praefectus laetorum Nerviorum, Fanomantis Belgicae secundae. Praefectus laetorum Batavorum Nemetacensium, Atrabatis Belgicae secundae. Praefectus laetorum Batavorum Contraginnensium, Noviomago Belgicae secundae. Praefectus laetorum gentilium, Remo et Silvanectas Belgicae secundae. Praefectus laetorum Lagensium, prope Tungros Germaniae secundae. Praefectus laetorum gentilium Suevorum, Arumbernos Aquitanicae primae”.

¹¹³ MACMULLEN (1963, pp. 560-561): “The *laeti*, on the other hand, resembled their hosts within the empire only, or at least largely, because their hosts had already come to resemble the barbarians - had gradually adopted, by trade, or by the revival of far earlier customs, or by other influences, a good part of non-Roman civilization. From Gallienus on, ‘the power of Romanization diminished, and groups within the population began to form in border provinces which, in manners, speech, and ethnic background, remained united with their parent race beyond the frontier. These enclosed settlements, however, were continually and silently spreading outward in a fashion never historically understood, and only occasionally known through some chance find such as a grave stone’”. MacMullen cita, acima, um trecho de: VETTERS, Hermann. **Dacia ripensis**. Wien: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 1950.

Esses estrangeiros haveriam paulatinamente se estabelecido sobretudo nas áreas fronteiriças, talvez já a partir de fins do século II. O declínio populacional, ocorrido a partir do último quartel desse século, criara grandes áreas desabitadas, especialmente nas regiões mais remotas. Muitas terras nas fronteiras do *Rhenus* (Reno) e do *Hister* (Danúbio), em particular, haveriam se tornado devolutas ao longo do século III — devido ao colapso dos sistemas de defesa durante o período de anarquia militar, que as havia exposto às incursões de pilhagem. Alguns estrangeiros haveriam se estabelecido por conta própria nessas áreas; enquanto outros, prisioneiros de guerra, haveriam sido forçados pelos romanos a fazê-lo.¹¹⁴

A despeito do recurso cada vez mais frequente a tais guerreiros de origem estrangeira, o Império Romano tardio, especialmente no ocidente, parece haver se tornado progressivamente incapaz de, efetivamente, fazer uso do que, ao menos em teoria, continuava sendo um exército numericamente formidável para os padrões da época.

1.4 – O exército de Estilicão

Essas dificuldades estiveram à mostra quando, em 405, a *Italia* foi invadida pelas forças sob o comando de um godo chamado Radagásio, cuja origem e tamanho foram alvos de especulação à época. Para Paulo Orósio o efetivo sob o comando de Radagásio haveria sido de 200.000 godos,¹¹⁵ enquanto Zósimo, quase um século depois, mas baseado em fontes antigas, alegou um total de 400.000 homens, recrutados entre as nações celtas e germânicas das terras além do *Hister* (Danúbio) e do *Rhenus* (Reno).¹¹⁶ Os números

¹¹⁴ LIEBESCHUETZ (1990,p. 12): “*Frontier areas, especially the lands along the Rhine and Danube were devastated in the third century, and their ability to furnish recruits was surely much reduced. Loss of farmers was made good by settlement of barbarian prisoners of war on a very large scale - over so long a period and so large a scale that social historians of the Later Empire still have to explain how there could have been so much empty space within the Empire. Devastation must be part of the answer, but probably not the whole*”.

¹¹⁵ *Paulus Orosius, Historia Adversum Paganos, 7.37.4*: “*Radagaisus, omnium antiquorum praesentiumque hostium longe immanissimus, repentino impetu totam inundavit Italiam. nam fuisse in populo eius plus quam ducenta milia Gothorum ferunt*”.

¹¹⁶ Ζώσιμος, Νέα Ίστορια, 5.26: “Ροδογαισος ἐχ των ὑπερ τον Ιστρον και τον Ῥηνον Κελτικων τε και Γερμανικων εθνον εις τεσσαπακοντα συναγαγων μυριαδας εις των Ιταλιαν ὄρητο διαβηναι”. *Zosimus, Historia Nova, 5.26*: “*Rodogaisus ex transistriani et transrhenani Celtisque Germanicisque nationibus collecti hominum quadrigentis milibus ad transeundum in Italiam se parat*”.

oferecidos por ambos são obviamente exagerados. Os 400.000 da narrativa de Zósimo não podem ser levados a sério, a não ser que nele incluamos mulheres, crianças e idosos, o que traria o total de combatentes efetivos para algo em torno de 80.000 — cifra elevada, mas não impossível. Os 200.000 alegados por Orósio, por sua vez, seriam, segundo o próprio, *parcissime referunt*, os mais parcios relatados.¹¹⁷ Ainda que a cifra pareça exagerada, pelo mesmo raciocínio, resultaria em cerca de 40.000 combatentes, uma quantidade perfeitamente plausível.

Os romanos haveriam contado com reforços vindos de outras partes do ocidente e com tropas auxiliares recrutadas entre os hunos e os godos, segundo Orósio, e entre os hunos e os alanos, segundo Zósimo. Não obstante, a vitória romana definitiva, ocorrida na região de *Florentia* (atual Florença), foi considerada uma façanha do seu comandante, Estilicão. Em tempo: após essa batalha definitiva, uma parcela dos sobreviventes do derrotado exército invasor foi escravizada e vendida, enquanto outra foi incorporada ao exército como *auxiliae*.

Os romanos, segundo Zósimo, haveriam empregado no conflito todos os efetivos então alojados na cidade de *Ticinum* (atual Pávia, ao sul de Milão), o que perfaria trinta *numeri* (divisões), algo em torno de 15.000 homens. É bem possível que esse número reduzido representasse a maior parte do exército móvel do Ocidente naquele momento. Apesar do emprego da estratégia de defesa em profundidade, a maioria das tropas regulares restantes devia estar envolvida na guarda de postos no extenso perímetro do Império Ocidental. É de se supor, todavia, que Estilicão haveria podido contar, dentre essas *limitanei*, com aquelas que guardavam as fronteiras do alto *Rhenus*, por conta da proximidade geográfica.

De acordo com a *Notitia Dignitatum*, a porção oriental da *Praefectura Praetorio Galliarum* contava com três *duces*, o que significa que ali deveria existir um igual número

¹¹⁷ *Paulus Orosius, Historia Adversum Paganos*, 7.37.13: “*Conterritum diuinitus Radagaisum in Faesulanos montes cogit eiusque - secundum eos qui parcissime referunt - ducenta milia hominum inopum consilii et cibi in arido et aspero montis iugo*”.

de importantes *castra* (fortalezas), provavelmente localizados em *Moguntiacum* (Mainz), *Argentoratum* (Estrasburgo) e *Vesontio* (Besançon).

Em cada uma dessas três fortalezas da fronteira do *Rhenus* estariam aquartelados, no máximo, 3.000 soldados de infantaria regulares e mais um número desconhecido, porém provavelmente pequeno, de *auxiliae*. Isso implica numa força máxima combinada de cerca de 10.000 homens, um total que muito provavelmente nunca era atingido ou mesmo aproximado. Além disso, somente três anos antes, Estilicão havia retirado tropas desses mesmo locais quando enfrentou o exército do tervíngio Alarico, de modo que ao menos parte delas haveriam sido incorporadas permanentemente ao exército móvel. Por conta disso, é possível supor que a força combinada das *limitanei* do *Rhenus* não passasse de 6.000 ou 7.000. As menores unidades de infantaria da época eram as *legio* do exército móvel, com 1.000 homens. Estilicão teria, assim, que deixar ao menos esse total em cada fortaleza. Isso implica que haveria podido retirar, dessa vez, apenas 3.000 ou 4.000 homens do *Rhenus*.

O *limes germanicus* incluía, além das tropas presentes nessas três fortalezas, um destacamento do exército móvel que atuava no *tractus argentoratensis*, a região de *Argentoratum*. Seu tamanho exato é impossível de estimar, mas sua força total certamente era menor do que os 5.000 a 6.000 homens que as legiões possuíam no período pós-constantiniano. Nesse caso, 4.000 homens talvez seja uma estimativa até otimista. Cabe notar, ademais, que a reação romana a Radagásio parece haver sido improvisada. Não houve tempo, aparentemente, para que os romanos recrutassem e treinassem novas tropas regulares, o que talvez houvesse resultado na contratação de estrangeiros. Poderíamos sugerir, assim, um generoso teto de 5.000 homens para as tropas auxiliares empregadas em *Florentia*, o que traria os efetivos sob o comando de Estilicão para, no máximo, 27.000 a 28.000 homens.

Trata-se de um total bem menor do que aquele de épocas anteriores. No ano de 101 e. C, quando ocorreu a chamada “segunda batalha de *Tapae*”, o imperador Trajano haveria conduzido cerca de 50.000 homens sobre as forças de Decébalos, rei da *Dacia*, enquanto um

contingente similar haveria permanecido na retaguarda, em postos junto ao *Hister*. Do total, apenas cerca de 4.000 não seriam legionários, mas estrangeiros servindo como *auxiliae*.¹¹⁸ Se fosse, então, Decébalo a realizar o ataque, os romanos haveriam podido contar com cerca de 100.000 homens, cerca de três vezes e meia a quantidade disponível para Estilício.

Um exemplo mais próximo do enfrentamento entre as forças de Estilício e Radagásio serve para reforçar o mesmo ponto. Em 324, no enfrentamento entre os imperadores Constantino I e Licínio, no qual os exércidos oriental e ocidental se enfrentaram, cada um haveria contado com mais de 100.000 homens. Isso aconteceu apenas oitenta e dois anos antes.¹¹⁹ Ocorreria, assim, uma assombrosa deterioração no poderio militar romano ao longo do século IV.

Outra evidência de que a falta de soldados se tornava uma questão premente no início do século V é um edito do ano de 406, que consta do Código Teodosiano:

Os imperadores e augustos Arcádio, Honório e Teodósio [II]. Através deste edito convidamos ao serviço militar, por conta das necessidades iminentes, todos os provinciais estimulados por um inato [senso] de liberdade. Saibam assim, os nascidos livres (*ingenui*) que pegarem em armas por amor à paz e à pátria, que serão devidos dez *solidi* de nosso erário a cada um; ordenamos, ainda, que sejam imediatamente oferecidos três [*solidi*] da supramencionada soma a cada um; pois acreditamos em um excelente futuro, no qual a virtude e o interesse público são o resultado dos investimentos. Datado do décimo terceiro dia antes das

¹¹⁸ BENNETT (1991, p. 91): “In all, there were some 90 auxiliary regiments along the Ister at this date, 21 *alae*, or heavy cavalry, 5 of which were double strength; 33 *cohortes equitatae*, the mixed units of light cavalry and infantry, 9 of double strength; 25 infantry *cohortes peditatae*, 6 double strength; and 10 regiments of archers, the *cohortes sagittariae*, 3 of which were part-mounted, 1 of double strength; together, they perhaps numbered in all no fewer than 55,000 men. Finally, Trajan could call upon an unspecified number of *nationes* and *symmachiarii*, ethnic levies fighting for Rome as a result of treaty obligations by the client-kingdoms on the periphery of the empire. One literary source, *De metatione castrorum*, which apparently describes the methods used for encampment by an army group in the First Dacian War, indicates the involvement of 500 Palmyrenes, 900 Getae, 700 Daci, 500 Britons and 700 Cantabri. In addition to these, Dio attests to the involvement of the ‘Mauron *symmachias*’, the Moorish cavalry led by Lusius Quietus, and there is figural evidence for the presence of Balearic slingers. These national units fought in national dress, wielding their own ethnic weapons, and like the auxiliaries were used for reconnaissance and skirmishing. All in all, then, the army assembled by Trajan was easily the largest ever gathered by Rome: even if half remained behind to secure the defence of the Danubian provinces, 50,000 men were available for combat”.

¹¹⁹ POHLSANDER (2004, p. 44): “In 323, in the course of campaigning against the Goths (or Sarmatians?), who had crossed the Danube and invaded Roman territory, he violated Licinius’ territory and thus created a *casus belli*. Hostilities commenced in 324; both sides had amassed armies well in excess of 100,000 men”.

calendas de maio. Em *Ravenna*, [no ano] dos consulados do augusto Arcádio, seu sexto, e de Probo.

(Código Teodosiano, 7.13.17)¹²⁰

Os imperadores tentavam, portanto, incitar os cidadãos livres a se juntarem ao exército não apenas através do apelo ao seu patriotismo, mas também da promessa de dinheiro. Quanto dinheiro? Três *solidi* corresponderia grosso modo ao que ganhavam os homens mais pobres durante um ano¹²¹ — ou seja, o mínimo necessário para a sobrevivência. Os imperadores, porém, prometiam um total de dez *solidi* — três de imediato e o restante em um prazo que não é esclarecido. Os termos do edito parecem sugerir, ademais, que esses valores deveriam ser pagos em espécie. Tal fato é especialmente interessante quando levamos em consideração que, ao menos a partir da era de Diocleciano, os soldados, ao menos teoricamente, deveriam receber dois tipos de remuneração: o salário propriamente dito ou *stipendium* e provisão ou *annona*.¹²² Enquanto aquele era pago em espécie, esta era entregue *in natura*.

¹²⁰ *Codex Theodosianus*, 7.13.17: “*Idem aaaa. provincialibus. Provinciales pro imminentibus necessitatibus omnes invitamus edicto, quos erigit ad militiam innata libertas. Ingenui igitur, qui militiae obtentu arma capiunt amore pacis et patriae, sciant se denos solidos patris rebus de nostro percepturos aerario, quibus tamen ternos ex summa supra dicta iam nunc solidos praebere mandavimus, nam optimos futuros confidimus, quos virtus et utilitas publica necessitatibus obtulit. Dat. XIII kal. mai. Ravenna Arcadio a. VI et Probo cons*”. “*Idem*” refere-se a *Codex Theodosianus*, 7.13.12, onde lê-se “*Imppp. arcadius, honorius et theodosius aaaa*”. A data corresponde a 19 de abril de 406. “*Probus*” é referência “*Anicius Petronius Probus*”.

¹²¹ TREAGOLD (2014, p. 304): “*For example, we know that some extremely poor men earned as little as three gold solidi a year*”.

¹²² Parece certo que, durante o Alto Império, a *annona* era descontada do *stipendium* do soldado. Não é absolutamente certo o momento em que ela se tornaria gratuita, passando a complementar o *stipendium*. Segundo Filippo Carlà, as evidências parecem apontar para os principados de Septímio Severo e Caracalla. É seguro, de todo modo, que a partir da reorganização do império sob Diocleciano, o *stipendium* e a *annona* eram formas de remuneração complementares. CARLÀ (2007, p. 91): “*Non si entra qui nel merito della discussione, che non ci riguarda direttamente, sul momento in cui la distribuzione delle vettovaglie ai soldati cessò di essere affiancata ad un trattenuta sul loro stipendium, divenendo in sostanza gratuita. Questo processo risulta infatti certamente compiuto sotto Caracalla, e va dunque attribuito a questi o, più probabilmente, a suo padre [...]*”. JONES (1953, p. 298): “*The proceeds of taxation, in so far as it was ad valorem, would have risen concurrently, but the tributum, which formed the bulk of the revenue, appears to have remained fixed at its pre-inflation figure. The government was thus unable to go on increasing its expenditure, especially military pay, in proportion to the rising cost of living. The soldiers had to be fed and clothed. The solution eventually reached was that the government requisitioned (without payment) the wheat, meat, wine, oil, textiles and leather needed to feed and clothe the troops, and issued them free. It seems unlikely that this result was achieved at one stroke*”.

Por conta da inflação ocorrida ao longo do século IV, o poder de compra dos *stipendia* havia se deteriorado grandemente, de modo que os soldados passaram a se fiar cada vez mais nas *annonae*.¹²³ Estas, com o passar do tempo, vieram a constituir a “verdadeira” remuneração dos soldados — que certamente vendiam nos mercados ao menos parte dos produtos recebidos, de modo a monetizar o pagamento. Além disso, as evidências parecem apontar, de modo geral, para o fim dos *stipendia* após o ano 400. Em outras palavras, no edito acima, os imperadores parecem estar prometendo aos futuros soldados benefícios que nem mesmo aqueles que já serviam ao exército recebiam regularmente. Trata-se de uma forte evidência da situação calamitosa em que se encontrava o processo de recrutamento militar no início do século V.

Quanto ao assentamento de exércitos estrangeiros, esse parece ter seguido os mesmos princípios envolvidos no assentamento das legiões. Era reservada uma proporção da produção fundiária da região em questão para o suporte das forças militares, fossem elas um “povo estrangeiro”, como o caso dos tervíngios, ou uma legião regular. Essa deveria ser, inclusive, uma distinção cada vez mais difícil de se fazer, à medida em que se avançava século V adentro, porquanto muitos dos comandantes de legiões eram etnicamente godos, francos, alanos, etc... A situação era ainda mais confusa porque mesmo os homens que se apresentavam como “reis” desses “povos estrangeiros” recebiam títulos de comandantes militares romanos.

1.5 – “Reis” bárbaros

O leitor atento deve haver notado como usamos até aqui o termo “rei” entre aspas quando nos referimos aos líderes de contingentes guerreiros não-romanos, estivessem eles atuando contra ou a favor do Império. Embora a documentação latina os apresente como “*reges*” (sing.: “*rex*”), o termo só aos poucos parece ter assumido o sentido de “monarca

¹²³ TREAGOLD (2014, p. 303): “*Our difficulties begin with the fact that by the late fourth century what had been the soldiers’ pay, the stipendium, had become almost worthless because of inflation; and around 400 it ceased to be paid at all*”.

cuja autoridade tivesse por base a sua origem nobre”, com o qual o associamos — até porque era frequentemente usado com referência a reis sem um “reino”, um território definido. Além disso, mesmo a etnogênese desses povos “bárbaros” pós-romanos não haveria de se completar até após meados do século V. Quando, por exemplo, os tervíngios (futuros visigodos), deslocam-se da península balcânica para a *Italia* e se estabelecem nas *Galliae*, ao longo do período que vai aproximadamente de 395 (a morte de Teodósio I) e 420 (o assentamento oficial nas terras à margem do rio *Garunna*), a rigor não se trata da migração de um povo não-romano, mas do deslocamento de um exército de estrangeiros cujo status confunde-se em alguma medida com o do legionário comum do período. Eram homens que certamente tomavam por esposas mulheres que encontravam pelo caminho, enquanto as de sua etnia haveriam continuado assentadas no oriente, ao lado de homens que se dedicavam a outras atividades que não a guerra. Jordanes deixa isso claro em 51.267, quando diz que esses godos, chamados de “menores”, eram “um povo numeroso, mas pobre e não combatente”.

Cabe destacar, a essa altura, dois exemplos do uso flexível do termo “*rex*” na história dos francos escrita por Gregório de *Civitas Turonum* (atual Tours) ao longo do último quartel do século VI. Referindo-se a eventos da década de 450, ele escreveu:

Como Childerico estava, de fato, excessivamente mergulhado na luxúria enquanto reinava sobre a tribo dos francos, começou a capturar as suas filhas para estuprá-las. Indignados com isso, eles o destituíram do reinado. Quando Childerico, todavia, descobriu que eles pretendiam matá-lo, fugiu para a *Thoringia*, deixando um homem próximo a si para que pudesse com suas palavras gentis acalmar os ânimos furiosos dos homens, [...] Os francos, finalmente, após essa destituição, de forma unânime elegeram rei (*unanimiter regem adsciscunt*) Egídio, que acima mencionamos ter sido enviado pelo Estado (*res publica*) como comandante militar (*magister militum*). Quando Egídio estava em seu oitavo ano de reinado, o fiel amigo de Childerico secretamente acalmou os francos e enviou-lhe um mensageiro [...] Reconhecendo, de fato, a veracidade do sinal de que era desejado pelos francos, ele então volta da *Thoringia* e roga para que o seu reinado lhe seja restituído. Assim, quando ao mesmo tempo reinavam ambos (Egídio e Childerico), aquela tal Basina, mencionada anteriormente, abandonou o seu homem e foi até Childerico.

(Gregório de *Civitas Turonum*, História dos Francos, 2.12)¹²⁴

Como Egídio, um comandante militar romano, poderia ter se tornado “*rex*” dos francos? Se “*rex*”, de fato, fosse um monarca cuja autoridade tivesse por base a sua origem nobre, isso só seria possível caso Egídio fosse parcialmente franco. Uma passagem um pouco mais adiante, porém, deixa claro que esse não haveria sido o caso:

Então, após esses eventos e com Childerico morto, reinou Clóvis, o seu filho, em seu lugar. Contudo, no quinto ano de seu reino, o rei dos romanos Siágrio, filho de Egídio, estabeleceu residência em *Saxonas* (atual Soissons), controlada certa feita pelo supramencionado Egídio.

(Gregório de *Civitas Turonum*, História dos Francos, 2.27)¹²⁵

Assim, num primeiro momento, Childerico lidera os francos, ou seja, é o seu “*rex*”. Quando Childerico é expulso, os francos escolhem ser liderados por Egídio, um romano. O texto não chega a nos informar a esse respeito, mas não seria de se estranhar que, após a expulsão de Childerico, Egídio fosse inclusive chamado “*rex*” pelos francos.

Diante disso, cabe perguntar: haveria sido Egídio etnicamente franco? A primeira passagem menciona apenas o fato de ele ocupar uma posição de comandante militar romano. Teoricamente, ao menos, ele poderia ser parcialmente franco. A segunda passagem, contudo, revela que, na geração seguinte, o filho de Childerico, Clóvis, se tornaria o “*rex*” dos francos, enquanto o filho de Egídio, Siágrio, se tornaria o “*rex romanorum*”, o “rei dos romanos”. O fato de Siágrio “reinar” sobre os romanos e não sobre

¹²⁴ *Gregorius Turonensis, Historia Francorum, 2.12: “Childericus vero, cum esset nimia in luxoria dissolutus et regnaret super Francorum gentem, coepit filias eorum stuprose detrahare. Illique ob hoc indignantes, de regnum eum eiiciunt. Conperto autem, quod eum etiam interficere vellent, Thoringiam petiit, relinquens ibi hominem sibi carum, qui virorum furentium animus verbis linibus mollire possit, [...] Denique Franci, hunc eiectum, Egidium sibi, quem superius magistrum militum a re publica missum diximus, unanimiter regem adsciscunt. Qui cum octavo anno super eos regnaret, amicus ille fidelis, pacatis occultae Francis, nuntius ad Childerico [...] Ille vero certa cognoscens inditia, quod a Francis desideraretur, ipsis etiam rogantibus, a Thoringia regressus, in regno suo est restitutus. His ergo regnantibus, simul Basina illa, quam supra memoravimus, relicto viro suo, ad Childericum venit”.*

¹²⁵ *Gregorius Turonensis, Historia Francorum, 2.27: “His ita gestis, mortuo Childerico, regnavit Chlodovechus, filius eius, pro eo. Anno autem quinto regni eius Siacrius Romanorum rex, Egidi filius, apud civitatem Saxonas, quam quondam supra memoratus Egidius tenuerat, sedem habebat”.*

os francos sugere que o seu pai, ainda que haja sido “*rex*” dos francos, não era etnicamente franco.

É preciso, portanto, que se leia a documentação tardoantiga sem enxergar “monarquias hereditárias com base na nobreza” em situações em que essas ainda não estavam plenamente institucionalizadas, malgrado os autores do período empregarem o termo “*rex*”. Em tempo: a obra perdida de Cassiodoro, na qual Jordanes se baseou, parece haver representado um momento importante na institucionalização das monarquias hereditárias “bárbaras” e pós-romanas, porquanto procurava legitimar a linhagem dos Ámalos, à qual pertencia o rei ostrogodo Teodorico, o Grande. À época deste, todavia, os reinos bárbaros também parecem assumir uma territorialidade mais definida. Este, afinal, não era um “rei sem reino”, mas governava a *Italia*.

Quanto aos romanos, a documentação a seu respeito torna-se mais escassa à medida que avançamos no século V. A grande obra historiográfica escrita nesse período provavelmente foi a de Prisco de *Panium*, composta por volta do ano 475.¹²⁶ A *Getica* traz menções a Prisco nos trechos referentes a Átila, “rei” dos hunos, como veremos no segundo capítulo.

O colapso do poderio romano e a conseqüente formação dos reinos “bárbaros” pós-romanos parecem haver produzido uma redução, ainda que até certo ponto temporária, na produção historiográfica. Mesmo os historiadores dos séculos VI e VII, ao tentarem reconstruir os eventos da segunda metade do século V, acabaram por ser sucintos. Isso vale para Gregório de *civitas Turonorum* (Tours) e a sua história dos francos; para Isidoro de *Hispalis* (Sevilha) e a sua história dos reis godos, vândalos e suevos; além de para os próprios Cassiodoro e Jordanes. Dito de outro modo: documentação sobre a segunda metade do século V parece haver estado pouco disponível mesmo para os historiadores dos séculos seguintes.

¹²⁶ A obra de Prisco não apenas existe em estado fragmentário hoje, mas nem mesmo o seu título é conhecido com certeza. Uma discussão a respeito pode ser encontrada em ROHRBACHER (2002, pp. 87-92).

1.6 – Considerações finais ao primeiro capítulo

Procuramos produzir, nesse primeiro capítulo, um relato cronologicamente ordenado que permitisse enquadrar a maior parte da narrativa da *Getica* no contexto de transformações político-militares ocorridas no Império Romano a partir do século III, de modo que a história produzida por Cassiodoro e Jordanes pudesse ser compreendida como mais do que uma série de relatos de enfrentamentos militares, como uma narrativa que acompanha um processo de transformação amplo, ainda que, naturalmente, não se foque nele.

CAPÍTULO II – ÁTILA, O ARQUETÍPICO BÁRBARO VIOLENTO

A *Getica* apresenta duas principais tentativas de arroubo retórico: (1) o relato do passado mitológico dos godos, no qual eles são igualados aos getas, presentes na etnografia grega; e (2) a construção de Átila como o arquetípico bárbaro violento, que serve de contraponto aos visigodos, em particular, e aos godos, de modo geral.

A primeira delas é claramente mal sucedida. Ainda que autores como Otávio Luiz Vieira Pinto, argumentem que Jordanes “estava agudamente consciente de um universo inteiro de textos gregos e latinos e da sua reputação”¹²⁷, o trabalho que o autor da *Getica* faz no primeiro terço da obra, no qual apresenta um passado gótico fantástico e claramente imaginário é, no mínimo, confuso. Jordanes reúne nesse passado getas, dácios, trácios e mesmo citas, amiúde retratados pela etnografia grega como selvagens. Sem maiores explicações ou justificativas, o leitor é basicamente convidado a aceitar que todos esses seriam “godos”.

O segundo desses arroubos, todavia, é deveras sofisticado. Jordanes elabora uma narrativa cujo efeito é a construção, na mente do leitor, da oposição entre bons e maus bárbaros, ao mesmo tempo em que produz um texto historiográfico em consonância com os padrões da sua época.

Neste capítulo, analisaremos o segundo desses arroubos. Para tanto, seguiremos o texto da *Getica*, passo por passo, dando destaque aos elementos avaliativos ali presentes, em conformidade com o que foi explanado na “Introdução”.

¹²⁷ PINTO (2016, pp. 221-222): “From Herodotus to Procopius, our author was acutely aware of an entire universe of Greek and Latin texts and their reputation”.

2.1 – Jordanes apresenta Teodorico, Aécio e Átila

Em 34.176, Jordanes rememora a ascensão de Teodorico ao trono dos visigodos, ocorrida em 418, tecendo-lhe grandes elogios: “extremamente próspero e mais afortunado — homem de suma moderação e possuidor de grande capacidade física e espiritual”. Note-se aí as amplificações, grifadas. A narrativa salta em seguida para o ano do “consulado de Teodósio e Festus” — ou seja, 439 — no qual estaria a ocorrer um novo conflito entre os visigodos e os romanos — que, àquela altura, contariam com o auxílio dos hunos. O fluxo narrativo é, então, interrompido e, sem motivo aparente, somos apresentados à figura de Aécio, homem “capaz de suportar as exigências da guerra, nascido apenas para [servir] o Estado Romano”. Sob sua liderança, tanto suevos como francos haveriam sido coagidos a acompanhar os romanos em batalhas.

O conflito é retomado no passo seguinte (34.177) e ficamos sabendo da força dos visigodos. Os romanos, mesmo auxiliados pelos hunos, não haveriam ousado enfrentá-los, de modo que um acordo de paz acaba sendo firmado.

Na sequência, somos apresentados a Átila (34.178 e 34.179). Para fazê-lo, Jordanes vale-se do testemunho do historiador Prisco de *Panium*, certa feita enviado à corte de Átila em uma embaixada. Sua obra chegou até os nossos dias bastante fragmentada, mas parece haver tido grande influência no mundo bizantino. Jordanes (ou quiçá Cassiodoro) parece valer-se dela com parcimônia, selecionando apenas os trechos convenientes ao próprio projeto historiográfico. Os excertos por ele citados nesse ponto aludem a um dos locais de moradia de Átila: construído com sofisticação, luxuoso, elegante e amplo. Talvez Jordanes esteja a nos alertar de que se trata de um homem sofisticado, não de um bruto.

Cabe aqui um parêntese: Prisco não haveria, segundo a análise dos fragmentos da sua obra empreendida por Paolo Delogu e publicada em 2012, expresso juízos psicológicos ou morais acerca de Átila, ainda que retratasse, por um lado, a moderação e a sobriedade do huno e, por outro, a sua imprevisibilidade e ambição sem limites.¹²⁸ Delogu destaca,

¹²⁸ DELOGU (2012, pp. 49-50): “*Ciò che interessa nella prospettiva presente è che Prisco pose le fondamenta di un ritratto del personaggio che avrebbe influenzato le ricostruzioni posteriori. Sebbene nel suo*

também, que como o objetivo de Jordanes, o de escrever uma história dos godos, era distinto do de Prisco, isso haveria implicado numa seleção do material que enfatizava as atividades de Átila no ocidente, especialmente a expedição pelas *Galliae* — ressignificada como uma campanha contra os visigodos — e a devastação do norte da *Italia*. Jordanes, ainda segundo Delogu, haveria expandido o retrato de Átila construído por Prisco, no sentido de explicitar juízos de valor que antes estariam, no máximo, implícitos.¹²⁹

A análise de Delogu enseja, todavia, o seguinte questionamento: por que Jordanes, escrevendo em *Constantinopolis* no fim da década de 540 ou início da seguinte, escolheria selecionar, dentre as atividades de Átila, especialmente aquelas realizadas no ocidente? Duas respostas parecem-nos possíveis: (1) ou foi Cassiodoro quem fez essa escolha, porque os eventos ocidentais eram os que importavam na corte ostrogótica, que, afinal, ocupava o centro daquilo que costumava ser o Império Romano do Ocidente; (2) ou Jordanes deliberadamente procurou enfatizar as situações em que os hunos e os visigodos se enfrentaram, a despeito de ter acesso ao restante da obra de Prisco. Trata-se de um dilema relacionado à composição e à autoria da *Getica* que não pode ser solucionado de forma satisfatória ou definitiva.¹³⁰

Retomemos, todavia, a análise da narrativa da *Getica*. Jordanes prossegue relatando a origem de Átila e a sua ascensão à posição de comandante único dos hunos, que haveria

testo non siano espressi giudizi psicologici o morali su Attila, le caratteristiche della sua personalità emergono incisivamente dalle notazioni e dagli episodi che vengono riferiti. Attila viene più volte presentato con tratti nobili e perfino esemplari [...] E tuttavia per altri aspetti Attila è un barbaro: principalmente per la dismisura della sua ambizione e per l'imprevedibilità del suo comportamento, caratteri che però Prisco non denuncia, ma fa rilevare da altri, dagli ambasciatori occidentali incontrati nella residenza di Attila, i quali dicono che, esaltato dalla conquista di un dominio quale nessun re della Scizia aveva mai avuto, Attila non dava ascolto a nessuna considerazione di equità, a meno che non tornasse utile ai suoi fini”.

¹²⁹ DELOGU (2012, p. 56): “Anche Jordanes operava una selezione drastica delle notizie, nel suo caso però trascurando tutto quanto nell’opera di Prisco riguardava i rapporti di Attila con l’Oriente, per concentrarsi invece sulle vicende occidentali: essenzialmente la grande spedizione in Gallia e la successiva invasione dell’Italia settentrionale. Tuttavia introducendo nella storia dei Goti la figura di Attila, Jordanes la presentava subito in modo organico, dandone un ritratto che metteva in evidenza l’eccezionalità fuori da ogni norma, accentuando la dismisura e la terribilità dell’uomo, ma riconoscendogli anche sagacia, benignità e magnanimità”.

¹³⁰ A dificuldade em se determinar se as citações da obra de Prisco derivam da história escrita por Cassiodoro ou da pesquisa feita por Jordanes foi notada de forma explícita por Frank M. Clover (1973, p. 110): “Jordanes frequently cites Priscus in his abridgement; these citations may be his own or those of Cassiodorus”.

se dado por volta do ano 445 (35.180)¹³¹. Fica evidente que, para o autor da *Getica*, Átila era um homem cujas ambições não eram freadas por maiores considerações éticas: “buscou o aumento de poder através da morte de um parente”. No passo seguinte, ademais, Jordanes recorre a uma *prolepsis* (ou “*flash-forward*”), informando-nos que a “crueldade deformada” de Átila viria a ser remediada através da balança da justiça. Trata-se de um juízo moral explícito, o que contrasta com o tratamento que, segundo Delogu (acima), Prisco haveria dado ao rei dos hunos. Note-se, também, o recurso à amplificação, grifada. A ambição de Átila o haveria levado a almejar a destruição de romanos e visigodos, “as primeiras dentre as tribos do mundo” — outra amplificação.

O olhar retrospectivo é uma característica inevitável do trabalho do historiador e acaba por situá-lo no próprio tempo. Jordanes sabe, quase um século no futuro, que Átila não apenas enfrentará romanos, como também que acabará derrotado. Ao examinar a vida do rei dos hunos, ele busca desde o início explicações para o que está por vir. Não obstante, mesmo que estivesse destinado a um dia encontrar a derrota, “era um homem nascido para chacoalhar as tribos do mundo, o terror de todas as terras”. Note-se outra amplificação: Átila não haveria sido simplesmente um terror, mas um terror que assolou o mundo inteiro.

Cabe ressaltar, todavia, que as forças conduzidas por Átila sempre encontraram dificuldades em enfrentamentos contra o exército móvel dos romanos. O exército de Átila era bem sucedido, todavia, em realizar incursões de pilhagem em território romano¹³² ou mesmo se instalar temporariamente em regiões desguarnecidas, por conta da estratégia de defesa em profundidade adotada pelos romanos desde o reinado de Constantino — discutida no primeiro capítulo. O parco sucesso de Átila em suas campanhas, ademais, nos revela como a sua imagem de bárbaro temível resultou em grande medida de hipérboles retóricas.

¹³¹ Segundo C. D. Gordon (1961, p. 61), Átila haveria assassinado o irmão em 445.

¹³² Como notado por LINDNER (1981, p. 91): “*When, during the 440s, we do find the Huns battling Roman armies, the sources force us to conclude that the Huns were not superior: their victories were few and pyrrhic*”. Em seguida, na nota de rodapé, o autor comenta: “*In 441 the Huns were able to raid almost at will, but there was no Roman army present to oppose them*”.

Antes de prosseguir com a análise da *Getica*, notemos quais são as principais tradições da historiografia tardoantiga a respeito de Átila:

- (a) em Prisco beberam Cassiodoro/Jordanes, João Malalas e Evágrio Escolástico;
- (b) do relato de Próspero de *Aquitania* sobre o encontro do papa Leão com Átila e a subsequente partida deste para além do *Danubius/Hister* (atual Danúbio) parece haver se aproveitado Victor de *Tunnuna* (na *Africa*);¹³³
- (c) o relato de Hidácio de *Aquae Flaviae* (atual Chaves, em Portugal), que apresenta Aécio derrotando Átila com a ajuda de Deus, parece não haver sido aproveitado por outros autores tardoantigos;
- (d) Sidônio Apolinário e Gregório de *Turonum* (atual Tours, na França) compartilham elementos a respeito do cerco de Átila a *Aureliana* (atual Orleans, na França), parte de uma memória galo-romana sobre o acontecimento;
- (e) as menções a Átila na crônica escrita pelo conde Marcelino parecem derivar de uma “crônica de *Constantinopolis*”, hoje perdida, e seriam independentes de quaisquer das supramencionadas tradições;
- (f) a “*Chronica Gallica anno 452*” e a “*Chronica Gallica anno 511*”, mencionam Átila em passagens muitíssimo breves, independentes tanto entre si como de quaisquer outras tradições.

Foquemo-nos, por hora, no que disseram João Malalas e Evágrio Escolástico. O antioquino Malalas, escrevendo entre fins da década de 560 e o início da seguinte, estabeleceu, em sua “*Χρονογραφία*” (*Chronographia*) um paralelo entre Alarico, o rei visigodo responsável pelo saque de *Roma* em 410, e Átila. Ato contínuo, o autor menciona Prisco em referência ao confronto entre os romanos liderados por Aécio e o rei dos hunos:

¹³³ Victor de Tunnuna (*Chronicon*, 449; apud MOMMSEN, 1894) acrescentou algo que não estava em Próspero de Aquitania: Átila haveria destruído a “a má república romana”. É possível que essa ideia haja sido aproveitada por Isidoro de Hispalis, talvez o primeiro a dizer que Átila seria um “flagelo de Deus”.

“Sobre essa guerra escreveu o habilidoso Prisco, o Trácio”.¹³⁴ Por outro lado, o relato de Evágrio Escolástico, escrito na década de 590, foi o seguinte:

Naquele tempo teve início a guerra, celebrada através de muitos discursos, contra Átila, o rei dos hunos, sobre a qual o retor Prisco escreveu tanto com detalhe (διηγούμενος) quanto com refinamento (κομψείας); expondo, de maneira singular, como aquele lançou-se contra as partes oriental e ocidental do império, além de quantas e de que tipo foram as cidades que dominou e quais foram as suas façanhas até que partisse para o além.

(Evágrio Escolástico, História Eclesiástica, 1.17)¹³⁵

Ambos, assim, afirmam haver se baseado em Prisco. Malalas, embora se foque na atuação ocidental de Átila, coloca Aécio na liderança das forças que o enfrentaram, nem sequer mencionando Teodorico. Evágrio, por outro lado, destaca a atuação de Átila tanto no ocidente quanto no oriente. Isso sugere que sugere que, como Delogu defendeu (acima), Jordanes (ou quiçá Cassiodoro) selecionou na obra de Prisco as passagens acerca da atuação ocidental de Átila, assim como deve haver procurado enfatizar a atuação de Teodorico na oposição ao huno de uma maneira que provavelmente não estava presente no original.

Quanto ao parco sucesso de Átila contra o exército móvel romano, é preciso que consideremos o seguinte: mesmo que as incursões dos hunos pudessem ser rechaçadas pelos romanos, elas podiam ter consequências indiretas de longo prazo. Uma delas foi notada por Peter Heather: no início da década de 440, quando os exércitos do Ocidente e do Oriente se preparavam na *Sicilia* para atacar as regiões então sob controle dos vândalos na

¹³⁴ Ἰωάννης Μαλάλας, Χρονογραφία, ιε.τνθ (apud MIGNE, 1863, col. 534): “Περὶ οὗ πολέμου συνεγραφότο ὁ σοφώτατος Πρίσκος ὁ Τράξις”. Iohannes Malalas, Chronographia, 15.359: “*De hoc bello scripsit sapientissimus Priscus Thrax*”.

¹³⁵ Εὐάγριος ὁ Σχολαστικός, Ἐκκλησιαστικὴ Ἱστορία, ιζ (apud MIGNE, 1865): “Ἐν τούτοις τοῖς χρόνοις ὁ πολὺς τῷ λόγῳ πόλεμος ἐκεκίνητο, Ἀττίλα τοῦ τῶν Σκυθῶν Βασιλέως. οὗ περιέργως καὶ ἐς τὰ μάλιστα λογίως Πρίσκος ὁ Ῥήτωρ γράφει μετὰ πολλῆς τῆς κομψείας διηγούμενος, ὅπως τε κατὰ τῶν ἐφῶν καὶ ἐσπερίων ἐπεστράτενε μερῶν, οἷας τε καὶ ὅσας πόλεις ἐλὼν κατήγαγε, καὶ ὅσα πεπραχῶς τῶν ἐντευθεν μετέστη”. Evagrius Scholasticus, 1.17: “*Isdem temporibus, bellum illud multorum sermone celebratum, ab Attila Hunnorum rege excitatum est. Quod quidem Priscus rhetor accurate simul ac diserte conscripsit, singulari elegantia nobis exponens, quomodo ille adversus orientalis et occidentalis imperii partes expeditionem susceperit*”.

diocese da *Africa*, Átila e o seu irmão Bleda lançaram a sua primeira grande invasão das terras às margens do *Hister/Danubius* (Danúbio). Por conta disso, os romanos haveriam sido obrigados a fazer um acordo com os vândalos, efetivamente aceitando o estabelecimento do seu reino, enquanto o exército de Átila e Bleda pôde realizar as suas incursões de pilhagem sem enfrentar maiores oposições até que o exército móvel do Oriente retornasse à fronteira do *Hister*. Como resultado, o Império do Ocidente perdeu as suas terras mais ricas, o que acabaria por resultar em uma grave crise financeira.¹³⁶

Retomemos, contudo, a narrativa da *Getica*. O texto prossegue com uma descrição do rei dos hunos, desde os trejeitos às características físicas, passando também por alguns elementos morais ou psicológicos (35.182). É razoável nos questionarmos, nesse ponto, qual a fonte de algumas dessas informações, dado que os antigos eram pouco afeitos a registrar características físicas. Átila é retratado como alguém altivo porém agitado: “tinha, pois, um andar soberbo e seus olhos se moviam de um lado a outro, como que também para que potência que trazia se manifestasse através de seu movimento corporal”; além de comedido, sábio e generoso para com os seus: “restringia a própria mão”, “excelente conselheiro”, “tolerante com o suplicante e favorável [...] aos que uma vez aceitara em confiança”. Fisicamente, “era baixo, de peito largo, cabeça grande, olhos pequenos; a barba [era] rala e salpicada de branco; tinha o nariz achatado e a cor escura — sinais que demonstravam sua origem”. É possível que, com a última declaração, Jordanes esteja a nos sinalizar que tal descrição física não passa de um estereótipo.

Em seguida, no passo 35.183, Jordanes dá voz novamente a Prisco, que narra uma historieta na qual um pastor encontra a espada do deus Marte e a entrega a Átila. Tal episódio, segundo Jordanes, haveria aumentado a autoconfiança do rei dos hunos. Coloca-

¹³⁶ HEATHER (1995, p. 28): “As the joint expedition gathered in Sicily, Attila and Bleda launched the first of their major invasions across the Danube. The first direct result of this crucial change in the stance of the Huns was to secure North Africa for the Vandals. Many of the eastern troops in Sicily had been drafted from this frontier, and had to return. In consequence, Aetius was forced to accept the Vandals' latest conquests in 442, recognizing their control over Proconsular Africa, Byzacena, and western Numidia. He received back the poorer and now devastated provinces ceded to the Vandals in 435 (Map 4).⁵ The richest lands of the western Empire were thus lost to it, and the legislation of Aetius' regime from the 440S shows unmistakable signs of financial crisis”.

se aí, mais uma vez, a questão da visão retrospectiva: Jordanes tenta explicar como Átila encontrara coragem para enfrentar “as primeiras entre as tribos do mundo”.

Podemos considerar os capítulos 34 e 35 da *Getica* como preâmbulos do que virá em seguida. Jordanes apresentou-nos, neles, os três principais comandantes da batalha dos campos cataláunicos: Teodorico, Aécio e Átila.

2.2 – A ameaça de Átila

O capítulo 36 se inicia com uma intriga palaciana. A aliança entre visigodos e vândalos haveria sido quebrada pela truculência e suspeição do filho do rei destes, que desfigurara sua esposa, filha do rei daqueles. Temendo a vingança, o rei dos vândalos haveria recorrido a Átila, cuja mente “estava decidida pela devastação do mundo”. Tal afirmação, num certo sentido, ecoa o que se lê no final do passo 35.180, quando Jordanes deixa claro que foi a ambição do rei dos hunos que fez com que partisse da busca da “distinção entre os seus para a distinção entre todos”. É difícil, sem poder contar com informações adicionais, datar com precisão eventos como o que haveria posto visigodos e vândalos em lados opostos, mas é provável que se trate de algo ocorrido entre fins de 449 e início de 450. Seria o desentendimento entre visigodos e vândalos uma daquelas “autênticas memórias godas” — cuja existência foi alegada por Arnaldo Momigliano e Peter Heather¹³⁷ — que Cassiodoro haveria podido recolher na corte ostrogoda e que Jordanes haveria herdado? Como nem João Malalas e nem Evágrio Escolástico, que também se basearam em Prisco, mencionam esse conflito, é possível que sim.

No passo 36.185, vemos que Átila haveria cedido aos apelos de Gaiserico, rei dos vândalos, e enviado uma embaixada ao imperador do Ocidente, Valentiniano III. Além de ambicioso, o rei dos hunos é retratado como ardiloso: “não podendo amedrontar [o inimigo] com a perspectiva de um combate, [ao menos] pudesse dividi-lo através dos ódios internos”. A embaixada haveria tido por objetivo convencer os romanos de que não

¹³⁷ Vide o item “Recepção e debates”, na “Introdução”.

auxiliassem os visigodos caso Átila os atacasse. De fato, Jordanes parece mesmo se focar no teatro ocidental, como sugeriu Delogu (acima). A crônica do conde Marcelino registra, por exemplo, uma outra embaixada, dessa mesma época, enviada não ao imperador do Ocidente, mas ao do Oriente: “enquanto os emissários de Átila demandavam os pagamentos outrora negociados”.¹³⁸

O estratagema mencionado por Jordanes, narrador onisciente, fica mais claro no passo seguinte, 36.186. Nele, lê-se a respeito de uma mensagem do rei dos hunos a Teodorico, rei dos visigodos, exortando-o para que pusesse fim na aliança com os romanos. O rei dos hunos haveria buscado, portanto, a dissolução da aliança entre visigodos e romanos por ambos os lados. Jordanes reforça, então, o que havia dito anteriormente: “Sob a excessiva ferocidade, existia um homem astuto, que, antes de fazer guerra, lutava através de artifícios” — note-se a amplificação.

Cabe, a esta altura, um parêntese. Frank M. Clover, ao analisar os fragmentos da obra de Prisco, especialmente o de número 15, concluiu que Jordanes (ou talvez Cassiodoro) haveria interpretado de forma equivocada o que, na verdade, seria uma ofensiva diplomática de Átila, na qual o rei dos hunos haveria testado, sem grande sucesso, as alianças entre os diferentes grupos que habitavam o ocidente (romanos, visigodos, vândalos, francos...). As mensagens de Átila para o rei dos vândalos Gaiserico haveriam servido, sobretudo, para que o rei dos hunos deixasse claro que, ao atacar os visigodos, estaria se opondo aos arqui-inimigos dos vândalos.¹³⁹ Isso seria uma estratégia para assegurar que os vândalos, embora aparentemente em bons termos com os romanos, não se juntassem às forças que estavam sendo reunidas contra Átila. Os vândalos, afinal, não acabaram não tomando parte no conflito! Que Jordanes ou Cassiodoro interpretassem os contatos entre Átila e Gaiserico como parte de um convite deste para que aquele iniciasse

¹³⁸ *Marcellinus Comes, Chronicum, Zenonis et Postumiani*: “*legatis Attilae a Theodosio depectas olim pecunias flagitantibus*”. *Count Marcellinus, Chronicle, Consulship of Zeno and Postumianus*: “*while an embassy of Attila was demanding from Theodosius the subsidies which had been agreed on*”.

¹³⁹ CLOVER (1973, p. 115): “*Attila is merely warding off the remote possibility of Vandal intervention against the Huns by making it known that in attacking the Visigoths he is actually doing a favor to their hereditary enemies, the Vandals*”.

uma expedição contra os visigodos seria uma incompreensão ou mesmo uma distorção do que escrevera Prisco, ainda que uma autêntica memória galo-gótica acerca da inimizade entre visigodos e vândalos talvez também haja desempenhado um papel na interpretação que efetivamente aparece na *Getica*.¹⁴⁰ Seria essa uma daquelas autênticas memórias góticas, que Cassiodoro poderia haver encontrado na corte de Teodorico, o Grande? Talvez. A hipótese levantada por Arnaldo Momigliano e Peter Heather e discutidas na nossa “Introdução” certamente diz respeito mais a eventos de um passado mais distante, situados no século IV, mas, ao inquirir os ostrogodos sobre o passado, Cassiodoro bem poderia, em tese, haver se deparado com histórias envolvendo Átila e os hunos, nas quais os pais ou avós de pessoas vivas na década de 520 haveriam até mesmo tomado parte.

Curiosamente, Otávio Luiz Vieira Pinto sugeriu o contrário: Jordanes poderia haver escutado histórias sobre o confronto de Átila contra os romanos e os visigodos enquanto vivera na *Moesia*, entre alanos, godos e hunos.¹⁴¹

Estamos diante, cremos, de uma questão irrespondível. Se existe mesmo um descompasso entre a história escrita por Prisco e a *Getica*, no que diz respeito aos contatos entre Átila e Gaiseric, isso bem poderia ser fruto da interferência de uma memória independente. Se ela proveio da corte do rei ostrogodo Teodorico, o Grande, através de Cassiodoro ou da *Moesia*, onde Jordanes conviveu com ostrogodos, é impossível saber.

Retomenos a narrativa de Jordanes. O autor da *Getica*, em seguida, dá voz a Valentiniano III através de uma epístola a Teodorico. O imperador do Ocidente, nela, reafirma o status especial dos visigodos — coisa que o próprio Jordanes já havia feito nos passos 34.177 e 35.181 — referindo-se a estes como “a mais valente das tribos”. Átila é

¹⁴⁰ CLOVER (1973, pp. 116-117): “It would appear, then, that Geiseric decided to stay out of the fight between Romans and Huns. Jordanes (Cassiodorus) contradicts this general picture, but he seems to have possessed little more evidence than what survives of Priscus. Using perhaps Galo-Gothic traditions of Vandal and Visigothic enmity after 442, he apparently misunderstood or distorted Priscus' account of Attila's diplomatic offensive”.

¹⁴¹ PINTO (2016, p. xvi): “He (Jordanes) had lived among Goths, Alans and Huns, most likely hearing tales of Attila, of long-gone barbarian kings, of the great conflict that pitched against each other two halves of his world – the Huns and their myriads of followers, and the Romano-Visigothic coalition with their auxiliaries at the so-called Catalaunian Plains”.

descrito como um “tirano do mundo, que deseja escravizar toda a humanidade, não necessita de motivos para envolver-se em combates e considera tudo o que faz legítimo” — note-se as amplificações. Além disso, a injustiça de suas ações faria dele um “inimigo da [própria] natureza” e “adversário comum a todos”. Em outras palavras, a fala de Valentiniano III serve não somente para reforçar o que o autor/narrador já havia dito acerca dos visigodos, mas também para esclarecer-nos os motivos pelos quais Átila deveria ser detido: a sua ambição não conhece limites; ele não respeita regra alguma; é soberbo. Não apenas, aliás, os atos do rei dos hunos são desprovidos de justiça, mas o próprio modo de lutar da tribo é questionado: “os hunos não operam através da guerra, na qual as chances são iguais, mas atormentam [seus inimigos] com emboscadas, o que é mais grave” — note-se outra amplificação (36.188). Parece-nos claro, a esse respeito, que a estratégia de defesa em profundidade, na qual os romanos se fiavam desde os tempos de Constantino (como discutido no primeiro capítulo), em muito favorecia a forma de lutar dos hunos. Os romanos precisavam ter a notícia da invasão, mobilizar o exército móvel e ir até o local onde ela ocorrera. Quando chegavam lá, os hunos frequentemente já deviam estar noutra local.

Voltando à narrativa, cabe ressaltar que os historiadores antigos geralmente não tinham acesso a cartas como essa e tampouco a transcrições dos discursos dos líderes políticos e militares. A carta de Valentiniano III a Teodorico é um mero dispositivo literário, criado a partir do que R. G. Collingwood costumava chamar de “imaginação histórica”.¹⁴² Em outras palavras, Jordanes perguntou-se algo como: “Naquelas circunstâncias, o que Valentiniano III haveria escrito a Teodorico para que o rei dos visigodos aceitasse unir-se aos romanos?” Tal pergunta pode ser respondida de diversas maneiras, conforme não somente o que se acredita que sejam “as circunstâncias”, mas também quem sejam Valentiniano III e Teodorico, os romanos e os visigodos.

Antes de prosseguirmos, consideremos um último período da epístola em questão: “Auxiliai também o Império, já que tens parte nele”. Ao atribuir ao imperador do Ocidente

¹⁴² Vide: COLLINGWOOD (1952, pp. 267-285).

a declaração de que os visigodos têm parte no Império, Jordanes parece estar defendendo a legitimidade do controle dos visigodos sobre territórios no sudoeste das *Galliae*. Os visigodos vinham ampliando seus domínios na região desde serem oficialmente instalados na região em 418, fato que desagradava ao governo imperial. A rigor, o simples fato de Valentiniano III haver convidado Teodorico a unir-se a ele contra Átila já serviria como prova de que o Império reconhecia a legitimidade do reino dos visigodos. Ainda assim, é parte da agenda de Jordanes legitimar os godos perante os romanos e essa é uma boa oportunidade para fazê-lo.

Curiosamente, Jordanes parece discordar do que consta em um fragmento da história escrita por Prisco, referente ao ano 460. Nele, é relatado um acordo entre o imperador do Ocidente, Majoriano, os “godos que estavam na *Gallia*”, ou seja, os visigodos. Através dele, o imperador haveria reconhecido-os como σύμμαχοι (aliados)¹⁴³. A narrativa da *Getica*, porém, a essa altura situa-se uns dez anos antes disso. É possível que se trate de um mero anacronismo cometido por Jordanes, mas também pode ser um indício de que foi Cassiodoro e não ele próprio quem consultou a obra de Prisco.

A história continua com a resposta de Teodorico. O rei dos visigodos haveria usado a soberba de Átila para justificar a aceitação do pedido de Valentiniano III e se prontificado a persegui-lo “onde quer que ele faça barulho”. Isso é até mais do que o imperador do Ocidente haveria pedido! Nesse ponto, Jordanes procura nos fazer crer que o heroísmo não seria uma qualidade restrita, entre os visigodos, ao rei. Após Teodorico proferir a sua resposta, “os companheiros [do rei] aplaudem a resposta do [seu] líder e o povo os segue alegremente” (36.189). Entre os visigodos, “todos estavam prontos para a luta, ansiando pelos inimigos hunos. E assim uma multidão incontável é produzida pelo rei dos visigodos” (36.190). Note-se as amplificações.

¹⁴³ Πρίσκοϲ, Πανίτηϲ, *Fragmentum* 27, “Ὅτι ὁ Μαῖοριανὸϲ ὁ τῶν ἐσπερίων Ῥωμαίων Βασιλεὺϲ, ὡϲ ἀπὸ αὐτοῦ οἱ ἐν Γαλατία Γότθοι σύμμαχοι κατέστησαν”; “*Majoriam Romanorum Occidentalium imperatori, Gothi, qui in Gallia erant, socii confederatii facti sunt*”. In: MÜLLERUS (1868, p. 103).

O texto segue com a preparação de visigodos e romanos para o combate contra as forças de Átila. Jordanes, após mencionar que os filhos mais velhos do rei Teodorico, Torismundo e Teodorico II, tomarão parte no combate, faz questão de destacar a união dos visigodos: “Feliz preparação, defesa segura e doce camaradagem é ter o conforto daqueles que se deleitam compartilhando as mesmas preocupações.” (36.190). Do lado romano, a preparação haveria ficado por conta do precavido Aécio, “de quem então dependia a parte ocidental do Império” (36.191). Nessa passagem, o autor recorre não ao aspecto de força da amplificação (que consistiria em algo como “somente de Aécio dependia o Império”), mas ao foco. Ele, em seguida, provê uma lista dos auxiliares dos romanos “francos, sármatas, armoricanos, liticianos, burgúndios, saxões, ripários e os olibriões [...], além de algumas outras nações celtas e germânicas”. É como se Jordanes dissesse que, embora visigodos e romanos encabeçem a aliança contra as forças de Átila, os visigodos são fortes por si sós, enquanto os romanos o são com o auxílio de muitos povos.

O passo 36.193, logo em seguida, é especialmente interessante, pois nele Jordanes interrompe o fluxo narrativo em prol de uma digressão na qual declara que a “mente insana” de um “rei soberbo” foi a causa da “carnificina de [muitos] povos” e da destruição “[d]aquilo que a natureza levou séculos para gerar”. Temos aí outro exemplo de *prolepsis* (o anterior foi no passo 35.181), porquanto, no que diz respeito ao tempo narrativo, a guerra de hunos contra romanos e visigodos ainda não ocorreu. Ainda assim, Jordanes já culpa Átila pelos resultados do conflito. Talvez o faça com a intenção de reforçar para os leitores quem são os heróis e quem são os vilões nessa guerra; ou quiçá simplesmente esteja preparando-os para o que está por vir. Cabe reiterar, a essa altura, que a análise que Paolo Delogu fez dos fragmentos da história escrita por Prisco revelou que este se absteve do tipo de juízo moral que Jordanes manifestou no passo 36.193.

O capítulo 37 tem início com uma retrocessão no tempo narrativo, feita com o fito de explicar como os alanos acabaram enfrentando Átila ao lado de visigodos e romanos. À época, sob o comando de Sangibano, os alanos ocupavam a cidade de *Aureliana* (atual Orleans, na França). Teodorico e Aécio haveriam se valido de um cerco ao local para coagi-

los a tomar parte na aliança contra Átila antes que este pudesse incorporá-los às próprias forças. Embora isso não fique claro nesse ponto, Sangibano não é rei de todos os alanos, apenas de um entre dois grupos. O outro, àquela altura dos acontecimentos, havia se misturado aos vândalos que ocupavam partes dos antigos domínios romanos na *Africa*.

O episódio do cerco de a *Aureliana* é mencionado de forma independente da tradição de Prisco/Cassiodoro/Jordanes por Sidônio Apolinário e Gregório de *Turonum*. Sidônio menciona o cerco em sua epístola 8.15, enviada possivelmente nos últimos anos da década de 470 a Próspero, bispo da cidade. Ele diz que a *Aureliana* foi sitiada e invadida, mas que escapou de ser destruída pelo cumprimento de uma profecia.¹⁴⁴ Gregório, já na década de 590, fornece mais detalhes. Na sua narrativa, os cidadãos se desesperaram quando a cidade estava cercada pelo exército de Átila, de modo que o bispo Anniano exortou-os para que se prostassem e orassem, implorando a Deus por auxílio. Isso feito, o bispo disse-lhes: “Observai da muralha da cidade se a misericórdia de Deus já [nos] socorre”. Ainda assim, não havia sinal da chegada de ajuda. O bispo então disse-lhes: “Orai com fé e então o Senhor vos libertará hoje”.¹⁴⁵ Isso feito, uma nuvem de poeira formou-se no horizonte, enquanto o chão começou a tremer. Eram Aécio, Teodorico e seu filho Torismundo chegando à cidade com os seus exércitos e pondo as forças de Átila em fuga.

Retomemos, todavia, a narrativa escrita por Jordanes. O autor apresenta-nos, em seguida, três novas facetas da personalidade de Átila: a insegurança, a compulsão pela desforra e a covardia. O rei dos hunos haveria ficado tão aborrecido com o acréscimo desses alanos às forças de Teodorico e Aécio a ponto de perder a confiança nas próprias tropas e passar a temer o conflito (37.195). A insegurança de Átila o haveria levado a consultar adivinhos, cuja predição era a derrota dos hunos e a morte do “condutor supremo do inimigo” — note-se a amplificação. A insegurança de Átila, nessa passagem, é um óbvio dispositivo literário. Jordanes não poderia realmente saber, afinal, do estado emocional de

¹⁴⁴ *Sidonius Apollinaris, Epistulae*, 8.15 (MIGNE, 1847, col. 613-614).

¹⁴⁵ *Gregorius Turonensis, Historia Francorum*, 2.7: “*Aspicite de muro civitatis, si Dei miseratio iam succurrat*”; “*Orate fideliter; Dominus enim liberavit vos hodie*” (MIGNE, 1849, col. 198-199).

Átila. Poderia imaginá-lo, é claro. Mencioná-lo, todavia, aumenta a tensão do leitor acerca do que está por vir e serve a um propósito que será desvelado mais à frente.

Mesmo inseguro, o rei dos hunos haveria, então, optado pelo combate, desejoso de vingar-se de Áécio por este ter-lhe roubado o reforço dos guerreiros alanos. Átila haveria decidido iniciar o combate na nona hora do dia — ou seja, no meio da tarde — por conta da preocupação com a predição, pois a noite lhe favoreceria a fuga caso fosse derrotado.

2.3 – A batalha dos campos cataláunicos

Jordanes apresenta, então, a primeira parte da batalha dos campos cataláunicos — chamados assim por estarem próximos à cidade de *Catalaunum* (atual Châlons-en-Champagne, na França). Na descrição das linhas de batalha, um fato chama a atenção: enquanto os visigodos haveriam ocupado a ala direita e os romanos a esquerda no exército liderado por Teodorico e Aécio, os hunos haveriam ocupado a posição central no exército de Átila. O autor justifica a linha de batalha do exército de Teodorico e Aécio como uma tentativa de impedir a deserção dos alanos, instalados na posição central. No caso do exército liderado por Átila, a posição central dos hunos seria fruto de seu desejo de se proteger em meio a seus homens. Embora o primeiro argumento seja razoável, o segundo é completamente descabido. Isso fica claro quando, por exemplo, examinamos as campanhas de Alexandre o Grande. A falange macedônica, justamente por consistir no grupo mais forte, normalmente era posicionada ao centro — assim como os hunos no exército de Átila. Além disso, o líder militar posicionar-se junto aos guerreiros do centro — como costumava fazer o próprio Alexandre — era normalmente exaltado como um ato de coragem. Por último, os hunos não parecem ter tido propriamente uma “família real”, mas um chefe guerreiro. Isso implica que o status de Átila entre os hunos era assegurado por sua capacidade de demonstrar, continuamente, que merecia ser seguido. Por conseguinte, não faria sentido que ele, por assim dizer, “se escondesse” em meio à sua tropa. É perfeitamente razoável, portanto, que Átila e os hunos tenham ocupado a posição central. Nesse sentido,

Jordanes provavelmente está repassando uma informação correta que recebeu acerca da batalha. Parece ser na explicação sobre o acontecido que temos uma intervenção da opinião do autor da *Getica*. Talvez considerar que a decisão de Átila de se posicionar em meio aos de sua tribo, mesmo que no centro, fosse fruto de sua covardia apenas condizesse com o que Jordanes acreditava acerca do caráter do rei dos hunos; ou talvez tal argumento proviesse não propriamente da crença de Jordanes, mas fosse somente uma tentativa de reforçar para os leitores da *Getica* que Átila era um covarde; talvez fosse algum tipo de combinação dessas duas possibilidades.

O texto segue com a exaltação dos ostrogodos, parte do exército de Átila (38.199). De acordo com Jordanes, seus líderes, os irmãos Valamiro, Teodomiro e Vidimiro, seriam “ainda mais nobres do que o próprio rei a quem então serviam” por pertencerem ao clã dos amalos. Valamiro, em particular, haveria feito parte do conselho de Átila, assim como o “famosíssimo rei dos gépidas”, Ardarico, homem de “excessiva lealdade” e “sagacidade” — note-se as amplificações, grifadas. Esses homens estariam acima dos outros “reizinhos” do exército de Átila.

Cabe, nesse ponto, um comentário tradutório. Lê-se, ao final do passo 38.199, a seguinte oração: “*nam perpendes Attila sagacitate sua, eum et Valemerem, Ostrogotharum regem, super ceteros regulos diligetab.*” O trecho foi assim vertido por nós para o Português: “Átila, avaliando a sua sagacidade, prezava-o, assim como Valamiro, mais do que os outros reizinhos”. Note-se que o diminutivo, na passagem em discussão, funciona como um redutor da força do item lexical “rei”; dado que um “reizinho”, nesse caso, não é um “rei pequeno”, mas é “menos rei”.

O texto latino dá a entender, parece-nos, que Valamiro e Ardarico estariam incluídos entre os tais “*reguli*”, “reizinhos”. Isso não seria problemático, não fosse por Jordanes não apenas tê-los exaltado imediatamente antes, como continuar a fazê-lo na sequência do texto; de modo que parece-nos pouco provável que desejasse incluí-los no grupo. No passo subsequente, o autor/narrador elogia novamente Valamiro (“um bom guardador de

segredos, suave na fala, habilidoso nas trapaças”) e Ardarico (“conhecido pela lealdade e sabedoria”); dando a entender, em seguida, que haveria sido por conta de suas qualidades que Átila confiara que ambos lutariam contra os seus parentes visigodos (38.200); e, por fim, declara que “o restante da turba de reis e líderes de diversas nações, se é que é justo chamá-los assim, prestava atenção aos gestos de Átila como se fossem a sua própria escolta”.

Creemos existir, no original, um problema de composição. Por conta da nossa decisão de procurar manter o aspecto avaliativo do original, todavia, decidimos não “corrigi-lo” — razão pela qual nossa versão preserva a aparente ambiguidade dos status de Valamiro e Ardarico. Independente da natureza desses status, Jordanes faz questão de afirmar: “Apenas Átila era o rei de todos os reis, acima de todos, e preocupado com todos.” (38.201) — note-se as amplificações.

O capítulo 38 se encerra com a tomada, por parte de Torismundo e Aécio, de uma posição vantajosa no alto de um monte. Vale assinalar a ordem em que os dois nomes são mencionados. O nome do comandante romano, aliás, já havia sido mencionado após o do pai de Torismundo, Teodorico, mas nunca antes: “Teodorico e Aécio construíram uma grande barreira de terra” (37.195), “Teodorico ocupava com os visigodos a ala direita e Aécio ocupava a esquerda com os romanos” (38.197). É possível que tal ordem seja uma escolha deliberada do autor, feita com o fito de insinuar uma hierarquia.

O capítulo 39, por sua vez, consiste em um discurso motivacional de Átila, proferido, segundo Jordanes, por conta da posição de desvantagem de seu exército. Nada no discurso parece verdadeiro, a começar pela sua extensão: duzentas e trinta e oito palavras no texto latino. É concebível que o rei dos hunos houvesse proferido algumas palavras de ordem ou ditado alguns comandos, se não às tropas em si, aos “reizinhos” encarregados de partes dela. Mais do que isso não nos parece que fosse possível, ao menos no calor da batalha. Como no caso das epístolas do capítulo 36, o discurso de Átila talvez não seja muito mais do que um dispositivo literário. Além disso, o que é dito, em si, parece ir pouco

além do lugar-comum: o rei dos hunos minimiza a tomada do monte pelo inimigo, associando isso à falta de coragem para o enfrentamento; depois exalta as virtudes guerreiras dos próprios homens e promete execução a quem desertar.

De tudo o que haveria sido dito por Átila, cabe destacar a seguinte passagem: “Prestai atenção naquelas tribos dissonantes ajuntadas: o fato de estarem aliadas é um indício de pavor”. O exército de Átila também é composto por diversas tribos, o que provavelmente significa que ele estaria dirigindo-se não a todos, mas apenas aos hunos. Além disso, o trecho em questão ressalta as diferenças entre romanos (com seus auxiliares de diversas origens), visigodos e alanos. “Dissonantes”, aí, pode tanto ser uma referência às diferentes línguas faladas pelos referidos povos, como também pode significar que eles não combinam entre si. Nossa tradução mantém a ambiguidade do original — no qual lê-se “*adunatas dispicite dissonas gentes*” — por conta da nossa decisão de procurar manter o seu aspecto avaliativo.

Jordanes abre o capítulo 40 destacando o caráter especial do conflito: “[trata-se de] uma guerra atroz, complexa, desumana e contínua — diferente de todas as batalhas que os tempos antigos relatam” (40.207). O autor da *Getica*, depois disso, conta-nos sobre um riachuelo que corria pela parte baixa dos campos cataláunicos e que haveria transbordado com o sangue dos mortos e feridos (40.208).

No passo subsequente, o autor/narrador nos oferece duas versões sobre a morte de Teodorico: ou ele haveria caído do cavalo e então sido pisoteado pelos próprios homens ou sido atingido por um dardo arremessado pelo ostrogodo Andag (40.209). Mais importante do que a *causa mortis* do rei dos visigodos, porém, é o que Jordanes nos conta em seguida: a predição dos adivinhos de Átila havia se concretizado; ainda que o rei dos hunos houvesse pensado que ela se referia a Aécio. O “condutor supremo do inimigo”, como se pode ler no passo 37.196, era na verdade Teodorico. Devemos entender com isso que, na campanha em questão, a posição de Aécio — e, por extensão, a dos romanos — era subalterna. Haveriam sido os visigodos, ademais, que quase “trucidaram” Átila (40.210). O

rei dos hunos haveria escapado com dificuldade e fugido para o seu acampamento cercado de carroças.

Cabe ressaltar, a essa altura, que a “*Chronica Gallica anno 511*” também registra, de modo independente, tanto o falecimento de Teodorico quanto a grande quantidade de cadáveres resultante do combate — um ponto que Jordanes tratará na sequência. O local da batalha, todavia, não coincide com o relatado por Jordanes:

O patricio Aécio, ao lado de Teodorico, rei dos [visi]godos, luta contra Átila, rei dos hunos, num lugar [chamado] *Mauriacus* [da região de Augustobona] *Tricassium*, onde Teodorico teve morte incerta, assim como Laudarico, cunhado de Átila. Os cadáveres foram realmente incontáveis. [...]

(*Chronica Gallica* 511, 615.1)¹⁴⁶

Augustobona Tricassium corresponde à moderna Troyes (na França) e situa-se cerca de oitenta quilômetros a sul-sudoeste de *Catalaunum* (atual Chalôns-en-Champagne). O local preciso do campo de batalha, por conta disso, não é conhecido.

Na continuação da narrativa, vemos a confusão trazida pela chegada da noite. Tanto Torismundo (40.211) quanto Aécio (40.212) haveriam se perdido e vagado em meio aos inimigos. O primeiro haveria ido até as carruagens dos inimigos e “enquanto brigava valentemente”, haveria sido ferido, derrubado do cavalo, mas finalmente salvo por seus homens. O segundo, nos conta Jordanes, haveria também vagado sem rumo em meio aos inimigos, “por causa da confusão da noite”. Aécio acabaria encontrando o acampamento dos visigodos, onde seria acolhido. O autor da *Getica* nos explica, nesse ponto, que o comandante romano havia saído em busca dos dos visigodos por estar preocupado que algo de ruim lhes houvesse acontecido. Em outras palavras, devemos acreditar que o apreço de Aécio pelos visigodos haveria sido grande a ponto de ele arriscar a própria vida saindo em sua procura numa vagueação cega no meio da noite.

¹⁴⁶ *Chronica Gallica* 511, 615.1 (apud MOMMSEN, 1892): “*Aetius patricius cum Theoderico rege Gothorum contra Attilam regem Hugnorum Tricassis pugnat loco Mauriacos, ubi Theodericus a quo occisus incertum est et Laudaricus cognatus Attilae: cadavera vero innumera*”.

Visigodos e romanos haveriam encontrado os campos cobertos de cadáveres ao raiar do dia, sendo que o exército de Átila estaria recolhido em seu acampamento (40.212). Este era defendido a flechadas, de modo que um ataque direto não era possível. Acuado, o rei dos hunos haveria mandado construir uma pira com as selas dos cavalos, “para que, caso os adversários invadissem [o acampamento], nenhum deles tivesse a alegria de feri-lo ou que o senhor de tantas tribos ficasse em poder do inimigo” — um ato não apenas corajoso mas de “suprema coragem” segundo Jordanes (40.213).

O capítulo 41 se inicia com o destaque à valentia do rei visigodo morto, Teodorico (41.214): “encontraram-no em meio a muitos cadáveres, como costuma acontecer com os homens valentes”. Em seguida, o autor da *Getica* afirma que a morte de Teodorico haveria sido não apenas gloriosa, mas também capaz de reduzir a soberba do inimigo. Trata-se de uma afirmação curiosa, porquanto o capítulo anterior traz a informação de que eram duas as versões para a morte do rei dos visigodos (40.209): haveria sido pisoteado pelos seus próprios homens depois de cair do cavalo ou atingido por um dardo arremessado pelo ostrogodo Andag. Nenhuma dessas duas versões, de todo modo, parece propícia a uma exaltação da figura do já muito idoso Teodorico. Jordanes resolve tal dificuldade ao postular que a soberba do inimigo haveria sido reduzida não pela morte do rei em si, mas pelo espanto do inimigo diante da demonstração de reverência dos visigodos ao falecido rei durante os ritos fúnebres que se seguiram: “uma morte através da qual — se podia pensar — a soberba do inimigo se reduziria quando tantos observassem o cadáver do rei ser carregado com suas insígnias” (41.214). Talvez seja razoável interpretarmos a passagem em questão como mais um exemplo da grande distância que por vezes existe entre o que Jordanes reporta — o rei morreu de um modo aparentemente banal; o seu cadáver foi encontrado em meio a outros; ritos fúnebres se seguiram — e como ele interpreta o que reporta — o rei foi valente por não ter fugido do inimigo; os inimigos se espantaram com os ritos fúnebres.

A narrativa prossegue com um elogio a Torismundo, filho de Teodorico e herdeiro do trono dos visigodos. Chamado de “valentíssimo” (“*fortissimus*”, no original), o novo rei,

ainda que estivesse motivado “pela dor da orfandade e também pelo ímpeto da virtude” a buscar vingança, haveria demonstrado prudência e moderação ao consultar Aécio, mais experiente do que si, sobre como proceder após a morte do pai (41.215). O romano, preocupado com o fortalecimento dos visigodos no caso da destruição completa dos hunos, teria convencido Torismundo, então, a desistir da vingança (41.216). O autor nos revela, dessarte, um aspecto pérfido da política externa romana: o emprego dos povos “bárbaros” uns contra os outros, numa espécie de jogo político-militar em que os romanos sempre podiam mudar de lado. A passagem em questão reforça para o leitor, ademais, o poderio dos visigodos, porquanto os romanos estão dispostos a preservar o seu maior inimigo, Átila, para não terem que correr o risco de enfrentá-los no futuro.

O capítulo 41 se encerra com um apanhado das baixas na batalha dos campos cataláunicos e com o retorno de Torismundo à capital dos visigodos, *Tolosa* (atual Toulouse). Quanto às baixas nessa “famosíssima guerra” (“*famosissimum bellum*”, no original), as estimativas apresentadas por Jordanes, ainda que levemos em conta que o combate possa haver se estendido noite adentro, parecem exageradas: “sessenta e cinco mil foram mortos de cada um dos lados, sem contar os quinze mil gépidas e francos, que antes do enfrentamento geral se encontraram à noite” (41.217). Números como esses seriam possíveis, embora pouco prováveis, apenas nos séculos anteriores. Diz-se que o imperador Trajano, por exemplo, em ocasião da segunda batalha de *Tapae*, ocorrida no ano de 101, haveria empregado cinquenta mil homens contra as forças de Decébalos, rei da *Dacia*, e mantido um contingente similar na retaguarda.¹⁴⁷ Mesmo no caso de batalhas ocorridas no século IV ainda haveria sido possível, ao menos em tese, que o número de baixas se aproximasse do relatado por Jordanes na passagem referida. Quando os imperadores Constantino I e Licínio, por exemplo, colocaram frente a frente os exércitos oriental e ocidental, em 324, cada lado haveria contado com mais de cem mil soldados.¹⁴⁸ Como explicamos no capítulo I, todavia, os romanos sofriam com dificuldades crônicas para

¹⁴⁷ Conforme BENNETT (1991, p. 91).

¹⁴⁸ Conforme POHLSANDER (2004, p. 44),

realização do recrutamento militar desde pelo menos o último quartel do século IV, de modo que os combates passaram, forçosamente, a envolver um menor número de participantes. Tomemos, a título de exemplo, a que talvez haja sido a maior batalha envolvendo forças romanas no primeiro quartel do século V, ocorrida em *Florentia* (atual Florença), no ano 405. Nela, os romanos provavelmente contaram com não mais do que vinte e oito mil soldados contra as forças lideradas pelo godo Radagásio.¹⁴⁹ Isso nos leva a crer que ou Jordanes estava sendo hiperbólico ao relatar as fatalidades ou recebeu informações exageradas. É concebível, também, que o número real de participantes haja chegado ao autor da *Getica* como o número de baixas.

2.4 – Átila em fuga, mas ainda perigoso

Jordanes dá início ao capítulo 42 relatando que a partida dos visigodos haveria dado a Átila a confiança necessária para mover suas tropas dos campos *Catalaunici*, provavelmente localizados a sudoeste de *Catalaunum* (atual Chalôns-en-Champagne, na França), número 1 no mapa abaixo, e atacar *Aquileia* (hoje uma comuna no nordeste da Itália), número 9. Trata-se de uma decisão surpreendente, por conta da derrota ante a coalizão liderada por romanos e visigodos.

Considerando-se as rotas disponíveis na *Tabula Peutingeriana*, um mapa romano contemporâneo, o exército de Átila provavelmente haveria passado pelas adjacências das localidades de *Noviomagus* (Nijon), *Andemantunno* (Langres) e *Vesontine* (Besançon). De lá, haveria partido em sentido leste até *Brigantio* (Bregenz). A marcha seguiria em sentido sul, até as adjacências de *Como*. O trecho final consistiria em uma marcha rumo ao leste, passando por *Bergomum* (Bérgamo) e *Verona*. Tal itinerário é razoável, ademais, porque permitiria que as forças de Átila se afastassem dos territórios em que os romanos exerciam um controle mais efetivo e adentrassem regiões mais fronteiriças, como a *Raetia*. Adicionalmente, se tomarmos por base a *Tabula Peutingeriana*, tal itinerário consiste no

¹⁴⁹ Estimativas nossas, discutidas em pormenor em nossa dissertação de mestrado: SARTIN (2011, pp. 76-81).

caminho mais curto entre *Catalaunum* e *Aquileia*. Trata-se, ainda assim, de um percurso considerável, de quase 1.400 quilômetros, que talvez haja sido percorrido pelos hunos sem que fossem confrontados.



Mapa 1: reconstituição do possível itinerário das forças de Átila após a batalha dos campos cataláunicos. A sequência teria sido:
 [1] *Catalaunum* (Châlons-en-Champagne) → [2] *Noviomagus* (Nijon) →
 [3] *Andemantunno* (Langres) → [4] *Vesontine* (Besançon) →
 [5] *Brigantio* (Bregenz) → [6] *Como* → [7] *Bergomum* (Bérgamo) →
 [8] *Verona* → [9] *Aquileia*.

Desde os tempos da república romana, o *iustum iter*, o dia de marcha normal de uma legião regularmente treinada, era de vinte milhas romanas ou cerca de trinta quilômetros. Segundo Flávio Vegécio, escritor do século V, uma legião que marchasse a passo acelerado poderia percorrer até vinte e quatro milhas romanas em um dia — ou cerca de trinta e seis quilômetros.¹⁵⁰ É notório, todavia, que os hunos fossem exímios cavaleiros. Eles, por outro

¹⁵⁰ *Flavius Renatus Vegetius, De Re Militari*, 1.9 (LANG, 1885). Para o *iustum iter*, vide BENARIO (1986).

lado, haveriam trazido consigo carroças (vide passo 40.210). Cremos que não seria absurdo, diante disso, presumirmos que a velocidade de deslocamento “típica” de um exército de hunos fosse comparável à marcha acelerada dos romanos, trinta e seis quilômetros por dia. Isso significa que o percurso de Átila e seu exército de *Catalaunum* até *Aquileia*, em viagem ininterrupta, levaria em torno de quarenta dias — tempo suficiente para que os romanos montassem um ataque.

Em certo sentido, essa aparentemente incólume viagem dos hunos poderia servir para nos dar a dimensão da fraqueza das forças romanas. Por outro lado, a ida o exército de Átila para o leste a partir de *Vesontine* talvez houvesse funcionado como um simulacro de fuga, de modo que os romanos talvez não houvessem visto motivo para acompanhá-los a partir de um determinado ponto. Lembremos do que afirmou Jordanes a respeito de Átila no passo 36.186: “Sob a excessiva ferocidade, existia um homem astuto, que, antes de fazer guerra, lutava através de artifícios.”

É difícil sabermos, ademais, o quanto dos territórios em questão os romanos efetivamente controlavam a essa altura. A região a norte de *Brigantio* — a porção norte-oriental da *Raetia* — provavelmente estava sob controle dos alamanos, aliados dos hunos. É possível, aliás, que a própria cidade de *Brigantio* estivesse sob o seu controle. Nesse caso, Átila poderia pousar tranquilamente na região, de modo a preparar sem pressa seu ataque à *Italia*. Por outro lado, áreas ao sul de *Vesontine*, como no entorno dos lagos *Lausonius* (Léman) e *Everdunensis* (de Neuchâtel), incluindo as cidades de *Genneva* (Genebra) e *Aventicum Heletiorum* (Avenches), provavelmente eram controladas pelos burgúndios — que lutaram contra os hunos na batalha dos campos cataláunicos (passo 36.191) e que eram, portanto, aliados dos romanos. Um mapa do Império Romano Ocidental pareceria, a essa altura, uma colcha de retalhos, por conta dos enclaves controlados por chefes guerreiros estrangeiros.

Embora as fontes (quase) contemporâneas que nos restaram não sejam específicas quanto a datas, é provável que a batalha dos campos cataláunicos haja ocorrido no verão de

451. Presume-se que Átila haja atacado *Aquileia* apenas no início do ano seguinte, por conta de uma menção na crônica de Hidácio de *Aquae Flaviae* (atual Chaves, em Portugal) de que os hunos saquearam a *Italia* “no segundo ano do reinado do imperador Marciano” (*secundo regni anno principis Marciani*)¹⁵¹. Parece-nos que a distância entre as duas datas reforça nossa conjectura de que Átila pousara tranquilamente em *Brigantio* junto aos alamanos enquanto preparava o ataque à *Italia*.

A narrativa prossegue com Átila, “um investigador muitíssimo sagaz”, interpretando a partida das aves como um presságio de que o cerco a *Aquileia* será bem sucedido — note-se a amplificação. Depois disso, os homens de Átila, motivados, “sem demora invadem a cidade, saqueiam-na, dividem-na [entre si] e devastam-na cruelmente. Deixam-na de tal modo que seus vestígios dificilmente indicariam que algo ali existiu.” (221). Logo a seguir, Jordanes assim escreve: “A partir de então, os hunos, já mais ousados e ainda não saciados com o sangue dos romanos, enlouquecem percorrendo as outras cidades do *Venetum*.” (42.222) — note-se a amplificação. O verbo que traduzimos por “enlouquecem” é “*bacchantur*” — flexão de “*bacchor*”. Este, por seu turno, pode tanto significar algo como “realizar um festival em homenagem a Baco”, como “agir de modo selvagem, como alguém ébrio em um ritual a Baco”. O autor o emprega no segundo sentido.

Jordanes reforça, nesse trecho, a imagem dos hunos como um povo violento, cruel e irracional — basicamente o oposto do que seriam os godos. Cala-se, porém, quanto à possível presença de ostrogodos no exército de Átila. Os ostrogodos lutaram sob o seu comando na batalha dos campos cataláunicos. Não haveria motivo para imaginarmos que nem ao menos uma parte deles continuou a acompanhá-lo. O próprio Jordanes, mais à frente na narrativa (48.253), admitirá que os ostrogodos só encontraram oportunidade para se libertarem do domínio dos hunos após a morte de Átila. Ainda assim, ele chama o exército de Átila, certamente multiétnico, de “hunos”.

¹⁵¹ *Hydatius Lemicensis, Continuatio Chronicum Hieronymianorum*, 154 (Mommsen, 1894, p. 26).

O capítulo 42 se encerra com uma breve menção ao famoso encontro entre Átila e o papa Leão, cujas palavras haveriam feito com que o rei dos hunos, então hesitante a respeito de realizar ou não um ataque a *Roma*, desistisse de tal empreitada. Havendo concordado com a paz, Átila partiria rumo a terras transdanubianas. Antes de fazê-lo, todavia, haveria exigido a mão de Honória, a enclausurada irmã do imperador Valentiniano III.

O capítulo 43 tem início com Átila de volta ao seu local de residência. Jordanes relata, então, as ameaças do rei dos hunos a Marciano, imperador romano do oriente. Átila estaria disposto a devastar províncias, sendo que “os seus exércitos se mostrariam mais desumanos do que de costume” (43.225) — note-se a amplificação. Teríamos aí um vilão consciente da própria vilania. Por outro lado, o autor nos conta, Átila haveria alegado que os romanos orientais não lhe pagaram o que Teodósio II prometera. O tal Marciano havia chegado ao trono ao desposar Pulquéria, mãe do imperador Teodósio II, que falecera em meados 450 em decorrência de um acidente hípico. Nessa altura da história, estaríamos quicá em meados de 452.

O “versado e calejado” Átila, em seguida, haveria ameaçado Marciano, tendo por objetivo atacar não o Império Romano do Oriente, mas os visigodos nas *Galliae*. O exército do rei dos hunos haveria partido, então, da *Dacia* e da *Pannonia* rumo a uma área “além do *Ligeris* (Loire)” (leia-se “ao norte”), para primeiro submeter o grupo de alanos que lutou ao lado de romanos e visigodos na batalha dos campos cataláunicos. Jordanes ressalta, ademais, que o percurso até as *Galliae*, dessa vez, foi diferente do anterior.

A imprecisão dessas informações dificulta, obviamente, um bom entendimento acerca do deslocamento das tropas. Primeiramente, *Dacia* e *Pannonia* são duas regiões de grande extensão. Além disso, o termo “*Dacia*” ou “*Dacia Traiana*”, originalmente remetia a terras ao norte do rio *Danubium*, correspondentes aproximadamente à Romênia atual. A região foi abandonada pelos romanos ainda no terceiro quartel do século III, de modo que teria sido perfeitamente possível que Átila tivesse ali o seu “local de residência” (*sedes*), a

sua capital. Os colonos da evacuada *Dacia Traiana* haviam sido instalados pelo imperador Aureliano no que então era a *Moesia Superior*, que passou a ser chamada “*Dacia Aureliana*”, com capital em *Serdica* (atual Sófia, na Bulgária). Não é provável, todavia, que Jordanes estivesse a referir-se à *Dacia Aureliana*, visto que essa região, muito mais ao sul, provavelmente ainda estava sob controle romano. Além disso, a *Dacia Traiana* fazia fronteira com a *Pannonia*. Esta corresponderia, grosso modo, à porção da Hungria atual situada a oeste do Danúbio.

Pareceu-nos, a princípio, que seria mais provável que o tal local de residência de Átila se situasse em terras transdanubianas, na *Dacia Traiana*. Por outro lado, não parece provável que homens estacionados na *Pannonia* rumassem primeiro para o leste, com o fito de reunirem-se ao restante do exército de Átila, digamos, em *Napoca* (atual Cluj, na Romênia), e então para o oés-noroeste, de modo a passar não por *Brigantio* (Bregenz), como no deslocamento anterior, mas por algum caminho situado ao norte dos *Alpes*. Além disso, na *Tabula Peutingeriana*, não há ligação direta entre a *Dacia Traiana* e a *Pannonia* a não ser pelo sul. Isso torna o cenário acima ainda menos provável. Parece-nos muito mais razoável, assim, a suposição de que Átila não estivesse instalado no que seria, *strictu sensu*, seu local de residência, sua “capital”, mas na *Pannonia*, talvez em alguma cidade romana fronteira capturada, e houvesse recebido reforços do leste, da *Dacia Traiana*.

Na sequência dos acontecimentos, Torismundo, rei dos visigodos, “com uma sutileza sem par” — note-se a amplificação — haveria se antecipado a Átila e chegado aos alanos antes dele, impondo-lhe derrotas sucessivas e pondo “em fuga o seu lado sem [qualquer] triunfo” (43.227). Depois disso, o heroico rei dos visigodos partiu para *Tolosa* “em quieta e ordenada paz” (43.228) — note-se a amplificação.

Jordanes, então, deixa de acompanhar Átila e volta o seu olhar para o reinado de Teodorico II, irmão e sucessor de Torismundo, ocorrido entre os anos 453 e 466 (passos 44.229 a 44.234) e então prossegue com os eventos ocorridos quando Eurico o sucedeu no trono dos visigodos, entre os anos 466 e 484 (passos 45.235 a 45.240). Fá-lo, todavia, sem

mencionar o fratricídio que conduziu Eurico ao trono. Tal assassinato, porém, não foi ignorado por autores como Hidácio de *Aquae Flaviae*, que o menciona em sua crônica (cuja última entrada refere-se ao ano de 468), e por Isidoro de *Hispalis* (atual Sevilha, na Espanha), que a ele se refere em sua *Historia de regibus Gothorum, Vandalorum et Suevorum* (escrita por volta de 624).¹⁵² Cabe que tenhamos em mente, a essa altura, que Átila, que também assassinou o irmão para ter o monopólio do poder político, não recebeu de Jordanes o mesmo benefício que Eurico (passo 35.181).

Ato contínuo, Jordanes aborda o destino do Império Romano do Ocidente entre a morte de Valentiniano III, em 455, e a deposição de Rômulo Augústulo por Odoacro, em 476 (passos 45.241 a 45.243). Após tratar brevemente do governo de Odoacro, ele relata a ascensão ao trono daquele que seria o último rei dos visigodos, Alarico II, no ano de 485 (47.244 a 47.245). O que autor da *Getica* o considere “o último” talvez se justifique porque o reino dos visigodos nas *Galliae* foi basicamente tomado pelos francos liderados por Clóvis em 507, na batalha de *Campus Vogladensis* (hoje Vouillé, na França), e só iria ressurgir de forma estável na *Hispania* décadas mais tarde, após a composição da *Getica*. Essa será uma das questões que trataremos no próximo capítulo deste trabalho.

Na sequência da *Getica*, o fluxo narrativo é interrompido e Jordanes recua para a segunda metade do século IV, com o fito de relatar o que haveria se passado com os ostrogodos desde sua separação dos visigodos.

O início do capítulo 48 trata de sucessões ao trono dos ostrogodos. Valamiro, mencionado explicitamente nos passos 38.199 e 38.200, ascende ao trono, provavelmente na segunda metade da década de 440, no passo 48.252.

Jordanes prossegue ressaltando a concórdia entre os irmãos ostrogodos Valamiro, Teodomiro e Vidimiro, o que pode ser contraposto claramente às “trapaças” às quais Átila haveria recorrido para tomar o poder do irmão, Bleda (passo 35.181). A morte de Bleda é registrada também pela “*Chronica Gallica anno 452*”, independente da tradição à qual a

¹⁵² *Hydatius Lemicensis, Continuatio Chronicum Hieronymianorum*, 156 (Mommsen, 1894, p. 27); *Isidorus Hispalensis, Historia de regibus Gothorum, Vandalorum et Suevorum*, 33 (Migne, 1862, col. 1066).

Getica pertence: “Bleda é morto através da trapaça do irmão, Átila, rei dos hunos, que lhe sucedeu”.¹⁵³ Lembremos, ademais, que a *Getica* não menciona que o rei visigodo Eurico somente ascendeu ao trono ao assassinar o irmão, Teodorico II, em 466.

Antes que o capítulo 48 se encerre com o prenúncio da morte de Átila, Jordanes faz uma defesa da honradez dos três irmãos ostrogodos: “governavam como se servissem ao reinado do próprio Átila, rei dos hunos, de modo que não lhes foi permitido recusar a disputa contra os seus parentes visigodos — se o [seu] senhor, por necessidade, lhes ordenasse que matassem um parente, isso seria cumprido” (49.253).

A narrativa prossegue com a descrição da morte de Átila, ocorrida após uma bebedeira na noite de núpcias. O imperador do Oriente Marciano, nessa mesma noite, haveria tido um sonho no qual o arco do rei dos hunos se partia. O autor da *Getica*, então, parece temporariamente abandonar o seu monoteísmo e comenta: “Átila costumara ser tão terrível para os grandes impérios que os seres superiores anunciaram in loco a sua morte aos governantes” (49.255) — note-se as amplificações.

Em seguida, é feita a descrição do funeral do rei dos hunos, que inclui o que é basicamente um discurso lamentoso disfarçado de canto fúnebre. Haveria alguma pessoa bilíngue no funeral de Átila tomando notas sobre o que era dito? Muito provavelmente não. Como é comum no caso dos discursos na historiografia antiga, esse também é conjectural e responde sobretudo à pergunta “O que haveria sido dito naquelas circunstâncias?” É possível que as palavras de louvor a Átila hajam provindo do relato de Prisco, que parece ser a base para muitas das passagens relativas ao rei dos hunos. Mesmo que esse seja o caso, todavia, o autor da *Getica* escolheu usá-las, de modo que podem ser analisadas quanto à avaliatividade: “[Eis] o proeminente rei dos hunos Átila, filho de Mundzuco, senhor da mais valente das tribos, que com poderes desconhecidos antes de si possuiu sozinho os reinos da *Scythia* e da *Germania* e que também aterrorizou ambos impérios dos romanos através da captura de cidades e, para que não saqueasse as restantes, aceitou aquietar-se ao

¹⁵³ *Chronica Gallica anno 452*, 131.XXXIII (apud MOMMSEN, 1892): “*Bleda Chunorum rex Attilae fratris fraude percutitur, cui ipse succedit*”.

preço de um tributo anual; e tendo realizado tudo isso, como resultado de seu sucesso, caiu não por um ferimento causado pelo inimigo, tampouco pela trapaça de seus [homens], mas feliz e sem dor em meio às alegrias de sua tribo incólume. Quem, então, pode considerar isso uma morte, quando ninguém considera que é necessário vingá-la?” (49.257) — note-se as muitas amplificações.

O capítulo se encerra com o sepultamento do cadáver do “rei poderosíssimo” (49.258), coberto por riquezas e em local secreto. Jordanes, até então, enfatizava não apenas o poderio de Átila mas também o seu viés perverso, contrapondo não apenas Átila aos reis godos mas também, por extensão, os hunos e os godos. Na morte de Átila, porém, a ênfase recai mormente sobre o seu poderio.

2.5 – Considerações finais ao segundo capítulo

Procuramos demonstrar, no presente capítulo, como a *Getica* apresenta Átila como um vilão arquetípico. Os eventos envolvendo Átila, sobretudo a batalha dos campos cataláunicos, foram cuidadosamente encadeados para demonstrar a periculosidade do vilão, de modo a contrapô-lo a um outro tipo de “bárbaro”, representado pelos godos em geral, ainda que os ostrogodos hajam lutado ao lado de Átila na supramencionada batalha.

A quem, todavia, devemos atribuir a construção literária de Átila como um vilão arquetípico? Teoricamente, Cassiodoro haveria tido menos razões para dar tamanha ênfase à figura de Átila, por conta dos reis dos hunos contar com o apoio dos ostrogodos. Por outro lado, haveria sido perfeitamente possível para Cassiodoro argumentar que os ostrogodos simplesmente não tinham condições de se contrapor a Átila, de modo que se viram obrigados a se submeter ao seu jugo. Algo nesse sentido é articulado no passo 49.253 da *Getica* (como mostrado acima). Jordanes, por outro lado, em 36.188, parece ignorar a informação contida num fragmento da obra de Prisco, de que os visigodos foram oficialmente reconhecidos como aliados pelo imperador do Ocidente apenas na década de 460, muito depois do enfrentamento com as forças de Átila. Isso significa que Jordanes

desconhecia a obra de Prisco, principal fonte documental sobre os hunos, e que, portanto, a construção literária de Átila como vilão arquetípico foi feita por Cassiodoro? Talvez, mas nada impediria que Jordanes deliberadamente cometesse um anacronismo conveniente para a sua narrativa.

Cabe notar, ademais, como Jordanes constrói retoricamente o status dos visigodos. Se, em 35.181, o autor chama os romanos e os visigodos (nessa ordem), de “as primeiras dentre as tribos do mundo”, também faz o imperador Valentiniano III chamar os godos de “a mais valente das tribos”¹⁵⁴, em 35.187. A isso acrescenta, em 43.226, que Átila “não obteve [contra os visigodos], porém, o mesmo sucesso que contra os romanos”. Ele procura, assim, colocar os visigodos (e, por extensão, os godos de modo geral), num patamar especial, no qual estão apenas os romanos. Não obstante, os visigodos vêm após os romanos, ainda que sejam mais capazes militarmente. Com isso, cremos, Jordanes transmite a mensagem central da *Getica*: embora os romanos estejam numa guerra contra os ostrogodos na *Italia*, o povo godo é nobre e valoroso, diferentemente de todos os outros povos bárbaros, de modo que pode ser útil aos romanos por sua valentia e capacidade militar.

A construção da oposição entre bons e maus bárbaros a partir da caracterização de Átila é, em si mesma, um feito retórico que exigiu bastante sofisticação. É ainda mais admirável que Jordanes (independentemente do tamanho da sua dívida para com Cassiodoro) haja sido capaz de respeitar, ao mesmo tempo em que construía tal oposição, as convenções historiográficas da sua época. Todo o trecho relacionado a Átila, afinal, concatena eventos relevantes e próximos no tempo de uma maneira não muito distinta do que, por exemplo, Procópio de *Caesarea* fez em sua “História das Guerras”.

¹⁵⁴ Curiosamente, no canto fúnebre de Átila, os hunos também haveriam chamado a si próprios de “a mais valente das tribos”, em 49.257.

CAPÍTULO III – JORDANES E O PASSADO RECENTE

Neste capítulo, buscamos analisar o que Jordanes menciona ou omite em busca de pistas a respeito de quais eventos ele estava informado e a sobre quais seriam as suas fontes de informação para o seu passado recente — das últimas décadas do século V em diante.

3.1 – Por que os vândalos não foram escolhidos como vilões?

No ano de 530, o rei dos vândalos Ilderico foi deposto por seu primo Gelimer. O reino dos vândalos tinha *Carthago* como capital e consistia na parte ocidental da antiga diocese da *Africa*, além das ilhas da parte ocidental do *Mediterraneum*. O reino fora estabelecido a partir de 429, quando os vândalos, acompanhados de um contingente de alanos, fizeram de barco a travessia da *Hispania* para a *Africa*, talvez por pressão de romanos e suevos — assentados na metade oeste da península ibérica. A *Getica* menciona esses acontecimentos no passo 33.167.

Pouco depois disso, em 435, veio o reconhecimento dos vândalos como federados do Império do Ocidente¹⁵⁵, mas o território “concedido” a eles ainda não incluía *Carthago*, tomada dos romanos em 439. O reconhecimento formal do novo reino veio em 442¹⁵⁶, pelas mãos do imperador do Ocidente, Valentiniano III. Àquela altura, o imperador tinha interesse em estabilizar o envio de grãos tanto *Africa* como da *Sicilia* para a cidade de *Roma*, que havia deixado de ser residência imperial há cerca de um século e meio, mas ainda era a cidade mais populosa do Ocidente. Além disso, como mencionamos no capítulo anterior (item 2.1), o exército liderado por Átila e o seu irmão Bleda estava a realizar

¹⁵⁵ BURY (1889, p. 170): “Gaiseric was glad to make a compact with the Empire in 435 (11th February, at Hippo), of a similar nature with the compacts which have been made with the Burgundians and the West Goths.”

¹⁵⁶ COLLINS (2004, p. 30): “Their possession of Africa was recognized by a treaty in 442”. MERRILLS, MILES (2010, p. 57): “Geiseric (428–477) was certainly the most important of the Vandal kings, and indeed was among the most influential figures of the fifth-century Mediterranean world. It was under his watch that the Vandals crossed into Africa, and secured the two imperial treaties of settlement in 435 and 442”.

incursões de pilhagem ao sul da fronteira do rio *Hister* (atual Danúbio), o que tornava a presença dos vândalos na *Africa* uma questão secundária para o Império do Oriente.

Nesse novo reino, a maior parte das melhores terras foram reservadas ao rei e aos guerreiros, enquanto os provinciais romanos provavelmente tiveram que se resignar com lotes menores e de pior qualidade.¹⁵⁷ Essa prática diferia daquela adotada, por exemplo, pelos visigodos, que normalmente tomavam para si um ou dois terços das terras.¹⁵⁸ Por outro lado, o procedimento realizado pelos vândalos deve haver posto um freio ao processo de feudalização — ou seja, de fragmentação do poder político — que vinha ocorrendo em todo o ocidente romano. Isso talvez explique a relativa estabilidade política experimentada pelo reino vândalo até a sua destruição, em 534.

A política do rei vândalo Gaiserico, ocupante do trono por quase cinquenta anos (429 – 478), parece haver sido a de buscar absoluta independência em relação aos romanos. Para tanto, os vândalos construíram uma armada que lhes permitiu dominar a parte ocidental do *Mediterraneum* até o segundo quartel do século V. O seu desejo de independência podia implicar tanto em negociações constantes, como as realizadas com Valentiniano III até o seu assassinato, em 455, quanto em demonstrações de força, como o saque de *Roma*, no mesmo ano, e os diversos enfrentamentos contra forças romanas ocidentais e orientais até a conclusão do tratado de paz perpétua com o imperador oriental Zenão, em 474 ou 476.¹⁵⁹

¹⁵⁷ BURY (1889, p. 170): “A large part of the land was reserved as a royal domain, another portion was distributed among the Vandal warriors in lots (*sortes Vandalorum*); probably the poorest territory was left to the Roman provincials”.

¹⁵⁸ Sobre as formas que a divisão de terras assumia entre os romanos e os recém-chegados visigodos, ostrogodos e burgúndios, vide: ANDERSON (1982, pp. 124-126).

¹⁵⁹ Προκόπιος ὁ Καισαρεύς, Ὑπὲρ τῶν Πολέμων Λόγοι, 3.7.26: “Τιζέριχος δὲ τότε ἀπάτη τε περιελθὼν καὶ κατὰ κράτος ἐξελάσας, ὡς πρόσθεν εἴρηται, τοὺς πολεμίους, οὐδὲν τι ἦσσον, εἰ μὴ καὶ μᾶλλον, ἦγέ τε τὰ Ῥωμαίων καὶ ἔφερε ξύμπαντα, ἕως αὐτῷ βασιλεὺς Ζήνων ἐς ὁμολογίαν ἀφίκετο σπονδαί τε αὐτοῖς ἀπέραντοι ξυνετέθησαν, μήτε Βανδύλους πολέμιόν τι ἐς τὸν πάντα αἰῶνα Ῥωμαίους ἐργάσασθαι μήτε αὐτοῖς πρὸς ἐκείνων ξυμβῆναι. Ταύτας τε τὰς σπονδὰς Ζήνων τε αὐτὸς διεσώσατο καὶ ὃς μετ’ ἐκείνων τὴν βασιλείαν παρέλαβεν Ἀναστάσιος”. *Procopius of Caesarea, History of the Wars*, 3.7.26: “But at that time Gizeric was plundering the whole Roman domain just as much as before, if not more, circumventing his enemy by craft and driving them out of their possessions by force, as has been previously said, and he continued to do so until the emperor Zeno came to an agreement with him and an endless peace was established between them, by which it was provided that the Vandals should never in all time perform any hostile act against the Romans

Após a morte de Gaiserico, o seu filho e sucessor Hunerico permitiu, inclusive, o restabelecimento de um bispo católico em *Carthago*, apesar de ele próprio, como a maioria do seu povo, permanecer um cristão ariano. Depois disso, apesar de alguns conflitos internos entre católicos e arianos, que ocasionalmente foram objeto de consternação para o imperador do Oriente, as relações entre vândalos e o Império do Oriente permaneceram relativamente boas até a década de 530.¹⁶⁰ Durante esse tempo, obviamente, o Império do Ocidente havia deixado de existir enquanto entidade política, uma vez que os francos passaram a controlar o norte das *Galliae*, os burgúndios o seu leste, os visigodos o seu sudoeste e maior parte das *Hispaniae*, que também tinham a presença dos suevos no oeste, enquanto os ostrogodos controlavam quase toda a *Italia*.

Jordanes é um tanto sucinto quanto à conquista do reino dos vândalos pelas forças de Justiniano, em 534, tratando dela nos passos 33.170 a 33.172 e mencionando-a novamente em 60.307. Ele nos informa do básico: houve respeito à linha de sucessão ao trono desde a morte de Gaiserico, em 478, até a deposição de Ilderico e a ascensão de Gelimer, em 530. O golpe de Gelimer haveria revoltado Justiniano, que então enviou Belisário para recolocar a região sob o controle romano.

O curioso sobre a brevidade dos comentários de Jordanes a respeito das ações dos vândalos é que, num certo sentido, eles seriam ótimos candidatos ao papel de vilão na narrativa da *Getica* — talvez tão bons quanto os hunos. Pensemos juntos: os vândalos eram cristãos arianos e, portanto, hereges; haviam se apossado das terras dos latifundiários romanos sem fazer qualquer acordo; e, se isso não bastasse, haviam saqueado *Roma*. Por que, então, não foram postos nesse papel? A resposta é que o grosso da narrativa da *Getica* adveio da história escrita por Cassiodoro na corte do rei ostrogodo, Teodorico, o Grande. Ora, no contexto da composição da obra de Cassiodoro, não haveria qualquer interesse em se retratar os vândalos tão negativamente. Em primeiro lugar, vândalos e godos eram

nor suffer such a thing at their hands. And this peace was preserved by Zeno himself and also by his successor in the empire, Anastasius".

¹⁶⁰ MERRILLS, MILES (2010, p. 123): "*Relations remained relatively good between the eastern empire and the Vandal kingdom until the campaign of Belisarius nearly 60 years later*".

aparentados e provavelmente até falavam línguas mutuamente inteligíveis. Além disso, os ostrogodos, como os vândalos, eram cristãos arianos. Existiam, ademais, laços de parentesco entre Teodorico, o Grande, e a família real vândala, como Jordanes relata no passo 58.299:

E para que pudesse ampliar ainda mais a sua família, [Teodorico] enviou a sua irmã Amalafriada, mãe do futuro rei Teodahad, até a *Africa*, para desposar o rei dos vândalos Trasmundo.

Não causa surpresa, assim, que Cassiodoro haja eleito os hunos como os vilões da sua história e não os vândalos. Jordanes, diante desse material, poderia ignorar qualquer elogio ao arianismo e mesmo abrandar em alguma medida qualquer discurso exageradamente anti-romano ou pró-ostrogodo que pudesse causar indignação em *Constantinopolis* nas décadas de 540 e 550. Por outro lado, Jordanes, mesmo que o quisesse, provavelmente não teria como refazer a narrativa cassiodoreana a ponto de dar alguma centralidade aos vândalos, por falta de documentação a seu respeito. O autor da *Getica*, a despeito de viver em *Constantinopolis* e de tentar intervir no debate político em voga, provavelmente não ocupava qualquer lugar central na vida da cidade. Mesmo ele haver tido acesso à obra de Cassiodoro talvez haja sido um golpe de sorte. Trata-se de uma situação muito diferente daquela vivenciada por Procópio de *Caesarea*, que tornou-se assistente legal de Belisário, mestre dos soldados, no início do reinado de Justiniano, em 527. Por conta da sua posição, Procópio não só estaria a par das discussões políticas na corte, como também haveria tido acesso a uma variedade muito maior de informações. Foi justamente isso que lhe permitiu construir a história, ainda que breve, do reino dos vândalos que serve de preâmbulo à narrativa da guerra empreendida por Justiniano contra eles. Jordanes, mesmo que tivesse interesse em fazer o mesmo, provavelmente encontraria dificuldades.

Cabe destacar, ademais, que se foi mesmo Cassiodoro quem escolheu retratar Átila e os hunos como vilões, essa certamente não foi uma escolha fácil, uma vez que, na batalha

dos campos cataláunicos, o evento central nessa caracterização, os seus patronos ostrogodos lutaram ao lado dos hunos e contra os romanos e os visigodos.

3.2 – A história escrita por Cassiodoro e o que mais?

Voltemos, todavia, a Jordanes. Ele adere ao que parece ser a versão oficial para a intervenção de Justiniano no reino dos ostrogodos: ela seria uma questão de justiça, afinal, o recém-empossado rei Teodahad aprisionara e depois matara a sua prima Amalasueta, que o convidara para o trono após a morte do seu filho Atalarico (passo 59.306). Essas são, todavia, informações básicas sobre os motivos da guerra contra os ostrogodos na *Italia*, que qualquer habitante de *Constantinopolis* minimamente envolvido com as questões políticas conheceria. A versão apresentada por Jordanes abre mão, ademais, de tentar explicar a guerra a partir da conjuntura geopolítica. O imperador Justiniano, àquela altura, talvez quisesse restaurar o antigo Império reconquistando ao menos os territórios em torno do *Mediterraneum*¹⁶¹ e as transgressões cometidas pelos reis dos vândalos e dos ostrogodos seriam meras justificativas convenientes.¹⁶²

O que Jordanes parece haver tido à sua disposição, para o último século inteiro, é a narrativa de Cassiodoro acrescida de um conhecimento relativamente restrito acerca dos eventos político-militares ocorridos na década de 530 e no início da seguinte.

Se Jordanes baseou-se mesmo na narrativa de Cassiodoro, a pergunta inevitável é: até onde ela ia? É impossível saber, embora o fim do reinado de Teodorico, o Grande, em 526, certamente seria um bom ponto final. Brian Croke (1987) assinalou a existência de

¹⁶¹ ANGOLD (2002, p. 32) descreve bem a lógica por trás das ações de Justiniano: “O imperador não tinha a intenção de restaurar um Império do Ocidente com capital em Roma ou em Ravena. Talvez tenha apresentado a sua política em termos de uma restauração, ou *renovatio*, do Império Romano, mas isso combina com a regrinha de bolso que sugere que as medidas mais radicais são tomadas por aqueles que alegam restaurar o passado. O senso de romanidade de Justiniano era produto de uma nova Roma, que talvez fosse em termos superficiais e esquemáticos modelada na antiga, mas de caráter inteiramente diferente. Formava-a uma ideologia de realeza cristã, não uma nostalgia do acordo augustano”.

¹⁶² EVANS (1996, p. 138): “*For that matter, Justinian’s indignation was contrived to some degree. He now had grounds for invading Italy. His policy was opportunist, but his success in Africa had given him confidence*”.

uma referência de que a obra de Cassiodoro foi comissionada por Teodorico, ou seja, iniciada no máximo em 526:

[Cassiodoro] escreveu sob as ordens do rei Teodorico uma história dos godos, proclamando em doze livros a sua origem, os locais [por onde passaram] e os seus costumes.

(*Ordo generis Cassiodorum*, 35-37)¹⁶³

Ele nota, ademais, que a obra já haveria sido completada em 533, por conta de um discurso proferido pelo jovem rei ostrogodo Atalarico ao senado da cidade de *Roma*. Eis o trecho relevante:

[Cassiodoro] se estendeu também sobre o nosso berço, aprendendo pela leitura aquilo que as memórias idosas dos nossos ancestrais mal conseguiram preservar. Reergueu os reis dos godos, há muito esquecidos no porão da antiguidade. Restaurou a honra dos Ámalos e da sua linhagem, demonstrando de forma clara que a nossa estirpe tem dezessete gerações de reis. Da origem gótica produziu uma história romana, quase como se colhesse numa única coroa os botões de flores antes dispersos pelos campos da literatura.

(Cassiodoro, *Variae*, 9.25.4-5)¹⁶⁴

Embora o discurso de Atalarico em homenagem a Cassiodoro muito possivelmente haja sido escrito pelo próprio, ele serve para que estabeleçamos um *terminus ante quam* para a composição da sua história dos godos.

Cabe um parêntese aqui. Não existe qualquer razão para supormos que, como era o caso de Cassiodoro, Jordanes tivesse qualquer preocupação real em defender a nobreza de qualquer linhagem goda. A preocupação em valorizar, por exemplo, os Ámalos era de Cassiodoro, porquanto Teodorico, o Grande, pertencia a essa linhagem e o seu reinado precisava ser legitimado. Jordanes, escrevendo por volta de 550, quando os ostrogodos

¹⁶³ “*Ordo generis Cassiodorum*” ou “*Anedocton Holderi*”, 35-37: “*scripsit praecipiente Theodoricho rege historiam Gothicam, originem eorum et loca mores XII libris annuntians*”. Croke (1987) cita o trecho que traduzimos, mas o texto completo pode ser encontrado no link acessado no dia 10 de setembro de 2019: <<http://digiliblt.lett.unipmn.it/xtf/view?docId=dlt000075/dlt000075.xml>>.

¹⁶⁴ Cassiodorus, *Variae*, 9.25.4-5: “*Tetendit se etiam in antiquam prosapiem nostram, lectione discens quod vix maiorum notitia cana retinebat. iste reges Gothorum longa oblivione celatos latibulo vetustatis eduxit. iste Hamalos cum generis sui claritate restituit, evidenter ostendens in septimam decimam progeniem stirpem nos habere regalem. Originem Gothicam historiam fecit esse Romanam, colligens quasi in unam coronam germen floridum quod per librorum campos passim fuerat ante dispersum*”.

estavam prestes a ser derrotados pelas forças de Justiniano e o sentimento antigodo era prevalente em *Constantinopolis*, certamente não buscava legitimar um rei ou uma linhagem em particular, apenas demonstrar a confiabilidade e a utilidade dos godos enquanto povo. Os elogios que aparecem na *Getica* a Baltos e Ámalos certamente não passam de um resquício das preocupações de Cassiodoro. Esse relativo silêncio de Jordanes acerca das linhagens nobres não passou despercebido, por exemplo, por Otávio Luiz Vieira Pinto:

Jordanes dá pouca atenção à coetânea *Italia* e, quando o faz, é devido às contingências — ele está vivendo sob o governo de Justiniano, um imperador que gastou muitos recursos realizando guerras, incluindo uma importante, na península itálica. Jordanes também dá pouca atenção à linhagem dos Ámalos dos ostrogodos na história recente.¹⁶⁵

Retomemos, não obstante, a nossa tentativa de estabelecer uma cronologia para a composição da obra de Cassiodoro. Ele esteve em *Constantinopolis* entre 537 até 544, aproximadamente, antes de se retirar da vida pública e fundar um monastério na *Italia*.¹⁶⁶ O acesso de Jordanes aos doze volumes escritos por ele, como relatado nos passos 1.1 e 1.2, deve haver acontecido nessa época.

O último evento narrado na *Getica* é o nascimento de Germano, filho da nobre ostrogoda Matesuenta com o primo do imperador Justiniano, talvez em 551 (no passo 60.314). O evento anterior, porém, é a morte do rei ostrogodo Vitiges, ocorrida em 542 (no 60.313). São nove anos de diferença! Não seria possível, então, que Cassiodoro houvesse continuado a atualizar a sua narrativa até a morte de Vitiges, ou perto disso, mesmo que desde 537 estivesse afastado do palco das ações militares? Isso explicaria o salto que a *Getica* dá, do ano 542 ao 551, enquanto os ostrogodos, sob o comando de um novo rei, Totila, ainda resistiam às forças enviadas à *Italia* por Justiniano. Totila nem sequer é

¹⁶⁵ PINTO (2016, p. 63): “*Jordanes pays little attention to coeval Italy and when he does, it is because of contingencies – he is living under the rule of Justinian, an emperor who spent many resources waging wars, including an important one in the Italian peninsula. Jordanes also pays little attention to the Amali lineage of the Ostrogoths in recent history*”.

¹⁶⁶ RESENDE (2018, p. 10): “Por volta de 545, Cassiodoro fundou nos arredores de sua cidade natal o monastério de Vivarium, destinado a tornar-se o embrião dos centros culturais monásticos da Idade Média”.

mencionado na *Getica*. Seria possível, mas não há como se comprovar uma conjectura desse tipo.

É notável, ademais, que Jordanes pareça saber pouco sobre o que se passava na *Hispania*. Para ele, o reino dos visigodos chegou ao seu final com a morte de Alarico II (no passo 47.245), ocorrida em 507 num confronto contra os francos no *campus vogladensis* (atual Vouillé, França). Aliás, os francos nem sequer são mencionados na passagem sobre a morte de Alarico II. Ou seja: o autor da *Getica* parece fazer questão de não entrar em detalhes, talvez para não ter que admitir que os francos fossem capazes de derrotar os visigodos. Pelo contrário! No passo 57.296, Jordanes, tratando do reinado do ostrogodo Teodorico, o Grande, sobre a *Italia*, faz questão de afirmar a superioridade dos godos sobre os francos:

[O rei dos francos] Lodoíno, com alegria e liberalidade, concedeu-a [...], crente de que, com essa associação, uma aliança seria formada com o povo godo. Mas esse matrimônio não beneficiou a concórdia e nem foi suficiente para a paz, pois incontáveis vezes eles lutaram entre si nas terras dos gauleses e nunca, enquanto Teodorico viveu, os godos perderam para os francos.

Ainda que Teodorico fosse rei apenas dos ostrogodos, a afirmação de Jordanes é genérica e imprecisa, pois Teodorico estava vivo quando os visigodos foram derrotados pelos francos.

O reino dos visigodos não chegou ao fim com a morte de Alarico II e o próprio Jordanes parece reconhecer isso mais adiante no texto, em 58.302, contradizendo o passo 47.245:

Além disso, após a morte de Alarico [II], ele (Teodorico, o Grande) apontou o seu escudeiro Teudis como guardião do seu neto Amalarico no reino da *Spania*. Este, enganado ainda na adolescência pelas tramoias dos francos, perdeu o reino e a vida. Então, o guardião do reino Teudis atacou e expulsou das *Spaniae* os francos com as suas mentiras traiçoeiras. Enquanto viveu, Teodorico manteve os visigodos unidos.

A verdade parece ser, todavia, que Alarico II foi sucedido por um certo Gesalico, que governou sobre terras no extremo sul das *Galliae*, em torno de *Narbo* (Narbonne) e nas

Hispaniae. Eis o que Isidoro de *Hispalis* (Sevilha), escreveu a seu respeito, no primeiro quartel do século VI:

No ano 545 da nossa era e 17o. do império de Anastácio, Gesalico, filho de um antigo rei [e] nascido de uma concubina, foi tornado governante de *Narbo*, reinando por quatro anos. Assim como era muitíssimo desprezível em termos de linhagem, ele também representava o cúmulo da infelicidade e da covardia.

(Isidoro de *Hispalis*, História sobre os Reis dos Godos, Vândalos e Suevos, 37)¹⁶⁷

Cabe notar, em primeiro lugar, que o ano 545, ao qual Isidoro se refere, corresponde ao 507 da Era Comum. Isso porque os visigodos deram continuidade à prática prevalente na península ibérica de marcar o que era tido como “o tempo dos césares”. Anastácio I, por sua vez, foi o imperador do Oriente entre 491 e 518.

Se Gesalico reinou por quatro anos após a batalha ocorrida no *campus vogladensis*, por que Jordanes não o mencionou? O fato é que Alarico II, o rei dos visigodos morto em 507, era genro de Teodorico, o Grande, rei dos ostrogodos. Isso é revelado pelo autor da *Getica* nos passos 58.297 e 58.298. O tal Gesalico, que sucedeu Alarico II, reinou por apenas quatro anos porque foi deposto por Teodorico, o Grande. Como o filho de Alarico II, Amalarico, ainda era menor, Teodorico, o Grande, haveria atuado em seu lugar, como regente:

No ano 549 da nossa era e 21o. do império de Anastácio, Teodorico Júnior (ou seja, Teodorico, o Grande) [...] reinou na *Italia* por quarenta e nove anos e, uma vez morto o rei dos godos Gesalico, obteve o reino da *Hispania* por quinze anos, deixado após a morte para o seu neto Amalarico.

(Isidoro de *Hispalis*, História sobre os Reis dos Godos, Vândalos e Suevos, 39)¹⁶⁸

¹⁶⁷ *Isidorus Hispalensis, Historia de Regibus Gothorum, Wandalorum et Suevorum*, 37: “*Aera DXLV, ann. XVII imperii Anastasii, Gisaleicus, superioris regis filius ex concubina creatus, Narbonae princeps efficitur, regnans annos quatuor; sicut genere vilissimus, ita infelicitate et ignavia summus*”.

¹⁶⁸ *Isidorus Hispalensis, Historia de Regibus Gothorum, Wandalorum et Suevorum*, 37: “*Aera DXLIX, anno XXI imperii Anastasii, Theudericus Junior, cum jamdudum consul et rex a Zenone imperatore Romae creatus fuisset, peremptoque Odouacro rege Ostrogothorum, atque devicto fratre ejus Honoulfo et trans confinia Danubii effugato, XLIX annis in Italia regnasset, rursus extincto Gisaleico rege Gothorum, Hispaniae regnum XV annis obtinuit, quod superstes Amalarico nepoti suo reliquit. Inde Italiam repetens, aliquandiu omni cum prosperitate regnavit, per quem etiam urbi Romae dignitas non parva est restituta. Muros namque ejus iste redintegravit, cujus rei gratia a Senatu inauratam statuam meruit*”.

Se observarmos as datas, porém, notaremos que essa “regência”, que Jordanes alega haver acontecido com a ajuda de Teudis, durou de 511 a 526, até morte do suposto regente. Àquela altura, porém, o menino que antes não podia governar, nascido provavelmente por volta do ano 502, já era um adulto havia vários anos. Teodorico, o Grande, na verdade tomara para si o que restava do reino dos visigodos!

Que relação isso tem com o silêncio de Jordanes acerca da continuidade do reino dos visigodos após a morte de Alarico II? Ora, o autor da *Getica* obteve as suas informações da história escrita por Cassiodoro e patrocinada por Teodorico, o Grande. A este, então no comando do que restava do reino dos visigodos, não interessaria que se falasse na continuidade desse reino. Interessaria muito mais, de fato, incorporá-lo ao seu próprio. Que Amalarico permanecesse vivo a despeito disso certamente era o mero resultado de ser um herdeiro legítimo do próprio Teodorico, o Grande. Isso não implica, todavia, que o rei dos ostrogodos tivesse qualquer interesse em, digamos, “restaurar a independência” do reino dos visigodos. Aliás, tanto ele não tinha esse interesse que não o fez, mesmo depois que Amalarico, que tinha direito ao trono dos visigodos, chegou à idade adulta. Este, afinal, ascendeu ao trono apenas após a morte do avô.

Se o silêncio de Jordanes decorre do silêncio de Cassiodoro e este era resultado do interesse político de Teodorico, o Grande, o que isso sugere? Que a história escrita por Cassiodoro talvez haja sido composta enquanto o rei dos ostrogodos ainda vivia, ou seja, antes de 30 de agosto de 526.

O leitor atento, a esta altura, deve haver se recordado de que, mais acima, sugerimos que a Cassiodoro talvez houvesse continuado a atualizar a sua história até o ano de 542, ponto em que a narrativa da *Getica* é bruscamente interrompida e dá um último salto, de nove anos. Também deve haver se recordado de que o *terminus ante quam* para a história produzida por Cassiodoro é o ano de 533, quando o rei Atalarico discursou perante o senado de *Roma*.

Até onde, afinal, foi a história escrita por Cassiodoro? A verdade é que não é possível sabê-lo. O que parece claro, todavia, é que Jordanes não parece ter acesso a muito mais do que Cassiodoro escrevera, ao menos não em relação ao passado relativamente recente, digamos, os últimos oitenta ou noventa anos. Ele não parece ter qualquer acesso, por exemplo, à história escrita por Procópio de *Caesarea* sobre as guerras empreendidas por Justiniano — que certamente lhe haveria sido útil.

3.3 – Jordanes e Procópio

Jordanes e Procópio eram contemporâneos e, ainda que provavelmente não frequentassem os mesmos círculos, viviam na mesma cidade. A história escrita por Procópio, certamente a mais importante obra historiográfica produzida no século VI, se estende até o ano de 553. A *Getica*, por seu turno, vai somente até 551. Dito de outro modo, Jordanes talvez não haja podido consultar a obra de Procópio porque esta não havia sido ainda completada, de modo que não estaria disponível. A despeito de Jordanes haver acrescentado à obra de Cassiodoro “várias histórias de gregos e latinos, [conforme] a conveniência” (no passo 1.3), a história escrita por Procópio não foi uma delas. Aliás, Jordanes parece não haver suplementado o texto de Cassiodoro em todo o período que vai da ascensão de Átila, na década de 430, até o seu presente, por volta de 550.

Jordanes não faz, além disso, qualquer menção ao conturbado contexto político do fim da década de 540, enquanto Procópio de *Caesarea*, por exemplo, registrou a presença do papa Vigílio em *Constantinopolis*, por volta de 549 ou 550:

Todavia Vigílio, o principal religioso de Roma, ali estava em companhia de italianos, muitos e famosos, mas exigia do imperador que transformasse a *Italia* através da força.

(Procópio de *Caesarea*, História das Guerras, 7.35.9)¹⁶⁹

¹⁶⁹ Προκόπιος ὁ Καισαρεύς, Ὑπὲρ τῶν πολέμων λόγοι, Λόγος Ἑπτᾶ (Liber VII), λθ (XXXIX), θ (9): “Βιγίλιος δέ, ὁ τῆς Ῥώμης ἀρχιερεὺς, ξὺν Ἰταλοῖς τοῖς ἐνταῦθα τηνικάδε παροῦσι, πολλοῖς τε καὶ λογιμωτάτοις ἐσάγαν οὔσιν, οὐκέτι ἀνίει, ἀλλ’ ἔχρηζε βασιλέως Ἰταλίας μεταποιεῖσθαι δυνάμει τῆ πάση”. *Procopius Caesariensis, De Bellis, liber VII, XXXIX, 9*: “*Vigilius vero Pontifex Romanus, cum Italis, qui ibi tunc aderant et plurimi et nobilissimi, non absistebat imperatore urgere, ut viribus omnibus Italiam sibi*

A presença do papa em *Constantinopolis* certamente não foi um evento banal, ainda mais por ele exigir que Justiniano aumentasse o seu empenho no confronto contra os ostrogodos na *Italia*. O autor da *Getica*, todavia, nada nos informa a respeito.

Silêncios como esse foram interpretados por Otávio Luiz Vieira Pinto como reveladores do desinteresse de Jordanes pelas questões políticas do seu tempo. Como, todavia, alguém vivendo sob os romanos, então em guerra contra os ostrogodos, poderia escrever uma história dos godos que se estende até o presente sem estar interessado no que estava acontecendo? A resposta passaria pela biografia do próprio Jordanes, alguém que serviu um mestre dos soldados ostrogodo da linhagem dos Ámalos na região que Pinto — mas não Jordanes — chama de “*Magna Dacia*” e que tinha um avô alano. Jordanes seria sobretudo, para ele, alguém que tentava dar sentido às vicissitudes da sua própria vida, do seu próprio tempo.¹⁷⁰

A busca por dar sentido ao presente não exclui necessariamente, todavia, qualquer tentativa de intervir politicamente nele. Mesmo que Jordanes tivesse uma preocupação com os eventos envolvendo os seus ancestrais diretos, mesmo que estivesse preocupado com essa suposta *Magna Dacia*, isso não o impediria de também estar reagindo, ao compor à *Getica*, a um sentimento anti-gótico resultante da arrastada guerra empreendida por Justiniano contra os ostrogodos. Na visão de Pinto, todavia, o fato de Jordanes haver composto a *Getica* entre fins da década de 540 e o início da década seguinte parece ser basicamente resultado do acaso.

Certamente, todavia, Jordanes devia saber da presença do bispo de *Roma* em sua cidade, mas talvez, diferentemente de Procópio, não tivesse qualquer acesso ao que era objeto das negociações entre o papa e o imperador. Por outro lado, é possível que a própria

vindicaret”.

¹⁷⁰ PINTO (2016, p. 75): “[...] we could also look at these works and see an author trying to understand his own times, trying to understand the decline of world powers and, through ancient authors and voices of authority, postulate what happened to the Roman Empire in Italy, Spain and France (the West), and what happened to the Roman Empire in Dacia, Moesia and Thrace (the East)”.

escrita da *Getica* fosse uma reação à demanda papal: godos a serviço de Justiniano, como talvez fosse o caso do próprio Jordanes, talvez se ressentissem do clima de xenofobia em *Constantinopolis* e com o manifesto desejo de muitos de que o imperador, digamos, “se livrasse de vez do problema gótico”. O fato, todavia, é que a narrativa da *Getica* salta do ano 542 para o 551. Jordanes, portanto, não teceu uma narrativa bem amarrada do ponto onde terminou a história escrita por Cassiodoro em diante. Por quê? É impossível saber, mas é provável que ele não dispusesse de material escrito sobre as duas décadas mais recentes e também não participasse dos círculos próximos ao imperador Justiniano, de modo que lhe era difícil obter informações detalhadas acerca das campanhas militares recém-empreendidas.

3.4 – Considerações finais ao terceiro capítulo

As omissões e os silêncios podem ser, evidentemente, elementos de uma estratégia retórica. Nos passos 45.235 a 45.240, por exemplo, Jordanes tratou de ignorar que o rei dos visigodos Eurico havia ascendido ao trono após matar o irmão, como discutimos no capítulo II (item 2.4). Não obstante, os silêncios de Jordanes a respeito das décadas de 530 e 540 parecem revelar algo diferente: o desconhecimento.

Seria justamente sobre o passado recente, não coberto pela história escrita por Cassiodoro, que se justificaria a pesquisa adicional que Jordanes alega, no prólogo escrito a Castálio, haver feito. A despeito disso, quaisquer que hajam sido os textos que Jordanes incorporou à narrativa cassiodoreana, eles parecem se relacionar mais com o passado distante do que com o recente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, abordamos a *Getica* de três diferentes modos, manifestos em cada um dos capítulos. No primeiro, buscamos fazer com que a obra dialogasse com outros documentos que pudessem explicar a ascensão dos godos no contexto geopolítico dos séculos IV e V. Sendo a ascensão dos godos um dos temas principais da própria *Getica*, essa discussão serviu, cremos, para enquadrar o seu conteúdo — ainda que não especificamente a sua composição em si — aos processos sociais e históricos relativos ao colapso do Império Romano do Ocidente. Essa abordagem, digamos, “militarista” encontra respaldo, cremos, no fato de que tanto visigodos como ostrogodos, grupos que protagonizam a narrativa da *Getica*, não eram de início exatamente “povos”, mas grupos de guerreiros de origem gótica que atuavam em campanhas tanto ao lado dos romanos quanto contra eles. Visigodos e ostrogodos se distinguiram, assim, de godos que Jordanes chamou de “menores”, “um povo numeroso, mas pobre e não combatente” (em 51.267). A conquista de territórios por visigodos e ostrogodos acabou fazendo com que esses dois grupos desenvolvessem identidades próprias e acabassem reimaginando os próprios passados a partir dos seus interesses do presente. Foi justamente esse o trabalho que Cassiodoro realizou na corte dos ostrogodos na *Italia* quando escreveu a sua história dos godos, na qual se baseou Jordanes. Não obstante, a ascensão dos godos deve ser compreendida a partir das transformações no exército romano tardio, tanto quanto ao seu perfil étnico quanto às suas estratégias.

No segundo capítulo, por outro lado, abordamos a *Getica* como uma peça literária, buscando compreender os dispositivos retóricos e literários através dos quais o seu autor constrói o que é, afinal, um elogio aos godos. Para tanto, empregamos alguns conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional relativos à “avaliatividade”. Seria possível, é claro, lidar com a mesma questão a partir não de teorizações feitas no século XX, mas na Antiguidade Clássica. Algo assim, todavia, ensejaria toda uma discussão sobre o quanto Jordanes

conhecia da Retórica clássica — uma discussão que talvez, ironicamente, acabasse por nos desviar da *Getica*. Acreditamos, assim, que o recurso à noção de “avaliatividade” e aos elementos a ela relacionados hajam sido suficientes para a realização de uma análise que trouxesse à luz alguns dos aspectos mais fundamentais da composição da *Getica*, o estabelecimento de “heróis” e “vilões”.

Átila é construído na *Getica* como um vilão arquetípico, que é claramente contraposto à nobreza, valentia e confiabilidade dos godos. Enquanto o imperador Justiniano tentava retomar dos ostrogodos a *Italia*, Jordanes procurava demonstrar que os godos, ainda que bárbaros, eram um tipo especial de gente, que poderia ser útil ao Império, de modo que não deveriam ser exterminados ou conduzidos à servidão.

No terceiro e último capítulo nos debruçamos sobre a relação da *Getica* com o conjuntura específica na qual ela foi produzida, a do segundo quartel do século VI. Tentamos compreender a relação de Jordanes com o passado próximo e com a obra escrita por Cassiodoro, na qual se baseou. Nossa análise da narrativa jordaniana demonstrou, cremos, como Jordanes pouco sabia sobre os eventos ocorridos após o fim do texto produzido por Cassiodoro, o que até certo ponto enfraquece (ou, no mínimo, contextualiza) a alegação do autor da *Getica* de haver suplementado a obra em que se baseou. Se Jordanes o fez — e deve mesmo tê-lo feito —, os seus acréscimos dizem respeito a eventos mais distantes no tempo e não ao passado recente. Isso não significa, é claro, que a *Getica* seja obra de Cassiodoro. Jordanes tinha a sua própria agenda: enaltecer os godos em geral, mas não a ponto de fazê-los equivaler aos romanos. Cassiodoro, por seu turno, deve haver buscado enaltecer não os godos em geral, mas sobretudo a linhagem dos Ámalos, de onde provinha o seu patrono Teodorico. É possível, ademais, que a história produzida por Cassiodoro num contexto palaciano houvesse enaltificado os godos em geral e os Ámalos em particular a tal ponto que eles fossem apresentados como equivalentes aos romanos. Jordanes, escrevendo numa *Constantinopolis* na qual os godos eram malvistas, certamente tratou de abrandar os elogios cassiodoreanos. Embora as nossas reflexões não hajam se encaminhado nessa direção, até porque o texto jordaniano é um tanto lacônico no que se

refere às questões religiosas, parece-nos seguro dizer, ademais, que, enquanto Cassiodoro certamente haveria tratado de minimizar a distinção entre cristãos arianos e cristãos católicos, o autor da *Getica* não a esconde, mencionando, por exemplo, a “perfidia ariana” no passo 25.132.

Jordanes, assim, não é um mero compilador da história escrita por Cassiodoro, mas o autor de uma obra própria, produzida em um contexto específico. Que a linguagem da *Getica* ou mesmo trechos específicos denotem maior ou menor dívida para com Cassiodoro não muda esse fato.

Muito da tentativa de enfatizar a, digamos, “presença” de Cassiodoro na *Getica* é resultado do interesse de autores modernos em tentar reconstruir com segurança as origens dos godos, como discutimos na “Introdução”. Quanto mais de Cassiodoro existir na *Getica*, mais autênticas seriam as memórias góticas nela encontradas, porquanto haveriam sido coletadas na corte de Teodorico junto aos ostrogodos. Como Jordanes, todavia, adaptou a narrativa cassiodoreana aos seus próprios interesses e o próprio Cassiodoro tinha o interesse específico de enaltecer o passado dos Ámalos, tentar reconstruir as origens góticas a partir da *Getica* nos parece um esforço não só infrutífero, mas até certo ponto fantasioso.

Em conclusão, procuramos iluminar, com as abordagens de cada um dos capítulos, aspectos distintos do texto escrito por Jordanes, ainda que, obviamente, não tenhamos esgotado o que poderia se dizer sobre a *Getica*. Esperamos, não obstante, que o leitor desse documento tão peculiar e importante consiga através das nossas análises obter um melhor entendimento do seu conteúdo.

ANEXO – TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO DO TEXTO DA *GETICA*

Segue-se o texto estabelecido por Theodor Mommsen acompanhado de uma versão em Português, elaborada por nós.

<i>De Origine Actibusque Gerarum vel Getica</i>	Sobre a Origem e Feitos dos Godos ou Getica
<i>Iordanem Castalio</i>	De Jordanes a Castálio
<p>(1) <i>Volentem me parvo subvectum navigio oram tranquilli litoris stringere et minutos de priscorum, ut quidam ait, stagnis pisciculos legere, in altum, frater Castali, laxari vela compellis relictoque opusculo, quod intra manus habeo, id est, de adbreuatione chronicorum, suades, ut nostris verbis duodecem Senatoris volumina de origine actusque Getarum ab olim et usque nunc per generationes regesque descendentem in uno et hoc parvo libello choartem:</i></p> <p>(2) <i>dura satis imperia et tamquam ab eo, qui pondus operis huius scire nollit, inposita. nec illud aspicias, quod tenuis mihi est spiritus ad implendam eius tam magnificam dicendi tubam: super omne autem pondus, quod nec facultas eorundem librorum nobis datur, quatenus eius sensui inserviamus, sed, ut non mentiar, ad triduanam lectionem dispensatoris eius beneficio libros ipsos antehac relegi. quorum quamvis verba non recolo, sensus tamen et res actas</i></p>	<p>(1) Eu desejoso de viajar a favor da corrente em meu pequeno navio, explorar a costa de um litoral tranquilo e, como se diz, colher pequenos peixinhos nas piscinas dos antigos, irmão Castálio, e me compeles a abrir velas rumo ao alto mar e a abandonar a pequena obra que tenho entre as mãos — ou seja, a abreviação das crônicas.¹⁷¹ Persuades-me a resumir neste pequeno livro, com palavras minhas, os doze volumes de [Cassiodoro] Senador¹⁷² sobre os feitos dos godos desde os tempos antigos até o presente, percorrendo as gerações e reis.</p> <p>(2) [Digo-te], enquanto parto: para quem sabe não querer o peso de tal trabalho e não almeja o ridículo, é um tanto dura a missão imposta; porquanto meu fôlego é fraco para preencher a sua tão magnífica tuba da eloquência. Sobre todo [esse] peso, ademais, não nos foi permitida a consulta aos seus livros, de modo que busquei seu sentido [geral]. Não mentirei, porém: há pouco reli, durante três dias, a narrativa de tais livros, por gentileza do secretário do autor. Deles, contudo, não conservei as palavras; mas creio ter retido integralmente os sentidos e as</p>

¹⁷¹ Jordanes muito provavelmente se refere à *Romana*.

¹⁷² Trata-se de *Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus Senator* (c. 485 – c. 585).

<p><i>credo me integre retinere.</i></p> <p>(3) <i>ad quos et ex nonnullis historiis Grecis ac Latinis addedi convenientia, initium finemque et plura in medio mea dictione permiscens. quare sine contumelia quod exigisti suscipe libens, libentissime lege; et si quid parum dictum est et tu, ut vicinus genti, commemoras, adde, orans pro me, frater carissime. Dominus tecum. Amen.</i></p>	<p>matérias tratadas.</p> <p>(3) A essas também acrescentei várias histórias de gregos e latinos, [conforme] a conveniência. Misturei a minha fala no início, no fim e, mais ainda, no meio. Assim, recebe sem agravo e contente o que solicitaste. Lê contentíssimo; e se o que foi dito não for suficiente para ti, vizinho deste povo, rememora-o para acrescentá-lo. Ora por mim, caríssimo irmão. Que o Senhor esteja contigo. Amém!</p>
--	---

<p><i>I</i></p>	<p>Capítulo 1</p>
<p>(4) <i>Maiores nostri, ut refert Orosius, totius terrae circulum Oceani limbo circumseptum triquadrum statuerunt eiusque tres partes Asiam, Eoropam et Africam vocaverunt. de quo treperto orbis terrarum spatium innumerabiles pene scriptores existunt, qui non solum urbium locorumve positiones explanant, verum etiam et quod est liquidius, passuum miliariumque dimetiunt quantitatem, insulas quoque marinis fluctibus intermixtas, tam maiores quam etiam minores, quas Cycladas vel Sporadas cognominant, in inmenso maris magni pelagu sitas determinant.</i></p> <p>(5) <i>Oceani vero intransmeabiles ulteriores fines non solum describere quis adgressus est, verum etiam nec</i></p>	<p>(4) Nossos antepassados, como reporta [Paulo] Orósio, consideravam que o círculo da Terra inteira tripartido, envolto por uma faixa do <i>Oceanus</i>; [sendo que] chamaram as três partes de ‘<i>Asia</i>’, ‘<i>Europa</i>’ e ‘<i>Africa</i>’.¹⁷³ A respeito dessa divisão tríplice do espaço do globo terrestre, quase incontáveis escritores não somente explanaram as posições de cidades e lugares, mas também tornaram clara a quantidade de milhas e passos. Igualmente, determinaram a posição no imenso mar profundo das ilhas espalhadas em meio às ondas, não apenas as maiores como as menores — a estas chamaram ‘<i>Cyclades</i>’ ou ‘<i>Sporadas</i>’.</p> <p>(5) Ninguém, contudo, empreendeu a tarefa de descrever os inacessíveis confins do <i>Oceanus</i>, até porque não foi possível percorrê-los; devido</p>

¹⁷³ O optamos por preservar, tanto na da análise quanto na tradução, os nomes de lugares que aparecem no texto latino. Além disso, na tradução, buscamos preservar também as grafias incomuns para nomes de lugares, como “*Brittania*” para “*Britannia*”, por exemplo. Quando, porém, o texto da *Getica* apresenta mais de uma grafia para o nome de um mesmo local, adotamos, na tradução, a versão que identificamos como mais “clássica”.

cuiquam licuit transfretare, quia resistente ulva et ventorum spiramine quiescente impermeabilis esse sentitur et nulli cognita nisi ei qui eam constituit.

(6) ceterior vero eius pelagi ripa, quam diximus totius mundi circulum, in modum coronae ambiens fines suos, curiosis hominibus et qui de hac re scriberem voluerunt perquam innotuit, quia et terrae circulum ab incolis possidetur et nonnullae insulae in eodem mare habitabiles sunt, ut in orientali plaga et Indico Oceano Hyppodem, Iamaesiam, Solis perustam quamvis inhabitabilem, tamen omnino sui spatio in longo latoque extensam: Taprobanem quoque, in qua (excepto oppida vel possessiones) decem munitissimas urbes decoram):

(7) sed et aliam omnino gratissimam Silefantinam: nec non et Theron, licet non ab aliquo scriptore dilucidat, tamen suis possessoribus affatim refertas. habet in parte occidua idem Oceanus aliquantas insulas et pene cunctis ob frequentiam euntium et redeuntium notas. et sunt iuxta fretum Gaditanum haut procul una Beata et alia quae dicitur Fortunata. quamvis nonnulli et illa gemina Galliciae et Lysitaniae promuntoria in Oceani insulas ponant, in quarum una templum Herculis, in alia monumentum adhuc conspicitur Scipiones, tamen,

às algas resistentes e ao descanso dos ventos, se entende que são intransponíveis e ninguém os compreende, a não ser quem os criou.

(6) Ainda assim, as margens mais próximas desse mar que denominamos ‘círculo do mundo inteiro’ e que, como uma coroa, envolve seus confins se tornaram conhecidas por homens curiosos que quiseram escrever sobre as coisas de lá, pois o círculo da *Terra* possui residentes e um certo número de ilhas desse mar é habitável. Assim, existem na região oriental e no *Indicus Oceanus*, *Hippodes*, *Iamnesia* e *Solis Perusta* que, apesar de inabitável, possui uma área que se estende em longitude e latitude. Ademais, na *Taprobana*,¹⁷⁴ além de aldeias e fazendas, existem dez belas cidades muitíssimo fortificadas. Há, contudo, uma outra, a agradabilíssima *Silefantina*; assim como *Theron*.

(7) Essas duas, ainda que não diferenciadas por alguns escritores, estão todavia amplamente preenchidas por residentes. Esse mesmo *Oceanus* possui, na parte ocidental, algumas ilhas um tanto conhecidas por quase todos, pela frequência daqueles que vão e vêm delas. Existem, ademais, junto do estreito de *Gades*, pouco distantes [entre si], uma que é denominada ‘*Beata*’ e outra ‘*Fortunata*’. Embora muitos considerem “ilhas” do *Oceanus* aqueles promontórios gêmeos, *Galicia* e *Lusitania* (em um dos quais ainda se pode ver o templo de Hércules e no outro o monumento dos Cipiões), todavia, por estarem ligados pela extremidade da terra galega, essas “ilhas”

¹⁷⁴ Possivelmente o atual Sri Lanka.

<p><i>quia extremitatem Galliciae terrae,</i></p> <p>(8) <i>ad terram magnam Europae potius quam ad Oceani pertinet insulas. habet tamen et alias insulas interius in suo estu, quae dicuntur Baleares, habetque et alia Mevania, nec non Orcadas numero XXXIII quamvis non omnes excultas. habet et in ultimo plagae occidentalis aliam insulam nomine Thyle,</i></p> <p>(9) <i>de qua Mantuanus inter alia: 'tibi serviat ultima Thyle'. habet quoque is ipse inmensus pelagus in parte artoa, id est septentrionali, amplam insulam nomine Scandzam, unde nobis sermo, si dominus iubaverit, est adsumpturus, quia gens, cuius originem flagitas, ab huius insulae gremio velut examen apium erumpens in terram Europae advinit: quomodo vero aut qualiter, in subsequentibus, si dominus donaverit, explanavimus.</i></p>	<p>pertencem à grande terra da <i>Europa</i> e não ao <i>Oceanus</i>.</p> <p>(8) Este, contudo, tem outras ilhas em seu interior, chamadas ‘<i>Baleares</i>’; além de outra, chamada ‘<i>Nevania</i>’; e também das ‘<i>Orcadas</i>’, em número de trinta e três, ainda que nem todas habitadas. Existe na última faixa do ocidente outra ilha, de nome ‘<i>Thyle</i>’¹⁷⁵, a respeito da qual o mantuano (Virgílio) [diz], entre outras coisas: ‘<i>Thyle</i>, a mais distante, servirá a ti’.</p> <p>(9) Ele próprio um imenso mar tem também na parte ártica — isto é, no norte — uma ampla ilha de nome ‘<i>Scandza</i>’; de onde nossa discussão, se o Senhor [assim o] ordenar, será iniciada, pois o povo cuja origem requeres vem irrompendo da depressão (<i>gremium</i>) dessa ilha para dentro das terras da <i>Europa</i> como se fosse um enxame de abelhas. De que modo, de fato, ou de que maneira, se o Senhor [nos] conceder, explicaremos na sequência.</p>
---	---

<p>II</p>	<p>Capítulo 2</p>
<p>(10) <i>Nunc autem de Britannia insula, que in sino Oceani inter Spanias, Gallias et Germaniam sita est, ut potuero, paucis absolvam. cuius licet magnitudine olim nemo, ut refert Libius, circumvectus est, multis tamen data est varia opinio de ea loquendi. quae diu si quidem armis inaccessam Romanis Iulius Caesar proeliis ad gloriam tantum quesitis aperuit: pervia</i></p>	<p>(10) Agora, porém, tratarei como for possível e de forma breve, da ilha da <i>Brittania</i>, que está situada no golfo entre a <i>Spania</i>¹⁷⁶, a <i>Gallia</i> e a <i>Germania</i>. Apesar de que antigamente, por conta de sua extensão, como mencionado por [Tito] Lívio, ninguém a havia circundado, não obstante, de muitos são as variadas opiniões ditas sobre ela. Se ela foi certamente por muito tempo inacessível, os romanos de Júlio César por grande glória a abriram com prélios.</p>

¹⁷⁵ Talvez a Islândia ou mesmo a Groenlândia.

¹⁷⁶ As grafias clássicas eram “*Britannia*” e “*Hispania*”.

<p><i>deinceps mercimoniis aliasque ob causas multis fata mortalibus non indiligenti, quae secuta est, aetati certius sui prodidit situm, quem, ut a Grecis Latinisque autoribus accepimus, persequimur.</i></p> <p><i>(11) triquadram eam plures dixere consimilem, inter septentrionalem occidentalemque plagam proiectam, uno, qui magnus est, angulo Reni hostia spectantem, dehinc correptam latitudine oblique retro abstractam in duos exire alios, geminoque latere longiorem Galliae praetendi atque Germaniae. in duobus milibus trecentis decem stadiis latitudo eius ubi patentior, longitudo non ultra septem mil.</i></p> <p><i>(12) centum triginta duo stadia fertur extendi; modo vero dumosa, modo silvestrae iacere planitiae, montibus etiam nonnullis increscere; mari tardo circumfluam, quod nec remis facile in pelletibus cedat, nec ventorum flatibus intumescat, credo, quia remotae longius terrae causas motibus negant: quippe illic latius quam usquam aequor extenditur. refert autem Strabo Graecorum nobilis scriptor tantams illam exalare nebulas, madefacta humo Oceani crebris excursibus, ut subtectus sol per illum pene totum fedioem, qui serenus est, diem negetur aspectui.</i></p> <p><i>(13) noctem quoque clariorem in</i></p>	<p>Acessível desde então, tanto [na busca] por mercadorias como por muitos outros interesses, os quais foram buscados, ela deixou de ser mortal [mesmo] para os descuidados, revelando definitivamente sua posição à[quela] geração, assim como aos autores gregos e latinos que aceitamos e seguimos.</p> <p>(11) Muitos deles comparam-na a um triângulo, apontando para entre as regiões setentrionais e ocidentais. Seu maior ângulo fica defronte à boca do [rio] <i>Rhenus</i>. Dali ela se reduz em largura e se retrai até terminar em dois outros ângulos. Seus dois lados maiores se projetam em frente à <i>Gallia</i> e à <i>Germania</i>. Dizem ter dois mil e trezentos e dez estádios de largura e não mais de sete mil e cento e trinta e dois de comprimento.¹⁷⁷</p> <p>(12) Plena de espinhos, a floresta jaz na planície, que também cresce até formar vários montes. Um mar calmo, que não cede facilmente ao empurrão dos remos e tampouco é agitado pelos ventos, a circunda. Creio que isto se dá porque as terras estão tão afastadas a ponto de não possibilitarem a agitação do mar; e a superfície do oceano, é claro, se estende mais do que em outros locais. Conta também o nobre escritor grego Estrabão que, umedecido o solo por frequentes incursões do <i>Oceanus</i>, ela exala muitas nuvens que cobrem o sol e tornam seus dias quase de todo desagradáveis, apesar de calmos, impedindo a claridade.</p> <p>(13) Em sua parte mais afastada, ademais, a</p>
---	---

¹⁷⁷ Valores em torno de 415 e 1280 quilômetros, respectivamente. Ambos bastante próximos das distâncias reais.

*extrema eius parte minimamque
Cornelius etiam annalium scriptor
enarrat, metallis plurimis cupiosam,
herbis frequentem et his feraciorem
omnibus, que pecora magis quam
homines alant: labi vero per eam multa
quam maximae relabique flumina
gemmas margaritasque volventia.
Silorum colorati vultus; torti pleroque
crine et nigro nascuntur; Calydoniam
vero incolentibus rutilae cumae,
corpora magna, sed fluuida: Gallis
sive Spanis, ut quibusque obtenduntur,
adsimiles.*

*(14) unde coniectavere nonnulli, quod
ea ex his accolas contiguo vocatos
acceperit. inculti aequae omnes populi
regesque populorum; cunctos tamen in
Calydoniorum Meatarumque
concessisse nomina Dio auctor est
celeberrimus scriptor annalium.
virgeas habitant casas, communia tecta
cum pecore, silveque illis saepe sunt
domus. ob decorem nescio an aliam
quam ob rem ferro pingunt corpora.*

*(15) bellum inter se aut imperii
cupidine, aut amplificandi quae
possident, saepius gerunt, non tantum
equitatu vel pedite, verum etiam bigis
curribusque falcatis, quos more
vulgare essedas vocant. haec pauca de
Brittaniae insulae forma dixisse
sufficiat.*

noite é clara e muito curta. Como também relatou o escritor dos 'Anais', Cornélio [Tácito], é rica em muitos metais, fértil para todo tipo de ervas, que mais alimentam o gado do que os homens. Por ela, contudo, deslizam e desaparecem enormes rios, revolvendo muitas pedras preciosas e pérolas. Os siluros têm o rosto pintado; sendo que muitos nascem com os cabelos negros e crespos. Os habitantes da *Calydonia*, por outro lado, têm pelos ruivos e corpos grandes, porém ágeis.

(14) Parecem-se com os gauleses ou os hispanos, dependendo de qual região estão defronte.¹⁷⁸ Daí muitos conjecturarem que a ilha recebeu os habitantes dessas regiões, convidando os que estavam próximos. Todos os povos e seus reis são igualmente selvagens. Dião [Cássio], o célebre autor de anais, todavia afirma que todos foram apelidados de 'calidônios' e 'meataros'. Vivem em cabanas de madeira, compartilhando seu abrigo com o gado, e as florestas frequentemente lhes servem de casa. Não sei se pintam seus corpos com a cor do ferro para decorá-los ou para outra coisa.

(15) Eles frequentemente conduzem guerra uns contra os outros por desejo de poder ou para aumentar suas posses. Lutam não apenas a cavalo ou à pé, mas também com bigas e carroças armadas com foices, às quais comumente chamam de 'essedae'. Que baste o que foi dito acerca da situação das ilhas da *Brittania*.

¹⁷⁸ Curiosamente, Jordanes imagina a ilha da *Brittania* posicionada não somente defronte à *Gallia*, como também à *Spania*. Embora fosse verdade que o litoral sul da *Brittania* fosse vizinho do litoral norte da *Gallia*, ele situava-se a mais de 1.000 quilômetros do litoral norte da península ibérica.

III	Capítulo 3
<p>(16) <i>Ad Scandziae insulae situm, quod superius reliquimus, redeamus. de hac etenim in secundo sui operis libro Claudius Ptolomeus, orbis terrae discriptor egregius, meminit dicens: est in Oceani arctoi salo posita insula magna, nomine Scandza, in modum folii cetri, lateribus pandis, per longum ducta concludens se. de qua et Pomponius Mela in maris sinu Codano positam refert, cuius ripas influit Oceanus.</i></p> <p>(17) <i>haec a fronte posita est Vistula fluminis, qui Sarmaticis montibus ortus in conspectu Scandzae septentrionali Oceano trisulcus inlabitur, Germaniam Scythiamque disterminans. haec ergo habet ab oriente vastissimum lacum in orbis terrae gremio, unde Vagi fluvius velut quodam ventrae generatus in Oceanum undosus evolvitur. ab occidente namque inmensu pelago circumdatur, a septentrione quoque innavigabili eodem vastissimo concluditur Oceano, ex quo quasi quodam brachio exiente, sinu distento, Germanicum mare efficitur.</i></p> <p>(18) <i>ubi etiam parvae quidem, sed plures perhibentur insulae esse dispositae, ad quas si congelato mari ob nimium frigus lupi transierint, luminibus feruntur orbari. ita non solum inhospitalis hominibus, verum etiam beluis terra crudelis est.</i></p>	<p>(16) Retomemos a situação da ilha da <i>Scandza</i>, que abandonamos acima. Cláudio Ptolomeu, eminente descritor do globo terrestre, lembrou dela no segundo livro de sua obra, dizendo: ‘Há uma grande ilha situada em mar aberto na área ártica do <i>Oceanus</i>, de nome ‘<i>Scandza</i>’, cujos lados são curvados como uma folha de cedro, se estendendo longamente até se findarem um sobre o outro’. Pompônio Mela relatou a seu respeito que, no mar, ela está situada no golfo <i>Codanus</i>, para cujas margens flui o <i>Oceanus</i>.</p> <p>17. À frente desta está localizado o rio <i>Vistula</i>¹⁷⁹, que nasce nos montes <i>Sarmatici</i> e flui para uma foz tripla, que deságua no norte do <i>Oceanus</i>, defronte à <i>Scandzae</i>, separando a <i>Germania</i> e a <i>Scythia</i>. Ela tem em sua parte oriental um enorme lago, em uma área que é uma depressão (<i>gremium</i>) do globo terrestre, de onde o rio <i>Vagus</i>¹⁸⁰ escorre como se jorrasse de uma entranha em direção ao onduloso <i>Oceanus</i>. Na parte ocidental, por seu turno, a ilha é cercada por um mar imenso e a norte é limitada pelo vastíssimo e inavegável <i>Oceanus</i>, do qual sai uma espécie de braço, que se estende em um golfo e produz o mar <i>Germanicus</i>.</p> <p>(18) Diz-se que por lá também existem muitas pequenas ilhas e que os lobos, quando atravessam o mar congelado em direção a elas, perdem a visão devido ao frio excessivo. Assim, essa terra não é somente inóspita para os homens, mas cruel até mesmo para as feras.</p>

¹⁷⁹ O rio manteve o mesmo nome até os dias atuais. Fica na Polônia e deságua na baía de Gdanski.

¹⁸⁰ Provavelmente o *Göta älv*, na Suécia.

(19) *in Scandza vero insula, unde nobis sermo est, licet multae et diversae maneant nationes, septem tamen eorum nomina miminit Ptolemaeus. apium ibi turba mellifica ob nimium frigore nusquam repperitur: in cuius parte arctoa gens Adogit consisti, quae fertur in aestate media quadraginta diebus et noctibus luces habere continuas, itemque brumali tempore eodem dierum noctiumque numero luce clara nescire.*

(20) *ita alternato merore cum gaudio beneficio aliis damnoque impar est. et hoc quare? quia prolixioribus diebus solem ad orientem per axis marginem vident redeuntem, brevioribus vero non sic conspicitur apud illos, sed aliter, quia austrinis signis percurrit, et quod nobis videtur sol ab imo surgere, illos per terrae marginem dicitur circuire.*

(21) *aliae vero ibi sunt gentes Screrrefennae, quae frumentum non queritant victum, sed carnibus ferarum atque ovis avium vivunt; ubi tanta paludibus fetura ponitur, ut et augmentum prestent generi et satietatem ad cupiam genti. alia vero gens ibi moratur Suehans, quae velud Thyringi equis utuntur eximiis. hi quoque sunt, qui in usibus romanorum sappherinas pelles commercio intervenient per alias innumeras gentes*

(19) Ainda que na *Scandza*, a ilha da qual estamos falando, seja permitida a permanência de muitos e diversos povos, Ptolomeu lembra-se [somente] do nome de sete deles. Lá, devido ao frio excessivo, não são encontrados em parte alguma enxames de abelhas melíferas. Em sua parte norte, onde está assentada a nação adogita,¹⁸¹ diz-se que em meados do verão há luz contínua por quarenta dias e noites; e que, no tempo invernal, não conhece luz clara por igual número de dias e noites.

(20) Assim, por tal alternância entre aflição e alegria, são distintos dos outros no que concerne a vantagens e perdas. E isso por quê? Porque nos dias longos eles vêem o sol retornar ao oriente margeando o horizonte. Nos dias breves, todavia, não é isso que observam. Pelo contrário, ao percorrer os símbolos austrais, o sol que é visto por nós surgindo de baixo, no caso deles é dito que circula pela margem da *Terra*.

(21) Lá também estão outros povos, como os escrerrefenos, que não buscam cereais como sustento. Vivem da carne de feras e dos ovos de aves; pois são postas tantas crias nos pântanos que proporcionam o aumento da espécie e favorecem a saciedade do povo. Outro povo que mora lá é o suehano, que, como os turingos, emprega cavalos exímios. Eles também são os que enviam, através do comércio com outros inumeráveis povos, as peles safirinas¹⁸² que são usadas pelos romanos. São famosos pela

¹⁸¹ Aportuguesamos os nomes dos povos mencionados no texto de Jordanes, ainda que muitos deles não sejam mencionados em qualquer outro local. Procedimento similar adotou Sánchez Martín, que em sua versão adaptou os nomes para o Espanhol. Quando o próprio texto da *Getica* trouxe mais de uma grafia para um mesmo nome, porém, adotamos a variante que identificamos como mais “clássica” como base para o processo de aportuguesamento.

¹⁸² De cor azulada como a safira.

*transmittunt, famosi pellium decora
nigridine.*

*(22) sequitur deinde diversarum turba
nationum, Theustes, Vagoth, Bergio,
Hallin, Liothida, quorum omnium
sedes sub uno plani ac fertilis, et
propterea inibi aliarum gentium
incursionibus infestantur. post hos
Ahelmil, Finnaithae, Fervir,
Gauthigoth, acre hominum genus et at
bella prumtissimum. dehinc Mixi,
Evagre, Otingis. hi omnes excisis
rupibus quasi castellis inhabitant ritu
beluino.*

*(23) sunt et his exteriores Ostrogothae,
Raumarici, Aeragnaricii, Finni
mitissimi, Scandzae cultoribus
omnibus mitiores; nec non et pares
eorum Vinoviloth; Suetidi, cogniti in
hac gente reliquis corpore
eminentiores: quamvis et Dani, ex
ipsorum stirpe progressi, Herulos
propriis sedibus expulerunt, qui inter
omnes Scandiae nationes nomen sibi
ob nimia proceritate affectant
praecipuum.*

*(24) sunt quamquam et horum positura
Grannii, Augandzi, Eunixi, Taetel,
Rugi, Arochi, Ranii. quibus non ante
multos annos Roduulf rex fuit, qui
contempto próprio regno ad
Theodorici Gothorum regis gremi
convolavit et, ut desiderabat, invenit.
hae itaque gentes, Germanis corpore et
animo grandiores, pugnabant beluina
saevitia.*

negritude dos adornos de suas peles. Ainda que vivam como pobres, vestem-se muito ricamente.

(22) Então, segue-se uma aglomeração de diversos povos, como teustes, vagotes, bergios, halinos, liótidas; os quais se assentam todos em uma planície fértil e que, por isso, são infestados por incursões de outros povos. Por detrás desses, estão os ahemiles, os finaitas, fervires, gautigodos — um tipo de homens rudes e prontíssimos para a guerra — e em seguida, os mixis, evagres e otingis. Todos eles habitam fortalezas escavadas nas rochas e se portam de modo quase bestial.

(23) Para além deles estão, ademais, os ostrogodos, raumáricos, aeragnáricios e os gentilíssimos finos, os mais gentis de todos os habitantes da *Scandza*. Também semelhantes a eles são os vinovilotes. Os suétidos são conhecidos entre esses povos por seu tamanho excepcional; apesar de que os daneses, que provém da mesma linhagem e que expulsaram os hérulos das próprias terras, são os que entre os povos da *Scandza* jactam-se devido a sua especial estatura.

(24) Nessa região estão, ainda, os granios, auganzos, eunixos, taetel, rugos, arochos e ranos, de quem há não muitos anos Roduulf foi rei. Ele, por desprezo ao próprio reino, correu para o colo do rei dos godos Teodorico, encontrando o que desejava. Todos esses povos, além disso, são maiores dos que os germânicos em corpo e alma; e lutam com uma fúria bestial.

IV	Capítulo 4
<p>(25) <i>Ex hac igitur Scandza insula quasi officina gentium aut certe velut vagina nationum cum rege suo nomine Berig Gothi quondam memorantur egressi: qui ut primum e navibus exientes terras attigerunt, ilico nomen loci dederunt. nam odieque illic, ut fertur, Gothiscandza vocatur.</i></p> <p>(26) <i>unde mox promoventes ad sedes Vlmerugorum, qui tunc Oceani ripas insidebant, castra metati sunt eosque commisso proelio propriis sedibus pepulerunt, eorumque vicinos. Vandalos iam tunc subiugantes suis applicavere victoriis. ubi vero magna populi numerositate crescente et iam pene quinto rege regnante post Berig Filimer, filio Gadarigis, consilio sedit, ut exinde cum familiis Gothorum promoveret exercitus.</i></p> <p>(27) <i>qui aptissimas sedes loca quae dum quereret congrua, pervenit ad Scythiae terras, quae lingua eorum Oium vocabantur: ubi delectatus magna ubertate regionum et exercitus mediaetate transposita pons dicitur, unde amnem traiecerat, inreparabiliter corruisse, nec ulterius iam cuidam licuit ire aut redire. nam is locus, ut fertur, tremulis paludibus voragine circumiecta concluditur, quem utraque confusione mantura reddidit inpervium. verumtamen hodieque illic et vocês armentorum audiri et indicia hominum depræhendi commeantium attestationem, quambis a longe audientium, credere licet.</i></p>	<p>(25) Dessarte, os godos se recordam de partir outrora dessa ilha <i>Scandza</i> — quase uma fábrica de povos ou, certamente, um nascedouro de nações — com seu rei de nome Berig. Quando os líderes saíram dos navios e chegaram a terra, de imediato deram nome ao local; do qual se diz, até hoje, ser chamado <i>Gothiscandza</i>.</p> <p>(26) De lá, em seguida, avançaram até a morada dos ulmerugos, que então ocupavam as margens do <i>Oceanus</i>. [Então] montaram acampamento e combateram-nos, expulsando-os de suas moradas. Depois deles os vizinhos. Os vândalos, então já subjugados, acrescentaram às suas vitórias. Lá, porém, com a grande população aumentando em número, e já quase no quinto rei após Berig, Filimer, filho de Gadarigis, sentou-se diante do conselho e então conduziu adiante o exército dos godos, acompanhado pelos familiares.</p> <p>(27) Em busca de locais adjacentes apropriados para excelentes moradas, chegou à terra da <i>Scythia</i>, à qual chamavam em sua língua <i>Oium</i>, onde ficou deleitado pela grande fertilidade da região. Diz-se que metade do exército havia cruzado uma ponte e, quando atravessava a correnteza, aquela desabou irreparavelmente, não mais lhe permitindo ir ou voltar, pois esse lugar, segundo dizem, está limitado por um abismo aquoso circundado por um pântano movediço (<i>tremulus</i>), tornados intransponíveis pela natureza através de sua combinação. Ali, ainda hoje, são ouvidas vozes de gado e encontrados indícios de homens, segundo testemunhos dos viajantes; apesar de que devemos crer que eles ouçam [essas histórias] de longe.</p>

<p>(28) <i>haec ergo pars Gothorum, quae apud Filemer dicitur in terras Oium emenso amne transposita, optatum potiti solum. nec mora ilico ad gentem Spalorum adveniunt consertoque proelio victoriam adipiscunt, exindeque iam velut victores ad extremam Scythiae partem, que Ponto mari vicina est, properant. quemadmodum et in priscis eorum carminibus pene storicu ritu in comune recolitur: quod et Ablavius descriptor Gothorum gentis egregius verissima adtestatur historia.</i></p> <p>(29) <i>in quam sententiam et nonnulli consensere maiorum: Ioseppus quoque annalium relator verissimus dum ubique veritatis conservet regulam et origines causarum a principio revolvat. haec vero quae diximus de gente Gothorum principia cur omiserit, ignoramus: sed tantu Magog eorum stirpe comemorans, Scythas eos et natione et vocabulo asserit appellatos. cuius soli terminos, antequam aliud ad medium deducamus, necesse est, ut iacent, edicere.</i></p>	<p>(28) Essa parte dos godos, a qual se conta que chegou com Filimer às terras de <i>Oium</i> após atravessar o rio caudaloso, tomou posse do solo escolhido. Sem demora, imediatamente, eles encontram a tribo dos espalos e, enfrentando-lhes em combate, conseguem a vitória. Em seguida, já como vencedores, apressam-se até a parte extrema da <i>Scythia</i>, vizinha do mar do <i>Pontus</i>. É desse modo que [o ocorrido] é comumente recontado, em seus antigos cantos, quase em forma de narrativa histórica. Disso também Ablábio, o famoso cronista da tribo dos godos, dá testemunho em sua muitíssimo verdadeira história,</p> <p>(29) com a qual vários escritores antigos concordam. Ignoramos porque Josefo, um seríssimo escritor de anais, ainda que seguisse a regra da verdade e se pusesse a descobrir as origens e causas últimas [do que conta], omitisse o que dissemos de verdadeiro sobre os inícios da tribo dos godos. Ele, em vez disso, dessa linhagem apenas relembra os magogues, que eram da nação cita e chamados também assim. É preciso, porém, antes que passemos a outros assuntos, esclarecer os limites desse território tal qual existem.</p>
---	--

<p>V</p>	<p>Capítulo 5</p>
<p>(30) <i>Scythia si quidem Germaniae terre confines eo tenus, ubi Ister oritur amnis vel stagnus dilatatur Morsianus, tendens usque ad flumina Tyram, Danastrum et Vagosolam, magnumque illu Danaprum Taurumque montem, non illum Asiae, sed proprium, id est Scythicum, per omnem Meotidis</i></p>	<p>(30) De fato, a <i>Scythia</i> vai até as terras limítrofes da <i>Germania</i>, onde estão a nascente do caudaloso <i>Ister</i> (Danúbio) e pântano <i>Morsianus</i>. Estende-se até os rios <i>Tyra</i>, <i>Danaster</i> e <i>Vagosola</i>; e também até onde estão aquele grande rio, o <i>Danaper</i>, e o monte <i>Taurus</i>, não o da <i>Asia</i>, mas o próprio, o da <i>Scythia</i>; por todo o entorno do [pântano] <i>Meotis</i>¹⁸⁷; e para</p>

aditum, ultraque Meotida per angustias Bosfori usque ad Caucasum montem amnemque Araxem ac deinde in sinistram partem reflexa post mare Caspium, quae in extremis Asiae finibus ab Oceano eoroboro in modum fungi primum tenuis, post haec latissima et rotunda forma exoritur, vergens ad Hunnos, Albanos et Seres usque digreditur.

(31) haec, inquam, patria, id est Scythia, longe se tendens lateque aperiens, habet ab oriente Seres, in ipso sui principio litus Caspii maris commanentes: ab occidente Germanos et flumen Vistulae: ab arctu, id est septentrionali, circumdatur oceano, a meridiae Persida, Albania, Hiberia, Ponto atque extremo alveo Istri, qui dicitur Danubius ab ostrea sua usque ad fontem.

(32) in eo vero latere, qua Ponticum litus attingit, oppidis haut obscuris involvitur, Boristhenide, Olbia, Callipolida, Chersona, Theodosia, Careon, Myrmicion et Trapezunta, quas indomiti Scytharum nationes Grecis permiserunt condere. sibimet commercia prestaturos. in cuius Scythiae medium est locus, qui Asiam Europamque ab alterutro dividit. Riphei scilicet montes. qui Thanain vastissimum fundunt intrantem Meotida cuius paludis, circuitus passuum mil. CXLIII.

(33) nusquam octo ulnis altius subsidents. in qua Scythia prima ab occidente gens residet Gepidarum, que

além da *Meotida* até o estreito do *Bosforus*, o monte *Caucasus* e o rio *Araxes*; e então vira à esquerda até por trás do mar *Caspium*. Da fronteira extrema da *Asia*, [a *Scythia*] surge do *Oceano Eoroborum* primeiro delgada e depois, como se fosse um cogumelo, assume uma forma redonda e larguíssima, desviando-se das terras dos hunos, dos albanos e dos seres.

(31) Essa pátria de que falo, ou seja, a *Scythia*, estende-se longamente e abre-se largamente, tendo a leste os seres, que frequentaram em seus primórdios o litoral do mar *Caspium*; a oeste [tem] os germanos e o rio *Vistula*¹⁸⁸; ao ártico, ou seja, ao norte, é circundada pelo oceano; a sul [estão] a *Persida*, a *Albania*, a *Hiberia*, o *Pontus* e o braço final do *Ister*, que da foz até a nascente é conhecido como “*Danubius*”.

(32) Essa região extensa, que toca o litoral do *Pontus*, é envolvida por cidades nem um pouco obscuras: *Boristhenide*, *Olbia*, *Callipolida*, *Chersona*, *Theodosia*, *Careo*, *Myrmicion* e *Trapezunta*, as quais as indômitas nações citas permitiram que os gregos fundassem para que lhes possibilitassem o comércio. No meio da *Scythia* existe o local que separa a *Asia* e a *Europa* uma da outra, nomeadamente os montes *Riphei*, que vertem água no enorme [rio] *Thanais*, que adentra a *Meotida*, cujo pântano tem um perímetro de cento e quarenta e quatro milhas.

(33) e nunca menos de oito braças de profundidade. A oeste, a primeira tribo que reside na *Scythia* é a dos gépidas, que estão

*magnis opinatisque ambitur fluminus.
nam Tisia per aquilonem eius
chorumque discurrit; ab africo vero
magnus ipse Danubius, ab eoo
Flutausis secat, qui rapidus ac
verticosus in Istri fluenta furens
divolvitur.*

*(34) introrsus illis Dacia est, ad
coronae speciem arduis Alpibus
emunita. iuxta quorum sinistrum latus,
qui in aquilone vergit, ab ortu Vistulae
fluminis per inmensa spatia
Venetharum natio populosa consedit.
quorum nomina licet nunc per varias
famílias et loca mutantur, principaliter
tamen Sclaveni et Antes nominantur.*

*(35) Sclaveni a civitate Novietunense
et laco qui appellatur Mursiano usque
ad Danastrum et in boream Viscla¹⁸³
tenus commorantur: hi paludes
silvasque pro civitatibus habet. Antes
vero, qui sunt eorum fortissimi, qua
Ponticum mare curvatur, a Danastro
extenduntur usque ad Danaprum, quae
flumina multis mansionibus ab invicem
absunt.*

*(36) ad litus autem Oceani, ubi tribus
faucibus fluenta Vistulae fluminis
ebibuntur, Vidivarii resident, ex
diversis nationibus adgregati; post
quos ripam Oceani item Aesti tenent,
pacatum hominum genus omnino.
quibus in austrum adsidet gens
Acatzirorum fortissima, frugum ignara,
quae pecoribus et venationibus victitat.*

rodeados por rios grandes e famosos: o *Tisia* flui seguindo [os ventos] Aquilão (norte) e Coro (noroeste); do Ábrego (sudoeste), em verdade, vem o próprio *Danubius*, grande; do oriente o *Flutausis*, que rápido e agitado flui furiosamente para dentro do *Ister*, divide a terra em duas.

(34) Cercada por esses rios está a *Dacia*, defendida por dificultosas serras de formato de coroa. Junto ao seu lado esquerdo, que se vira em direção ao Aquilão, a partir da nascente do *Vistula*, a populosa nação dos vênetos está assentada em uma imensa área. Ainda que se aceite que os nomes possam mudar em função das várias famílias e lugares, são principalmente chamados “esclávenos” e “antes”.

(35) Os esclávenos se detêm da cidade de *Noviotunum* e do lago chamado “Mursiano” até o *Danaster* e em direção ao norte até o *Vistula/Viscla*. Suas cidades são os pântanos e as florestas. Os antes, que de fato são os mais fortes dos que habitam a curva do *Pontus*, se estendem do *Danaster* até o *Danaper*, rios a muitos pernites de distância um do outro.

(36) Junto, porém, do litoral do *Oceanus*, onde a correnteza do *Vistula* se esvazia em uma foz com três canais, residem os vidivarii/vidivários, um agregado de várias nações. Depois deles, também controlam a beira do *Oceanus* os aestos/aesti, um tipo totalmente pacato de homens, ao sul dos quais está assentada a muito valente tribo dos acatziros/acatziiri, que desconhece a agricultura, que subsiste da pecuária e da caça.

¹⁸³ Variante não comentada por Mommsen. Em 5.31, Jordanes emprega “*Vistula*”, o nome clássico.

<p>(37) <i>ultra quos distendunt supra mare Ponticum Bulgarum sedes, quos notissimos peccatorum nostrorum mala fecerunt. hinc iam Hunni quasi fortissimorum gentium fecundissimus cespes bigariam populorum rabiem pullularunt. nam alii Altziagiri, alii Saviri nuncupantur, qui tamen sedes habent divisas: iuxta Chersonam Altziagiri, quo Asiae bona avidus mercator importat, qui aestate campos pervagant effusas sedes, prout armentorum invitaverint pabula, hieme supra mare Ponticum se referentes. Hunuguri autem hinc sunt noti, quia ab ipsis pellium murinarum venit commercium: quos tantorum virorum formidavit audacia.</i></p>	<p>(37) Depois deles e acima do mar do <i>Pontus</i> estão os locais de residência dos búlgaros, que se tornaram famosíssimos pelos males que lhes ocasionaram os nossos pecados. A partir daí os hunos, uma das mais valentes tribos, dúplice brotou do solo para ser a fúria sobre os povos — uns são chamados altziagiros, enquanto os outros saviros. Têm também locais de residência distintos. Os altziagiros ficam junto a <i>Chersone</i>, onde os ávidos mercadores importam bens da <i>Asia</i>, e no verão vagam sem local de residência fixo, conforme os pastos convidam os rebanhos, enquanto no inverno retornam para acima do mar do <i>Pontus</i>. A partir daí, porém, ficam os hunuguros/hunuguri, conhecidos tanto por virem comerciar peles de marta como por sua ousadia que amedronta tantos entre os godos,¹⁸⁹</p>
<p>(38) <i>quorum mansione prima in Scythiae solo iuxta paludem Meotidem, secundo in Mysiam Thraciamque et Daciam, tertio supra mare Ponticum rursus in Scythia legimus habitasse: nec eorum fabulas alicubi repperimus scriptas, qui eos dicunt in Brittaniam vel in unaqualibet insularum in servitute redactos et in unius caballi praetio a quodam ereptos. aut certe si quis eos aliter dixerit in nostro urbe¹⁸⁴, quam quod nos diximus, fuisse exortos, nobis aliquid obstrepebit: nos enim potius lectioni credimus quam fabulis anilibus consentimus.</i></p>	<p>(38) que, conforme lemos, na <i>Scythia</i> primeiramente pousaram nas terras junto ao pântano <i>Meotis</i>; em segundo na <i>Mysia</i>, na <i>Thracia</i> e na <i>Dacia</i>; e em terceiro novamente na <i>Scythia</i>, acima do mar do <i>Pontus</i>. Não encontramos em qualquer parte de suas histórias escritas, aquelas que digam que eles foram conduzidos à servidão na <i>Brittania</i>, ou em qualquer outra ilha, e [de lá] resgatados pelo preço de um cavalo. Que não reste dúvida que, caso apareça alguém em nossa cidade que diga diferente do que dissemos, iremos nos opor, pois cremos mais no que lemos do que em fábulas contadas por velhas.</p>
<p>(39) <i>Vt ergo ad nostrum propositum redeamus, in prima sede Scythiae iuxta</i></p>	<p>(39) Para que voltemos, então, ao nosso assunto: quando [os godos] permaneciam no</p>

¹⁸⁴ “*Urbs*” como palavra masculina.

¹⁸⁷ “*Palus Maeotis*” era o nome genérico aplicado às terras pantanosas próximas à foz do rio *Tanais* (atual Don, na Rússia). Jordanes irá se referir a esse local diversas vezes ao longo do texto.

¹⁸⁸ O rio mantém o mesmo nome até hoje e deságua no mar Báltico.

*Meotidem commanentes praefati, unde loquimur, Filimer regem habuisse noscuntur. in secunda, id est Daciae, Thraciaeque et Mysiae solo Zamoxen, quem mirae philosophiae eruditionis fuisse testantur plerique scriptores annalium. nam et Zeutam prius habuerunt eruditum, post etiam Dicineum, tertium Zalmoxen, de quo superius diximus. nec defuerunt, qui eos sapientiam erudirent.*¹⁸⁵

(40) unde et pene omnibus barbaris Gothi sapientiores semper extiterunt Grecisque pene consimiles, ut refert Dio, qui historias eorum annalesque Greco stilo composuit. qui dicit primum Tarabosteseos, deinde vocatos Pilleatos hos, qui inter eos generosi extabant, ex quibus eis et reges et sacerdotes ordinabantur. adeo ergo fuere laudati Gaetae, ut dudum Martem, quem poetarum fallacia deum belli pronuntiat, apud eos fuisse dicant exortum. unde et Vergilius: 'gradivumque patrem, Geticis qui praesidet arvis'.

(41) quem Martem Gothi sempre asperrima placavere cultura (nam victimae eius mortes fuere captorum), opinantes bellorum praesulem apte humani sanguinis effusione placandum. huic praede primordia vovebantur; huic truncis suspendebantur exubiae, eratque illis religionis preter ceteros insinuat

supramencionado primeiro local de residência na *Scythia*, junto ao [pântano] *Meotis*, é sabido que tinham Filimer como rei; no segundo local de residência, ou seja, na *Dacia*, na *Thracia* e na *Mysia*, reinava sozinho Zamoxes, cuja admirável erudição filosófica foi atestada por muitos escritores de anais — porquanto anteriormente [os godos] tiveram o erudito *Zeutas* [em seu meio], em seguida *Dicineus* e por terceiro [dos sábios] *Zalmoxes*, o qual mencionamos acima. Não faltaram [aos godos], assim, quem lhes ensinasse a sabedoria.

(40) Dali, praticamente entre todos os bárbaros os godos foram sempre os mais sábios que existiram e quase iguais aos gregos, como relata Dião, que compôs à maneira grega as suas histórias e anais; e que disse que primeiro se chamavam “tarabosteseos” e depois “pileados” aqueles que, entre eles, se destacavam como os mais generosos, aqueles de onde eram apontados os reis e sacerdotes. Tão grandemente seriam louvados os getas, que se disse que Marte, a quem a falácia dos poetas chama de “deus da guerra”, anteriormente havia [estado] entre eles. É daí que disse Virgílio: “O pai gradivo preside os campos géticos”.

(41) Os godos sempre aplacaram Marte com um culto muito rude, pois sacrificavam como vítimas os seus prisioneiros, acreditando que o patrono da guerra deveria ser aplacado com o derramamento de sangue humano. A esse patrono dedicavam a primeira parte do butim; a ele penduravam nos troncos as armas capturadas; e entre eles o espírito religioso era mais evidente do que entre os outros [povos],

¹⁸⁵ Problema de coesão textual. Jordanes inicia o parágrafo dando a impressão de que fará uma listagem dos reis e resolve falar dos sábios na metade dele.

¹⁸⁹ A sequência do texto denota que os godos estão subentendidos.

*affectus, cum parenti devotio numinis
videretur inpendi.*

*(42) tertia vero sede super mare
Ponticum iam humaniores et, ut
superius diximus, prudentiores effecti,
divisi per familias populi Vesegothae
familiae Balthorum, Ostrogothae
praeclaris Amalis serviebant.*

*(43) Quorum studium fuit primum inter
alias gentes vicinas arcum intendere
nervis, Lucano plus storico quam
poeta testante: 'Armeniosque arcus
Geticis intendite nervis'. ante quos
etiam cantum maiorum facta
modulationibus citharisque canebant,
Eterpamara, Hanale, Fridigerni,
Vidigoiae et aliorum, quorum in hac
gente magna opinio est, quales vix
heroas fuisse miranda iactat
antiquitas.*

*(44) tunc, ut fertur, Vesosis Scythis
lacrimabile sibi potius intulit bellum,
eis videlicet, quos Amazonarum virus
prisca tradit auctoritas, de quas et
feminas bellatrices Orosius in primo
volumine professa voce testatur. unde
cum Gothis eu tunc dimicasse
evidenter probamus, quem cum
Amazonarum viris absolute pugnasse
cognoscimus, qui tunc a Borysthene
amne, quem accolae Danaprum
vocant, usque ad Thanain fluvium
circa sinum paludis Meotidis
consedebant.*

*(45) Thanain vero hunc dico, qui ex
Ripheis montibus deiectus adeo
preceps ruit, ut, cum vicina flumina*

pois a devoção pela divindade parecia com a
dada a um pai.

(42) Sua terceira sede foi, de fato, sobre o mar
do *Pontus* e, como dissemos acima, se tornaram
os mais sábios, dividendo-se por famílias: os
visigodos serviam à família dos Baltos e a dos
ostrogodos a dos nobres Ámalos.

(43) Eles foram os primeiros a tentar, entre os
povos vizinhos, tensior com cordas o arco,
como atesta Lucano, mais historiador do que
poeta: “Tensione os arcos armênios com cordas
géticas”. Antes disso, eles também cantavam os
feitos dos seus antepassados com melodias e a
cítara — os de Eterpamara, Hanale, Fridigerno,
Vidigoia e outros, que para este povo têm
grande reputação, e que foram os únicos
elogiados pela antiguidade com poemas
heroicos.

(44) Então, como é contado, Vesosis fez guerra
contra os citas, que acabou por ser mais
lacrimosa para si. Eram, especificamente,
aqueles homens das amazonas, que segundo a
tradição antiga seriam mulheres guerreiras e que
é atestado explicitamente por Orósio no [seu]
primeiro volume. Daí comprovamos que
evidentemente ele enfrentou os godos e
sabemos de modo claro que eles enfrentaram os
homens das amazonas, que então estavam
assentados da corrente d'água *Borysthene*, que
os nativos chamam de “*Danaprum*”, até o rio
Thanais, próximo do pântano da *Meotida*.

(45) Por *Thanais* quero dizer o rio que desce
velozmente do monte *Ripheis*, de modo que,
quando os rios vizinhos ou o pântano da

<p><i>sive Meotis et Bosforus¹⁸⁶ gelu solidentur, solus amnium confragosis montibus vaporatus, numquam Scythico duriscit algore. hic Asiae Europaeque terminus famosus habetur. nam alter est ille, qui montibus Chrinnorum oriens, in Caspium mare dilabitur.</i></p> <p><i>(46) Danaper autem ortus grande palude, quasi ex matre profunditur. hic usque ad medium sui dulcis est et potabilis, piscesque nimii saporis gignit, ossa carentibus chartellagine tantum habentes in corporis continentiam. sed ubi fit Ponto vicinior, parvum fontem suscipit, cui Exampheo cognomen est, adeo amarum, ut, cum sit quadraginta dierum itinere navigabilis, huius aquis exiguis inmutetur, infectusque ac dissimilis sui inter Greca oppida Callipidas et Hypannis in mare defluat. ad cuius ostia insula est in fronte, Achillis nomine. inter hos terra vastissima, silvis consita, paludibus dubia.</i></p>	<p><i>Meotida e o Bosforus endurecem com o gelo, é a única corrente d'água que permanece fluida e nunca é endurecida pelo frio cítico. Aí também fica o famoso limite entre a Asia e a Europa, Isso porque existe um outro Thanais, que nasce nas montanhas dos chrinni e deságua no mar Caspium.</i></p> <p><i>(46) O Danaper, por outro lado, nasce de um grande pântano, como se nascesse das profundezas de uma mãe. Dali até a metade [de seu curso], é doce e potável; e produz peixes de muito sabor, sem ossos, apenas com cartilagem na estrutura dos [seus] corpos; mas, quando se avizinha do Pontus, recebe [as águas de] uma pequena fonte, chamada 'Exampheus', tão amarga que, embora [o rio] seja navegado por [mais] quarenta dias de percurso, é transformado por essas pequenas águas e [se torna] contaminado e diferente do que era entre a cidades gregas de Callipidas e Hypannis. Em frente à sua foz está uma ilha chamada 'Achilles'. Entre esses dois [rios] está uma terra vastíssima, coberta por florestas e por pântanos traiçoeiros.</i></p>
---	--

<p style="text-align: center;">VI</p>	<p style="text-align: center;">Capítulo 6</p>
<p><i>(47) Hic ergo Gothis morantibus Vesosis, Aegyptiorum rex, in bellum inruit, quibus tunc Tanausis rex erat. quod proelio ad Phasim fluvium, a quo Fasides aves exortae in totum mundum epulis potentum exuberant, Thanausis Gothorum rex Vesosi Aegyptorum occurrit, eumque graviter debellans in Aegypto usque persecutus est, et nisi Nili amnis intransmeabilis</i></p>	<p><i>(47) Então, enquanto os godos permaneciam ali, o rei egípcio Vesosis deu início a uma guerra, quando então o seu rei (dos godos) era Tanausis. Junto ao rio Phasis, de onde os vêm os faisões que em todo o mundo abundam são exibidos nos banquetes dos poderosos, Tanausis, rei dos godoso, atacou o rei Vesosis dos egípcios e o derrotou severamente, chegando a persegui-lo até o Aegyptus e, não fosse pelo fluxo intransponível do Nilus e pelas fortificações</i></p>

¹⁸⁶ Grafia alternativa de “Bosphorus”.

<p><i>obstetissent fluenta vel munitiones, quas dudum sib ob incursiones Aethiopum Vesosis fieri praecepisset, ibi in eius eum patria extinxisset. sed dum eum ibi positum non valuisset laedere, revertens pene omnem Asiam subiugavit et sibi tunc caro amico Sorno, regi Medorum, ad persolvendum tributum subditos fecit. ex cuius exercitus victores tunc nonnulli provincias subditas contuentes et in omni fertilitate pollentes deserta suorum agmina sponte in Asiae partibus residerunt.</i></p> <p><i>(48) ex quorum nomine vel genere Pompeius Trogo Parthorum dicit extitisse prosapiem. unde etiam hodieque lingua Scythica fugaces quod est, Parthi dicuntur, suoque generi respondententes inter omnes pene Asiae nationes soli sagittarii sunt et acerrimi bellatores. de nomine vero, quod diximus eos Parthos, fugaces, ita aliquanti aethymologiam traxerunt, ut dicerent Parthi, quia suos refugerunt parentes. hunc ergo Thanausim regem Gothorum mortuum inter numina sui populi coluerunt.</i></p>	<p>outrora feitas construir por Vesosis contra as incursões dos etíopes, ele seria morto na própria pátria. Mas ali, não estando em posição que permitisse atacar, [o rei dos godos] deu meia volta e quase subjugou toda a <i>Asia</i>; e anulando os tributos [devidos ao rei dos egípcios] fez súdito o [seu] caro amigo Sorno, rei dos medos. [Foi quando] muitos dos vencedores em seu exército, observando as muitas províncias submetidas, todas tão férteis, desertaram de seus bandos e voluntariamente passaram a residir em partes da <i>Asia</i>.</p> <p>(48) Pompeio Trogo disse que a linhagem dos partos deve seu nome e tipo a eles — de onde, ainda hoje, na língua cítica, os desertores são chamados 'partos'. Por conta de seu tipo, são arqueiros, praticamente os únicos entre as nações da <i>Asia</i>, e guerreiros determinados. De fato, a respeito do nome, embora tenhamos dito que 'partos' eram 'desertores', outros trouxeram uma diferente etimologia, dizendo que os 'partos' fugiram dos seus ancestrais. Então, quando esse rei Thanausis morreu foi cultuado como divindade entre o seu povo.</p>
--	---

<p style="text-align: center;"><i>VII</i></p> <p><i>(49) Post cuius decessum et exercitu eius cum successores ipsius in aliis partibus expeditione gerentibus feminae Gothorum a quadam vicina gente temptantur in praeda. quae doctae a viris fortiter resisterunt hostesque super se venientes cum magna verecundia abigerunt. qua</i></p>	<p style="text-align: center;">Capítulo 7</p> <p>(49) Após a sua morte, quando o seu exército era conduzido pelos [seus] sucessores a outras regiões, um certo povo vizinho tentou aprisionar as mulheres dos godos. Elas, tendo sido treinadas por seus maridos, resistiram corajosamente aos inimigos que vieram sobre si e recatadamente expulsaram-nos. Por conta dessa vitória e aumentada a sua ousadia, [elas]</p>
--	---

*patratae victoria fretaque maiores
audacia invicem se cohortantes arma
arripiunt elegentesque duas
audentiores Lampeto e Marpesia
principatui subrogarunt.*

*(50) quae dum curam gerunt, ut et
própria defenderent et aliena
vastarent, sortitae Lampeto restitit
fines patrios tuendo, Marpesia vero
feminarum agmine sumpta novum
genus exercitui duxit in Asiam,
diversasque gentes bello superans,
alios vero pace concilians, ad
Caucasum¹⁹⁰ venit, ibique certum
tempus demorans loci nomen dedit
Saxum Marpesiae, unde et Vergilius:
'ac si dura silex aut stet Marpesia
cantes', in eu loco, ubi post haec
Alexander Magnus portas constituens
Pylas Caspias nominavit, quod nunc
Lazorum gens custodit pro munitione
Romana.*

*(51) hic ergo certum temporis
Amazonas commanentes confortati
sunt. unde egressi et Alem fluvium,
quod iuxta Gargaram civitatem
praeterfluit, transeuntes, Armeniam,
Syriam Ciliciamque, Galatim, Pisidiam
omniaque Asiae loca aequa felicitate
domuerunt; Ioniam Eoliamque
conversae deditas sibi provincias
effecerunt. ubi diutius dominantes
etiam civitates castraque suo in
nomine dicaverunt. Ephesi quoque
templum Dianae ob sagittandi ac
venandi studium, quibus se artibus
tradidissent, effusius opibus mirae*

estimularam umas às outras a combater e, após elegerem as duas mais ousadas, Lâmpedo e Marpésia, puseram-se sob o seu comando.

(50) Então, quando elas estavam no comando, defenderam a própria [pátria] e devastaram a alheia. Lâmpedo foi escolhida para permanecer defendendo as fronteiras pátrias, enquanto Marpésia, tendo selecionado um bando de mulheres, conduz esse novo tipo de exército até a *Asia*, derrotando diversos povos na guerra e fazendo acordo de paz com outros, até chegar no *Caucasus*, onde se demorou por um certo tempo e deu ao local o nome de 'rocha de Marpésia' — de onde se lê em Virgílio: 'e que também cantes se ergue-se como uma lasca dura ou [como a rocha de] Marpésia' —, no local onde depois Alexandre, o Grande, colocou portões e nomeou 'Pilares Cáspios', que agora o povo dos lázios guarda através de uma fortificação romana.

(51) Então, as amazonas permaneceram ali por certo tempo e se fortaleceram. Dali partiram e atravessaram o rio *Alys*, que passa ao lado da cidade de *Gargara*, e dominaram a *Armenia*, a *Syria* e a *Cilicia*, a *Galatia*, a *Pisidia* e todas as regiões da *Asia* com igual felicidade. Foram em direção à *Ionia* e à *Eolia*, que, rendidas, foram feitas províncias. Dominaram esses locais por um bom tempo e também nomearam cidades e fortalezas com os seus nomes. Em *Ephesus*, ademais, [estabeleceram] um templo a *Diana* de vasta riqueza e admirável beleza, por conta do [seu] zelo pelo tiro com arco e pela caça, artes que elas próprias praticavam.

¹⁹⁰ “*Caucasus*”, ali no caso acusativo, é uma variante de “*Caucasus*”. Mais adiante, Jordanes empregará a forma mais usual.

pulchritudinis condiderunt.

(52) tale ergo Scythiae genitae feminae casu Asiae regna potitae per centum pene annos tenuerunt et sic demum ad proprias socias in cautes Marpesios, quas superius diximus, repedarunt, in montem scilicet Caucasi. cuius montis quia facta iterum mentio est, non ab re arbitror eius tractum situmque describere, quando maximam partem orbis noscitur circuire iugo continuo.

(53) is namque ab Indico mare surgens, qua meridiem respicit, sole vaporatus ardescit; qua septentrione patet, rigentibus ventis est obnoxius et pruinis. mox in Syriam curvato angulo reflexus, licet amnium plurimus emittat, in Vasianensem tamen regionem Eufratem Trigimque navigeros ad opinionem maximam perennium fontium cupiosis fundit uberibus. qui amplexantes terras Syrorum Mesopotamiam et appellari faciunt et videri, in sinum rubri maris fluenta deponentes.

(54) tunc in boream revertens Scythicas terras iugus antefatus magnis flexibus pervagatur atque ibidem opinatissima flumina in Caspium mare profundens Araxem, Cyrum et Cambisen continuaque iugo ad Ripheos usque in montes extenditur. indeque Scythicis gentibus dorso suo terminum praebens ad Pontum usque descendit, consertisque collibus Histri quoque fluenta contingit, quo amne scissus dehiscens Scythia quoque Taurus vocatur.

(52) Então, essas mulheres nascidas na *Scythia*, que por acaso se tornaram rainhas da *Asia*, a qual mantiveram por quase cem anos, por fim [retornaram] às próprias aliadas nas rochas *Marpesiae*, que mencionamos acima, no monte conhecido com *Caucasus*. Uma vez que menciono esse monte outra vez, não é descabido descrever a sua localização e região, quando é sabido que rodeia numa cordilheira contínua a maior parte do globo.

(53) Ele surge, assim, no mar *Indicus*, onde em direção ao sul arde e transpira sob o sol; quando se abre para o norte, é suscetível a ventos congelantes e a geadas. Logo em seguida, se dobra em um ângulo curvo sobre a *Syria*, o que permite que emita muitas correntes e ainda, na região *Vasianensiana* e no *Eufrates* e *Tigris*, deságuam de suas tetas perenes fontes abundantes, que abraçam as terras que os sírios vêem e chamam de '*Mesopotamia*' e que escorrem para o golfo do mar *Rubrus*.

(54) Então, voltando-se para o norte, a cordilheira mencionada avança com grandes dobras pelas terras citadas e também, nesse mesmo lugar, derrama no mar *Caspium* rios conhecidíssimos, como o *Araxes*, o *Cyrum* e o *Cambises* e se estende em uma cadeia contínua até os montes *Riphei*. Dali, dando as costas ao povo cita e conferindo-lhe as suas fronteiras, desce até o *Pontus* até que [o *Caucasus*] é dividido, quando recebe nas colinas as águas que fluem do Hister, cujas correntes o cortam. [O *Caucasus*] também é chamado '*Taurus*' na *Scythia*.

<p>(55) <i>talis ergo tantusque et pene omnium montium maximus excelsas suas erigens summitates naturali constructione praestat gentibus inexpugnanda munimina. nam locatim recisus, qua disrupto iugo vallis hiatu patescit, nunc Caspias, nunc Armenias, nunc Cilicas, vel secundum locum quale fuerit, facit, vix tamen plaustro meabilis, lateribus in altitudinem utremque desectis, qui pro gentium varietate diverso vocabulo nuncupatur: hunc enim Iammum, mox Propanissimum Indus appellat; Parthus primum Castram, post Nifatem edicit; Syrus et Armenus Taurum, Scytha Cauchasum ac Rifeum¹⁹¹, iterumque in fine Taurum cognominat; aliaque conplurimae gentes huic iugo dedere vocabulo. et quia de eius continuatione pauca libabimus, ad Amazonas, unde divertimus, redeamus.</i></p>	<p>(55) Sendo grande assim, quase a maior e mais alta de todas as cordilheiras, erguendo os seus cumes e por sua forma natural fornecendo aos povos fortificações inexpugnáveis. Em alguns locais se reduz, o terreno deixa uma brecha e forma uma passagem — como é o caso das <i>Caspias</i>, <i>Armenias</i> ou <i>Cilicias</i>, conforme o local —, na qual mal atravessa uma carroça, pois de cada lado está um terreno alto que foi seccionado. [O <i>Caucasus</i>] tem nomes diversos para os variados povos: os indus o chamam de 'Iammus' e depois de 'Propanissimus'; os partos primeiro de 'Castras' e depois de 'Nifates'; os sírios e os armênios de 'Taurus'; os citas de 'Caucasus' e 'Rifeus', e, novamente, de 'Taurus' na porção final. Muitos outros povos deram nome à cordilheira e, agora que já tratamos um pouco sobre a sua extensão, voltemos às amazonas, de onde havíamos partido.</p>
--	--

<p>VIII</p>	<p>Capítulo 8</p>
<p>(56) <i>Quae veritae, ne eorum prolis rarisceret, vicinis gentibus concubitum petierunt, facta nundina semel in anno, ita ut futuri temporis eadem die revertentibus in id ipsum, quidquid partus masculum edidisset, patri redderet, quidquid vero feminei sexus nasceretur, mater ad arma bellica erudiret: sive, ut quibusdam placet, editis maribus novercali odio infantis miserandi fata rumpebant. ita apud illas detestabile puerperium erat, quod ubique constat esse votivum.</i></p>	<p>(56) Temerosas de que as suas proles se tornassem raras, elas buscaram deitar-se com [os homens d]os povos vizinhos, por nove dias nove no ano, e assim, no tempo futuro, cada uma entregaria um dia de volta ao pai qualquer filho homem que houvesse parido, enquanto qualquer filha do sexo feminina que nascesse seria instruída nas armas de guerra. Ou ainda: segundo agrada a alguns, quando pariam machos, destruíam, com um ódio de madrastas, o destino da desgraçado criança. Assim, entre elas, o parto era detestado, enquanto consta que seja desejado em todos os [outros] lugares.</p>

¹⁹¹ Acusativo de “Rifeus”, variante de “Ripheus”, empregada por Jordanes antes.

<p>(57) <i>quae crudelitas illis terrorem maximum comulabat opinionis vulgatae. nam quae, rogo, spes esset capto, ubi indulgi vel filio nefas habebatur? contra has, ut fertur, pugnavit Herculis, et Melanis pene plus dolo quam virtute subegit. Theseus vero Hippoliten in praeda tulit, de qua et genuit Hypolitum. haec quoque Amazones post haec habuere reginam nomine Penthesileam, cuius Troiano bello extant clarissima documenta. nam haec feminae usque ad Alexandrum Magnum referuntur tenuisse regimen.</i></p>	<p>(57) O terror [ocasionado] pela sua crueldade se acumulava ao máximo por conta da opinião vulgar, pois qual súplica ou esperança haveria para um prisioneiro, quando era tido por proibido [até mesmo] ter indulgência com um filho? Contra elas, como é relatado, lutou Hércules, que superou Melanipa mais através da trapaça do que da virtude. Teseu, de fato, tomou Hipólita como prisioneira, da qual gerou Hipólito. Além disso, essas amazonas mais tarde tiveram uma rainha de nome Penthesileia, da qual restam relatos famosíssimos na guerra de Troia. Essas mulheres, conta-se, mantiveram o seu reino até [o tempo] de Alexandre, o Grande.</p>
---	--

IX	Capítulo 9
<p>(58) <i>Sed ne dicas: de viris Gothorum sermo adsumptus cur in feminas tamdiu perseverat? audi et virorum insignem et laudabilem fortitudinem. Dio storicus et antiquitatem diligentissimus inquisitor, qui operi suo Getica titulum dedit (quos Getas iam superiori loco) Gothos esse probavimus, Orosio Paulo dicente — hic Dio regem illis post tempora multa commemorat nomine Telefum. ne vero quis dicat hoc nomen a lingua Gothica omnino peregrinum esse, nemo qui nesciat animadvertat usu pleraque nomina gentes amplecti, ut Romani Macedonum, Greci Romanorum, Sarmatae Germanorum, Gothi plerumque mutuuntur Hunnorum.</i></p> <p>(59) <i>is ergo Telefus, Herculis filius natus ex Auge, sororis Priami coniugio</i></p>	<p>(58) Para que não digas: 'Por que insistes tanto nessas mulheres assumiste falar dos homens godos?' Então escuta sobre a destacada e louvável coragem desses homens. O historiador Dião, diligentíssimo inquisidor do tempo antigo, que deu à sua obra o título de 'Getica' — sendo que, acima, já comprovamos serem os getas godos, com o testemunho de Paulo Orósio. Esse Dio recorda que depois de muito tempo tiveram um rei de nome Télefo. Que ninguém diga que esse nome é estranho à língua gótica. Só quem é ignorante alega que os povos não adotam os nomes frequentemente por conta do uso, como os romanos adotaram dos macedônios, os gregos dos romanos, os sármatas dos germânicos e os godos frequentemente dos hunos.</p> <p>(59) Então esse Télefo, filho de Hércules com Auge, se uniu em matrimônio com uma irmã de</p>

<p><i>copulatus, procerus quidem corpore, sed plus vigore terribilis, qui paternam fortitudinem propriis virtutibus aequans Herculis genium quoque similitudinem referebat. huius itaque regnum Moesiam appellavere maiores. quae provincia habet ab oriente ostia fluminis Danubii, a meridie Macedonia, ab occasu Histria, a septentrione Danubium.</i></p> <p><i>(60) is ergo antefatus habuit bellum cum Danais, in qua pugna Thesandrum ducem Graeciae¹⁹² interemit et dum Aiace infestus iuvadit Vliximque persequitur, vitibus equo cadente ipse corrui Achillesque iaculo fémur sauciatus diu mederi nequivit; Grecos tamen, quamvis iam saucius, e suis finibus proturbavit. Thelepho vero defuncto Euryphylus filius successit in regno, ex Priami Frygum regi germana progenitus. qui ob Casandrae amorem bello interesse Troiano, ut parentibus soceroque ferret auxilium, cupiens, mox venisset extinctus est.</i></p>	<p>Príamo. Tinha um corpo de estatura elevada, mas o que o tornava amedrontador era a força, pois além de igualar em coragem o pai, se assemelhava a Hércules nos talentos. Assim, foi seu o reino que os [nossos] antepassados chamavam de 'Moesia', [depois] uma província que tem a oriente o rio <i>Danubius</i>, a sul a <i>Macedonia</i>, a ocidente a <i>Histria</i>, a norte o <i>Danubius</i>.</p> <p>(60) Ele, que mencionei, então fez guerra com os dânaos. Nessa batalha matou o comandante da <i>Grecia</i>, Tesandro, e, quando atacava e ajudava a perseguir Ulisses, seu cavalo correu por uma videira e ele próprio caiu. Foi perfurado na coxa pelo dardo de Aquiles e por longo tempo não podia sarar. Mesmo assim, quando já estava ferido, expulsou os gregos das suas fronteiras. De fato, quando morreu Télefo, o filho Eurífilo sucedeu-o no reino, sendo filho da irmã de Príamo, rei dos frígios. Ele, por amor a Cassandra, meteu-se na guerra de <i>Troia</i>, para auxiliar os seus pais e o sogro, mas assim que chegou foi morto.</p>
--	---

X	Capítulo 10
<p><i>(61) Tunc Cyrus, rex Persarum, post grande intervallum et pene post DCXXX annorum tempore (Pompeio Trogo testante) Getarum reginae Thomyre sibi exitiabile intulit bellum. qui elatus ex Asiae victoriis Getas nititur subiugare, quibus, ut diximus, regina erat Thomyris. quae cum Abraxem¹⁹³ amnem Cyri arcere</i></p>	<p>(61) Então Ciro, rei dos persas, depois de um grande intervalo e quase após seiscentos e trinta anos, como atesta Pompeio Trogo, fez contra a rainha dos getas Thomyres uma guerra destrutiva para si. Confiante por conta de vitórias na Ásia, ele avançou para subjugar os getas, cuja rainha, como dissemos, era Thomyres, que podia impedir o avanço de Ciro na torrente Abraxes, mas permitiu o trânsito,</p>

¹⁹² “Grecia” é grafia alternativa de “Graecia”, claramente resultante da evolução fonética.

*potuisset accessum, transitum tamen
permisit, elegens armis eum vincere
quam locorum beneficio submovere;
quod et factum est.*

*(62) et veniente Cyro prima cessit
fortuna Parthis in tantum, ut et filium
Thomyris et plurimum exercitum
trucidarent. sed iterato Marte Getae
cum sua regina Parthos devictos
superant atque prosternunt opimamque
praedam de eis auferunt, ibique
primum Gothorum gens sirica vidit
tentoria. tunc Thomyris regina aucta
victoria tantaque praeda de inimicis
potita, in partem Moesiae, quae nunc a
magna Scythia nomen mutuatum minor
Scythia appellatur, transiens, ibi in
Ponti Moesiaco litore Thomes
civitatem suo de nomine aedificavit.*

*(63) dehinc Darius, rex Persarum,
Hystaspis filius, Antyri, regis
Gothorum, filiam in matrimonio
postulavit, rogans pariter atque
deterrens, nisi suam peragerent
voluntatem. cuius affinitatem Gothi
spernentes, legationem eius
frustrarunt. qui repulsus dolore
flammatus est et DCC milia
armatorum contra ipsos produxit
exercitum, verecundiam suam malo
publico vindicare contendes;
navibusque pene a Chalcedona usque
ad Bizantium in instar pontium
tabulatis atque consertis Thraciam
petit et Moesiam; pontemque rursus in
Danubio pari modo constructum
duobus mensibus crebris fatigatus in
Tapis VIII milia perdidit armatorum,*

escolhendo vencê-lo através das armas em vez de mandá-lo embora com o auxílio do local. E assim aconteceu:

(62) Quando Ciro chegou, primeiro a fortuna foi favorável aos partos de tal maneira que trucidaram o filho de Thomyres e a maior parte do [seu] exército, mas, em um segundo combate, os getas, com a sua rainha, derrotam e superam os partos, além de humilhá-los e deles obter uma rica pilhagem. Ali, pela primeira vez, o povo godo viu as tendas sírias. Então, a rainha Thomyres, confiante por conta de tamanha vitória e pela pilhagem tomada do inimigo, moveu-se para a região da *Moesia*, que hoje é chamada de '*Scythia Minor*', e ali, no litoral do *Pontus Moesiacus*, construiu uma cidade com o seu nome, *Thomes*.

(63) Depois Dario, rei dos persas, filho de Hystaspes, exigiu desposar a filha de Antyro, rei dos godos, fazendo o pedido enquanto adia o ataque, a não ser que o seu desejo não fosse atendido. Os godos, desprezando essa aliança, enganaram os seus embaixadores. [Dario], inflamado de dor por ter sido rejeitado, encaminhou um exército de setecentos mil homens contra eles, em busca de vingar a sua vergonha através de uma humilhação pública. Utilizando embarcações, quase que à semelhança de uma ponte de madeira conectadas da *Chalcedonia* até *Bizantium*, avançou sobre a *Thracia* e a *Moesia*. Novamente, de modo semelhante, sobre o *Danubius* [construiu] uma ponte, [mas] exauriu-se após dois meses, perdendo oito mil [homens] do exército em Tapis. Então, temendo que a ponte do *Danubius* fosse ocupada pelos seus

¹⁹³ “*Abraxes*” parece ser uma variação ou um antigo nome para “*Araxes*”, um rio que corre na Turquia.

timensque, ne pons Danubii ab eius adversariis occuparetur, celeri fuga in Thracia repedavit, nec Mysiae¹⁹⁴ solum sib credens tutum fore aliquantulum remorandi.

(64) post cuius decessum iterum Xerxes filius eius paternas iniurias ulcisci se aestimans, cum sua septingenta et auxiliarium CCC milia armorum, rostratas naves mille ducentas, onerarias tria milia, super Gothos ad bellum profectus nec temptare in conflictu praevaluit, eorum animositate et constantia superatus.

(65) sic namque ut venerat, absque aliquo certamine suo cum robore recessit. Philippus quoque, pater Alexandri Magni, cum Gothis amicitias copulans Medopam Gudilae regis filiam accepit uxorem. ut affinitate roboratus Macedonum regna firmaret. qua tempestate Dio storico dicente Philippus inopia pecuniae passus, Odyssitanam Moesiae civitatem instructis copiis vastare deliberat, quae tunc propter vicinam Thomes Gothis erat subiecta. unde et sacerdotes Gothorum illi qui pii vocabantur subito patefactis portis cum citharis et vestibus candidis obviam egressi patriis diis, ut sibi propitii Macedonas repellerent, voce supplicii modulantes. quos Macedones sic fiducialiter sibi occurrere contuentes stupiscent et, si dici fas est, ab inermibus terrentur armati. nec mora soluta acie quam ad bellandum construxerant, non tantum ab urbis

adversários, recolheu-se numa fuga célere em direção à *Thracia*, crente de que a *Mysia* não seria segura para se permanecer nem por um tempinho.

(64) Após a sua morte, o seu filho Xerxes, julgando vingar as injúrias ao pai, novamente partiu com o seu exército de setecentos mil [homens], trezentos mil auxiliares, mil e duzentas embarcações de guerra e três mil de carga contra os godos, mas apesar da tentativa, não conseguiu prevalecer no combate, superado pela [sua] animosidade e constância.

(65) Sendo assim, regressou como viera, sem ter vencido uma única batalha e envergonhado. Filipe, o pai de Alexandre, o Grande, então fez aliança com os godos e aceitou como esposa Medopa, filha do rei Gudila, de modo que por conta dessa afinidade os reinos dos macedônios ficassem fortalecidos. Nessa época, como diz o historiador Dio, Filipe padecia de falta de dinheiro e determinou que se destruísse *Odyssitana*, cidade da *Moesia*, que então por ser vizinha de *Thomes* estava submetida aos godos. Aqueles que eram chamados de 'pios' [então] subitamente abriram os portões e com cítaras e vestes brancas saíram às claras e com vozes de súplica pediam aos deuses pátrios que lhes fossem favoráveis, repelindo os macedônios. Os macedônios, ao ver-lhes vindo em sua direção assim tão confiantes, se embasbacaram e, por assim dizer, os armados foram aterrorizados pelos desarmados. Sem demora, a formação que construíram para a batalha se desfez e eles não apenas se abstiveram de destruir a cidade, mas até mesmo devolveram aqueles que haviam capturado fora [dela]. Fizeram um tratado e

¹⁹⁴ Num mesmo passo, Jordanes alterna entre as grafias “*Moesia*” e “*Mysia*”.

<p><i>excidio abstinuerunt, verum etiam quos foris fuerant iure belli adepti, reddiderunt, foedusque inito ad sua reversi sunt.</i></p> <p><i>(66) quod dolum post longum tempus reminiscens egregius Gothorum ductor Sithalcus, CL virorum milibus congregatis Atheniensibus intulit bellum adversus Perdiccam Macedoniae regem, quem Alexander apud Babylioniam¹⁹⁵ ministri insidiis potans interitum Atheniensium principatui hereditario iure reliquerat successorem. magno proelio cum hoc inito Gothi superiores inventi sunt, et sic pro iniuria, qua illi in Moesia dudum fecissent, isti in Grecia discurrentes cunctam Macedoniam vastaverunt.</i></p>	<p>retornaram para a sua [terra].</p> <p>(66) Após um longo tempo, Sithalcus, um famoso líder dos godos, lembrando-se desse artil, reuniu cento e cinquenta mil homens e fez guerra contra os atenienses, [enfrentando] o rei da <i>Macedonia</i> Perdiccas, que Alexandre deixou como sucessor por direito hereditário para o principado dos atenienses, após morrer perto da <i>Babylonia</i> bebendo o veneno [dado] por um serviço. Os godos fizeram uma grande batalha contra ele e saíram superiores. Assim, por conta da injúria cometida há tempos na <i>Moesia</i>, [os godos] percorreram a <i>Grecia</i> e devastaram toda a <i>Macedonia</i>.</p>
---	---

XI	Capítulo 11
<p><i>(67) Dehinc regnante Gothis Buruista Dicineus venit in Gothiam, quo tempore Romanorum Sylla potitus est principatum. quem Dicineum suscipiens Buruista dedit ei pene regiam potestatem; cuius consilium Gothi Germanorum terras, quas nunc Franci optinent, populati sunt. Caesar vero, qui sibi primus omnium Romanum vindicavit imperium et pene omnem mundum suae dicioni subegit omniaque regna perdomuit, adeo ut extra nostro urbe in oceani sinu repositas insulas occuparet, et nec nomen Romanorum auditu qui noverant, eos Romanis tributarios</i></p>	<p>(67) Depois disso, quando reinava Buruista sobre os godos, veio à <i>Gothia</i> Dicineu, naquele tempo em que Sylla obteve o principado. Buruista recebeu Dicineu e lhe deu um poder quase de rei e foi por seu aconselhamento que os godos [devastaram] as terras dos germânicos, que agora possuem e povoam. Então César, que foi o primeiro romano a reivindicar para si o império, a pôr sob o seu mando quase todo o mundo, a submeter quase todos os reinos, ocupando [até] as ilhas posicionadas no golfo do oceano, para além do nosso mundo, tornou tributários dos romanos [até mesmo] aqueles que conheciam os romanos [só] por nome, mas ainda assim não conseguiu submeter os godos apesar de tentá-lo várias vezes. [Quando] Gaio</p>

¹⁹⁵ Grafia alternativa de “*Babylonia*”.

*faceret, Gothos tamen crebro
pertemptans nequivit subicere. Gaius
Tiberius iam tertius regnat Romanis:
Gothi tamen suo regno incolume
perseverant.*

*(69) quibus hoc erat salubre, hoc
adcommodum, hoc votivum, ut,
quidquid Dicineus eorum consiliarius
precepisset, hoc modis omnibus
expetendum, hoc utile iudicantes,
effectui manciparent. qui cernens
eorum animos sibi in omnibus
oboedire et naturalem eos habere
ingenium, omnem pene phylosophiam
eos instruxit: erat namque huius rei
magister peritus. nam ethicam eos
erudiens barbaricos mores conpescuit;
fysicam tradens naturaliter propriis
legibus vivere fecit, quas usque nunc
conscriptas belagines noncupant;
logicam instruens rationis eos supra
ceteras gentes fecit expertes; practicen
ostendens in bonis actibus conversare
suasit; theoreticen demonstrans
signorum duodecem et per ea
planetarum cursus omnemque
astronomiam contemplari edocuit, et
quomodo lunaris urbis augmentum
sustinet aut patitur detrimentum,
edixit, solisque globum ignem quantum
terreno orbe in mensura excedat,
ostendit, aut quibus nominibus vel
quibus signis in polo caeli vergente et
revergente trecentae quadraginta et
sex stellae ab ortu in occasu precipites
ruant, exposuit.*

*(70) qualis erat, rogo, voluptas, ut viri
fortissimi, quando ab armis
quantolumcumque vacassent, doctrinis*

Tibério reinava como o terceiro imperador dos romanos, os godos ainda permaneciam com o seu reino incólume.

(69) Para os godos era saudável, conveniente e desejoso realizar a qualquer custo o que Dicineu aconselhasse e consideram útil laborar para tanto. Quando ele percebeu que suas almas eram obedientes a si em todas as coisas e que eles possuíam uma engenhosidade natural, ele ensinou a quase todos a Filosofia, pois era um professor especialista nessas coisas. Assim, restringiu pela Ética aqueles rudes costumes bárbaros; trazendo-lhes a Física os fez viver naturalmente de acordo com as próprias leis, que até hoje mantém escritas e chamam de 'belagines'; instruindo na Lógica os tornou peritos no raciocínio acima dos outros povos; mostrou-lhes coisas práticas e os persuadiu a mudar para boas ações; demonstrando as coisas teóricas, instrui-os sobre os doze signos, os percursos de todos os planetas e a contemplar a Astronomia; e como o globo lunar aumenta e diminui; e o quanto o globo ígneo do Sol supera em superfície o globo terreno; mostrou os nomes e os símbolos de trezentos e quarenta e seis estrelas que na esfera giratória do céu nascem e se põem.

(70) Com que vontade, pergunto, esses corajosos homens, quando quer que folgassem das armas, davam atenção às doutrinas

philosophicis intuebantur? videris unum caeli positionem, alium herbarum fruticumque explorare naturas, istum lunae commoda incommodaque, illum solis labores abtendere et quomodo rotatu caeli raptos retro reduci ad partem occidentem, qui ad orientalem plagam ire festinant, ratione accepta quiescere.

(71) haec et alia nonnulla Dicineus Gothis sua peritia tradens mirabilis apud eos enituit, ut non solu mediocribus, immo et regibus imperaret. elegit namque ex eis tunc nobilissimos prudentioresque virus, quos theologiam instruens, numima quaedam et sacella venerare suasit fecitque sacerdotes, nomen illis pilleatorum contradens, ut reor, quia opertis capitibus tyaris, quos pilleos alio nomine nuncupamus, litabant:

(72) reliquam vero gentem capillatos dicere iussit, quod nomen Gothi pro magno suscipientes adhuc odie suis cantionibus reminiscunt.

(73) Decedente vero Dicineo pene pari veneratione habuerunt Comosicum, quia nec impar erat sollertiae. hic etenim et rex illis et pontifex ob suam peritiam habebatur et in summa iustitia populos iudicabat. et hoc rebus excedente humanis Coryllus rex Gothorum in regno conscendit et per quadraginta annos in Dacia suis gentibus imperavit.

filosóficas? Um se podia ver [observando] a posição do céu; outro explorando a natureza dos frutos e das ervas; este a [investigar] a Lua vantajosa e prejudicial; aquele dando atenção aos movimentos do Sol e estabelecendo, conforme a razão estabelecida, como, por conta dos céus rotatórios, [os astros] são capturados e descem até o oeste, indo apressadamente até a região do oriente.

(71) Dicineu trouxe essas e muitas outras coisas de sua especialidade aos godos, brilhando entre eles de tal modo que não apenas dava ordem às pessoas comuns, mas também aos reis.

Escolheu, então, entre eles os homens mais nobres e sábios, aos quais instruiu em Teologia; os persuadiu a venerar certas divindades e santuários e os fez sacerdotes, dando-lhes o nome de 'pilleati' — imagino que por fazerem oferendas cobrindo as suas cabeças com tiaras que chamamos de 'pilleos'.

(72) Ao resto do povo ordenou que chamassem de 'capillatos', um nome que os godos aceitaram grandemente e que até hoje é lembrado nos seus cantos.

(73) Quando, então, faleceu Dicineu, [os godos] tiveram uma veneração quase igual por Comosicus, pois ele não diferia em habilidade [de Dicineu]. Por conta disso, ele é tido como tendo sido o seu rei e pontífice, por conta de sua especialidade; e [também] regia os povos com suprema justiça. Quando ele também deixou os assuntos humanos, o rei Coryllo ascendeu ao reino dos godos e por quarenta anos comandou o seu povo na *Dacia*.

XII	Capítulo 12
<p>(74) <i>Daciam dico antiquam, quam nunc Gepidarum populi possidere noscuntur. quae patria in conspectu Moesiae sita trans Danubium corona montium cingitur, duos tantum habens accessus, unum per Boutas, alterum per Tapas. haec Gotia, quam Daciam appellavere maiores, quae nunc, ut diximus, Gepidia dicitur, tunc ab oriente Aroxolani, ab occasu Iazyges, a septentrione Sarmatae et Basternae, a meridiae amnis Danubii terminabant. nam Iazyges ab Aroxolanis Aluta tantum fluvio segrantur.</i></p> <p>(75) <i>et quia Danubii mentio facta est, non ab re iudico pauca de tali amne egregio indicare. nam hic in Alamannicis arbis exoriens sexaginta a fonte suo usque ad ostia in Ponto mergentia per mille ducentorum passum milia hinc inde suscipiens flumina in modum spinae, quem costas ut cratem intexunt, omnino amplissimus est. qui lingua Bessorum Hister vocatur, ducentis tantum pedibus in altum aquam in alveo habet profundam. hic etenim amnis inter cetera flumina in magnum omnes superans praeter Nilum. haec de Danubio dixisse sufficiat. ad propositum vero, unde nos digressimus, iubante domino redeamus.</i></p>	<p>(74) Por '<i>Dacia</i>' quero dizer a antiga, que agora se sabe que o povo dos gépidas possui. Essa região está situada de frente para a <i>Moesia</i>, além do <i>Danubius</i> e cercada por uma coroa de montes e tem apenas dois acessos, um através de <i>Boutas</i> e outro de <i>Tapas</i>. Essa '<i>Gotia</i>', como os nossos ancestrais chamavam a <i>Dacia</i>, agora, como dissemos, é chamada de '<i>Gepidia</i>'. Naquela época, tinha por fronteira a leste os aroxolanos; a oeste os iazyges; a norte os sármatas e os básternas; a sul a corrente d'água do <i>Danubius</i>. Os aroxolanos são separados dos alutas apenas por um rio.</p> <p>(75) E uma vez que fizemos uma menção ao <i>Danubius</i>, não é descabido revelar um pouco a respeito dessa corrente d'água famosa, que nasce nos campos dos alamanos e recebe sessenta rios até a sua foz no <i>Pontus</i> ao longo de um milhão e duzentos mil passos, como se fosse a coluna de um peixe à qual as costelas se unem formando um cesto. No todo, é enorme. Na língua dos bessos é chamado '<i>Hister</i>' e sua profundidade chega a uns duzentos pés. Assim, portanto, supera todas as correntes d'água em tamanho, exceto o <i>Nilus</i>. Isso é o suficiente que se diga a respeito do <i>Danubius</i>. Voltemos, de boa fé, ao ponto de onde partimos, com o auxílio do Senhor.</p>

XIII	Capítulo 13
<p>(76) <i>Longum namque post intervallum Domitiano imperatore regnante eiusque avaritiam metuentes foedus. quod dudum cum aliis principibus pepigerant. Gothi solventes, ripam Danubii iam longe possessam ab imperio Romano deletis militibus cum eorum ducibus vastaverunt. cui provinciae tunc post Agrippam Oppius praeerat Savinus, Gothis autem Dorpaneus principatum agebat, quando bello comisso Gothi, Romanos devictos, Oppii Savini caput abscisum, multa castella et civitates invadentes de parte imperatores publice depraedarunt.</i></p> <p>(77) <i>qua necessitate suorum Domitianus cum omni virtute sua Illyricum properavit et totius pene rei publicae militibus ductore Fusco praelato cum lectissimis viris amnem Danubii consertis navibus ad instar pontis transmeare coegit super exercitum Dorpaneii.</i></p> <p>(78) <i>tum Gothi haut segnes reperti arma capessunt primoque conflictu mox Romanos devincunt, Fuscoque duce extincto divitias de castris militis spoliant magnaque potiti per loca victoria iam proceres suos, quorum quasi fortuna vincebant, non puros homines, sed semideos id est Ansis vocaverunt. quorum genealogia ut paucis pergurram vel quis quo parente genitus est aut unde origo coepta. ubi finem effecit, absque invidia, qui legis, vera dicentem ausculta.</i></p>	<p>(76) Então após um longo intervalo, quando reinava o imperador Domiciano, os godos, temendo a sua avarice, dissolveram a aliança que desde muito haviam acordado com outros imperadores. Devastaram as margens do <i>Danubius</i>, já há muito de posse do Império Romano, aniquilando os seus soldados e comandantes. Estava no comando dessas províncias Ópio Savino, sucedendo Agripa, enquanto Dorpaneu comandava os godos. Foi quando os godos fizeram guerra e derrotaram os romanos. A cabeça de Ópio Savino foi decepada, muitas fortalezas e cidades do imperador invadidas às claras.</p> <p>(77) Essa necessidade dos seus fez com que Domiciano se apressasse até o <i>Illyricum</i> e, com Fusco escolhido comandante de quase todos os soldados da República, com os homens preferidos, faz uma ponte de embarcações sobre o <i>Danubius</i> e [lhes] ordena que cruzem acima do exército de Dorpaneu.</p> <p>(78) Então os godos, que estavam parados em descanso, tomam as armas e, em seguida, no primeiro conflito, vencem os romanos. Fusco é morto, pilham grandes riquezas dos acampamentos dos soldados e, obtendo a vitória, já se apossam desses locais. [Os godos], que quase eram vencedores até sobre a fortuna, consideraram os seus homens não apenas isso, mas semideuses, chamando-os de 'anses'. Irei percorrer brevemente a sua genealogia, ou seja, de que pai cada um nasceu, que origem teve e que fim levou. Tu que lês, escuta sem inveja quem te conta a verdade.</p>

XIV	Capítulo 14
<p>(79) <i>Horum ergo heroum, ut ipsi suis in fabulis referunt, primus fuit Gapt, qui genuit Humul. Humul vero genuit Augis: at Augis genuit eum, qui dictus est Amal, a quo et origo Amalorum decurrit: qui Amal genuit Hisarnis: Hisarnis autem genuit Ostrogotha: Ostrogotha autem genuit Hunuil: Hunuil item genuit Athal: Athal genuit Achiulf et Oduulf: Achiulf autem genuit Ansila et Ediulf, Vultuulf et Hermenerig: Vultuulf vero genuit Valaravans: Valaravans autem genuit Vinitharium: Vinitarius quoque genuit Vandiliarium:</i></p>	<p>(79) O primeiro desses herois, como eles próprios relatam em suas fábulas, foi Gapt, que gerou Humul. Humul, então, gerou Augis. Augis gerou aquele que foi chamado de 'Amal', de onde se originaram os Ámalos. Esse Amal gerou Hisarna. Hisarnis, por sua vez, gerou Ostrogotha. Ostrogotha, por sua vez, gerou Hunuil. Hunuil, então, gerou Athal. Athal gerou Achiulfo e Oduulfo. Achiulfo, por sua vez, gerou Ansila, além de Ediulfo, Vutuulfo e Hermenerigo. Vutuulfo, então, gerou Valaravans. Valaravans, por sua vez, gerou Vinitário. Vinitário, também, gerou Vandaliário.</p>
<p>(80) <i>Vandalarius genuit Thiudemer et Valamir et Vidimir: Thiudimir genuit Theodericum: Theodericus genuit Amalasuentham¹⁹⁶: Amalasuentha genuit Athalarium et Matesuentham de Eutharico viro suo, cuius affinitas generis sic ad eam coniuncta est.</i></p>	<p>(80) Vandaliário gerou Tiudemer, Valamir e Vidimir. Tiudimir gerou Teoderico. Teoderico gerou Amalasuenta. Amalasuenta gerou Atalário e Matesunta a partir do seu marido Eutarico, cuja linhagem foi assim unida à dela:</p>
<p>(81) <i>nam supra dictus Hermanaricus, filius Achiulf, genuit Hunimundum: Hunimundus autem genuit Thorismundo: Thorismundus vero genuit Berimud: Berimud autem genuit Vetericum: Vetericus item genuit Eutharicum, qui coniunctus Amalasuinthae genuit Athalaricum et Mathesuentam, mortuoque in puerilibus annis Athalarico Mathesuenthae Vitigis est copulatus, de quo non suscepit liberum; adductique simul a Belesario</i></p>	<p>(80) Assim, o supramencionado Hermanarico, filho de Achiulfo, gerou Hunimundo. Hunimundo, por sua vez, gerou Torismundo. Torismundo, então, gerou Berimud. Berimud, por sua vez, gerou Veterico. Veterico, então, gerou Eutarico, que unido a Amalasuenta gerou Atalarico e Matesunta e quando Atalarico morreu ainda criança, Matesunta se uniu a Vitiges, de quem não teve filhos. Foram levados juntos por Belisário a <i>Constantinopolis</i>. Quando Vitiges deixou as coisas humanas, o patrício Germano, primo do imperador Justiniano, a tomou em matrimônio, tornando da ordem</p>

¹⁹⁶ Jordanes alterna entre as grafias “Amalasuentha” e “Amalasuinthae”.

<p><i>Constantinopolim: et Vitigis rebus excedente humanis Germanus patricius fratruelis Iustiniani imp. eam in conubio sumens patriciam ordinariam fecit: de qua et genuit filium item Germanum nomine. Germano vero defuncto ipsa vidua perseverare disponit. quomodo autem aut qualiter regnum Amalorum destructum est, loco suo, si dominus iubaverit, edicimus.</i></p> <p>(82) <i>Nunc autem ad id, unde digressum fecimus, redeamus doceamusque, quomodo ordo gentis, unde agimus, cursus sui metam explevit. Ablabius enim storicus refert, quia ibi super limbum Ponti, ubi eos diximus in Scythia commanere, ibi pars eorum, qui orientali plaga tenebat, eisque praeerat Ostrogotha, utrum ab ipsius nomine, an a loco id est orientales, dicti sunt Ostrogothae, residui vero Vesegothae, id est a parte occidua.</i></p>	<p>patrícia. Dele, ele gerou um filho também de nome Germano. Então, quando Germano faleceu, ela própria decidiu continuar viúva. Como, porém, e de que maneira o reino dos Ámalos foi destruído diremos no seu próprio local, se o Senhor ajudar.</p> <p>(82) Agora, porém, voltemos ao ponto de onde fizemos a digressão e mostremos como a linhagem [desse] povo de que tratamos chegou ao objetivo do seu percurso. Assim, o historiador Ablábio relata que ali sobre a borda do <i>Pontus</i>, onde dizemos ficar a <i>Scythia</i>, havia uma parte oriental onde liderava Ostrogotha, nomeada a partir dele, de modo que a região oriental era chamada '<i>Ostrogothia</i>' e o restante '<i>Vesegothia</i>', ou seja, a parte ocidental.</p>
---	---

<p style="text-align: center;"><i>XV</i></p> <p>(83) <i>Et quia iam superius diximus eos transito Danubio aliquantum temporis in Mysiam Thraciamque vixisse, ex eorum reliquiis fuit et Maximinus imp. post Alexandrum Mamaeae. nam, ut dicit Symmachus in quinto sua historiae libro, Maximinus, inquit, Caesar mortuo Alexandro ab exercitu effectus est imp., ex infimis parentibus in Thracia natus, a patre Gotho nomine Micca, matre Halana, quae Ababa dicebatur. is triennio regnans.</i></p>	<p style="text-align: center;">Capítulo 15</p> <p>(83) Como já dissemos acima, os godos cruzaram o Danúbio e por pouco tempo viveram na <i>Mysia</i> e na <i>Thracia</i>. Entre os que permaneceram ali surgiu Maximino, imperador após Alexandre Mamaea¹⁹⁷. Assim, como diz Símaco no seu quinto livro de História, dizendo que morto o César Alexandre, Maximino foi feito imperador pelo exército, [um homem] de família humilde nascido na <i>Thracia</i>, de um pai godo chamado Micca e de uma mãe alana chamada Ababa. Ele reinou por três anos e, quando direcionou as suas armas aos cristãos,</p>
---	--

¹⁹⁷ Filho de *Julia Avita Mamaea*, morta em 235.

dum in Christianos arma commoveret, imperium simul et vitam amisit.

(84) nam hic Severo imp. regnante et natalis die filii celebrante, post prima aetate et rusticana vita de pascuis in militiam venit. princeps si quidem militares dederat ludos; quod cernes Maximinus, quamvis semibarbarus aduliscens, propositis praemiis patria lingua petit ab imperatore, ut sibi luctandi cum expertis militibus licentiam daret.

(85) Severus, ammodum miratus magnitudinem formae — erat enim, ut fertur, statura eius procera ultra octo pedes — iussit eum lixis corporis nexu contendere, ne quid a rudi homine militaribus viris eveniret iniuriae. tum Maximinus sedecim lixas tanta felicitate prostravit, ut vincendo singulos nullam sibi requiem per intercapidinem temporis daret. hic captis praemiis iussus in militiam mitti, primaque ei stipendia equestria fuere. tertia post haec die, cum imperator prodiret ad campum, vidit eum exultantem more barbarico iussitque tribuno, ut eum coherciturum ad Romanam inbueret disciplinam. ille vero, ubi de se intellexit principem loqui, accessit ad eum equitantemque praeire pedibus coepit.

(86) tum imperator equo ad lentum cursum calcaribus incitato multos urbes huc atque illuc usque ad suam defatigationem variis deflexibus impedivit ac deinde ait illi: 'num quid vis post cursum, Thracisce, luctare?'

perdeu ao mesmo tempo o império e a vida.

(84) Quando Severo reinava como imperador, após passar a juventude na rural vida pastoril, Maximino juntou-se ao exército no aniversário do seu filho. O imperador, então, havia organizado jogos militares. Quando Maximino, então um adolescente semibárbaro, viu isso, pediu em sua língua pátria ao imperador que lhe desse permissão para lutar contra os soldados treinados.

(85) Severo, muito admirado com o seu tamanho — pois tinha, segundo dizem, uma estatura de oito pés —, ordenou que ele competisse na luta contra os serviçais, para que nenhum ferimento fosse infligido aos soldados pelo rude homem. Então, Maximino derrubou dezesseis serviçais com grande facilidade, vencendo cada um sem descansar ou fazer pausa entre os combates. Então, recebidos os prêmios, foi-lhe ordenado que entrasse para o exército, primeiro a serviço da cavalaria. Três dias depois, o imperador, quando ia pelo campo, viu-o celebrando à maneira bárbara e ordenou ao tribuno que o aprisionasse e lhe imbuísse disciplina à maneira romana. Quando, todavia, Maximino entendeu que era dele que o imperador falava, pôs-se a correr à pé até ele, que estava sobre o cavalo.

(86) Então, o imperador esporou o cavalo para que se movesse lentamente em vários círculos, indo de um lado para o outro, até que o cansaço de Maximino o impedisse [de continuar]. Depois disso, o imperador lhe disse: 'Agora que disposição tens para lutar, trácio, após correr?'

*respondit: 'quantum libet, imperator'.
ita Severus, ex equo desiliens,
recentissimos militum cum eo decertari
iussit. at ille septem valentissimos
iuvenes ad terram elisit, ita ut antea
nihil per intervalla respiraret, solusque
a Caesare et argenteis praemiis et
aureo torque donatus est; iussus
deinde inter stirpatores degere
corporis principalis.*

*(87) post haec sub Antonino Caracalla
ordines duxit ac saepe famam factis
extendens plures militiae grados
centuriatumque strenuitatis suae
praetium tulit. Macrino tamen postea
in regno ingresso recusavit militiam
pene triennio. tribunatusque habens
honore numquam se oculis Macrini
optulit, indignum ducens eius
imperium, qui perpetrato facinus
fuerat adquisitum.*

*(88) ad Eliogabalum dehinc quasi ad
Antonini filium revertens tribunatum
suum adiit et post hunc sub
Alexandrum Mamaeae contra Parthos
mirabiliter dimicavit. eoque
Mogontiaci militari tumulto occiso
ipse exercitus electione absque senatus
consultu effectus est imperator. qui
cuncta bona sua in persecutione
Christianorum malo voto foedavit,
occisusque Aquileia a Puppione.
regnum reliquit Philippo. quod nos
idcirco huic nostro opusculo de
Symmachi hystoria mutuavimus,
quatenus gentem, unde agimus,
ostenderemus ad regni Romani
fastigium usque venisse. ceterum causa
exegit, ad id, unde digressimus, ordine*

Ele responde: 'Tanta quanto quereis, imperador.' Severo, descendo do cavalo, então ordena que os soldados disputem com ele, que derrubou ao chão sete jovens muito corajosos, sem fazer intervalo para respirar, como antes. Apenas ele recebeu do César como prêmio prata e um colar de ouro. Foi-lhe ordenado, então, que convivesse com o corpo de guardas-costas imperial.

(87) Depois disso, sob Antonino Caracala, Maximino foi um comandante e frequentemente aumentou a sua fama rapidamente subindo muitas patentes militares até, como prêmio, a de centurião. Mais tarde, quando Macrino assumiu o reino, ele todavia recusou o serviço militar por quase três anos e, apesar de ter a honra de ser tribuno, ele nunca encontrou com o imperador, considerando o seu domínio indigno, pois fora adquirido através de um crime.

(88) Maximino, tempos depois, foi até Eliogábalos, quase como a um filho de Antoninus, e retomou o seu cargo de tribuno. Depois, sob Alexandre Mamaea, lutou admiravelmente contra os partos. Quando ele foi morto em um tumulto em *Mogontiacus* (Mainz), o próprio exército, sem consulta ao senado, o fez imperador. Ele enfeiou tantas coisas boas que fez ao perseguir os cristãos, por conta de um juramento maligno, e foi morto por Pupieno em *Aquileia*, deixando o império para Filipe. Esse relato nós tomamos emprestado para a nossa obrinha da história de Símaco, com o objetivo de, ao fazê-lo, mostrarmos que o povo [godo] obteve a mais alta posição no reino dos romanos. Nosso outro objetivo exige que voltemos ordenadamente ao ponto de onde partimos.

<i>redeamus.</i>	
------------------	--

<i>XVI</i>	Capítulo 16
<p>(89) <i>Nam gens ista mirum in modum in ea parte, qua versabatur, id est Ponti in litore Scythiae soli, enituit, sine dubio tanta spatia tenens terrarum, tot sinus maris. tot fluminum cursus, sub cuius saepe dextera Vandalus iacuit, stetit sub praetio Marcomannus, Quadorum principes in servitute redacti sunt. Philippo namque ante dicto regnante Romanis, qui solus ante Constantinum Christianus cum Philippo idem filio fuit, cuius et secundo anno regni Roma millesimum annum explevit, Gothi, ut adsolet, subtracta sibi stipendia sua aegre ferentes, de amicis effecti sunt inimici. nam quamvis remoti sub regibus viverent suis, rei publicae tamen Romanae foederati erant et annua munera percipiebant.</i></p> <p>(90) <i>quid multa? transiens tunc Ostrogotha cum suis Danubio Moesiam Thraciasque vastavit. ad quem rebellandum Decius senator a Philippo dirigitur. qui veniens dum Getis nihil praevaleret, milites proprios exemptos a militia fecit vitae privatae degi, quasi eorum neglectu Gothi Danubium transfretassent, factaque ut puta in suis vindicta ad Philippum revertitur. milites vero videntes se post tot labores militia pulsos, indignati ad Ostrogothae regis Gothorum auxilium confugerunt.</i></p>	<p>(89) Pois o povo godo se distinguiu e foi admirado naquela região que habitava, isto é, no litoral do <i>Pontus</i> na terra da <i>Scythia</i>, sem dúvida tinham tanto espaço de terra, tantas baías nos mares, tantos cursos de rios. Sob a sua destreza frequentemente jaziam os vândalos; ficavam imóveis pagando tributos os marcomanos; os líderes dos quados foram escravizados. Então, quando o supramencionado Filipe governava os romanos — esse que, com o filho também Filipe era o único [imperador] cristão antes de Constantino —, no segundo ano do seu reinado, <i>Roma</i> completou o seu milésimo ano. Os godos, como é costumeiro, ao verem subtraídos de si os pagamentos, passaram de amigos a inimigos. Isso porque, embora vivessem isolados sob os seus próprios reis, eram federados da República Romana e recebiam donativos anuais.</p> <p>(90) O que mais? Ostrodotha atravessou o <i>Danubius</i> com os seus [homens] e devastou a <i>Moesia</i> e a <i>Thracia</i>. Contra essa rebelião, Filipe enviou o senador Décio. Quando este chegou e viu que não prevalecia sobre os getas, dispensou do exército os próprios soldados e os fez passar tempo na vida privada, como se por causa da negligência deles que os godos haviam atravessado o <i>Danubius</i>. Isso feito e tendo os seus [homens] sido punidos, retornou a Filipe. O soldados, todavia, vendo-se expulsos do exército após tantos trabalhos, indignados foram pedir auxílio a Ostrogotha, rei dos godos.</p>

(91) *qui excipiens eos eorumque verbis accensus mox tricenta milia suorum armata produxit ad bellum adhibitis sibi Taifalis et Astringis nonnullis, sed et Carporum trea milia, genus hominum ad bella nimis expeditum, qui saepe fuere Romanis infesti; quos tamen post haec imperante Dioclitiano et Maximiano Galerius Maximinus Caesar devicit et rei publicae Romanae subegit. his ergo addens Gothos et Peucinos ab insula Peucis, quae in ostia Danubii Ponto mergentia iacet, Argaitum et Gunthericum nobilissimos suae gentis doctores praefecit.*

(92) *qui mox Danubium vadati et de secundo Moesiam populati, Marcianopolim eiusdem patriae urbem famosam metropolim adgrediuntur, diuque obsessam accepta pecunia ab his qui inerant reliquerunt. et quia Marcianopolim nominavimus, libet aliqua de eius situ breviter intimare. nam hanc urbem Traianus imperator hac re.*

(93) *ut fertur, aedificavit, eo quod Marciae sororis suae puella, dum lavat in flumine illo qui nimii limpiditatis saporisque in media urbe oritur Potami cognomento, exindeque vellit aquam haurire, casu vas aureum quod ferebat in profundum decidit, metalli pondere praegravatum longeque post ab imis emersit; quod certe non erat usitatum aut vacuum sorberi aut certe semel voratum undis respuentibus enatare. his Traianus sub admiratione*

(91) Ostrogotha, ao recebê-los, inflamou-se com as suas palavras e, sem demora, reuniu um exército próprio de trezentos mil [homens], convocando para junto de si muitos dos taifalos e dos astringos, além de três mil dos carpos, um povo com homens muito prontos para a guerra e frequentemente hostis aos romanos e que, mais tarde, quando imperavam Diocleciano e Maximiano, o César Galério Maximino derrotou e submeteu à república romana. Ele, ainda, acrescentou aos godos os peucinos, da ilha de *Peucis*, que fica na foz do Danubius quando ele deságua no [mar do] *Pontus*. Fez comandantes Argaito e Gunterico, os mais nobres entre o seu povo.

(92) Eles, sem demora, cruzaram o *Danubius* e uma segunda vez pilharam a *Moesia*, atacando *Marcianopolis*, a cidade metropolitana famosa da região. Depois de um longo cerco, aceitaram dinheiro daqueles que estavam dentro [da cidade] e desistiram. E como falamos de *Marcianopolis*, cabe relatar brevemente algo da sua posição, pois diz-se que o imperador Trajano construiu essa cidade desse modo:

(93) Conta-se que, Márcia, a sua irmã mais nova, se banhava naquele rio de extrema transparência e sabor, que nasce no meio da cidade e é conhecido por '*Potamus*'¹⁹⁸, e quis também tirar dele água, por acaso deixando cair no fundo o vaso de ouro que carregava. Ainda que pesasse muito por conta da densidade do metal, emergiu muito tempo depois das profundezas. Certamente não era comum que algo vazio submergisse e certamente era raro que, uma vez devorado pelas ondas, fosse cuspidos para a superfície. Diante disso, Trajano

¹⁹⁸ Que em Grego significa, simplesmente, “rio”.

<p><i>conpertis fontique numinis quoddam inesse credens conditam civitatem germanae suae in nomine Marcianopolim nuncupavit.</i></p>	<p>viu-se admirado e julgou que alguma divindade ali estivesse. Fundou a cidade e a chamou pelo nome da sua irmã.</p>
--	---

XVII	Capítulo 17
<p>(94) <i>Abhinc ergo, ut dicebamus, post longam obsidionem accepto praemio ditatus Geta ad propria. quem cernens Gepidarum natio subito ubique vincentem praedisque ditatum, invidia ductus arma in parentibus movit. quomodo vero Getae Gepidasque sint parentes si quaeris, paucis absolvam. meminisse debes me in initio de Scandzae insulae gremio Gothos dixisse egressos cum Berich rege suo, tribus tantum navibus vectos ad ripam Oceani citerioris, id est Gothiscandza.</i></p> <p>(95) <i>quarum trium una navis, ut adsolet, tardior nancta nomen genti fertur dedisse; nam lingua eorum pigra gepanta dicitur. hinc factum est, ut paulatim et corruptae nomen eis ex convicio nasceretur Gepidas. nam sine dubio ex Gothorum prosapie et hi trahent originem; sed quia, ut dixi, gepanta pigrum aliquid tardumque designat, pro gratuito convicio Gepidarum nomen exortum est, quod nec ipsud cred falsissimum: sunt etenim tardioris ingenii et gravioris corporum velocitate.</i></p> <p>(96) <i>hi ergo Gepidae tacti invidia, dum Spenis provincia commanerent in</i></p>	<p>(94) Então, em seguida, como dissemos, após um longo cerco, os getas [retornaram] enriquecidos pela compensação aceita à própria [terra]. Observando-os, de imediato o povo dos gépidas, ao vê-los vencendo por toda a parte e enriquecidos pela compensação aceita, por conta da inveja tomou as armas e atacou os seus parentes. Se questionas como os getas e os gépidas podem ser parentes, respondo em poucas palavras. Deves te lembrar que, no início, eu disse que os godos saíram do golfo da ilha da <i>Scandza</i> com o seu rei Berich, conduzidos em apenas três embarcações até o litoral deste lado do <i>Oceanus</i>, ou seja, a <i>Gothiscandza</i>.</p> <p>(95) Uma das três embarcações, como costuma acontecer, atrasou-se e diz-se que recebeu do povo o nome: pois nas línguas deles 'lento' é dito 'gepanta'. Assim, aconteceu que aos poucos e por deformação, o dado a eles por censura tornou-se 'gépidas'. Assim, sem dúvida, a sua linhagem e origem vem dos godos, mas, como eu disse, 'gepanta' designia algo tanto 'lento' quanto 'atrasado' e por censura gratuita o nome dos gépidas surgiu. Também não creio que isso seja muito falso, pois de fato são atrasados no pensamento e mais pesados para movimentar os corpos em velocidade.</p> <p>(96) Esses gépidas, então, foram tocados pela inveja, quando permaneciam na província de</p>

insulam Visclae amnis vadibus circumactam, quam patrio sermone dicebant Gepedoios. nunc eam, ut fertur, insulam gens Vividaria incolit ipsis ad meliores terras meantibus. qui Vividarii ex diversis nationibus ac si in unum asylum collecti sunt et gentem fecisse noscuntur.

(97) ergo, ut dicebamus, Gepidarum rex Fastida quietam gentem excitans patrios fines per arma dilatavit. nam Burgundzones pene usque ad internicionem delevit aliasque nonnullas gentes perdomnit. Gothos quoque male provocans consanguinitatis foedus prius inportuna concertatione violavit superba admodum elatione iactatus, crescenti populo dum terras coepit addere, incolas patrios reddidit rariores.

(98) is ergo missis legatis ad Ostrogotham, cuius adhuc imperio tam Ostrogothae quam Vesegothae, id est utrique eiusdem gentes populi, subiacebant, inclusum se montium quaeritans asperitate silvarumque densitate constrictum, unum poscens e duobus, ut aut bellum sibi aut locorum suorum spatia praepararet.

(99) tunc Ostrogotha rex Gothorum ut erat solidi animi, respondit legatis bellum se quidem talem horrere durumque fore et omnino scelestum armis conflagere cum propinquis, loca vero non cedere. quid multa? Gepidas in bella inruunt, contra quos, ne minor iudicaretur, movit et Ostrogotha

Spesis em uma ilha cercada de vaus do [rio] *Vistula*, que na língua pátria chamam de '*Gepedoios*'. Agora, conta-se, essa ilha é habitada pelo povo dos vividários, tendo os gépidas atravessado para terras melhores. Os vividários são reunidos a partir de várias nações nesse único, digamos, asilo e são conhecidos como se formassem um povo.

(97) Então, como dizíamos, Fastida, rei dos gépidas, excitou esse povo quieto e ampliou as fronteiras através das armas, pois os burgúndios quase foram destruídos pelo massacre e outros vários povos foram subjugados. Também os godos, malvadamente, ele provocou, sendo o primeiro a violar a aliança de consaguinidade por conta de uma inoportuna controvérsia. Muito autoconfiante pela soberba e pelos elogios, começando a acrescentar terras ao seu povo cada vez maior, ele [apenas] tornou mais raros os habitantes da [sua] pátria.

(98) Fastida, então, enviou emissários a Ostrogotha, a quem tanto os ostrogodos quando os visigodos, ou seja, as duas tribos da mesmo povo, estavam submetidos. Dizendo-se oprimidos pelas aspereza das montanhas e pela densidade das florestas, exigiu uma de duas coisas: ou que Ostrogotha se preparasse para a guerra ou para [ceder] territórios seus.

(99) Ostrogotha, o rei dos godos, como era de ânimo determinado, respondeu aos emissários que, para si, tal guerra seria um horror, que seria duro e completamente criminoso levantar as armas contra aparentados e que não cederia território algum. O que mais? Os gépidas se apressaram em atacar e, contra eles, Ostrogotha também move [os homens], para não indicar

<p><i>procinctum, conveniuntque ad oppidum Galtis, iuxta quod currit fluvius Auha, ibique magna partium virtute certatum est, quippe quos in se et armorum et pugnandi similitudo commoverat; sed causa melior vivacitasque ingenii iubet Gothos.</i></p> <p><i>(100) inclinata denique parte Gepidarum proelium nox diremit. tunc relicta suorum strage Fastida rex Gepidarum properavit ad patriam, tam pudendis obprobriis humiliatus, quam fuerat elationis erectus. redeunt victores Gothi Gepidarum discessione contenti, suaque in patria feliciter in pace versantur; usque dum eorum praevious existeret Ostrogotha.</i></p>	<p>menor disposição. Se encontram na cidade de <i>Galtis</i>, perto de onde corre o rio <i>Auha</i> e ali ocorreu uma disputa de grande virtude, na qual, de fato, eles estavam armados e se moviam de modo semelhante, mas a causa melhor e a vivacidade de sua engenhosidade ajudaram os godos.</p> <p>(100) Foi a noite, no fim das contas, que dirimiu a batalha, quando o lado dos gépidas [já] decaía. Então, o rei dos gépidas <i>Fastida</i> abandonou a carnificina e apressou-se para a sua terra, tão humilhado pela vergonha e pela desgraça quanto havia estado ereto pela autoconfiança. Os godos retornaram vitoriosos, satisfeitos com a retirada dos gépidas, e habitaram felizes e em paz a sua pátria enquanto o seu líder <i>Ostrogotha</i> viveu.</p>
---	--

XVIII	Capítulo 18
<p><i>(101) Pos cuius decessum Cniva, exercitum dividens in duas partes, nonnullos ad vastandum Moesiam dirigit, sciens eam neglegentibus principibus defensoribus destitutam: ipse vero cum LXX milibus ad Eusciam, id est Novas conscendit. unde a Gallo duce remotus Nicopolim accedit, quae iuxta Iatrum fluvium est constituta notissima: quam devictis Sarmatis Traianus et fabricavit et appellavit Victoriae civitatem. ubi Decio superveniente imperatore tandem Cniva in Hemi partibus, quae non longe aberant, recessit, unde apparatu disposito Philippopolim ire festinans.</i></p> <p><i>(102) cuius secessu Decius imperator</i></p>	<p>(101) Após a sua morte, <i>Cniva</i> dividiu o exército em dois e enviou muitos para devastar a <i>Moesia</i>, ciente de que ela havia sido destituída de defensores pela negligência dos imperadores. Ele próprio, com setenta mil [homens], subiu até <i>Euscia</i>, ou seja, <i>Novas</i>, de onde foi removido pelo comandante <i>Gallo</i> e avançou até <i>Nicopolis</i>, famosíssima [cidade] próxima do rio <i>Iatrus</i>. Foi construída por <i>Trajano</i> quando derrotou os sármatas e a chamou de 'Cidade da Vitória'. Quando o imperador <i>Décio</i>²⁰⁰ se aproximou, <i>Cniva</i> ainda recuou para as regiões do [monte] <i>Hemus</i>²⁰¹, que não eram longe. De lá, apressou-se até <i>Philippopolis</i>, para organizar o seu exército.</p> <p>(102) O imperador <i>Décio</i> tomou conhecimento</p>

cognoscens et ipsius urbis ferre subsidium gestiens iugum Hemi montis transacto ad Beroam venit. ibique dum equos exercitumque lassum refoveret. ilico Cniva cum Gothis in modum fulminis ruit, vastatoque Romano exercitu imperatorem cum pauculis, qui fugere quiverant/quierant. ad Eusciam rursus trans Alpes in Mysia proturbavit, ubi tunc Gallus dux limitis cum plurima manu bellantium morabatur; collectoque tam exinde quam de Usco¹⁹⁹ exercitu, futuri belli se parat in aciae.

(103) Cniva vero diu obsessam invadit Philippopolim praedaque potitus Prisco duce qui inerat sibi foederavit quasi cum Decio pugnaturum. venientesque ad conflictum illico Decii filium sagitta saucium crudeli funere confodiunt. quod pater animadvertens licet ad confortandos animos militum fertur dixisse: 'nemo tristetur: perditio unius militis non est rei publicae deminutio', tamen, paterno affectu non ferens, hostes invadit, aut mortem aut ultionem fili exoscens, veniensque ab Abritto Moesiae civitatem circumseptus a Gothis et ipse extinguitur imperii finem vitaeque terminum faciens. qui locus hodieque Decii ara dicitur. eo quod ibi ante pugnam mirabiliter idolis immolasset.

da sua partida e, buscando levar ajuda aos seus, cruzou as terras do monte Hemus, indo até *Beroa*. Ali, enquanto os cavalos e o exército se recuperavam do cansaço, Cniva se com os godos se aproximou como um raio e devastou o exército romano, expulsando o imperador, com os poucos que foram capazes de fugir, para a *Escia*, novamente através das montanhas e em direção à *Mysia*, onde o comandante Gallo estava estacionado com muitas mãos guerreiras. Em seguida, tendo o exército sido coletado daí e de *Uscus*, se prepara para o enfrentamento da guerra futura.

(103) Então Cniva, após um longo cerco, invade *Philippopolis*²⁰², obtém os espólios e se alia quase como um federado ao comandante Prisco, que estava dentro, para lutar contra Décio. Chegando no local da batalha, de pronto atingem o filho ferido de Décio com uma flecha e o matam cruelmente. Isso o pai viu e se conta que, nem que fosse para confortar os ânimos do exército, haja dito: 'Que ninguém se entristeça! A perda de um único soldado não é a diminuição da República!' Ainda assim, não podendo conter o afeto de pai, ataca os inimigos, buscando ou a [própria] morte ou a vingança pelo filho. Quando chegou a *Abrittus*, uma cidade da *Moesia*, foi cercado pelos godos e ele próprio morto, o que pôs um fim ao seu reinado e à sua vida. Esse local é hoje onde se diz estar o Altar de Décio, pois ali, estranhamente, fez sacrifícios a ídolos antes da batalha.

¹⁹⁹ “*Uscus*” é grafia alternativa para “*Oescus*”, antiga cidade da *Moesia*, cujas ruínas se encontram próximas à cidade búlgara de Pleven.

²⁰⁰ Décio foi imperador romano entre os anos de 249 e 251.

²⁰¹ “*Hemus*” é grafia alternativa para “*Haemus*”, uma cordilheira na península balcânica.

²⁰² Atual Plovdiv, na Bulgária.

XIX	Capítulo 19
<p>(104) <i>Defuncto tunc Decio Gallus et Volusianus regnum potiti sunt Romanorum, quando et pestilens morbus. pene istius necessitatis consimilis, quod nos ante hos novem annos experti summus, faciem totius orbis foedavit, supra modum tamen Alexandriam totiusque Aegypti loca devastans, Dionysio storico super hanc cladem lacrimaviliter exponente, quod et nostre conscribit venerabilis martyr Christi et episcopus Cyprianus in libro, cuius titulus est 'de mortalitate'.</i></p> <p>(105) <i>tunc et Emilianus quidam Gothis saepe ob principum neglegentiam Mysiam devastantibus, ut vidit licere nec a quoquam sine magno rei publicae dispendio removeri, similiter suae fortunae arbitratus posse venire, tyrannidem in Moesia arripuit omneque manu militari ascita coepit urbes et populos devastare. contra quem intra paucos menses dum multitudo apparatus adcreveret, non minimum incomodum rei publicae parturivit; qui tamen in ipso pene nefario conatus sui initio extinctus et vitam et imperium, quod inhiabat, amisit:</i></p> <p>(106) <i>supra dicti vero Gallus et Volusianus imperatores, quamvis vix biennio in imperio perseverantes ab hac luce migrarunt, tamen ipsud biennium, quod affuerunt, ubique pacti, ubique regnaverunt gratiosi,</i></p>	<p>(104) Morto Décio, Gallo e Volusiano²⁰³ obtiveram o reino dos romanos, então uma doença pestilenta, uma agrura quase igual àquela que testemunhamos nove anos atrás, enfeiou a aparência de todo o globo, devastando sobretudo <i>Alexandria</i> e todo o <i>Aegyptus</i>. O historiador Dionísio relatou lacrimosamente isso e nosso venerável mártir em Cristo, Cipriano, também escreveu [a respeito] no livro cujo título é 'Sobre a Mortalidade'.</p> <p>(105) Então um tal Emiliano, enquanto os godos, por conta da negligência dos imperadores, devastavam frequentemente a <i>Mysia</i>, percebendo que não era possível removê-los sem um grande dispêndio para a República, julgou poder obter o sucesso de modo semelhante. Estabeleceu uma tirania na <i>Moesia</i>, tomou todas as forças militares e devastou cidades e povoados. Nos meses seguintes, enquanto eram reunidas as forças contra ele, não foram poucos os incômodos para a República que gerou. Ele morreu ainda no início de sua tentativa nefasta, perdendo [de uma só vez] a vida e o império, que o império.</p> <p>(106) Ainda que os supramencionados imperadores Gallo e Volusiano, hajam deixado essa nossa luz após permanecerem [apenas] um biênio como imperadores, nesse biênio em que o foram, fizeram acordos e reinaram graciosos em todos os locais. Apenas uma coisa não</p>

²⁰³ Treboniano Gallo foi imperador ou “augusto” entre 251 e 253 . Volusiano era seu filho e foi escolhido pelo pai como “césar”, uma espécie de “imperador júnior”, logo após ascender ao trono.

<p><i>praeter quod unum eorum fortunae reputatum est, id est generalis morbus, sed hoc ab imperitis et calumniatoribus, qui vitam solent aliorum dente maledico lacerare. hi ergo mox imperio adepti sunt, foedus cum gente pepigerunt Gothorum. et nec longo intervallo utrisque regibus occumbentibus Gallienus arripuit principatum.</i></p>	<p>contribuiu para a sua fortuna, a peste, mas isso foi uma menção feita por ignorantes e caluniadores, que costuma lacerar a vida dos outros com uma mordida maledicente. Gallo e Volusiano, pouco depois de assumirem o império, apressaram-se em fazer um acordo com os godos. Não demorou, após ambos falecerem, para que Galieno tomasse trono.²⁰⁴</p>
---	--

XX	Capítulo 20
<p><i>(107) Quod in omni lascivia resoluta Respa et Veduco Tharuaroque duces Gothorum sumptis navibus Asiam transierunt, fretum Ellispontiacum transvecti, ubi multas eius provinciae civitates populatas opinatissimum illud Ephesiae Dianae templum, quod dudum dixeramus Amazonas condidisse, igne succedunt. partibusque Bithyniae delati Chalcedonam subverterunt, quam post Cornelius Abitus aliqua parte reparavit, quae hodieque. quamvis regiae urbis vicinitate congaudeat, signa tamen ruinarum suarum aliquanta ad indicium retinet posteritatis.</i></p>	<p>(107) Galieno havia se entregado a todo tipo de lascívia, então Respa, Veduco e Tharuarro, comandantes dos godos, em embarcações que tomaram atravessam para a <i>Asia</i>, transportados através do <i>Ellispontus</i>. Ali, puseram fogo em muitas províncias cheias de cidades [e] naquele famosíssimo templo de Diana em <i>Ephesus</i>, que anteriormente dissemos que as amazonas estabeleceram. Removidos de parte da <i>Bithynia</i>, subverteram a <i>Chalcedona</i>, que depois foi reparada parcialmente por Cornélio Abito, mas que, [ainda] hoje, mesmo sendo uma cidade que goza da vizinhança régia, ainda mantém alguns sinais de sua ruína como indícios para a posteridade.</p>
<p><i>(108) hac ergo felicitate Gothi, qua intraverunt partibus Asiae, praedas spoliaque potiti, Hellispontiacum fretum retransseunt, vastantes itinere suo Troiam Iliumque, quae vix a bello illo Agamemnoniaco quantulum se reparantes rursus hostili mucrone deletae sunt. post Asiae ergo tale</i></p>	<p>(108) Então, com a mesma felicidade com que entraram em partes da <i>Asia</i>, de posse de presas e espólios, os godos atravessaram de novo o estreito do <i>Hellispontus</i>, devastando no caminho <i>Troia</i> e <i>Ilium</i>, que só haviam se recuperado um tantinho daquela guerra contra Agamemnon e novamente foram destruídas pela espada do inimigo. Depois que a <i>Asia</i> passou por tal</p>

²⁰⁴ Galieno reinou com o pai, Valeriano, entre 253 e 260. Após a sua morte, reinou por mais oito anos.

<p><i>excidium Thracia eorum experta est feritatem. nam ibi ad radices Emi montis et mari vicinam Anchialos civitatem adgressi mox adeunt, urbem, quam dudum Sardanaphalus, rex Parthorum, inter limbum maris et Emi radices locasset.</i></p> <p><i>(109) ibi ergo multis feruntur mansisse diebus aquarum calidarum delectati lavacris, quae ad duodecimo miliario Anchialitanae civitatis sunt siti, ab imo suae fontis ignei scaturientes, et inter reliqua totius mundi thermarum innumerabilium loca omnino precipuae et ad sanitatem infirmorum efficacissima.</i></p>	<p>destruição, a própria <i>Thracia</i> experimentou a ferocidade [dos godos], pois foram até os pés do monte <i>Hemus</i> e próximo ao mar [e] logo agrediram a cidade de <i>Anchialos</i>²⁰⁵, que muito antes havia sido colocada por Sardanaphalo, rei dos partos, entre a borda do mar e os pés do [monte] <i>Hemus</i>.</p> <p>(109) Ali se conta que permaneceram por muitos dias, deleitados pelos banhos nas águas quentes, localizadas a doze mil passos da cidade de <i>Anchialos</i>. Do fundo, as águas jorram de suas fontes ígneas e os todos os locais existentes em todo o mundo as inúmeras termas se destacam e são muitíssimo eficazes para a saúde dos enfermos.</p>
---	---

<p style="text-align: center;"><i>XXI</i></p>	<p style="text-align: center;">Capítulo 21</p>
<p><i>(110) Exinde ergo ad proprias sedes regressi post haec a Maximiano imperatore rediguntur in auxilio Romanorum contra Parthos rogati, ubi omnino datis auxiliariis fideliter decertati sunt. sed postquam Caesar Maximinus pene cum eorum solacia Narseum regem Persarum Saporis magni nepotem fugasset eiusque omnes opes simulque uxores et filios depraedasset Achillemque in Alexandria Dioclitianus superasset et Maximianus Herculus in Africa Quinquigentianos adtrivisset, pacem</i></p>	<p>(110) Então, depois disso, os godos retornaram às suas sedes, quando o imperador Maximiano²⁰⁶ pediu-lhes que voltassem para ajudar os romanos contra os partos. Lutaram todos fielmente, servindo como tropas auxiliares, mas, após o César Maximino²⁰⁷, quase que por conta deles, pôr em fuga Narseu, sobrinho do rei dos persas, Sapor; [e se apoderar] de todas as riquezas, esposas e desalojar os filhos; e [após] Diocleciano superar Aquiles²⁰⁸ em <i>Alexandria</i> e Maximiliano Hercúleo triturasse os quinquengentianos na <i>Africa</i>, a paz estabelecida com os godos começou a ser quase negligida.</p>

²⁰⁵ Atual Pomorie, no litoral búlgaro.

²⁰⁶ Maximiano foi “césar” entre 285 e 286. Depois, entre 286 e 305, foi “augusto” do Ocidente, enquanto Diocleciano era o do Oriente.

²⁰⁷ Maximino II foi “césar” no Oriente entre 305 e 308 e depois “augusto” entre 310 e 313, em disputa com Licínio.

²⁰⁸ Trata-se de *Aurelius Achilleus*, que se insurgiu contra Diocleciano e governou o *Aegyptus* durante os anos de 297 e 298.

<p><i>rei publicae nacti coeperunt quasi Gothos neglegere.</i></p> <p><i>(111) nam sine ipsos dudum contra quasvis gentes Romanus exercitus difficile decertatus est. apparet namque frequenter, quomodo invitabantur sic: ut et sub Constantino rogati sunt et contra cognatum eius Licinium arma tulerunt eumque devictum et in Thessalonica clausum privatum ab imperio Constantini victoris gladio trucidarunt.</i></p> <p><i>(112) nam et ut famosissimam et Romae emulam in suo nomine conderet civitatem, Gothorum interfuit operatio, qui foedus inito cum imperatore quadraginta suorum milia illi in solacio contra gentes varias obtulere; quorum et numerus et militia usque ad praesens in re publica nominatur, id est foederati. tunc etenim sub Ariarici et Aorici regum suorum florebant imperio. post quorum decessum successor regni extitit Geberich virtutis et nobilitatis eximius.</i></p>	<p>(111) Afinal, por um longo tempo tem sido difícil para o exército romano lutar sem eles contra qualquer povo. Isso é claro pelo modo como frequentemente são convocados. Desse mesmo modo, foram chamados para tomar as armas sob Constantino contra o seu parente Licínio; e [quando] Licínio havia sido derrotado, se trancado em <i>Thessalonica</i>, privado do poder, os godos o trucidaram com a espada do vitorioso Constantino.²⁰⁹</p> <p>(112) Também os godos intervieram na operação que resultou na fundação da cidade famosíssima, que imita <i>Roma</i> e que leva o seu nome. Eles entraram em aliança com o imperador e lhe forneceram em troca quarenta mil dos seus [homens] para que os enviasse contra vários povos. Desses [homens], a quantidade e a tropa até o presente é designada pela República, são chamados de 'federados'. Então, de fato, sob o comando de Ariarico e Aorico, os godos floresceram. Após a sua morte, existiu Geberico, sucessor do reino de exímia virtude e nobreza.</p>
---	---

XXII	Capítulo 22
<p><i>(113) Nam hic Hilderith patre natus, avo Ovida, proavo Nidada, gloriam generis sui factis illustribus exaequavit. primitias regni sui mox in Vandalica gente extendere cupiens contra Visimar eorum rege qui Asdingorum stirpe, quod inter eos eminet genusque indicat bellicosissimum, Deuxippo storico</i></p>	<p>(113) Pois Geberico nasceu de Hilderith; o seu avô foi Ovida, o seu bisavô Nidada; e pelos seus feitos ilustres ele igualou a sua linhagem. Sem demora, no início do seu reinando, desejou expandir [o território] sobre o dos vândalos, contra o seu rei Visimar, de estirpe dos ardoringos — [que eram] os mais eminentes entre eles, como relata o historiador Deuxippo, que atesta [também] que eles levaram apenas</p>

²⁰⁹ A morte de Licínio aconteceu no ano 325.

referente, qui eos ab Oceano ad nostrum limitem vix in anni spatio pervenisse testatur prae nimia terrarum immensitate. quo tempore erant in eo loco manentes, ubi nunc Gepidas sedent, iuxta flumina Marisia, Miliare et Gilpil et Grisia, qui omnes supra dictos excedet.

(114) erat namque illis tunc ab oriente Gothus, ab occidente Marcomanus, a septentrione Hermundolus, a meridie Histrum, qui et Danubius dicitur: hic ergo Vandalis commorantibus bellum indictum est a Geberich rege Gothorum ad litus praedicti amnis Marisiae, ubi nec diu certatum est ex aequali, sed mox ipse rex Vandalorum Visimar magna parte cum gentis suae prosternitur.

(115) Geberich vero Gothorum ductor eximius superatis depraedatisque Vandalis ad propria loca, unde exierat, remeavit. tunc perpauci Vandali, qui evasissent, collecta inbellium suorum manu, infortunata patria relinquentes Pannoniam sibi a Constantino principe petierunt ibique per LX annos plus minus sedibus locatis imperatorum decretis ut incolae famularunt. unde iam post longum ab Stiliconae mag. mil. et ex consule atque patricio invitati Gallias occupaverunt, ut finitimos depraedantes non adeo fixas sedes habuerunt.

um ano para percorrer o espaço desde o *Oceanus* até as nossas fronteiras, apesar da imensa distância. No tempo de Visimar, os vândalos estavam onde agora estão assentados os gépidas, próximo aos rios *Marisia*, *Miliare*, *Gilpil* e *Grisia*²¹⁰, o maior entre eles.

(114) Os vândalos tinha a leste os godos, a oeste os marcomanos, a norte os hermundúlios e a sul o [rio] *Hister*, também chamado de '*Danubius*'. Então, enquanto os vândalos permaneciam na região, declararam guerra contra o rei dos godos Geberico, no litoral da corrente d'água *Marisia*, que mencionei, onde a batalha durou muito e em igualdade, mas, em seguida, o rei dos vândalos foi derrubado, assim como uma grande parte do seu povo.

(115) Então Geberich, exímio comandante dos godos, que superou e pilhou os vândalos no seu próprio território, saiu de onde estava e retornou. Então, os pouquíssimos vândalos que haviam fugido, reuniram um grupo de não-combatentes, deixaram a sua desafortunada pátria e pediram ao imperador Constantino a *Pannonia* para si. Ali, por mais ou menos sessenta anos, obedeceram os decretos dos imperadores como residentes. Dali, após longo período, convocados pelo mestre dos soldados Estilício, ocuparam as *Galliae*, onde pilharam os vizinhos e não tinham sede fixa.²¹¹

²¹⁰ Hoje, o *Grisia* é chamado de Körös. Ele atravessa a Hungria e a Roménia em sentido leste, desaguando no mar Negro.

²¹¹ Jordanes provavelmente está se referindo a quando os vândalos cruzaram o *Rhenus* (atual Reno) adentrando as *Galliae*, em 406 ou 407. Estilício tinha um pai vândalo e uma mãe romana.

XXIII	Capítulo 23
<p>(116) <i>Nam Gothorum rege Geberich rebus humanis excedente post temporis aliquod Hermanaricus nobilissimus Amalorum in regno sucessit, qui multas et bellicosissimas arctoi gentes perdomuit suisque parere legibus fecit. quem merito nonnulli Alexandro Magno conparavere maiores. habet at si quidem quos domuerat Golthescytha Thiudos Inaunxis Vasinabroncas Merens Mordens Imniscaris Rogas Tadzans Athaul Navego Bubegenas Coldas.</i></p>	<p>(116) Então, o rei dos godos Geberich deixou as coisas humanas e, depois de um tempo, Hermanarico, o mais nobre dos Ámalos, o sucedeu no trono. Ele subjogou muitos e belicosíssimos povos do norte e os fez obedecer as suas leis. Muitos dos nossos ancestrais o compararam, por mérito, a Alexandre, o Grande. Entre os que dominou estavam os goltescitas, os thiudos, os inaunxos, os vasinabroncas, os merentes, os mordentes, os imniscaros, os rogas, os tadzanos, os athaulos, os navegos, os bubegenas e os coldas.</p>
<p>(117) <i>sed cum tantorum servitio clarus haberetur, non passus est nisi et gentem Herulorum, quibus praeerat Halaricus, magna ex parte trucidatam reliquam suae subegeret dicioni. nam praedicta gens, Ablavio istorico referente, iuxta Meotida palude inhabitans in locis stagnantibus, quas Greci ele vocant, Eluri nominati sunt, gens quantum velox, eo amplius superbissima.</i></p>	<p>(117) Mas ainda que haja se tornado famoso por submeter tantos [povos], não pode deixar de submeter às suas ordens a maior parte dos hérulos, cujo líder era Halarico, após ter trucidado uma parte deles. O povo mencionado, como relata o historiador Ablávio, reside próximo ao pântano da <i>Meotida</i>, em um local de águas paradas, que os gregos chamam de '<i>Ele</i>', recebendo o nome de 'éluros'. É um povo muito veloz e muito orgulhoso disso.</p>
<p>(118) <i>nulla si quidem erat tunc gens, quae non levem armaturam in acie sua ex ipsis elegeret. sed quamvis velocitas eorum ab aliis crebro bellantibus evageret, Gothorum tamen stabilitate subiacuit et tarditati, fecitque causa fortunae, ut et ipsi inter reliquas gentes Getarum regi Hermanarico servirent.</i></p>	<p>(118) De fato, nenhum povo à época, não preferia para a sua linha de batalha aqueles entre os seus que usassem armaduras leves. Mas mesmo que a velocidade dos hérulos muitas vezes lhes permitisse fugir de alguns na guerra, os godos, ainda assim, subjogaram-nos com estabilidade e lentidão; e o destino quis que servissem o rei dos getas Hermanarico entre os povos sobreviventes.</p>
<p>(119) <i>post Herulorum cede item Hermanaricus in Venethos arma commovit, qui, quamvis armis</i></p>	<p>(119) Após a queda dos hérulos, Hermanarico também direcionou o exército contra os vênetos, que, embora desprezassem a guerra, eram fortes</p>

<p><i>despecti, sed numerositate pollentes, primum resistere conabantur. sed nihil valet multitudo inbellium, praesertim ubi et deus permittit et multitudo armata advenerit. nam hi, ut in initio expositionis vel catalogo gentium dicere coepimus, ab una stirpe exorti, tria nunc nomina ediderunt, id est Venethi, Antes, Sclaveni; qui quamvis nunc, ita facientibus peccatis nostri, ubique deseiuunt, tamen tunc omnes Hermanarici imperiis servierunt.</i></p> <p><i>(120) Aestorum quoque similiter nationem, qui longissima ripam Oceani Germanici insident, idem ipse prudentia et virtute subegit omnibusque Scythiae et Germaniae natonibus ac si propriis laboribus imperavit.</i></p>	<p>nos números e primeiro tentaram resistir. Mas uma multidão de não-combatentes de nada vale, particularmente se Deus permite a chegada de uma multidão armada. Eles, como no início da [nossa] exposição ou no catálogo de povos começamos a dizer, ainda que haja surgido de uma estirpe, recebeu três nomes: vênetos, antes e esclavenos. Agora, todavia, como se agindo [para punir] os nossos pecados, prestam serviço em todos os lugares, mas na época todos serviam o império de Hermanarico.</p> <p>(120) Ele também submeteu os aestos, um povo semelhante, que por muito tempo ocupou o litoral do <i>Oceanus Germanicus</i>, do mesmo modo, através da prudência e da virtude, comandando todos os povos da <i>Scythia</i> e da <i>Germania</i> por seu próprio esforço.</p>
---	---

XXIV	Capítulo 24
<p><i>(121) Post autem non longi temporis intervallo, ut refert Orosius, Hunnorum gens omni ferocitate atrocior exarsit in Gothos. nam hos, ut refert antiquitas, ita extitisse conperimus. Filimer rex Gothorum et Gadarici magni filius qui post egressu Scandzae insulae iam quinto loco tenens principatum Getarum, qui et terras Scythicas cum sua gente introisse superius a nobis dictum est, repperit in populo suo quasdam magas mulieres, quas patrio sermone Haliurunnas is ipse cognominat, easque habens suspectas de medio sui proturbat longeque ab exercitu suo fugatas in solitudinem coegit errare.</i></p>	<p>(121) Mas após um não longo intervalo de tempo, como relata Orósio, o povo dos hunos, em ferocidade o mais atroz de todos, inflamou-se contra os godos. A seu respeito descobrimos o seguinte, conforme relataram os antigos: Filimer, rei dos godos e filho de Gadarico, o Grande, que era o quinto a ocupar a posição de comandante dos godos após a saída da <i>Scandza</i> e que adentrou com o seu povo as terras cíticas, como dissemos acima, encontrou em um povoado seu algumas mulheres magas, que ele próprio chamou em sua língua pátria de 'haliurunnae'. Suspeitando delas, repeliu-as para longe do povo, coagindo-as a errar expulsas e em solidão longe do seu exército.</p>

(122) *quas spiritus inmundi per herimum vagantes dum vidissent et eorum complexibus in coit miscuissent, genus hoc ferocissimum ediderunt, quae fuit primum inter paludes, minutum tetrum atque exile quasi hominum genus nec alia voce notum nisi quod humani sermonis imaginem adsignabat. tali igitur Hunni stirpe creati Gothorum finibus advenerunt.*

(123) *quorum natio saeva, ut Priscus historicus refert, Meotida palude ulteriore ripa insidens, venationi tantum nec alio labore experta, nisi quod, postquam crevisset in populis, fraudibus et rapinis vicinarum gentium quiete conturbans. huius ergo gentis, ut adsolet, venatores, dum in interioris Meotidae ripam venationes inquirerent, animadvertunt, quomodo ex inproviso cervae se illis optulit ingressaque paludem nunc progrediens nunc subsistens index viae se tribuit.*

(124) *quam secuti venatores paludem Meotidam, quem inpervium ut pelagus aestimant, pedibus transierunt. mox quoque Scythica terra ignotis apparuit, cervae disparuit. quod, credo, spiritus illi, unde progeniem trahunt, ad Scytharum invidia id egerunt.*

(125) *illi vero, qui praeter Meotidam alium mundum esse paenitus ignorabant, admiratione ducti terrae Scythicae et, ut sunt sollertes, iter illud nullae ante aetati notissimum divinitus sibi ostensum rati, ad suos redeunt, rei gestum edocent, Scythiam laudant*

(122) Uns espíritos imundos viram-nas vagando pelo sertão e, abraçando-as, [com elas] se fundiram no coito, produzindo esse tipo ferocíssimo, que habitou primeiramente os pântanos: um pequeno, escuro e também magrelo tipo de quase humano, sem outra voz a não ser aquela que se assemelhava à fala humana. Essa foi a origem da linhagem dos hunos, que vieram às fronteiras dos godos.

(123) Esse violento povo, como relata o historiador Prisco, se estabeleceu na margem de lá do pântano *Meotida*. Conheciam de caça, mas não de outros trabalhos. Depois, quando cresceram em população, perturbaram os quietos povos vizinhos com fraudes e rapinagens. Então, caçadores desse povo, como é costume, estavam no interior [do pântano] *Meotida*, buscando caça na margem e viram, como que por acaso, uma cervae se lhes oferecer. Dentro do pântano, ela avançava e parava, mostrando-lhes o caminho.

(124) Seguindo-a, os caçadores cruzam à pé o pântano *Meotida*, que julgavam intransponível como um mar. Pouco depois, apareceu e desconhecida terra da *Scythia* e também a cervae desapareceu. Isso, creio, foi feito por aqueles espíritos dos quais a linha provém, por inveja aos citas.

(125) Então os caçadores, que antes ignoravam que existisse outro mundo para além do [pântano] da *Meotida*, foram levados à admiração pelas terras citas e, sendo sagazes, concluíram que, aquele caminho, conhecido por ninguém em épocas anteriores, foi-lhes revelado por uma divindade. Retornaram aos seus,

*persuasaque gente sua via, qua cerva
indice dedicerant, ad Scythiam
properant, et quantoscumque prius
ingressu Scytharum habuerunt, litavere
victoriae, reliquos perdomitos
subegerunt.*

*(126) nam mox ingentem illam
paludem transierunt, ilico Alpidzuro,
Alcildzuros, Itimarus, Tuncarsos et
Boiscos, qui ripae istius Scythiae
insedebant, quasi quaedam turbo
gentium rapuerunt, Halanos²¹² quoque
pugna sibi pares, sed humanitate, victu
formaque dissimiles, frequenti
certamine fatigantes, subiugaverunt.*

*(127) nam et quos bello forsitan
minime superabant, vultus sui terrore
nimium pavorem ingerentes,
terribilitate fugabant, eo quod erat eis
species pavenda nigridinis et velud
quaedam, si dici fas est, informis offa,
non facies, habensque magis puncta
quam lumina. quorum animi fiducia
turvus prodet aspectus, qui etiam in
pignora sua primo die nata desaeviunt.
nam maribus ferro genas secant, ut
ante quam lactis nutrimenta
percipiant, vulneris cogantur subire
tolerantiam.*

*(128) hinc inberbes senescunt et sine
venustate efoebi sunt, quia facies ferro
sulcata tempestivam pilorum gratiam
cicatricis absumit. exigui quidem
forma, sed argutis motibus expediti et
ad equitandum promptissimi, scapulis
latis, et ad arcus sagittasque parati*

contaram as coisas que aconteceram e, elogiando a *Scythia*, persuadiram o seu povo a se apressar até as *Scythia* pelo caminho que a cerva lhes mostrara. Qualquer um que capturaram na primeira entrada na *Scythia* sacrificara para a [deusa] Vitória; o restante submettendo como súditos.

(126) Isso porque, logo após cruzarem aquele enorme pântano, de imediato capturaram quase que como um turbilhão os alpidzuros, os alcildzuros, os itimarus, os tuncarsos e os boiscos, que habitavam esta margem das *Scythia*. Os halanos, que eram seus equivalentes na batalha, mas não na civilidade, nas maneiras e na aparência, foram cansados e subjugados através de frequentes combates.

(127) Pois os hunos engendravam um enorme pavor, por conta do susto que a sua aparência causava naqueles que por pouco superavam na guerra [e que] acabavam fugindo pelo susto. Eram um tipo pavoroso, escuro e que tinha, se é justo dizer, quase que uma massa informe em vez de rostos, com grandes buracos em vez de olhos. A sua índole é revelada fielmente pelo seu aspecto distorcido e também maltratam os seus tomando-os no primeiro dia de vida, quando cortam as bochechas dos meninos com a espada, para que antes de receberem a nutrição pelo leite, sejam forçados a subir a [sua] tolerância aos ferimentos.

(128) Por conta disso, envelhecem imberbes e são jovens sem atratividade, pois uma face sulcada pela espada e com cicatriz dá fim à graça tempestiva dos pelos. São, de fato, de tamanho pequeno, mas rápidos em seus movimentos precisos, além de muito preparados para a equitação; de ombros largos, estão

²¹² “Halani” provavelmente é uma variação de “alani”, ou seja, alanos.

firmis cervicibus et superbia semper erecti. hi vero sub hominum figura vivunt beluina saevitia.

(129) Quod genus expeditissimum multarumque nationum grassatorem Getae ut viderunt, paviscunt, suoque cum rege deliberant, qualiter tali se hoste subducant. nam Hermanaricus, rex Gothorum, licet, ut superius retulimus, multarum gentium extiterat triumphator; de Hunnorum tamen adventu dum cogitat, Rosomonorum gens infida quae tunc inter alias illi famulatum exhibebat, tali eum nascitur occasione decipere. dum enim quandam mulierem Sunilda nomine ex gente memorata pro marito fraudulento discessu rex furore commotus equis ferocibus inligatam incitatisque cursibus per diversa divelli praecipisset, fratres eius Sarus et Ammius, germanae obitum vindicantes, Hermanarici latus ferro petierunt; quo vulnere saucius egram vitam corporis inbecillitate contraxit.

(130) quam adversam eius valitudinem captans Balamber rex Hunnorum in Ostrogotharum parte movit procinctum, a quorum societate iam Vesegothae quadam inter se intentione seiuncti habebantur. inter haec Hermanaricus tam vulneris dolore

preparados para o arco e as flexas; por conta dos pescoços firmes e da soberba, estão sempre eretos. Eles, apesar dessa aparência sub humana, vivem em uma selvageria animal.

(129) Os getas, vendo esse tipo de gente independente e intimidadora de muitas nações, se apavoraram e deliberaram com o seu rei sobre de que maneira poderiam escapar de tal inimigo. Apesar de Hermanarico, rei dos godos, [já] ser triunfador sobre muitos povos, como acima relatamos, ele ainda pensava [no que fazer] sobre a chegada dos hunos. Foi quando o traiçoeiro povo dos rosomani, que então estavam entre aquelas que ele mantinha em servidão, aproveitou a nova situação para enganá-lo. Então, uma certa mulher chamada Sunilda, do povo que mencionei, abandonou o marido de modo fraudulento e o rei, movido pela fúria, [ordenou] que ela fosse amarrada a cavalos ferozes que [deveriam ser] excitados a puxá-la em diferentes direções. Os seus irmãos, Saro e Ámmio, se vingando pela morte, atacaram o lado de Hermanarico. Ele, doente por causa do ferimento, contraiu uma vida doentia por conta da fraqueza do corpo.

(130) Aproveitando-se da sua pouca saúde, o rei dos hunos Balamber²¹³ moveu as tropas para a região dos ostrogodos, de quem os visigodos já haviam se separado por conta de alguma acusação. Enquanto isso, Hermanarico, não suportando o ferimento tanto da dor quanto também pela incursão dos hunos, morreu idoso

²¹³ A narrativa está na década de 370 e Jordanes talvez haja confundido o rei huno Balamber com o rei ostrogodo Valamir, ativo em meados do século seguinte. Os nomes são quase homófonos, visto que, no Latim tardio, ocorria por vezes uma confusão entre os sons de “b” e “v”, como acontece hoje em alguns dialetos do Espanhol. Além disso, a presença de um som de “r” após uma consoante bilabial, como “m”, por vezes resultava em um “b” entre os dois. Vemos isso no Português, onde “*humerus*” evolui para “ombro”. O argumento em prol da confusão centra-se no fato de que não existem outras referências a um rei huno com esse nome.

<p><i>quam etiam Hunnorum incursionibus non ferens grandevus et plenus dierum centesimo decimo anno vitae suae defunctus est. cuius mortis occasio dedit Hunnis praevalere in Gothis illis, quos dixeramus orientali plaga sedere et Ostrogothas nuncupari.</i></p>	<p>e pleno a dias do centésimo décimo ano da sua vida. A sua morte deu ocasião para que os hunos prevalecessem sobre aqueles godos que dissemos habitar a margem oriental e chamados 'ostrogodos'.</p>
---	--

XXV	Capítulo 25
<p><i>(131) Vesegothae, id est illi alii eorum socii et occidui soli cultores, metu parentum exterriti, quidnam de se propter gentem Hunnorum deliberarent, ambigebant, diuque cogitantes tandem communi placito legatos in Romania direxerunt ad Valentem imperatorem fratrem Valentiniani imperatoris senioris, ut, partem Thraciae sive Moesiae si illis traderet ad colendum, eius se legibus eiusque vivere imperiis subderentur. et, ut fides uberius illis haberetur, promittunt se, si doctores linguae suae donaverit, fieri Christianos.</i></p> <p><i>(132) quod Valens conperto mox gratulabundus annuit, quod ultro petere voluisset, susceptosque in partibus Moesiae Getas quasi murum regni sui contra ceteras statuit gentes. et quia tunc Valens imperator Arrianorum perfidia saucius nostrarum partium omnes ecclesias obturasset, suae parti fautores ad illos dirigit praedicatores, qui venientes rudibus et ignaris ilico perfidiae suae virus infundunt. sic quoque Vesegothae a Valente imperatore Arriani potius quam Christiani effecti.</i></p>	<p>(131) Os visigodos, isto é, aqueles aliados dos ostrogodos que cultivavam o solo ocidental, aterrorizados vendo o medo dos seus parentes, deliberaram sobre como afastar de si os hunos, [mas] hesitaram e, depois de um tempo, acordaram entre si sobre enviar à <i>Romania</i> embaixadores, até o imperador Valente, irmão do imperador mais velho Valentiniano. Se fosse-lhes cedida para cultivar parte da <i>Thracia</i> ou da <i>Moesia</i>, eles se submetteriam às suas leis e aos seus comandos e, para que [o imperador] tivesse mais fé neles, prometeram que, se ele lhes desse mestres que soubessem a sua língua, se converteriam ao cristianismo.</p> <p>(132) Valente, ao tomar conhecimento disso, logo concordou com o que, por outro lado, ele próprio gostaria de haver pedido. Os getas foram recebidos em partes da <i>Moesia</i>, quase como uma muralha do reino posta contra outros povos. E, uma vez que o imperador Valente padecia então da perfídia ariana, havia por toda parte fechado as nossas igrejas, enviou-lhes pregadores que favoreciam a sua seita e que, ao chegar, infundiram em um povo rude e ignorante o veneno da sua perfídia. Assim, o imperador Valente tornou os visigodos arianos em vez de cristãos.</p>

<p>(133) <i>de cetero tam Ostrogothis quam Gepidis parentibus suis pro affectionis gratia evangelizantes huius perfidiae culturam edocentes, omnem ubique linguae huius nationem ad cuturam huius sectae invitaverunt. ipse quoque, ut dictum est, Danubio transmeantes Daciam ripensem, Moesiam Thraciasque permissio principis insederunt.</i></p>	<p>(133) Ademais, os visigodos evangelizaram tanto os ostrogodos quanto os gépidas, graças à afeição pelos seus parentes, ensinando-lhes a cultuar a perfídia. Convidaram todos os povos de sua língua, em todos os locais, a cultuar essa seita. Eles próprios, como foi dito, cruzaram o <i>Danubius</i> e se assentaram em suas margens na <i>Dacia</i>, na <i>Moesia</i> e na <i>Thracia</i>, com a permissão do imperador.</p>
--	---

XXVI	Capítulo 26
<p>(134) <i>Quibus evenit, ut adsolet genti, necdum bene loco fundatis, penuria famis, coeperuntque primates eorum et duces, qui regum vice illis praeerant, id est Fritigernus, Alatheus et Safrac, exercitus inopiam condolere negotiationemque a Lupicino Maximoque Romanorum ducum expetere. verum quid non auri sacra fames compellit adquiescere? coeperunt duces avaritia compellente non solum ovium bovumque carnes, verum etiam canum et inmundorum animalium morticina eis pro magno contradere, adeo, ut quemlibet mancipium in uno pane aut decem libris carne mercarent.</i></p> <p>(135) <i>sed iam mancipiis et supellectile deficientibus filios eorum avarus mercator victus necessitate exposcit. haut enim secus parentes faciunt salute suorum pignorum providentes; faciliusque deliberant ingenuitatem perire quam vitam, dum misericorditer alendus quis venditur quam moriturus</i></p>	<p>(134) Aconteceu-lhes, como costuma acontecer aos povos que ainda não se estabeleceram bem, a penúria da fome. Os seus líderes e comandantes, Fritigerno, Alateu e Safrac, que, em vez dos reis, eram quem os governava, começaram se condoer com a escassez [experimentada pelo seu] exército e pediram aos comandantes dos romanos Lupicino e Máximo o estabelecimento de um mercado. Mas, de fato, a que coisas não sagradas a fome pelo ouro não compele [os homens] a concordar? Os comandantes, compelidos pela avareza, comerciavam por grande preço não apenas ovos, bois e carnes, mas também as carcaças de cães e animais imundos, a tal ponto que qualquer escravo era trocado por um pão ou por dez libras de carne.</p> <p>(135) Mas quando já faltavam escravos e objetos, o avaro mercador, diante da necessidade de provisões, exige os seus filhos. Os pais, a contragosto, o aceitaram fazer dos seus [filhos] reféns preocupados com a sua saúde, considerando que é melhor perder a liberdade do que a vida e que é mais misericordioso que sejam vendidos para ser alimentados do que</p>

servatur. contigit etenim illo sub tempore erumoso, Lupicinus ut ductor Romanorum Fritigernum Gothorum regulum in convivio invitaret dolumque ei, ut post exitus docuit, moliretur.

(136) sed Fritigernus dolum nescius cum paucorum comitatu ad convivium veniens, dum intus in preturio aepularetur, clamorem miserorum morientium audiret: nam in alia parte socios eius reclausos dum milites ducis sui iussu trucidare conarentur et vox morientium duriter emissa iam suspectis auribus intonaret. ilico aperto dolo cognoscens Fritigernus evaginato gladio e convivio non sine magna temeritate velocitateque egreditur suosque socios ab imminente morte ereptos ad necem Romanorum instigat.

(137) qui nancti occasione votiva elegerunt viri fortissimi in bello magis quam in fame deficere, et ilico in ducum Lupicini et Maximi armantur occisione. illa namque dies Gothorum famem Romanorumque securitatem ademit, coeperuntque Gothi iam non ut advenae et peregrini, se ut cives et domini possessoribus imperare totasque partes septentrionales usque ad Danubium suo iuri tenere.

(138) quod conperiens in Antiochia Valens imperator mox armato exercitu in Thraciarum partes egreditur; ubi lacrimabile bello commisso vincentibus Gothis in quodam praedio iuxta Adrianopolim saucius ipse

mantidos para morrer.

Por conta disso, naquele tempo ruinoso, Lupicínio, como comandante dos romanos, convidou Fritigerno, reizinho dos godos para um banquete e, conforme ensinou o que se passou depois, fez-lhe uma armadilha.

(136) Mas Fritigerno, desconhecendo o dolo, foi ao banquete com uma comitiva pequena.

Quando comia dentro do pretório, ouviu os clamores de uns desgraçados que estavam sendo mortos: era que, em outro recinto, os soldados, a mando do comandante, tentavam trucidar os seus acompanhantes e os gritos dos que estavam sendo mortos já ressoavam nos [seus] ouvidos desconfiados. De imediato, deu-se conta da clara armadilha e, tendo sacado a espada, saiu do banquete com grande atrevimento e rapidez, indo até os seus acompanhantes, que salva da morte iminente e instiga a assassinar os romanos.

(137) Esses homens muitíssimos corajosos, encontrando a ocasião que desejavam, escolheram perecer na guerra em vez de por fome e, de pronto, tomam as armas contra os comandantes Lupicino e Máximo. Esse foi, assim, o dia no qual os godos se salvaram da fome e dos romanos; e começaram já a comandar os colonos não como estrangeiros ou peregrinos, mas como cidadãos e senhores; e a ter sob o seu domínio todas os territórios setentrionais até o *Danubius*.

(138) Quando, em *Antiochia*, o imperador Valente soube do acontecido, logo foi com o exército armado para os territórios da *Thracia*, onde efetuou uma lamentável guerra vencida pelos godos. Ele próprio ferido, refugiou-se em alguma construção próxima a *Adrianopolis*; e os

<p><i>refugiens ignorantibusque, quod imperator in tam vili casula delitisceret, Gothis, ignemque, ut adsolet saeviente inimico, supposito, cum regali pompa crematus est, haut secus quam dei prorsus iudicio, ut ab ipsis igni conbureretur, quos ipse vera fide petentibus in perfidia declinasset ignemque caritatis ad gehennae ignem detorsisset. quo tempore Vesegothae Thracias Daciaque ripense post tanti gloria tropaei tamquam solum genitalem potiti coeperunt incolere.</i></p>	<p>godos, ignorando que o imperador se escondia em um casebre tão vil, o incendiaram, como costuma acontecer com um exército enfurecido. Estando ele também submetido ao juízo de Deus, foi cremado com uma pompa régia, pois queimado foi por aqueles que lhe procuraram pedindo a fé verdadeira e foram conduzidos à perfídia, distorcendo o fogo da caridade e transformando-o no fogo do inferno. Naquele tempo, os visigodos, como troféu por tamanha glória, começaram a habitar a <i>Thracia</i> e a <i>Dacia</i> à margem do rio [<i>Danubius</i>].</p>
---	---

XXVII	Capítulo 27
<p><i>(139) Sed Theodosio ab Spania Gratianus imperator electo et in orientali principatu loco Valentis patrum subrogato, militaremque disciplinam mox in meliori statu reposita ignavia priorum principum et desidia exclusa Gothus ut sensit, pertimuit. nam imperator acri omnino ingenii virtuteque et consilio clarus dum praeceptorum saeveritate et liberalitate blanditiaque sua remissum exercitum ad fortia provocaret.</i></p> <p><i>(140) at vero ubi milites principe meliore mutato fiduciam acceperunt, Gothos impetere temptant eosque Thraciae finibus pellunt. sed Theodosio principe pene tunc usque ad desperationem egrotanti datur iterum Gothis audacia divisoque exercitu Fritigernus ad Thessaliam praedandam, Epiros et Achaiam digressus est, Alatheus vero et Safrac cum residuis copiis Pannoniam</i></p>	<p>(139) Então, para o lugar de Valente, o imperador Graciano, seu tio, escolheu Teodósio, da <i>Spania</i>, para o principado do Oriente. A disciplina militar logo [passou] para um nível melhor. O [rei] godo, percebendo que a covardia e a indolência dos imperadores anteriores haviam sido repostas, temeu, pois o imperador de aguda engenhosidade era famoso pela virtude e pela prudência. Através de preceitos severos, da generosidade e da gentileza, ele fez um decaído exército retomar a coragem.</p> <p>(140) Então, quando os soldados ganham confiança nesse imperador melhor, tentam atacar os godos e os expulsam da fronteira da <i>Thracia</i>. Mas o imperador Teodósio, então, por conta da enfermidade, quase chegou ao desespero. Outra vez, foi dada ousadia aos godos e Fritigerno, com uma parte do exército, se pôs a caminho de saquear a <i>Thessalia</i>, o <i>Epirus</i> e a <i>Achaia</i>, enquanto Alateu e Safrac, com o restante das tropas, foram em direção à <i>Pannonia</i>.</p>

<i>petierunt.</i>	
<p>(141) <i>quod cum Gratianus imperator, qui tunc a Roma in Gallis ob incursionem Vandalorum recesserat, conperisset, quia Theodosio fatali desperatione succumbente Gothi maius saevirent, mox ad eos collecto venit exercitu, nec tamen fretus in armis, sed gratia eos muneribusque victurus, pacemque victualia illis concedens, cum ipsis foedere fecit.</i></p>	<p>(141) Então, o imperador Graciano, que havia se retirado de <i>Roma</i> para as <i>Galliae</i> por causa da incursão dos vândalos, descobriu que os godos se enfureceram quando Teodósio sucumbiu em um desespero fatal, logo reuniu um exército e foi até eles, mas foi vencedor pela gentileza e pelos presentes, concedendo-lhes a paz e víveres e estabelecendo um tratado.</p>

<i>XXVIII</i>	Capítulo 28
<p>(142) <i>Vbi vero post haec Theodosius convaluit imperator repperitque cum Gothis et Romanis Gratiano imperatore pepigisse quod ipse optaverat, admodum grato animo ferens et ipse in hac pace consensit, Aithanaricoque rege, qui tunc Fritigerno successerat, datis sibi muneribus sociavit moribusque suis benignissimis ad se eum in Constantinopolim accedere invitavit.</i></p> <p>(143) <i>qui omnino libenter adquiescens regia urbe ingressus est miransque: 'en', inquit, 'cerno, quod saepe incredulus audiebam', famam videlicet tantae urbis: et huc illuc oculos volvens nunc situm urbis comiteaque navium, nunc moenia clara prospectans miratur, populosque diversarum gentium quasi fonte in uno e diversis partibus scaturriente unda, sic quoque milite ordinato aspiciens: 'deus', inquit, 'sine dubio terrenus est imperator et quisquis adversus eum</i></p>	<p>(120) Quando, depois disso, o Teodósio recuperou-se e descobriu que o imperador Graciano havia celebrado o tratado entre godos e romanos que ele próprio desejava, ficou de muito bom humor e ele próprio concordou com essa paz. Ao rei Aitanarico, que então havia sucedido Fritigerno, aliou-se dando presentes e, com os seus modos amabilíssimos, convidou-o para que viesse até si em <i>Constantinopolis</i>.</p> <p>(143) Muito contente, aceitando o pedido régio, Aitanarico ingressou na cidade e admirou-se: 'Oh!', disse, 'estou vendo o que frequentemente escutava sem acreditar!', referindo-se à fama de tão grande cidade. Ele virou os olhos de um lado a outro da cidade e para o tráfego das embarcações; então observou admirado as famosas muralhas defensivas e a torrente de povos de diversas origens que fluía de diversas para como que para uma única fonte. Do mesmo modo, também, ao ver o exército em formação, disse: 'Sem dúvida o imperador é um deus terreno e quem quer que contra ele levante a</p>

<p><i>manu moverit, ipse sui sanguinis reus existit'.</i></p> <p><i>(144) in tali ergo admiratione maioreque a principe honore suffultus paucis mensibus ab hac luce migravit. quem princeps affectionis gratia pene plus mortuum quam vivum honorans dignae tradidit sepulturae, ipse quoque in exequiis feretro eius praeiens.</i></p> <p><i>(145) defuncto ergo Aithanarico cunctus eius exercitus in servitio Theodosii imperatoris perdurans Romano se imperio subdens cum milite velut unum corpus effecit militiaque illa dudum sub Constantino principe foederatorum renovata et ipsi dicti sunt foederati. e quibus imperator contra Eugenium tyrannum, qui occiso Gratiano Gallias occupasset, plus quam viginti milia armatorum fideles sibi et amicos intellegens secum duxit victoriaque de praedicto tyrano potitus ultionem exegit.</i></p>	<p>mão é culpado pelo próprio sangue'.</p> <p>(144) Então, entusiasmado por tal admiração e coberto de honrarias conferidas pelo imperador, em poucos meses deixou a nossa luz. O imperador tinha [tanta] afeição por ele que quase o honrou mais depois de morto do que em vida: deu-lhe uma sepultura digna e ele próprio caminhou à frente do caixão no funeral.</p> <p>(145) Então, quando Aitanarico morreu, todo o seu exército continuou a serviço do imperador Teodósio, tornando-se como um [único] corpo com os soldados sob as ordens do Império Romano. Aquela antiga aliança sob Constantino foi renovada e eles foram chamados de 'federados'. Deles, o imperador conduziu consigo mais de vinte mil soldados, compreendendo que eram fieis e amigos, contra o tirano Eugênio, que ocupou as <i>Galliae</i> após a morte de Graciano. Obtendo a vitória sobre o tirano, o imperador exigiu a vingança.</p>
--	--

<p>XXIX</p>	<p>Capítulo 29</p>
<p><i>(146) Postquam vero Theodosio amator pacis generisque Gothorum rebus excessit humanis coeperuntque eius filii utramque rem publicam luxuriose viventes adnihilare auxiliariisque suis, id est Gothis, consueta dona subtrahere. mox Gothis fastidium eorum increvit, verentesque, ne longa pace eorum resolveretur fortitudo, ordinato super se rege Halarico, cui erat post Amalos secunda nobilitas Balthorumque ex</i></p>	<p>(146) Então, mais tarde, quando Teodósio, amante da paz e da linhagem dos godos, deixou as coisas humanas, os seus filhos, vivendo de modo luxuoso, deram início à ruína de ambas as Repúblicas e privaram os seus auxiliares, ou seja, os godos, dos donativos costumeiros. Não demorou para que o desgosto dos godos crescesse. Temendo que a sua coragem fosse dissolvida por uma longa paz, os godos escolheram Halarico para reinar sobre si. Ele era da maior nobreza depois da dos Ámalos, pois era da admirável linhagem dos Baltos, que</p>

genere origo mirifica, qui dudum ob audacia virtutis Baltha, id est audax, nomen inter suos acceperat.

(147) mox ergo antefactus Halaricus creatus est rex, cum suis deliberans suasit eos suo labore quaerere regna quam alienis per otium subiacere, et sumpto exercitu per Pannonias Stilicone et Aureliano consulibus et per Sirmium dextroque latere quasi viris vacuum intravit Italiam nulloque penitus obsistente ad pontem applicavit Candidiani, qui tertio miliario ab urbe aberat regia Ravennate.

(148) quae urbs inter paludes et pelago interque Padi fluenta unius tantum patet accessu, cuius dudum possessores, ut tradunt maiores, αἰνετοί. id est laudabiles, dicebantur. haec in sino regni Romani super mare Ionio constituta ut in modum insulae influentium aquarum redundatione concluditur.

(149) habet ab oriente mare, ad quam qui recto cursu de Corcyra atque Hellade partibus navigatur, dextrum latus primum Epiros, dehinc Dalmatiam Liburniam Histriamque et sic Venetias radens palmula navigat. ab occidente vero habet paludes, per quas uno angustissimo introitu ut porta relicta est. a septentrionale quoque plaga ramus illi ex Pado est, qui Fossa vocitatur Asconis.

(150) a meridie item ipse Padus, quem

muito tempo antes, pela virtude e coragem de Balta, que significa 'ousado', aceitou ter esse nome.

(147) Pouco depois, quando Halarico foi tornado rei, ele deliberou com os seus [homens], convencendo-os a buscar um reino com as próprias mãos em vez de se submeter, por indolência, a estrangeiros. Reunido o exército, durante o consulado de Estilício e Aureliano, ele entrou numa *Italia* quase vazia de homens pela *Pannonia*, tendo [a cidade de] *Sirmium* à sua direita. Quase não encontrando resistência, ele avançou até a ponte do rio *Candidianus*, onde ficava o terceiro miliário a partir da cidade régia de *Ravenna*.

(148) Essa cidade fica entre o pântano e o mar e entre os canais do [rio] *Padus*, sendo acessível apenas por um lado. Seus antigos possuidores, como contaram os [nossos] ancestrais, eram chamados 'αἰνετοί', ou seja, 'louváveis'. Situada em um golfo do reino romano sobre o mar *Ionius*, é confinada como uma ilha nas águas trazidas pela maré.

(149) A cidade tem o mar a leste. Quem navega em curso direto de *Corcyra* e de partes da *Hellas*, primeiro deixa do [seu] lado direito o *Epirus*, depois a *Dalmatia*, a *Liburnia* e a *Histria*, então remando até [as terras] vênetas. A oeste, contudo, existe um pântano, através do qual foi deixada uma estreitíssima passagem como um portão. A norte, ademais, estão as margens de um braço do *Padus*, que é chamado de 'canal de Ascônio'.

(150) A sul, também, está o *Padus*, que na *Italia*

<p><i>Italiae soli fluviorum regem dicunt, cognomento Eridanus, ab Augusto imperatore latissima fossa demissus, qui septima sui alvei parte per mediam influit civitatem, ad ostia sua amoenissimum portum praebens, classem ducentarum quinquaginta navium Dione referente tutissima dudum credebatur recipere statione.</i></p> <p><i>(151) qui nunc, ut Favius ait, quod aliquando portus fuerit, spatiosissimus ortus ostendit arboribus plenus, verum de quibus non pendeant vela, sed poma. Trino si quidem urbs ipsa vocabulo gloriatur trigeminaque positione exultat, id est prima Ravenna, ultima Classis, media Caesarea inter urbem et mare, plena mollitiae harenaque minuta vectationibus apta.</i></p>	<p>costumam chamar de 'rei dos rios' e que é apelidado de 'Eridanus'. Esse rio foi desviado pelo imperador Augusto para um larguíssimo canal, que das suas águas claras flui pela cidade com um sétimo do volume [total], proporcionando um porto muitíssimo ameno na sua desembocadura. Há muito tempo, como relatou Dião, acreditava-se que podia abrigar duzentos e cinquenta embarcações de modo seguro.</p> <p>(151) Agora, como diz Fávio, o que outrora era um porto, é um enorme jardim que exhibe árvores cheias, onde não tremulam as velas, mas as maçãs. A própria cidade se vangloria de ter três nomes, que decorrem de três locais: o primeiro é 'Ravenna'; o último 'Classis'; e, no meio, entre a cidade e o mar, está 'Caesarea', cheia de delicadezas, com uma areia fina e adequada para os passeios.</p>
---	---

XXX	Capítulo 30
<p><i>(152) Verum enim vero cum in eius vicinitate Vesegotharum applicuisset exercitus et ad Honorium imperatorem, qui intus residebat, legationem misisset. quatenus si permetteret, ut Gothi pacati in Italia residerent, sic eos cum Romanorum populo vivere, ut una gens utraque credere possit: sin autem aliter, bellando quis quem valebat expellere, et iam securus qui victor existeret imperaret. sed Honorius imperator utraque pollicitatione formidans suoque cum senatu initio consilio, quomodo eos fines Italos expelleret, deliberabat.</i></p>	<p>(152) Então, de fato, quando o exército dos visigodos chegou à vizinhança dessa cidade, enviou ao imperador Honório, que dentro residia, uma embaixada. Caso ele permitisse que os pacatos godos residissem na <i>Italia</i>, eles e os romanos viveriam em comunidade, como se acreditassem poder ser um [único] povo; do contrário, aquele que fosse mais o forte guerreando expulsaria o outro e então, como vencedor, governaria seguro. Mas o imperador Honório temeu fazer qualquer uma das duas promessas, buscou aconselhamento com o seu senado e deliberou sobre como expulsá-los para além das fronteiras itálicas.</p>

(153) *cui ad postremum sententia sedit,
quatenus provincias longe positas, id
est Gallias Spaniasque, quas pene iam
perdidisset Gizericique eas
Vandalorum regis vastaret inruptio, si
valeret, Halaricus sua cum gente sibi
tamquam lares proprias vindicaret.
donationem sacro oraculo
confirmatam consentiunt Gothi hac
ordinatione et ad patriam sibi traditam
proficiscuntur.*

(154) *post quorum discessu nec
quicquam mali in Italia perpetrato
Stilico patricius et socer Honorii
imperatoris — nam utramque eius
filiam, id est Mariam et Thermantiam,
sibi princeps unam post unam
consocians utramque virginem et
intactam deus ab hac luce vocavit —
hic ergo Stilico ad Polentiam civitatem
in Alpes Cottiarum locatam dolose
accedens, nihilque male suspicantibus
Gothi ad necem totius Italiae suamque
deformitatem ruit in bello.*

(155) *quem ex improvise Gothi
cernentes primum perterriti sunt, sed
mox recollectis animis et, ut solebant,
hortatibus excitanti omnem pene
exercitum Stiliconis in fuga conversum
usque ad internicionem deiciunt
furibundoque animo arreptum iter
deserunt et in Liguria post se, unde
iam transierant, revertuntur; eamque
praedis spoliisque potiti Emiliam pari
tenore devastant Flamminiaeque
aggerem inter Picenum et Tusciam
usque ad urbem Romam discurrentes,
quidquid in utrumque latus fuit, in*

(153) O imperador, finalmente, decidiu que, se Halarico e o seu povo conseguissem tomar aquelas províncias distantes, ou seja, as *Galliae* e as *Spaniae*, que quase já estavam perdidas para o rei dos vândalos Gaiserico e devastadas por seu ataque, poderiam reivindicá-las como terras próprias. Com a doação confirmada através de um oráculo sagrado, os godos consentiram com essa ordem e partiram para a pátria que lhes fora dada.

(154) Depois disso, tendo os visigodos deixado a *Italia* sem fazer qualquer mal, o patrício Estilício, sogro do imperador Honório — pois o imperador havia desposado suas filhas, Maria e Termância, em sequência, [ainda que] Deus as tenha chamado para longe desta luz virgens e intactas —, foi mal intencionado até a cidade de *Polentia*, localizada nos *Alpes Cottii*, e lançou-se sobre os godos, que não suspeitavam de coisa alguma, causando a ruína de toda a *Italia* e a deformação [da sua própria imagem] na guerra.

(155) Os godos, vendo-o de repente, primeiro se apavoram, mas logo depois recuperam os ânimos e, como costumavam, estimularam uns aos outros a gritos e põem em fuga quase todo o exército de Estilício, que quase matam um massacre. De ânimo furioso, eles abandonaram o percurso iniciado e voltaram para a *Liguria* atrás de si, por onde já haviam passado. Ali, obtiveram presas e espólios. Devastaram, em continuação, a *Emilia*. Percorrendo o calçadão da *Flamminia* entre o *Piceno* e a *Tuscia*, correram até a cidade de *Roma*, rapinando o que quer que encontrassem de cada um dos lados.

praeda diripiunt.

(156) *ad postremum Romae ingressi Halarico iubente spoliant tantum, non autem, ut solent gentes, igne supponunt nec locis sanctorum in aliquo paenitus iniuria inrogare patiuntur. exindeque egressi per Campaniam et Lucania simili clade peracta Brittios²¹⁴ accesserunt; ubi diu resedentes ad Siciliam et exinde ad Africae terras ire deliberant. Bryttiorum si quidem regio in extremis Italiae finibus australi interiacens parti — angulus eius Appinini montis initium fecit — Adriaeque pelagus velut lingua porrecta a Tyrreno aestu seiunges nomen quondam a Bryttia sortitus regina.*

(157) *ibi ergo veniens Alaricus rex Vesegotharum cum opibus totius Italiae, quas in praeda diripuerat, et exinde, ut dictum est, per Siciliam ad Africam quietam patriam transire disponens. cuius, quia non est liberum quodcumque homo sine notu dei disposuerit, fretus ille horribilis aliquantas naves submersit, plurimas conturbavit. qua adversitate depulsus Halaricus, dum secum, quid ageret, deliberaret, subito inmatura morte praeventus rebus humanis excessit.*

(158) *quem nimia sui dilectione lugentes Busento amne iuxta Consentina civitate de alveo suo derivato — nam hic fluvius a pede montis iuxta urbem dilapsus fluit unda salutifera — huius ergo in medio alvei*

(156) Ingressando, finalmente, em *Roma*, Halarico ordenou que apenas a pilhassem e não, como costumam fazer os povos, pusessem-lhe fogo e tampouco que sofresse dano aquilo que estivesse dentro de locais sagrados. Saindo dali, pela *Campania* e a *Lucania* realizaram destruição semelhante, indo até *Brittium*, onde permaneceram por longo tempo, deliberando sobre ir à *Sicilia* e em seguida às terras da *Africa*. A região dos brítios se localiza, de fato, nos confins da *Italia*, em um cabo austral — de um canto dela se iniciam os montes *Appinini* — e avança pelo mar de *Adria* como uma língua, separando-o da maré do *Tyrrenus*. Por acaso recebeu o seu nome, há muito tempo, por conta da rainha *Britia*.

(157) Para ali foi o rei dos visigodos Alarico com as riquezas de toda a *Italia*, que tomado como presa, e dali, como dissemos queria, através da *Sicilia*, transitar até a quieta terra da *Africa*. Como o ser humano não é livre para fazer o que for sem que Deus o permita, aquele estreito horrível submergiu muitas embarcações e virou outras tantas. Halarico se desanimou diante dessa adversidade e, enquanto pensava no que fazer, deixou, foi impedido por uma morte prematura, deixando as coisas humanas.

(158) Os visigodos, enlutados por sua enorme estima por ele, desvieram a corrente d'água *Busentus*, junto a *Cosentia* — pois esse rio flui descendo com águas salubres do pé do monte junto à cidade. Eles [enviaram] um grupo de prisioneiros até o talvego para cavar o local da

²¹⁴ “*Brittium*” é variante de “*Bruttium*”, correspondente à *Calabria* atual.

<p><i>collecta captivorum agmina saepulturae locum effodiunt, in cuius foveae gremium Halaricum cum multas opes obruunt, rursusque aquas in suo alveo reducentes. et ne a quoquam quandoque locus cognosceretur, fossore omnes interemerunt, regnumque Vesegotharum Ataulfo eius consanguineo et forma menteque conspicuo tradent: nam erat quamvis non adeo proceritate staturae formatus, quantum pulchritudine corporis vultuque decorus.</i></p>	<p>sepultura. No fundo desse buraco, com muitas riquezas, esconderam Halarico, depois trouxeram de volta as águas até o talvegue do rio e, para que ninguém jamais pudesse saber onde era o local, mataram todos os escavadores. Entregaram o reino dos visigodos a Ataulfo, seu parente, de destacada aparência e mente, pois embora ele não tenha crescido até uma grande estatura, o seu corpo era muito bonito e o seu rosto muito elegante.</p>
--	--

XXXI	Capítulo 31
<p><i>(159) Qui suscepto regno revertens item ad Romam, si quid primum remanserat, more locustarum erasit, nec tantum privatis divitiis Italiam spolians, immo et publicis, imperatore Honorio nihil resistere praevalente, cuius et germanam Placidiam Theodosii imperatoris ex altera uxore filiam ab urbe captivam abduxit.</i></p> <p><i>(160) quam tamen ob generis nobilitatem formeque pulchritudine et integritate castitatis adtendens in Foro Iuli Aemiliae civitate suo matrimonio legitime copulavit, ut gentes hac societate conperta quasi adunatam Gothis rem publicam efficacius terrarentur, Honorioque Augusto quamvis opibus exausto tamen iam quasi cognatum grato animo derelinquens, Gallias tendit.</i></p> <p><i>(161) ubi cum advenisset, vicinae gentes perterritae in suis se coeperunt</i></p>	<p>(159) Aquele que sucedeu no reinado novamente retornou a <i>Roma</i> e aquilo que havia permanecido da primeira vez, desapareceu com se tomado por gafanhotos. Não apenas espoliando a <i>Italia</i> de riquezas privadas, mas também públicos, pois em nada podia resistir o imperador Honório. Sua irmã, Placídia, filha de outra esposa do ex-imperador Teodósio, foi levada prisioneira da cidade.</p> <p>(160) Ataulfo estava atraído pela nobreza da sua linhagem, pela beleza da sua aparência e pela integridade da sua castidade e, em <i>Forum Iulii</i>, uma cidade da <i>Aemilia</i>, contraiu matrimônio legítimo com ela. Quando os povos descobriram essa aliança, se apavoraram, como se os godos e a República houvessem se unido eficazmente. Ele se dirigiu para as <i>Galliae</i>, abandonando de bom grado aquele que era agora o seu cunhado, embora sem riquezas.</p> <p>(161) Quando Ataulfo chegou, os povos vizinhos que outrora infestavam cruelmente as</p>

<p><i>finibus continere. qui dudum crudeliter Gallias infestassent, tam Franci, quam Burgundiones. nam Vandali vel Alani, quos superius diximus permissu principum Romanorum utramque Pannoniam resedere, nec ibi sibi metu Gothorum arbitantes tutum fore, si reverterentur, ad Gallias transierunt.</i></p> <p>(162) <i>sed mox a Galliis, quas ante non multum tempus occupassent, fugientes, Spanias se recluserunt, adhuc memores ex relatione maiorum suorum, quid dudum Geberich Gothorum rex genti suae prestitisset incomodi vel quomodo eos virtute sua patrio solo expulisset. tali ergo casu Galliae Ataulfo patuere venienti.</i></p> <p>(163) <i>confirmato ergo Gothus regno in Gallis Spanorum casu coepit dolere, eosque deliberans a Vandalorum incursibus eripere, suas opes Barcelona cum certis fidelibus derelictas plebeque inbelle, interiores Spanias introibit, ubi saepe cum Vandalis decertans tertio ano, postquam Gallias Spaniasque domuisset, occubuit gladio ilia perforata Euervulfî, de cuius solitus erat ridere statura. post cuius mortem Segericus rex constituitur, sed et ipse suorum fraude peremptus ocuis regnum cum vita reliquit.</i></p>	<p><i>Galliae</i>, tanto os francos como os burgúndios, começaram a se conter dentro das fronteiras, aterrorizados. Vândalos e alanos, que haviam tido a permissão do imperador para se assentarem em cada uma das <i>Pannoniae</i>, como acima dissemos, nem ali, por conta do medo, se julgavam seguros, pois os godos poderiam voltar, e se moveram para as <i>Galliae</i>.</p> <p>(162) Mas, pouco tempo depois, antes que permanecessem muito tempo, vândalos e alanos fugiram das <i>Galliae</i> e se trancafiaram nas <i>Spaniae</i>, pois ainda se lembravam do que contavam os seus ancestrais, sobre o incômodo que uma vez o rei dos godos Geberico causou-lhes, expulsando-os corajosamente do seu solo pátrio. Por tal situação, as <i>Galliae</i> se abriram para o recém-chegado Ataulfo.</p> <p>(163) Então, quando o godo consolidou o reino nas <i>Galliae</i>, começou a se condoer com a situação dos habitantes da <i>Spania</i>, pensando em resgatá-los dos ataques dos vândalos. Ataulfo deixou suas riqueza em <i>Barcelona</i> com alguns homens de confiança e com a plebe não-combate e adentrou as <i>Spanias</i> interiores, onde frequentemente combateu os vândalos até o terceiro ano. Depois, quando ele [já] tinha o domínio sobre as <i>Galliae</i> e as <i>Spaniae</i>, caiu ao ter a virilha perfurada pela espada de Evervulfo, de quem costumava rir pela estatura. Após a morte dele, Segerico foi apontado rei, mas ele próprio pereceu em uma armadilha dos seus [próprios homens] e perdeu o reino e a vida ainda mais rápido.</p>
---	--

XXXII	Capítulo 32
<p>(164) <i>Dehinc iam quartus ab Alarico rex constituitur Valia nimis dstrictus</i></p>	<p>(164) Depois disso, o excessivamente estrito e prudente Valia foi estabelecido como rei, já o</p>

*et prudens. contra quem Honorius
imperator Constantium virum
industria militari pollentem multisque
proeliis gloriosum cum exercitum
dirigens, veritus, ne foedus dudum cum
Ataulfo inito ipse turbaret et aliquas
rursus in re publica insidias moliretur
vicinas sibi gentes expulsas, simulque
desiderans germanam suam Placidiam
subiectionis obprobrio liberare,
paciscens cum Constantio, ut, aut bello
aut pace vel quo modo si eam potuisset
ad suum regnum reducere, ei eam in
matrimonio sociaret.*

*(165) quo placito Constantius obans
cum copia armatorum et pene iam
regio apparatu Spanias petit. cui
Vallias rex Gothorum non cum minori
procinctu ad claustra Pyrenei occurrit;
ub ab utraque parte legatione directa
ita convenit pacisci, ut Placidiam
sororem principis redderet suaque
solacia Romanae rei publicae, ubi usus
exegerit, non denegaret. eo namque
tempore Constantinus quidam apud
Gallias invadens imperium suum
Constantem ex monacho fecerat
Caesarem: sed non diu tenens regno
praesumpto mox foederatos Gothos
Romanosque ipse occiditur Arelato,
filius vero eius Vienna. post quos item
Iovinus ac Sebastianus pari temeritate
rem publicam occupandam
existimantes pari exitio perierunt.*

*(166) Nam duodecimo anno regni
Valiae, quando et Hunni post pene
quingenta annorum invasam
Pannoniam a Romanis et Gothis
expulsi sunt, videns Valia Vandalos in*

quarto desde Alarico. Contra ele, o imperador Honório enviou Constâncio, homem de grande capacidade militar e famoso por muitas batalhas, temendo que Valia perturbaria a aliança há muito feita com Ataulfo e que, após expulsar os povos vizinhos a si, ele novamente ele tentaria outras insídias contra a República.

Ao mesmo tempo, o imperador, desejando liberar a sua irmã Placídia da desgraça da sujeição, [prometeu] a Constâncio que, se ele a trouxesse de volta ao seu reino, fosse por guerra, paz ou qualquer outro modo, a teria em matrimônio.

(165) Satisfeito com isso, Constâncio partiu, com muitos soldados e um cortejo já quase régio, para as *Spanias*. Valia, rei dos godos, também com grande força, apressou-se até uma fortificação nos *Pyrenei*. Ali, de pronto, as embaixadas de um lado e de outro concordam com a paz, de modo que a irmã [do imperador], Placídia, fosse devolvida e que [Valia] não se recusasse a auxiliar a república romana quando fosse necessário. Então, por aquela época, um certo Constantino invadira as *Galliae* e ordenara que o seu [filho] Constante, um ex-monge, fosse feito César do seu império. Mas Constantino não teve por muito tempo o reino que presumia, pois logo foi morto pelos federados godos e pelos romanos em *Arelatum* e o seu filho, em *Vienna*. Jovino e Sebastiano, como igual temeridade, presumiram ocupar a [cabeça da] República e pereceram de igual ruína.

(166) Então, no décimo ano do reinado de Valia, quando, após quase cinquenta anos desde a invasão da *Pannonia*, os hunos foram expulsos por romanos e godos. Valia viu que os ousados vândalos haviam saído de onde estavam

<p><i>suis finibus, id est Spaniae solum, audaci temeritate ab interioribus partibus Galliciae, ubi eos fugaverat dudum Ataulfus, egressos et cuncta in praedas vastare, eo fere tempore, quo Hierius et Ardabures consules processissent, nec mora mox contra eos movit exercitum.</i></p>	<p>confinados, para onde há muito haviam fugido de Ataulfo, e temerosamente [avançavam] de partes da <i>Galliciae</i> para o solo das <i>Spaniae</i>, devastando e pilhando tudo. Sem perder tempo e sem demora, moveu contra eles o exército, na época em que Hierio e Ardabures se tornaram cônsules.</p>
---	---

XXXIII	Capítulo 33
<p>(167) <i>sed Gyzericus rex Vandalarum iam a Bonifatio in Africam invitatus, qui Valentiniano principi veniens in offensa non aliter se quam malo rei publicae potuit vindicare. is ergo suis praecibus eos invitans per traiectum angustiarum, qui dicitur fretus Gaditanus et vix septem milibus Africam ab Spaniis dividet ostiaque maris Tyrreni in Oceani estu egeritur, transposuit.</i></p> <p>(168) <i>erat namque Gyzericus iam Romanorum clade in urbe notissimus, statura mediocris et equi casu claudicans, animo profundus, sermone rarus, luxoria contemptor, ira turbidus, habendi cupidus, ad sollicitandas gentes providentissimus, semina contentionum iacere, odia miscere paratus.</i></p> <p>(169) <i>tali Africa rem publicam praecibus Bonifatii, ut diximus, invitatus intravit, ubi a divinitate, ut fertur, accepta auctoritate diu regnans, ante obitum suum filiorum agmine</i></p>	<p>(167) Mas o rei dos vândalos Gaiserico já havia sido convidado para a <i>Africa</i> por Bonifácio, que havia se desentendido com o imperador Valentiniano e só podia se vingar prejudicando a República. Suplicando, ele, então, convidou-os para que transpusessem uma passagem apertada, chamada de 'estreito <i>Gaditanus</i>', que nem chega a sete milhas, que divide a <i>Africa</i> das <i>Spaniae</i> e deságua o mar <i>Tyrrenus</i> no <i>Oceanus</i>.²¹⁵</p> <p>(168) Gaiserico, ainda famoso pela destruição na cidade dos romanos²¹⁶, tinha uma estatura mediana e mancava por conta de uma queda de cavalo; tinha pensamentos profundos, mas falava pouco; desdenhava dos luxos; era agitado pela ira e cobiçoso; muitíssimo provedor para os povos pedintes; preparado para lançar as sementes da discórdia e causar ódios.</p> <p>(169) Ele entrou convidado na província da <i>Africa</i>, como dissemos, [atendendo] às súplicas de Bonifácio. Ali reinou, segundo é contado, por um longo tempo, com uma autoridade recebida da divindade. Antes de morrer, convocou a</p>

²¹⁵ A travessia dos vândalos para a *Africa* aconteceu em 429.

²¹⁶ Jordanes refere-se ao saque de *Roma*, ocorrido em 455.

accito ordinavit. ne inter ipsos de regni ambitione intentio esset, sed ordine quisque et gradu suo, alii si superviveret. id est, seniori suo fieret sequens successor et rursus ei posterior eius. quod observantes per annorum multorum spatia regnum feliciter possiderunt, nec, ut in reliquis gentibus adsolet, intestino bello foedati sunt, suoque ordine unus post unum regnum excipiens in pace populis imperavit.

(170) quorum ordo iste ac successio fuit: primum Gyzericus, qui pater et dominus, sequens Hunericus, tertius Gunthamundus, quartus, Thrasamundus, quintus Ilderich. quem malo gentis suas Gelimer in memor atavi praeceptorum de regno eiectum et interemptum tyrannide praesumpsit.

(171) sed non ei cessit impune quod fecerat. nam mox Iustiniani imperatoris ultio in eum apparuit et cum omne genus suum opibusque, quibus more praedonis incubabat. Constantinopolim delatus per virum gloriosissimum Belesarium mag. mil. Orientalem, exconsolem ordinarium atque patricium, magnum in circo populo spectaculum fuit seraque suae paenitudinis gerens cum se videret de fastigio regali deiectum, privatae vitae, cui noluit famulari, redactus occubuit.

(172) sic Africa, quae in divisione urbis terrarum tertia pars mundi describitur, centesimo fere ano a Vandalico iugo erepta in libertate revocata est regni Romani, et quae

multidão de filhos e ordenou que não houvesse desentendimento entre eles por conta da ambição pelo reino. Ou seja: que cada um ocupasse o poder na sequência do mais velho e fosse sucedido pelo mais novo. Mantiveram, de modo feliz, o reino por um [longo] período e nem, como costuma acontecer com os povos, conduziram guerras internas. Um após o outro recebeu o reino [e] em paz governou o povo.

(170) A ordem de sucessão dos vândalos foi a seguinte: o primeiro foi Gaiserico, pai e senhor; em seguida, Hunerico; o terceiro foi Guntamundo; o quarto, Trasamundo; o quinto, Ilderico, a quem Gelimer, para o mal do seu povo, esquecendo-se dos preceitos dos ancestrais, expulsou do reino, instaurando a destruição através da tirania.

(171) Mas ele não permaneceu impune pelo que fizera, pois, em seguida, o imperador Justiniano se colocou contra ele. Gelimer foi carregado para *Constantinopolis* por Belisário, homem famosíssimo, mestre oriental dos soldados, ex-cônsul ordinário e patricio, com toda a sua linhagem e riqueza, que entesourava como um ladrão, e foi usada para um grande espetáculo no circo para o povo. Quando se viu desprovido da distinção régia, demonstrou o seu arrependimento tardio e morreu rebaixado a uma vida privada, que não aceitava.

(172) Assim, a *Africa*, que na divisão do globo terrestre é descrita como a terceira parte, quase no centésimo ano foi libertada do jugo vandálico e trazida, em liberdade, de volta ao reino romano. A região, que há muito fora

dudum ignavis dominis ducibusque infidelibus a rei publicae Romanae corpus gentilis manus abstulerat, a sollerte domino et fideli ductore nunc revocata hodieque congaudet. quamvis et post haec aliquantulum intestino proelio Maurorumque infidelitate adtrita sese lamentaverit, tamen triumphus Iustiniani imperatoris a deo sibi donatus, quod inchoaverat, ad pacem usque perduxit. sed nobis quid opus est, unde res non exeget, dicere? ad propositum redeamus.

(173) Vallia si quidem, rex Gothorum, adeo cum suis in Vandalos saeviebat, ut voluisset eos etiam et in Africa persequi, nisi eum casus, qui dudum Halarico in Africa tendenti contigerat, revocasset. nobilitatus namque intra Spanias incruentamque victoriam potitus Tolosam revertitur, Romano imperio fugatis hostibus aliquantas provincias, quod promiserat, derelinquens, sibi que adversa post longum valitudine supervenient rebus humanis excessit.

(174) eo videlicet tempore, quo Beremud, Thorismundo patre progenitus, de quo in catalogo Amalorum familia superius diximus, cum filio Vitiricho ab Ostrogothis, qui adhuc in Scythiae terras Hunnorum oppressionibus subiacebant, ad Vesegotharum regnum migravit. conscius enim virtutis et generis nobilitate facilius sibi credens principatum a parentibus deferre, quem heredem regum constabat esse multorum. quis namque de Amalo

facilmente retirada da república romana, de senhores covardes, por comandantes infieis, agora foi retomada por um senhor e comandante sagaz e fiel e hoje se alegra. Ainda assim, é de se lamentar que a região, logo em seguida, tenha sido castigada pela guerra intestina e pela infidelidade dos mouros. O triunfo que, com a graça de Deus, o imperador Justiniano iniciara, conduziu à paz. Mas por que falar do que não é da nossa alçada quando o assunto não o exige?

Voltemos ao nosso objetivo.

(173) O rei dos godos Valia, de fato, enfrentou ferozmente com os seus homens os vândalos e haveria desejado até mesmo persegui-los na *Africa*, não fosse chamado de volta, quando já estava pronto para partir, pela mesma situação que uma vez impediu Halarico de proceder para a *Africa*. Então, tendo obtido uma vitória sem derramamento de sangue nas *Spanias*, ele volta a *Tolosa* enobrecido, devolvendo ao Império Romano, como prometido, vários territórios dos inimigos em fuga. Muito tempo depois, foi tomado por problemas de saúde e deixou as coisas humanas.

(174) Naquele mesmo tempo, Beremudo, primogênito de Torismundo, do qual acima falamos no catálogo da família dos Ámalos, com o filho Vitirico migrou dos ostrogodos, que ainda nas terras citadas estavam sujeitos aos hunos, até o reino dos visigodos. Cômico da própria virtude e linhagem nobre, ele acreditava que seria fácil tirar o reinado dos parentes, pois constava que ele fosse herdeiro de muitos reis. E quem hesitaria em eleger um Ámalo se [o trono] vagasse? Mas ele não quis revelar a própria identidade.

dubitaret, si vacasset elegere? sed nec ipse adeo voluit quis esset, ostendere.

(175) et illi iam post mortem Valliae Theoderidum ei dederant successorem. ad quem veniens Beremud animi pondere qua valebat eximio generis sui amplitudine commoda taciturnitate suppressit, sciens regnantibus semper regali stirpe genitos esse suspectos. passus est ergo ignorari, ne faceret ordinata confundi. susceptusque cum filio suo a rege Theodorido honorifice nimis, adeo ut nec consilio suo expertem nec convivio faceret alienum, non tamen pro generis nobilitate, quam ignorabat, sed pro animi fortitudine et robore mentis, quam non poterat occultare.

(175) Os visigodos, já após a morte de Valia, fizeram de Teoderido o seu sucessor. Beremudo foi até ele, com a grandeza de espírito que o caracterizava, omitindo, cômoda e taciturnamente, a excelência da sua linhagem, ciente de que os reis sempre suspeitam daqueles de linhagem régia. Passou-se, então, por um desconhecido para não perturbar a ordem. Foi aceito, junto com o seu filho, pelo rei Teoderido com enormes honrarias, sendo incluído em seu conselho e nos seus banquetes. Isso não pela nobreza da sua linhagem, que o rei ignorava, mas pela coragem de espírito e robustez da mente, que Beremudo não podia ocultar.

XXXIV

(176) Quid plurimum? defuncto Vallia, ut superius quod diximus repetamus, qui parum fuerat felix Gallis, prosperrimus feliciorque Theodoridus successit in regno, homo summa moderatione compositus, animi corporisque utilitate habendus. contra quem Theodosio et Festo consulibus pace rupta Romani Hunnis auxiliaribus secum iunctis in Galliis arma moverunt. turbaverat namque eos Gothorum foederatorum manus, qui cum Gaina comite Constantinopolim efferasset. Aetius ergo patricius tunc praerat militibus, fortissimorum Moesium stirpe progenitus in Dorostorena civitate a

Capítulo 34

(176) O que mais? Repitamos o que dissemos acima: morto Valia, que pouco fora afortunado nas *Galliae*, sucedeu-lhe no reino Teodorico, extremamente próspero e mais afortunado — homem de extrema moderação e possuidor de grande capacidade física e espiritual. Durante o consulado de Teodósio e Festus, os romanos romperam a paz e moveram as armas até as *Galliae* contra ele, tendo os hunos como seus auxiliares; em razão das perturbações causadas pelas ações de federados dos godos que, com o conde Gainas, fizeram com que *Constantinopolis* se agitasse. O patricio Aécio, então o primeiro entre os soldados, era um méso de uma linhagem valentíssima, nascido na cidade de *Dorostorum*²¹⁸, tendo [um certo] Gaudêncio por pai. [Era um homem] capaz de

*patre Gaudentio, labores bellicos
tolerans, rei publicae Romanae
singulariter natus, qui superbam
Suavorum Francorumque barbariem
immensis caedibus²¹⁷ servire Romano
imperio coegisset.*

*(177) Hunnis quoque auxiliariis
Litorio ductante contra Gothos
Romanus exercitus movit procinctum,
diuque ex utraque parte acies
ordinatae cum utriusque fortes et neuter
infirmior esset, datis dextris in
pristina concordia redierunt,
foedusque firmatum ab alterutrum
fida pace peracta recessit uterque.*

*(178) qua pace Attila, Hunorum
omnium dominus et paene totius
Scythiae gentium solus in mundo
regnator, qui erat famosa inter omnes
gentes claritate mirabilis. ad quem in
legatione se missum a Theodosio
iuniore Priscus historicus tali voce
inter alia refert: ingentia si quidem
flumina, id est Tisia Tibisiaque et
Dricca transientes venimus in loco
illo, ubi dudum Vidigoia Gothorum
fortissimus Sarmatum dolo occubuit;
indeque non longe ad vicum, in quo
rex Attila morabatur, accessimus,
vicum inquam ad instar civitatis
amplissimae, in quo lignea moenia ex
tabulis nitentibus fabricata
repperimus, quarum compago ita*

suportar as exigências da guerra, nascido apenas para [servir] o Estado Romano; que através de grandes vitórias coagiu os soberbos bárbaros suevos e francos a servirem o Império Romano.

(177) O exército romano, também, sob o comando de Litório e tendo os hunos como auxiliares, moveu seus armamentos para enfrentar os godos. As linhas de batalha de cada lado ficaram dispostas por muito tempo e, como nenhuma era mais fraca, [os dois comandantes] cumprimentaram-se, retornando à antiga concórdia. Um tratado foi firmado por ambos e, diante da paz confiável, ambos [exércitos] retiraram-se.

(178) Durante esta paz, Átila era o senhor de todos os hunos e o único governante temido de quase de todas as tribos da *Scythia*; era admirável por seu famoso brilho em meio a todos as tribos. O historiador Prisco, a ele enviado em embaixada por Teodósio II, entre outras coisas relata o seguinte: “Depois de atravessarmos rios realmente imensos — o *Tisia*, o *Tibisia* e o *Dricca* — chegamos àquele local, onde outrora Vidigoia, o mais valente dos godos, pereceu por conta da trapaça dos sármatas; e não longe dali acessamos a aldeia na qual Átila residia — digo 'aldeia', mas à imagem de uma grandíssima cidade —, na qual encontramos muros de madeira feitos de tábuas polidas, cuja amarração fazia com que parecessem um todo sólido, de modo que era difícil, mesmo observando com atenção,

²¹⁷ Jordanes diz, nesse trecho, que Aécio coagiu suevos e francos a servirem o Império Romano através de grandes “derrotas”. Estas, obviamente, seriam derrotas desses povos. Em Português, diríamos-lo de um modo diferente: Aécio coagiu suevos e francos através de grandes vitórias. Vitórias, nesse caso, de Aécio; mas que correspondem a derrotas desses dois povos.

²¹⁸ Atual Silistra, na Bulgária.

<p><i>solidum mentiebatur, ut vix ab intentu possit iunctura tabularum conpraehendi.</i></p> <p><i>(179) videres triclinia ambitu prolixiore distenta porticusque in omni decore dispositas. area vero curtis ingenti ambitu cingebatur, ut amplitudo ipsa regiam aulam ostenderet. hae sedes erant Attilae regis barbariae tota tenenti; haec captis civitatibus habitacula praeponerat.</i></p>	<p>perceber onde o ponto de junção das tábuas.</p> <p>(179) Poderias ver grandes, bem dispostos e luxuosos salões de jantar e pórticos organizados com grande elegância. A área do pátio era, na verdade, rodeada por um perímetro enorme, como se a própria amplidão servisse para mostrar que se tratava da corte de um rei.” Esta era a residência do rei Átila, possuidor de todo o mundo bárbaro, que preferia esta moradia às cidades que capturara.</p>
---	--

XXXV	Capítulo 35
<p><i>(180) Is namque Attila patre genitus Mundzucio, cuius fuere germani Octar et Roas, qui ante Attilam regnum tenuisse narrantur, quamvis non omnino cunctorum quorum ipse. post quorum obitum cum Bleda germano Hunnorum successit in regno, et, ut ante expeditionis, quam parabat, par foret, augmentum virium parricidio quaerit, tendens ad discriminem omnium nece suorum.</i></p> <p><i>(181) sed librante iustitia detestabili remedio crescens deformes exitus suae crudelitatis invenit. Bleda enim fratre fraudibus interempto, qui magnaie parti regnabat Hunnorum, universum sibi populum adunavit, aliarumque gentium, quas tunc in ditione tenebat, numerositate collecta, primas mundi gentes Romanos Vesegothasque subdere praeoptabat.</i></p>	<p>(180) Este Átila era, pois, o filho de Mundiucio, cujos irmãos foram Octar e Roas, e que conta-se que reinaram antes de Átila, ainda que não sobre tantos quanto ele próprio. Após as suas mortes, [Átila] ascendeu ao trono com o irmão Bleda; e, para que estivesse à altura da expedição que preparava, buscou o aumento de poder através da morte de um parente — partindo da distinção entre os seus para a distinção entre todos.</p> <p>(181) Mas o sucesso crescente da sua crueldade deformada viria a ter remédio através da balança da justiça. [Átila], assim — estando o [seu] irmão Bleda, que havia reinado sobre grande parte dos hunos, destruído por conta de trapaças — reuniu em torno de si todo o povo, além de outras tribos, que agora tinha sob o seu comando. Com tal multidão reunida, preferiu submeter as primeiras dentre as tribos do mundo, os romanos e os visigodos.</p>

(182) Cuius exercitus quingentorum milium esse numero ferebatur. vir in concussione gentium natus in mundo, terrarum omnium metus, qui, nescio qua sorte, terrebat cuncta formidabili de se opinione vulgata. erat namque superbus incessu, huc atque illuc circumferens oculos, ut elati potentia ipso quoque motu corporis appareret; bellorum quidem amator, se ipse manu temerans, consilio validissimus, supplicantium exorabilis, propitius autem in fide semel susceptis; forma brevis, lato pectore, capite grandiore, minutis oculis, rarus barba, canis aspersus, semo nasu, teter colore, originis suae signa restituens.

(183) qui quamvis huius esset naturae, ut semper magna confideret, addebat ei tamem confidentia gladius Martis inventus, sacer apud Scytharum reges semper habitus, quem Priscus historicus tali refert occasione detectum. cum pastor, inquiens, quidam gregis unam boculam conspiceret claudicantem nec causam tanti vulneris inveniret, sollicitus vestigia cruoris insequitur tandemque venit ad gladium, quem depascens herbas incauta calcaverat, effossumque protinus ad Attilam defert. quo ille munere gratulatus, ut erat magnanimis, arbitratur se mundi totius principem constitutum et per Martis gladium potestatem sibi concessam esse bellorum.

(182) Dizia-se que seu exército tinha quinhentos mil [homens]. Era um homem nascido para chacoalhar as tribos do mundo, o terror de todas as terras; [um homem] que, não sei por que sorte, aterrorizava a todos com a sua pavorosa reputação. Tinha, pois, um andar soberbo e seus olhos se moviam de um lado a outro, como que também para que potência que trazia se manifestasse através de seu movimento corporal. Ainda que fosse um amante da guerra, restringia a própria mão. Era um excelente conselheiro, tolerante com o suplicante e favorável, ademais, aos que uma vez aceitara em confiança. Era baixo, de peito largo, cabeça grande, olhos pequenos; a barba [era] rala e salpicada de branco; tinha o nariz achatado e a cor escura — sinais que demonstravam sua origem.

(183) Ainda que, por natureza, sempre confiasse que realizaria grandes feitos, a sua confiança ainda foi aumentada com a descoberta da espada de Marte, sempre tida como sagrada pelos reis da *Scythia*, cujo achado assim foi relatado pelo historiador Prisco: 'Quando um vaqueiro observou uma das novilhas de seu rebanho mancando, mas não encontrava o que poderia ter causado tamanho ferimento, seguiu preocupado com as marcas de sangue e acabou por descobrir a espada que a incauta novilha pisoteara enquanto pastava. Excavou-a e entregou-a imediatamente a Átila. Este ficou grato pelo presente e, como era ambicioso, passou a considerar que fora designado príncipe do mundo inteiro e que através da espada de Marte lhe fora concedido o poder nas guerras.'

XXXVI	Capítulo 36
<p>(184) <i>Huius ergo mentem ad vastationem orbis paratam comperiens Gyzericus, rex Vandalorum, quem paulo antem memoravimus, multis muneribus ad Vesegotharum bella precipatat, metuens, ne Theoderidus Vesegotharum rex filiae suae ulcisceretur iniuriam, quae Hunerico Gyzerici filio iuncta prius quidem tanto coniugio laetaretur, sed postea, ut erat ille et in sua pignora truculentus, ob suspicionem tantummodo veneni ab ea parati, naribus abscisam trucatamque auribus, spolians decori naturali, patri suo ad Gallias remiserat, ut turpe funus miseranda semper offerret et crudelitas, qua etiam moverentur externi, vindictam patris efficacius impetraret.</i></p> <p>(185) <i>Attila igitur dudum bella concepta Gyzerici redemptione parturiens, legatos in Italia ad Valentinianum principem misit, serens Gothorum Romanorumque discordia, ut, quos proelio non poterat concutere, odiis internis elideret, asserens, se rei publicae eius amicitias in nullo violare, se contra Theoderidum Vesegotharum regem sibi esse certamen. unde cum excipi liberter optaret, citra epistula usitatis salutationum blandimentis oppleverat, studens fidem adhibere mendacio.</i></p> <p>(186) <i>pari etiam modo ad regem</i></p>	<p>(184) Quando então Gaiserico, rei dos vândalos, a quem nos referimos há pouco, percebeu que a mente [de Átila] estava decidida pela devastação do mundo, muitos presentes [enviou-lhe] para que iniciasse a guerra com os visigodos, temendo que o rei visigodo Teodorico vingasse a injúria à filha. Ela anteriormente alegrara-se ao ser unida em matrimônio a Hunerico, filho de Gaiserico. Depois, porém, por ele ser truculento [mesmo] com os seus protegidos, decepou-lhe o nariz e as orelhas apenas por suspeitar de que ela lhe houvesse preparado um veneno, privando-a de sua elegância natural. Enviou-a de volta ao pai, nas <i>Galliae</i>, onde ela sempre exhibiria, miseravelmente, seu aspecto morredouro. [Tamanha] crueldade, que comovia inclusive os estrangeiros, requeria ainda mais eficazmente a vingança do pai.</p> <p>(185) Átila, assim, dando início à guerra concebida por Gaiserico, enviou à <i>Italia</i> embaixadores ao imperador Valentiniano, como se, não podendo amedrontar [o inimigo] com a perspectiva de um combate, [ao menos] pudesse dividi-lo através dos ódios internos. Declarava que não estava a violar de modo algum a amizade com o Império, mas que estava em disputa com o rei dos visigodos Teodorico. Como se desejasse ser bem recebido, cobriu o resto da carta com as saudações elogiosas usuais, procurando obter confiança através da mentira.</p> <p>(186) Do mesmo modo, enviou uma mensagem</p>

Vesegotharum Theoderidum dirigit scripta, hortans, ut a Romanorum societate discederet: recoleretque proelia, quae paulo ante contra eum fuerant concitata. sub nimia feritate homo subtilis ante quam bella gereret arte pugnabat. tunc Valentinianus imperator ad Vesegothas eorumque regem Theoderidum in his verbis legationem direxit:

(187) 'prudentiae vestrae est, fortissimi gentium, adversus orbis conspirare tyrannum, qui optat mundi generale habere servitium, qui causas proelii non requirit, sed, quidquid commiserit, hoc putat esse legitimum. ambitum suum brachio metitur, superbiam licentia satiat; qui ius fasque contemnens, hostem se exhibet et naturae. cunctorum etenim meretur hic odium, qui in commune omnium se adprobat inimicum.

(188) recordamini, quaeso, quod certe non potest oblivisci. ad Hunnis non per bella, ubi comunis casus est, fusum, sed, quod graviter anget, insidiis appetitum. ut de nobis taceamus, potestis hanc inulti ferre superbiam. armorum potentes favete propriis doloribus et communes iungite manus. auxiliamini etiam rei publicae, cuius membrum tenetis. quam sit autem nobis expetenda vel amplexanda societas, hostis interrogate consilia'.

(189) his et similia legati Valentiniani regem permoverunt Theodoridum. quibus ille respondit: 'habetis'. inquit,

ao rei visigodo Teodorico, exortando-o a sair da aliança com os romanos e lembrando os combates pouco antes realizados [pelos romanos] contra ele. Sob a excessiva ferocidade, existia um homem astuto, que, antes de fazer guerra, lutava através de artifícios. Então o imperador Valentiniano enviou uma embaixada aos visigodos e ao seu rei Teodorico, com esta mensagem:

(187) “Para vós, que sois a mais valente das tribos, o mais prudente é conspirar contra o tirano do mundo, que deseja escravizar toda a humanidade, não necessita de motivos para envolver-se em combates e considera tudo o que faz legítimo. Ele mede a ambição pelo próprio braço e sacia a soberba com permissividade, desprezando a justiça humana e divina, mostrando-se um inimigo da [própria] natureza. Merece, portanto, o ódio geral, pois se revela o adversário comum a todos.

(188) Peço que recordeis aquilo que não podeis esquecer: os hunos não operam através da guerra, na qual as chances são iguais, mas atormentam [seus inimigos] com emboscadas, o que é mais grave. Sem que digamos algo a nosso respeito, podeis vós suportar tal soberba sem puni-la? Favorecei-nos em nosso sofrimento, pois possuis exércitos poderosos, e uni vossas mãos às nossas. Auxiliai também o Império, já que tens parte nele. Se quereis saber o quanto aguardamos de braços abertos uma aliança [convosco], inqueri sobre os planos do inimigo.”

(189) Com estes e semelhantes [argumentos], os embaixadores de Valentiniano convenceram Teodorico, que lhes respondeu: “Obtivestes”,

'Romani, desiderium vestrum; fecistis Attilam et nobis hostem. sequimur illum quocumque vocaverit, et quamvis infletur de diversis gentium victoriis, norunt tamen Gothi conflagere cum superbis. nullum bellum dixerim grave, nisi quod causa debilitat, quando nil triste pavet, cui maiestas adriserit'. adclamant responso comites duci, laetus sequitur vulgus.

(190) fit omnibus ambitus pugnae, hostes iam Hunni desiderantur. producitur itaque a rege Theodorido Vesegotharum innumerabilis multitudo; qui quattor filios domi dimissos, id est Friderichum et Eurichum, Retemerim et Himnerith secum tantum Thorismud et Theodericum²¹⁹ maiores natu participes laboris adsumit. felix procinctum, auxilium tutum, suave collegium habere solacia illorum. quibus delectat ipsa etiam simul subire discrimina.

(191) a parte vero Romanorum tanta patricii Aetii providentia fuit, cui tunc innitebatur res publica Hesperiae plagae, ut undique bellatoribus congregatis adversus ferocem et infinitam multitudinem non impar occurreret. hi enim adfuerunt auxiliares: Franci, Sarmatae, Armoriciani, Liticiani, Burgundiones, Saxones, Ripari, Olibriones, quondam milites Romani, tunc vero iam in

disse, “ó romanos, o que desejastes; tornastes-nos inimigos de Átila. Perseguiremo-lo onde quer que ele faça barulho, ainda que esteja inflado pelas vitórias sobre diversos povos, os godos todavia sabem como lutar contra os soberbos. Eu diria que nenhuma guerra é grave, a não ser aquela feita por motivos débeis; e nada triste deve temer aquele que favorece a [própria] soberania.” Os companheiros [do rei] aplaudem a resposta do [seu] líder e o povo os segue alegremente.

(190) Todos estavam prontos para a luta, ansiando pelos inimigos hunos. E assim uma multidão incontável é produzida pelo rei dos visigodos, que deixa em casa quatro filhos: Friderico, Eurico, Retemero e Himnerico; levando consigo apenas os mais velhos, Torismundo e Teodorico [II]. Feliz preparação, defesa segura e doce camaradagem é ter o conforto daqueles que se deleitam compartilhando as mesmas preocupações.

(191) No lado dos romanos, na verdade, foi tão grande a precaução do patricio Aécio, de quem então dependia a parte ocidental do Império, que ele congregou de todos os cantos guerreiros capazes de fazer par à feroz e incontável multidão do inimigo. Esses foram, então, os que lhe acompanharam como tropas auxiliares: francos, sármatas, armoricanos, liticianos, burgúndios, saxões, ripários e os olibriões — que certa feita foram soldados romanos buscados, na verdade, para compor apenas as

²¹⁹ O texto latino distingue entre os nomes “*Theodoridus*”, do pai, e “*Theodericus*”, do filho. A rigor, o primeiro deveria ser aportuguesado como “Teodorido” e o segundo como “Teoderico”. A tradição, porém, trata-os como “Teodorico I” e “Teodorico II”.

<p><i>numero auxiliarium exquisiti, aliaequae nonnulli Celticae vel Germanie nationes.</i></p> <p><i>(192) convenitur itaque in campos Catalaunicos, qui et Mauriaci nominantur, centum leuvas, ut Galli vocant, in longum tenentes et septuaginta in latum. leuva autem Gallica una mille et quingentorum passum quantitate metitur. fit ergo area innumerabilium populorum pars illa terrarum. conseruntur acies utraeque fortissimae; nihil supreptionibus agitur, se aperto Marte certatur.</i></p> <p><i>(193) quae potest digna causa tantorum motibus invenire? aut quod odium in se cunctos animavit armari? probatum est hominum genus regibus vivere, quando unius mentis insano impetu strages sit facta populorum et arbitrio superbi regis monumento defecit quod tot saeculis natura progeniit.</i></p>	<p>tropas auxiliares —, além de algumas outras nações celtas e germânicas.</p> <p>(192) E assim se encontraram nos campos cataláunicos,²²⁰ também chamados “mauriacos”, e que têm cem léguas de comprimento e setenta de largura, como dizem os gauleses. A légua gaulesa é uma medida de mil e quinhentos passos. Aquele pedaço de terra, então, recebeu incontáveis povos. Enfrentaram-se duas linhas de batalha valentíssimas. Nada foi feito às escondidas, mas disputado em batalha aberta.</p> <p>(193) Que causa digna se pode descobrir no movimento de tantos? Ou que ódio os animou a se armarem uns contra os outros? Está provado que o gênero humano vive por seus reis, porquanto a mente insana de um único foi causa da carnificina de [muitos] povos e pelo arbítrio de um rei soberbo se destruiu aquilo que a natureza levou séculos para gerar.</p>
---	--

XXXVII	Capítulo 37
<p><i>(194) Sed antequam pugnae ipsius ordinem referamus, necessarium videtur edicere, quae in ipsis bellorum motibus acciderunt, quia sicut famosum proelium, ita multiplex atque perplexum. Sangibanus namque rex Alanorum metu futurorum perterritus Attilae se tradere pollicetur et Aurelianam civitatem Galliae, ubi</i></p>	<p>(194) Mas antes de nos referirmos à própria ordem da luta, é necessário detalhar o que foi visto acontecer durante a preparação para a guerra, pois se o combate tornou-se famoso, também foi complexo e confuso. Uma vez que Sangibano, rei dos alanos, tomado pelo medo do futuro, promete entregar-se a Átila e transferir-lhe o controle sobre a cidade de Aureliana, nas Galliae, onde então habitava.</p>

²²⁰ Nas adjacências da cidade de *Catalaunum* (atual Châlons-en-Champagne, na França).

<p><i>tunc consistebat, in eius iura transducere.</i></p> <p><i>(195) quod ubi Theodoridus et Aetius agnoverunt, magnis aggeribus eandem urbem ante adventum Attilae struunt, suspectumque custodiunt Sangibanum et inter suos auxiliares medium statuunt cum propria gente. igitur Attila rex Hunnorum tali percussus eventu diffidens suis copiis metuit inire conflictum. inter que fugam revolvens ipso funere tristionem, statuit per aruspices futura inquirere.</i></p> <p><i>(196) qui more solito nunc pecorum fibras, nunc quasdam venas in abrasis ossibus intuentes Hunnis infausta denuntiant; hoc tamen quantulum praedixere solacii, quod summus hostium ductor de parte adversa occumberet relictamque victoriam sua morte triumphum foedaret. cumque Attila necem Aetii, quod eius motibus obviabat, vel cum sua perditione duceret expetendam, tali praesagio sollicitus, ut erat consiliorum in rebus bellicis exquisitor, circa nonam diei horam proelium sub trepidatione committit, ut, si secus cederet, nox imminens subveniret.</i></p>	<p>(195) Ao descobrirem isso, Teodorico e Aécio construíram uma grande barreira de terra em torno dessa mesma cidade antes da chegada de Átila, vigiando o suspeito Sangibano e colocando sua tribo em meio às próprias tropas auxiliares. Assim Átila, rei dos hunos, aborreceu-se de tal maneira com isso que perdeu a confiança no sucesso de suas próprias tropas e temeu dar início ao conflito e, enquanto se debatia sobre a fuga ser mais algo mais triste do que a derrota, decidiu inquirir os adivinhos acerca do futuro.</p> <p>(196) Estes, como era hábito e costume, examinaram as entranhas do gado e perceberam que certos arranhões sobre os ossos raspados anunciavam insucesso para os hunos ainda que predicessem um pequeno consolo: que o condutor supremo do inimigo cairia e que sua morte enviuvaria a vitória e enfeitaria o triunfo. Átila, contudo, desejou a morte de Aécio, que impedia suas ações, mesmo que isso o conduzisse à [própria] destruição. Preocupado com tal predição, e como era um estudioso das estratégias militares, deu início ao combate na nona hora do dia, por nervosismo, para que, caso tivesse que fugir, a noite iminente sobreviesse.</p>
<p>XXXVIII</p>	<p>Capítulo 38</p>
<p><i>(197) Convenere partes, ut diximus, in campos Catalaunicos. erat autem positio loci declivi tumore in editum</i></p>	<p>(197) Os grupos se encontraram, como dissemos, nos campos cataláunicos. O campo-de-batalha era, porém, um local inclinado, que</p>

collis excrecens. quem uterque cupiens exercitus obtinere, quia loci oportunitas non parvum beneficium confert, dextram partem Hunni cum suis, sinistram Romani et Vesegothae cum auxiliariis occuparunt, relictoque de cacumine eius iugo certamen ineunt. dextrum itaque cornum cum Vesegothis Theoderidus tenebat, sinistrum Aetius cum Romanis, conlocantes in medio Sanguibanum, quem superius rettulimus praefuisse Alanis, providentes cautioni militari, ut eum, de cuius animo minus praesumebant, fidelium turba concluderent. facile namque adsumit pugnandi necessitatem, cui fugiendi inponitur difficultas.

(198) e diverso vero fuit Hunnorum acies ordinata, ut in medio Attila cum suis fortissimis locaretur; sibi potius rex hac ordinatione prospiciens, quatenus inter gentis suae rubor positus ab imminente periculo redderetur exceptus. cornua vero eius multiplices populi et diversae nationes, quos dicioni suae subdiderat, ambiebant.

(199) inter quos Ostrogotharum praeminebat exercitus Valamire et Theodemire et Videmere germanis ductantibus, ipso etiam rege, cui tunc serviebant, nobilioribus, quia Amalorum generis eos potentia inlustrabat; eratque et Gepidarum agmini innumerabili rex ille famosissimus Ardaricus, qui ob nimiam suam fidelitatem erga Attila eius consiliis intererat. nam perpendes

elevava-se bruscamente até uma colina que se destacava e que ambos exércitos desejavam obter, pois o local conferia um benefício considerável. Com os hunos ocupando o lado direito com os seus homens enquanto os romanos, os visigodos com as tropas auxiliares ocupavam a esquerda, [os exércitos] partiram [de suas posições] e deram início a uma disputa pelo topo. Teodorico ocupava com os visigodos a ala direita e Aécio ocupava a esquerda com os romanos, enquanto no meio, por precaução militar, colocavam Sangibano, que acima mencionamos liderar os alanos; como se presumissem que seu entusiasmo fosse menor e quisesses cercá-lo por uma multidão de homens leais, uma vez que mais facilmente aceita a necessidade de lutar aquele a quem foram impostas dificuldades para a fuga.

(198) A linha de batalha dos hunos, de fato, estava organizada de modo diferente, com Átila e os seus homens valentíssimos posicionados no meio; sendo que com essa organização o rei sobretudo preocupava-se consigo mesmo, à medida que, colocado-se modestamente entre o seu povo, o rei livra-se do perigo iminente. As alas eram compostas, na verdade, por povos e nações que [Átila] havia submetido às suas ordens.

(199) Entre esses se destacavam os ostrogodos, sob a liderança dos irmãos Valamiro, Teodomiro e Vidimiro, ainda mais nobres do que o próprio rei a quem então serviam, pois eram iluminados com o poder do clã dos Ámalos. Também ali estava, com uma incontável tropa, o famosíssimo rei dos gépidas, Ardarico, que pertencia ao conselho de Átila por conta de sua excessiva lealdade; porquanto Átila, avaliando a sua sagacidade, prezava-o, assim como Valamiro, mais do que

<p><i>Attila sagacitate sua, eum et Valemerem, Ostrogotharum regem, super ceteros regulos diligetab.</i></p> <p><i>(200) erat namque Valamir secreti tenax, blandus alloqui, dolis gnarus; Ardaricus fide et consilio, ut diximus, clarus. quibus non inmerito contra parentes Vesegothas debuit credere pugnaturis. reliqua autem, si dici fas est, turba regum diversarumque nationum ductores ac si satellites notibus Attilae attendebant, et ubi oculo annuisset, absque aliqua murmuratione cum timore et tremore unusquisque adstabat, aut certe, quod iussus fuerat, exequebatur.</i></p> <p><i>(201) solus Attila rex omnium regum super omnes et pro omnibus sollicitus erat. fit ergo de loci, quem diximus, oportunitate certamen. Attila suos diriget, qui cacumen montis invaderent, sed a Thorismundo et Aetio praevenitur, qui eluctati collis excelsa ut conscenderent, superiores effecti sunt, venientesque Hunnos montis beneficium facile turbaverunt.</i></p>	<p>os outros reizinhos.</p> <p>(200) Uma vez que Valamiro era um bom guardador de segredos, suave na fala, habilidoso nas trapaças; Ardarico, como já dissemos, era conhecido pela lealdade e sabedoria. Ambos, devia [Átila] crer, não sem razão, lutariam contra seus parentes visigodos. O restante da turba de reis e líderes de diversas nações, se é que é justo chamá-los assim, prestava atenção aos gestos de Átila como se fossem a sua própria escolta; e quando este fazia um sinal com os olhos, cada um deles, sem um murmúrio sequer, ainda que com temor e tremor, apresentava-se e certamente executava o que lhe era ordenado.</p> <p>(201) Apenas Átila era o rei de todos os reis, acima de todos, e preocupado com todos. Então começou a disputa, à qual nos referimos, pelo local vantajoso. Átila dirige seus homens para que invadam o monte, mas é antecipado por Torismundo e Aécio, que sobem a colina elevada lutando. Estando na posição superior, repeliam com facilidade os hunos, por conta do benefício que o monte lhes dava.</p>
---	--

<p>XXXIX</p>	<p>Capítulo 39</p>
<p><i>(202) Tunc Attila cum videret exercitum causa praecedente turbatum, tali eum ex tempore credidit alloquio confirmandum. 'post victorias tantarum gentium, post orbem, si consistatis, edomitum, ineptum iudicaveram tamquam</i></p>	<p>(202) Então Átila, quando viu o seu exército repelido por conta do ocorrido, acreditou que o devesse motivar com um discurso extemporâneo: “Se ficais de pé após vitórias sobre tantas tribos, após submeter o mundo, considero tolice estimular-vos com palavras, como se fosseis líderes novatos ou um exército</p>

*ignaros rei verbis acuere. quaerat hoc
aut novus ductor aut inexpertus
exercitus.*

*(203) nec mihi fas est aliquid vulgare
dicere, nec vobis oportet audire. quid
autem aliud vos quam bellare
consuetum? aut quid viro forti
suavius, quam vindicta manu querere?
magnum munus a natura animos
ultione satiare.*

*(204) adgrediamur igitur hostem
alacres: audaciores sunt semper, qui
inferunt bellum. adunatas dispicite
dissonas gentes: indicium pavoris est
societate defendi. en ante impetum
nostrum terroribus iam feruntur;
excelsa quaerunt, tumulos capiunt et
sera paenitudine in campos
monitiones efflagitant. nota vobis sunt
quam sint levia Romanorum arma:
primo etiam testudineque conectunt.
vos confligite perstantibus animis, ut
soletis, despicientesque eorum aciem
Alanos invadite, in Vesegothas
incumbite.*

*(205) inde nobis cita victoria
quaerere. unde se continet bellum.
abscisa autem nervis mox membra
relabuntur, nec potest stare corpus,
cui ossa subtraxeris. consurgant
animi, furor solitus intumescat. nunc
consili, Hunni, nunc arma depromite:
aut vulneratus quis adversarii mortem
reposcat aut inlaesus hostium clade
satiatur.*

inexperiente.

(203) Tampouco é justo que eu vos diga algo comum ou conveniente que escuteis algo assim. Aliás, o que, além de guerrear, é vosso costume? Ou o que é mais agradável, para um homem valente, do que buscar a vingança com as [próprias] mãos? É uma dádiva da natureza saciar a alma com a vingança.

(204) Ataquemos com entusiasmo, então, o inimigo; os mais ousados são sempre os que tomam a iniciativa na guerra. Prestai atenção naquelas tribos dissonantes ajuntadas: o fato de estarem aliadas é um indício de pavor. Eis que antes de nosso ataque já sofrem de terror: buscam [locais] elevados, capturam montículos; arrendendo-se tarde demais, pedem auxílio em campo aberto. Notai o quanto são leves para vós as armas dos romanos. Já de primeira, enquanto eles se juntam em formação de tartaruga, vós permanecereis de pé, como é vosso costume, desprezando-os; e então invadi a linha de batalha e pressionai os alanos em direção aos visigodos!

(205) Busquemos, doravante, uma rápida vitória onde a guerra se resolve, pois logo depois de cortados os nervos os membros se afrouxam e tampouco pode ficar de pé um corpos cujos ossos são retirados. Que se elevem em conjunto os [vossos] ânimos e que a [vossa] fúria costumeira engrandeça-se! Agora é hora da sabedoria, ó hunos. Mostrai as [vossas] armas! Que o ferido exija a morte do adversário e que o ileso se satisfaça através da destruição do inimigo!

(206) *victuros nulla tela conveniunt, morituros et in otio fata praecipitant. postremos cur fortuna Hunnos tot gentium victores adseret, nisi ad certaminis huius gaudia praeparasset? quis denique Meotidarum iter maiores nostros aperuit tot saeculis clausum secretum? quis adhuc inermibus cedere faciebat armatos? faciem Hunnorum non poterat ferre adunata collectio. non fallor eventu: hic campus est, quem nobis tot prospera promiserunt. primus in hoste tela coiciam. si quis potuerit Attila pugnante otio ferre, sepultus est'. his verbis accensi, in pugna cuncti praecipitantur.*

(206) Nenhum dardo atinge os que hão de vencer e os que hão de morrer mesmo no ócio caem diante do Destino. Por fim, por que a Fortuna colocaria os hunos vitoriosos sobre tantas tribos, a não ser que estivesse a prepará-los para a alegria da presente disputa? Quem mais teria aberto o caminho através do [pântano] *Meotis*, fechado e secreto por tantos séculos, aos nossos ancestrais? Quem, ainda, teria feito homens armados caírem diante de desarmados? Uma coleção ajuntada [de homens] não pode fazer frente aos hunos. Não estou enganado sobre o que acontece: este é o campo que nos foi prometido por tantos triunfos. Serei o primeiro a atirar o dardo no inimigo. Se alguém puder ficar parado enquanto Átila luta, [já] está sepultado.” Inflamados por essas palavras, em conjunto lançaram-se à luta.

XL

Capítulo 40

(207) *Et quam vis haberent res ipse formidinem, praesentia tamen regis cunctatione merentibus auferebat. manu manibus congregiuntur; bellum atrox multiplex immane pertinax, cui simile nulla usquam narrat antiquitas, ubi talia gesta referantur, ut nihil esset, quod in vita sua conspiciere potuisset egregius, qui huius miraculi privaretur aspectu.*

(207) Ainda que a violência trouxesse ela própria o horror, a presença do rei propiciava aos mercedores a cessação da hesitação. Os homens encontravam-se frente-a-frente; [trata-se de] uma guerra atroz, complexa, desumana e contínua — diferente de todas as batalhas que os tempos antigos relatam. Conta-se que ali ocorreram feitos tais que [mesmo] um homem de posição, em [toda] a sua vida, não poderia ver coisa alguma que se assemelhasse a essas façanhas.

(208) *nam si senioribus credere fas est, rivulus memorati campi humili ripa praelabens, peremptorum vulneribus sanguine multo provectus est, non auctus imbribus, ut solebat,*

(208) Pois, se é justo crermos nos mais velhos, um riachuelo que corre pela parte baixa do referido campo transbordou com o sangue dos ferimentos dos mortos. Não cresceu com a chuva, como costumava, mas teve suas águas

*sed liquore concitatus insolito torrens
factus est cruoris augmento. et quos
illic coegit in aridam sitim vulnus
inflictum, fluenta mixta clade
traxerunt: ita constricti sorte
miserabili sorbebant putantes
sanguinem quem fuderant sauciati.*

*(209) hic Theodoridus rex dum
adhortans discurrit exercitum, equo
depulsus pedibusque suorum
conculcatus vitam maturae senectutis
conclusit. alii vero dicunt eum
interfectum telo Andagis de parte
Ostrogotharum, qui tunc Attilanis
sequebantur regimen. hoc fuit, quod
Attilae praesagio aruspices prius
dixerant, quamvis ille de Aetio
suspicaret.*

*(210) tunc Vesegothae dividentes se ab
Alanis invadunt Hunnorum caterva et
pene Attilam trucidarent, nisi providus
prius fugisset et se suosque ilico intra
septa castrorum, quam plaustris
vallatum habebat, reclusisset:
quamvis fragili munimine, eo tamen
quaesierunt subsidium vitae. quibus
paulo ante nullus poterat muralis
agger obsistere.*

*(211) Thorismund autem regis
Theodoridi filius, qui cum Aetio
collem anticipans hostes de superiore
loco proturbaverat, credens se ad
agmina propria pervenire, nocte
caeca ad hostium carpenta ignarus
incurrit. quem fortiter demicante
quidam capite vulnerato equo deiecit,
suorumque providentia liberatus a*

agitadas e tornadas uma torrente incomum por conta do acréscimo de sangue. E aqueles que ali se reuniam, com uma árida sede resultante dos ferimentos recebidos, extraíram [do riachuelo] um fluido misturado com carnificina: e assim, compelidos por uma sorte miserável, sorviam o sangue derramado pelos feridos.

(209) Ali o rei Teodorico, que cavalgava apressado encorajando o exército, foi atirado pelo [próprio] cavalo e pisoteado pelos pés dos seus [homens], terminando a vida em uma idade bastante avançada. Outros dizem que, na verdade, foi morto pelo dardo de Andag, do grupo dos ostrogodos, que então seguiam o comando de Átila. Foi isso o que os adivinhos disseram a Átila anteriormente na predição, ainda que ele tenha suspeitado que se tratava de Aécio.

(210) Então os visigodos, separando-se dos alanos, invadem um bando de hunos e quase trucidavam Átila, não fosse ele ter fugido antes, preparado que estava, e ter imediatamente reaberto, com os seus [homens], o portão que conduzia ao acampamento, que era cercado por carroças. Ainda que [o local] fosse fragilmente fortificado, buscaram ali um subsídio à sobrevivência aqueles que, pouco antes, não poderiam ser contidos nem por muralhas de terra.

(211) Enquanto isso, o filho do rei Teodorico, Torismundo, que com Aécio antecipou-se na tomada da colina e, desse local elevado, repeliu os inimigos, crente de que voltava para junto das próprias tropas, por conta da noite cega, chegou desavisado às carruagens dos inimigos. Enquanto brigava valentemente, foi ferido na cabeça e retirado do cavalo. Foi liberado [depois], por conta da precaução de seus

proeliandi intentione desivit.

*(212) Aetius vero similiter noctis
confusione divisus cum inter hostes
medius vagaretur, trepidus, ne quid
incidisset adversi Gothos, inquires,
tandemque ad socia castra
perveniens, relicuum noctis scutorum
defensione transegit. postera die luce
orta cum tumulatos cadaveribus
campos aspicerent nec audere Hunnos
erumpere, suam arbitrantes victoriam
scientesque Attilam non nisi magna
clade confossum bella confugere, cum
tamen nil ageret vel prostratus
abiectionem, sed strepens armis, tubis
canebat incursionemque minabatur,
velut leo venabulis praessus speluncae
aditus obambulans nec audet
insurgere nec desinet fremetibus
vicina terrere: sic bellicosissimus rex
victores suos turbabat inclusus.*

*(213) conveniunt itaque Gothi
Romanique et quid agerent de
superato Attila, deliberant. placet eum
obsidione fatigari, quia annonae
copiam non habebat, quando ab
ipsorum sagittariis intra septa
castrorum locatis crebris ictibus
arceretur accessus. fertur autem
desperatis rebus praedictum regem
adhuc et suprae mo magnanimum
equinis sellis construxisse pyram
sesequae, si adversarii inrumperent,
flammis inicere voluisse, ne aut
aliquis eius vulnere laetaretur aut in
potestate hostium tantarum gentium*

homens, e desistiu da intenção de combater.

(212) Aécio, na verdade, também vagou em meio aos inimigos, por causa da confusão da noite, separado de seus homens. Temendo que algo de ruim houvesse acontecido aos [visi]godos, procurou-os até que finalmente chegou ao acampamento aliado, atravessando o restante da noite protegido por escudos.

Quando a luz surgiu no dia seguinte, [os romanos], vendo os campos transformados em um cemitério, cheio de cadáveres que estavam, e tampouco ouvindo os hunos desmontarem, avaliaram que haviam sido vencedores; e sabiam que um Átila ferido não fugiria da guerra a não ser por conta de uma grande carnificina. Este, ainda que estivesse abatido, não fazia qualquer coisa baixa; pelo contrário, fazia barulho com as armas, soava as trombetas e ameaçava uma investida. Era como um leão ferido, preso em uma caverna, que caminha até a entrada e não ousa investir, mas que não deixa de aterrorizar as cercanias com rugidos. Assim, também, [este] rei bellicosíssimo agitava aqueles que o haviam derrotado.

(213) Então godos e romanos reúnem-se e deliberam sobre o que fazer com o derrotado Átila. Gostariam de esgotá-lo com um cerco, pois ele não possuía muitas provisões, e porque os próprios arqueiros, posicionados dentro do portão que conduzia ao acampamento, impediam o acesso com repetidas flechadas. Foi dito, ainda, que o rei, ainda que a situação fosse desesperadora, suportou-a e que, com suprema coragem, mandou que construíssem para si uma pira com as selas de cavalos — para que, caso os adversários invadissem [o acampamento], nenhum deles tivesse a alegria de feri-lo ou que o senhor de tantas tribos ficasse em poder do inimigo.

<i>dominus perveniret.</i>	
----------------------------	--

<i>XLI</i>	Capítulo 41
<p><i>(214) Verum inter has obsidionum moras Vesegothae regem, fili patrem requirunt, admirantes eius absentiam. dum felicitas fuerit subsecuta. cumque diutius exploratum ut viris fortibus mos est. inter densissima cadavera repperissent, cantibus honoratum inimicis spectantibus abstulerunt. videres Gothorum globos dissonis vocibus confragosos adhuc inter bella furentia funeri reddidisse culturam. fundebantur lacrimae, sed quae viris fortibus inpendi solent. nam mors erat, sed Hunno teste gloriosa, unde hostium putaretur inclinatum fore superbiam, quando tanti regis efferru cadaver cum suis insignibus conspiciebant.</i></p> <p><i>(215) at Gothi Theodorito adhuc iusta solventes armis insonantibus regiam deferunt maiestatem fortissimusque Thorismud bene gloriosos manes carissimi patris, ut decebat filium, patris exequias prosecutus. quod postquam peractum est, orbitatis dolore commotus et virtutis impetu, qua valebat, dum in reliquis Hunnorum mortem patris vindicare contendit, Aetium patricium ac si seniore prudentiaequae maturum de hac parte consuluit, quid sibi esset in tempore faciendum.</i></p>	<p>(214) Na verdade, enquanto o cerco demorava, os visigodos foram procurar o [seu] rei e o filho o [seu] pai, surpresos que estavam com a sua ausência quando o sucesso foi conseguido. Depois de uma longa busca, contudo, encontraram-no em meio a muitos cadáveres, como costuma acontecer com os homens valentes, e removeram-no entoando cantos em sua honra enquanto os inimigos observavam. Podia-se ver, ainda, grupos irregulares de godos, com suas vozes dissonantes, retornando para a preparação do funeral ainda que a guerra furiosa continuasse. Eram derramadas lágrimas, mas aquelas que costumam derramar os homens valentes. Tratava-se, pois, da morte, mas de uma gloriosa, como podiam atestar os hunos; uma morte através da qual — se podia pensar — a soberba do inimigo se reduziria quando tantos observassem o cadaver do rei ser carregado com suas insígnias.</p> <p>(215) Os godos, quando ainda tratavam dos justos [ritos] para Teodorico, ao fazerem soar suas armas, concederam a régia majestade; e o valentíssimo Torismundo bem acompanhou os gloriosos manes e as exéquias do caríssimo pai, como era apropriado a um filho. Depois disso ter sido feito, comovido pela dor da orfandade e também pelo ímpeto da virtude, a qual não lhe faltava, [Torismundo] busca vingar-se pela morte do pai contra os hunos remanescentes e consulta o patricio Aécio, mais velho e mais experiente do que si, acerca do que seria hora de se fazer.</p>

(216) ille vero metuens, ne Hunnis funditus interemptis a Gothis Romanum praemeretur imperium, praebet hac suasionem consilium, ut ad sedes proprias remearet regnumque, quod pater reliquerat, arriperet, ne germani eius opibus adsumptis paternis Vesegotharum regno pervaderent graviterque dehinc cum suis et, quod peius est, miseriterque pugnaret. quo responsum non ambiguae, ut datum est, sed pro sua potius utilitate susceptum relictis Hunnis redit ad Gallias.

(217) sic humana fragilitas dum suspicionibus occurrit, magna plerumque agenda rerum occasione interceptit. in hoc etenim famosissimo et fortissimarum gentium bello ad utrisque partibus CLXV milia caesa referuntur, exceptis quindecim milibus Gepidarum et Francorum, qui ante congressionem publicam noctu sibi occurrentes mutuis concidere vulneribus, Francis pro Romanorum, Gepidas pro Hunnorum parte pugnantibus.

(218) Attila igitur cognita discessione Gothorum, quod de inopinatis collegi solet, inimicorum magis aestimans dolum diutius se intra castra continuit. sed ubi hostium absentia sunt longa silentia consecuta, erigitur mens ad victoriam, gaudia praesumantur atque potentis regis animus in antiqua fata revertitur. Thorismud ergo, patre mortuo in

(216) Este, temendo na verdade que, se os hunos fossem completamente destruídos, o Império Romano seria pressionado pelos godos, aconselha [Torismundo] através do [seguinte] argumento: que retornasse ao seu local de residência e se apoderasse do reino deixado pelo pai ou, do contrário, seus irmãos receberiam os recursos paternos, ocupando violentamente o reino dos visigodos; de modo que, doravante, ele teria que lutar e, o que é pior, miseravelmente. [Torismundo] aceitou esta resposta não como duvidosa, como ela era, mas em vez disso, tendo em mente o interesse próprio, abandonou os hunos e retornou às *Galliae*.

(217) Assim, quando a fragilidade humana encontra-se com as suspeitas, ela intercepta a oportunidade para maioria das coisas importantes serem feitas. De fato, nesta famosíssima guerra entre as mais valentes tribos, diz-se que sessenta e cinco mil foram mortos de cada um dos lados, sem contar os quinze mil gépidas e francos, que antes do enfrentamento geral se encontraram à noite e caíram por conta dos ferimentos mutuamente infligidos — com os francos lutando a favor dos romanos e os gépidas dos hunos.

(218) Átila, então, quando foi percebida a partida dos godos, concluiu ser algo incomum e, julgando tratar-se de uma trapaça dos inimigos, continuou dentro do acampamento por mais tempo. Quando, porém, a ausência do inimigo foi seguida por um longo silêncio, sua mente excita-se com a vitória, de modo que ele imagina alegrias futuras e seus pensamentos voltam-se para oráculos antigos sobre um poderoso rei. Quanto a Torismundo, com o pai

<p><i>campis statim Catalaunicis, ubi et pugnauerat, regia maiestate subvectus Tolosam ingreditur. hic licet fratrum et fortium turba gauderet, ipse tamen sic sua initia moderatus est, ut nullius repperiret de regni sucessionem certamen.</i></p>	<p>tendo sido morto nos campos cataláunicos, onde lutara, ingressa em <i>Tolosa</i> portador da régia majestade. Ali era permitido que seus valentes irmãos e a multidão celebrassem, sendo que ele próprio foi tão moderado de início que ninguém procurou disputar a sucessão do reino.</p>
---	---

XLII	Capítulo 42
<p>(219) <i>Attila vero nancta occasione de secessu Vesegotharum, et, quod saepe optaverat, cernens hostium solutione per partes, mox iam securus ad oppressionem Romanorum movit procinctum, primaque adgressione Aquileiensem obsidet civitatem, quae est metropolis Venetiarum, in mucrone vel lingua Atriatici posita sinus, cuius ab oriente murus Natissa amnis fluens a monte Piccis el[m]bitur²²¹.</i></p>	<p>(219) Átila, na verdade, por conta da oportunidade que encontrara com a partida dos visigodos, deu-se conta daquilo que frequentemente desejara: de que o inimigo estava dividido. Logo depois disso, já [sentindo-se] seguro, moveu seus armamentos para oprimir os romanos. Como primeira agressão, faz cerco à cidade de <i>Aquileia</i>, cidade principal dos vênetos, [situada] em um cabo ou língua no golfo do <i>Atriaticus</i>, cujo muro oriental é banhado pelo [rio] <i>Natissa</i>, que flui caudaloso do monte <i>Piccis</i>.</p>
<p>(220) <i>ibique cum diu multumque obsidens nihil paenitus praevaleret, fortissimis intrinsecus Romanorum militibus resistantibus, exercitu iam murmurante et discedere cupiente, Attila deambulans circa muros, dum, utrum solveret castra an adhuc remoraretur, deliberat, animadvertit candidas aves, id est ciconias, qui fastigia domorum nidificant, de civitate foetos suos trahere atque contra morem per rura forinsecus</i></p>	<p>(220) E lá, quando o cerco havia durado muitíssimo tempo sem que qualquer [das partes] prevalecesse totalmente — cheios de coragem que estavam, dentro [da cidade], os resistentes soldados romanos — e quando o [seu] exército já estava murmurante e desejoso de partir, Átila, ao caminhar em torno das muralhas deliberando se deveria desfazer o acampamento ou permanecer por mais tempo, viu e ouviu aves brancas — isto é, umas cegonhas que fazem ninhos nos telhados das casas — trazerem seus filhotes da cidade e, ao</p>

²²¹ Nessa passagem, Mommsen escolheu a variante “*elambit*”, que cria uma inconsistência sintática na oração. Nas suas notas, todavia, registra a presença de “*elabatur*” no *Codex Vaticanus Ottobonianus* 1346. “*Elabatur*”, ainda que grafada sem o “m”, é uma forma passiva cuja adoção resolve a inconsistência sintática e permite uma melhor compreensão do trecho em questão.

conportare.

(221) *et ut erat sagacissimus inquisitor, presentit et ad suos: 'respicite', inquit, 'aves futurarum rerum providas perituram relinquere civitatem casurasque arces periculo imminente deserere. non hoc vacuum, non hoc credatur incertum; rebus presciis consuetudinem mutat ventura formido.' quid plura? animos suorum rursus ad oppugnandam Aquileiam inflammat. qui machinis constructis omniaque genera tormentorum adhibita, nec mora et invadunt civitatem, spoliant, dividunt vastantque crudeliter, ita ut vix eius vestigia ut appareat reliquerunt.*

(222) *exhinc iam audaciores et necdum Romanorum sanguine satiati per reliquas Venetum civitates Hunni bacchantur. Mediolanum quoque Liguriaie metropolim et quondam regiam urbem pari tenore devastant nec non et Ticinum aequali sorte deiciunt vicinaque loca saevientes allidunt demoliuntque pene totam Italiam. cumque ad Romam animus fuisset eius adtentus accedere, sui eum, ut Priscus istoricus refert, removerunt, non urbi, cui inimici erant, consulentes, sed Alarici quodam Vesegotharum regis obicientes exemplo, veriti regis sui fortunam, quia ille post fractam Romam non diu supervixerit, sed protinus rebus humanis excessit.*

contrário do que costumam, levá-los para fora, através dos campos.

(221) E, como era um investigador muitíssimo sagaz, teve um pressentimento e disse aos seus [homens]: “Observai as aves, que preveem as coisas futuras, abandonarem a cidade prestes a ser destruída e desertarem refúgios prestes a cair, por conta do perigo iminente. Não credes que isso seja algo vazio ou incerto: o terror pelas coisas vindouras muda o costume de coisas antigas. Para que dizer mais?” Os ânimos dos seus [homens] novamente se inflamam para atacar *Aquileia*, que constroem máquinas e infligem tormentos de todos os tipos, e sem demora invadem a cidade, saqueiam-na, dividem-na [entre si] e devastam-na cruelmente. Deixam-na de tal modo que seus vestígios dificilmente indicariam que algo ali existiu.

(222) A partir de então, os hunos, já mais ousados e ainda não saciados com o sangue dos romanos, enlouquecem percorrendo as outras cidades do *Venetum*. Também devastam *Mediolanum*, metrópole da *Liguria* e outrora cidade imperial, com igual empenho; e arrasam do mesmo modo *Ticinum* e danificam furiosamente locais vizinhos e quase demolem toda a *Italia*. Ainda que o ânimo de Átila estivesse voltado para um ataque a *Roma*, os seus [homens], como relata o historiador Prisco, impediram-no de ir até lá; não por conta da cidade [em si], de quem eram inimigos, mas oferecendo-lhe o exemplo Alarico, outrora rei dos visigodos. Temiam pela sorte de seu [próprio] rei, pois aquele não sobreviveu por muito tempo após despedaçar *Roma* — pelo contrário, de imediato abandonou os assuntos humanos.

<p>(223) <i>igitur dum eius animus ancipiti negotio inter ire et non ire fluctuaret secumque deliberans tardaret, placida ei legatio a Roma advenit. nam Leo papa per se ad eum accedens in agro Venetum Ambuleio, ubi Mincius amnis commeantium frequentatione transitur. qui mox deposuit exercitatu furore et rediens, quo venerat, iter ultra Danubium promissa pace discessit, illud pre omnibus denuntians atque interminando decernens, graviora se in Italia inlaturum, nisi ad se Honoriam Valentiniani principis germanam, filiam Placidiae Augustae, cum portione sibi regalium opum debita mitterent.</i></p> <p>(224) <i>ferebatur enim, quia haec Honoria, dum propter aulae decus ad castitatem teneretur nutu fratris inclusa, clam eunucho misso Attilam invitasse, ut contra fratris potentiam eius patrociniis uteretur: prorsus indignum facinus, ut licentiam libidinis malo publico comparet.</i></p>	<p>(223) Então, enquanto o ânimo de Átila estava dividido na questão, flutuando entre ir e não ir, e ele se demorava ponderando consigo próprio, uma embaixada pacífica vem de <i>Roma</i>; tanto que o próprio papa Leão se reúne com ele no campo Ambuleio, no <i>Venetum</i>, onde o caudaloso [rio] <i>Mincius</i> é frequentemente atravessado pela multidão. [Átila,] logo depois disso, pôs de lado a [sua] fúria cultivada e partiu pelo caminho através do <i>Danubium</i>, através do qual viera, com a paz tendo sido prometida. Fê-lo anunciando diante de todos a sua ameaça de que atacaria a <i>Italia</i> de modo ainda mais grave a não ser que lhe enviassem Honória, irmã do imperador Valentiniano e filha da augusta Placídia, com a parte da riqueza imperial que lhe cabia.</p> <p>(224) Dizia-se, então, que essa Honória, enquanto mantinha a castidade por conta do decoro da corte e era enclausurada por ordem do irmão, enviara secretamente um eunuco para convocar Átila, de modo que ela pudesse usar a sua proteção contra o poder do irmão — certamente um feito indigno, o de conseguir liberdade para a [própria] libido em troca do prejuízo coletivo.</p>
---	---

<p>XLIII</p>	<p>Capítulo 43</p>
<p>(225) <i>Reversus itaque Attila in sedes suas et quasi otii penitens graviterque ferens a bello cessare, ad Orientis principem Marcianum legatos dirigit, provinciarum testans vastationem, quod sibi promissum a Theodosio quondam imperatore minime persolveretur, et inhumanior solito</i></p>	<p>(225) E assim Átila volta ao seu local de residência e como se estivesse arrependido pela inatividade e sofresse gravemente com o cessar da guerra, envia embaixadores ao imperador [romano] do oriente Marciano, prometendo que devastaria províncias — pois daquilo que certa feita lhe teria sido prometido pelo imperador Teodósio [II] muito pouco haveria sido pago —</p>

suis hostibus appareret. haec tamen agens, ut erat versutus et callidus, alibi minatus arma sua commovit, et, quod restabat indignationi, faciem in Vesegothas convertit.

(226) *sed non eum, quem de Romanis, reportavit eventum. nam per dissimiles anteriores vias recurrens, Alanorum partem trans flumen Ligeris considentem statuit suae redigere dicioni, quatenus mutata per ipsos belli facie terribilior immineret. igitur ab Dacia et Pannonia provinciis, in quibus tunc Hunni cum diversis subditis nationibus insidebant, egrediens Attila in Alanos movit procinctum.*

(227) *sed Thorismud rex Vesegotharum, fraudem Attilae non in pari subtilitate presentiens, ad Alanos tota velocitate prius advenit, ibique supervenientis Attilae iam motibus preparatus occurrit, consertoque proelio pene simili eum tenore, ut prius in campos Catalaunicos, ab spe removit victoriae fugatumque a partibus suis sine triumpho remittens in sedes proprias fugire compulit. sic Attila famosus et multarum victoriarum dominus dum quaerit famam perditoris abicere et quod prius a Vesegothis pertulerat abolere, geminata sustenit ingloriosusque recessit.*

(228) *Thorismud vero repulsis ab Alanis Hunnorum catervis sine aliqua suorum lesione Tolosa migravit*

e que os seus exércitos se mostrariam mais desumanos do que de costume. Sendo versado e calejado, [Átila] conduziu, porém, seus exércitos a outro lugar e, como ainda lhe restava indignação, virou o rosto na direção dos visigodos.

(226) Ele não obteve, porém, o mesmo sucesso que contra os romanos. Retornando [às *Galliae*] por vias diferentes das anteriores, [Átila] decide submeter ao seu comando a parte dos alanos estabelecida além do rio *Ligeris* (Loire), para através deles mudar o aspecto da guerra e se tornar uma ameaça mais terrível. Assim, partindo das províncias da *Dacia* e da *Pannonia*, nas quais os hunos estavam então instalados com diversas tribos submissas, Átila move seus armamentos contra os alanos.

(227) Mas Torismundo, rei dos visigodos, com sutileza sem par presente a trapaça de Átila. Parte primeiro e a toda velocidade até os alanos. Ali, tendo chegado primeiro, já preparado apressa-se para as movimentações de Átila. Travam combate quase de modo a continuar o ocorrido antes, nos campos *Catalaunici*, e [Torismundo] retira [de Átila] a esperança na vitória, pondo em fuga o seu lado sem [qualquer] triunfo, compelindo-o a fugir encolhido para o seu local de residência. Assim Átila, senhor famoso e de muitas vitórias, quando busca reduzir a fama de seu subjugador e por um fim ao que havia tido que suportar da parte dos visigodos, obtém uma segunda [derrota] e retira-se de modo inglório.

(228) Torismundo, em particular, tendo expulsado os hunos das terras dos alanos sem qualquer dano ao próprio bando, partiu com os

<p><i>suorumque quieta pace conposita[.] tertio anno regni egrotans, dum sanguinem tollit de vena, ab Ascalco suo clienti inimico nuntiante arma subtracta peremptus est. una tamen manu, quam liberam habebat, scabillum tenens sanguinis sui extitit ultor, aliquantos indiantes sibi extinguens.</i></p>	<p>seus [homens] para <i>Tolosa</i> em quieta e ordenada paz. No terceiro ano de seu reinado, quando lhe tiravam sangue das veias e estava sem armadura, foi morto por seu cliente Ascalco, que trazia notícias sobre o inimigo. Ainda assim, pegando um banquinho com a mão que tinha livre, tornou-se vingador do próprio sangue, matando ele próprio muitos dos conspiradores.</p>
---	---

XLIV	Capítulo 44
<p>(229) <i>Post cuius decessum Theoderidus germanus eius Vesaegotharum in regno succedens mox Riciarium Suavorum regem cognatum suum repperit inimicum. hic etenim Riciarius affinitate Theoderidi presumens, universam pene Spaniam sibi credidit occupandam, iudicans oportunum tempus subreptionis incomposita initia temptare regnantis.</i></p> <p>(230) <i>quibus antea Gallicia et Lysitania sedes fuere, quae in dextro latere Spaniae per ripam Oceani porriguntur, habentes ab oriente Austrogonia, ab occidente in promuntorio Sacrum Scipionis Romani ducis monumentum, a septentrione Oceanum, a meridie Lysitaniam et fluvium Tagum, qui harenis suis permiscens auri metalla trahit cum limi vilitate divitias. exinde ergo exiens Riciarius rex Suavorum nititur totas Spanias occupare.</i></p> <p>(231) <i>cui Theodoridus cognatus suus, ut erat moderatus, legatos mittens, pacifice dixit, ut non solum recederet a</i></p>	<p>(229) Após a sua morte, o seu irmão Teoderido o sucedeu no reino dos visigodos e, em seguida, descobre que o seu parente, o rei dos suevos Riciário, era seu inimigo. Riciário acreditou que, por conta do seu parentesco com Teoderido, poderia ocupar quase que toda a <i>Spania</i>, julgando que o início confuso do reinado seria o momento oportuno para tentar a ocupação ladroeira.</p> <p>(230) Os suevos antes tiveram por sede a <i>Gallicia</i> e a <i>Lysitania</i>, que se estendem pelo lado direito da <i>Spania</i> por margem do <i>Oceanus</i>. A leste está a <i>Austrogonia</i>; a oeste, em um promontório, o sagrado monumento ao comandante romano Cipião; a sul a <i>Lysitania</i> e o rio <i>Tagus</i>, que traz ouro no meio de suas areias e na vileza do [seu] lodo estão riquezas. Então, depois, saindo [do seu território], Riciário, rei dos suevos, avançou para conquistar todas as <i>Spaniae</i>.</p> <p>(231) O seu parente Teodorido, como era um moderado, enviou emissários e lhe disse pacificamente que não apenas deveria recuar</p>

finibus alienis, verum etiam nec temptare presumeret, odium sibi tali ambitione acquirens. ille vero animo pretumido ait: 'si hic murmuras et me venire causaris, Tolosam, ubi tu sedes, veniam; ibi, si vales, resiste'. his auditis aegre tulit Theodoridus compacatusque cum ceteris gentibus arma movit in Suavos, Burgundzonum quoque Gnudiuchum et Hilpericum reges auxiliares habens sibique devotos.

(232) ventum est ad certamen iuxta flumen Ulbium, qui inter Asturicam Hiberiamque pretermeat, consertoque proelio Theoderidus cum Vesegothis, qui ex iusta parte pugnabat, victor efficitur; Suavorum gente pene cuncta usque ad internicione prosternens. quorum rex Riciarius relicta infesta hoste fugiens in nave conscendit adversaque procella Tyrreni hoste repercussus Vesegotharum est manibus redditus.

(233) miserabilis non differt mortem, cum elementa mutaverit. Theoderidus vero victor existens subactis pepercit nec ultra certamine saevire permisit, preponens Suavis, quos subegerat, clientem proprium nomine Agrivulfum. qui in brevi animu praevaricatione Suavorum suasionibus commutans neglexit imperata conplere, potius tyrranica elatione superbiens credensque se ea virtute provinciam obtinere, qua dudum cum domino suo ea subigisset. vir si quidem erat Varnorum stirpe genitus, longe a Gothici sanguinis nobilitate seiunctus,

dos territórios alheios, com nem fazer planos para tanto, pois essa ambição estava lhe fazendo ser odiado. Riciário, com o espírito arrogante, responde: 'Se resmungas e encontrar problemas em eu vir aqui, [irei] aí. Se fores capaz, resiste.' Ouvindo isso, Teodorido relutantemente fez paz com os outros povos e moveu o exército contra os suevos, tendo como auxiliares os devotados reis dos burgúndios, Gundioco e Chilperico.

(232) A batalha ocorreu junto ao rio *Ulbius*, que flui entre a *Asturica* e a *Hiberia*. No combate, Teoderido e os visigodos, que lutavam pelo lado justo, conquistaram a vitória, quase massacrando todo o povo suevo. O seu rei, Riciário, após a rendição, fugindo pôs-se a bordo de uma embarcação, mas uma tempestade adversa o trouxe de volta novamente para as mãos dos visigodos.

(233) O infeliz não distraiu a morte, mesmo mudando de elemento. Teoderido, tendo sido o verdadeiro vencedor, controlou-se quando aos derrotados e nem permitiu que a disputa selvagem continuasse, pondo sobre os suevos, que havia subjugado, um cliente seu, de nome Agrivulfo. Este, persuadido pela corrupção dos suevos, logo mudou de intenção, deixando de cumprir as ordens. Portou-se com uma soberba mais adequada a um tirano e acreditou que houvesse obtido a província através da própria virtude. [demonstrada] quando ele e o seu senhor a subjugaram pouco antes. Era, de fato, um homem nascido da estirpe dos varni, muito afastado da nobreza do sangue gótico, de modo

<p><i>idcirco nec libertatem studens nec patrono fidem reservans.</i></p> <p><i>(234) quo conperto Theodoridus mox contra eum, qui eum de regno pervaso deicerent, destinavit. qui venientes sine mora in primo eum certamine superantes congruam factorum eius ab eo exigerunt ultionem. captus namque et suorum solacio destitutus capite plectitur, sensitque tandem iratum, qui propitium dominum crediderat contemnedum. tunc Suavi rectoris sui interitum contuentes locorum sacerdotes ad Theoderidum supplices direxerunt. quos ille pontificali reverentia suspiciens non solum inpunitatem Suavorum indulsit, sed ut sibi de suo genere principem constituerent, flexus pietate concessit. quod et factum est, et Rimismundum sibi Suavi regulum ordinaverunt. his peractis paceque cuncta munitis, tertio decimo regni sui anno Theoderidus occubuit.</i></p>	<p>que não era nem um apreciador da liberdade e nem um defensor da fé.</p> <p>(234) Logo que descobriu isso, Teodorido destinou [um exército] contra ele, para que o desalojassem do reino. Elas, sem demora, chegaram e foram vitoriosas [já] na primeira batalha, inflingindo uma punição adequada ao que fizera Agrivulfo. Ele, então, foi capturado e, não podendo contar com a ajuda dos seus [homens], foi decapitado, percebendo o quão irado estava o seu senhor, que ele crera poder menosprezar porque lhe havia sido favorável. Os suevos, então, testemunhando a morte do seu governante, enviam a Teoderico como suplicantes sacerdotes locais. Ele recebeu aqueles pontífices com reverência e não apenas concedeu o perdão aos suevos, como, tomado pela piedade como estava, concedeu que os suevos escolhessem entre eles próprios um líder. Isso foi feito e Rimismundo foi ordenado rei dos suevos. Depois de completar essas tarefas e de assegurar a paz em todos os lugares, Teoderido morreu no décimo terceiro ano do seu reinado.</p>
--	--

<p><i>XLV</i></p>	<p>Capítulo 45</p>
<p><i>(235) Cui frater Eurichus praecipua festinatione succedens sceva suspicione pulsatus est. nam dum haec circa Vesegotharum gente et alia nonnulla geruntur, Valentinianus imperator dolo Maximi occisus est et ipse Maximus tyrranico more regnum invasit. quod audiens Gyzericus rex Vandalorum ab Africa armata classe in Italiam venit Romaeque ingressus cuncta devastat. Maximus vero fugiens a quodam Vrso, milite Romano,</i></p>	<p>(235) Eurico, irmão de Agrivulfo, o sucedeu com uma cobiçosa pressa, levantando uma suspeita sinistra. Então, enquanto muitas coisas aconteciam com os visigodos e os seus aliados, o imperador Valentiniano foi morto pela traição de Máximo e o próprio Máximo, à maneira de um tirano, tomou o reino. Ao saber disso, o rei dos vândalos Gaiserico vai da <i>Africa</i> para a <i>Italia</i> com uma esquadra de guerra e, ingressando em <i>Roma</i>, a devasta inteira. Máximo, todavia, fugindo de um certo Urso, um militar romano, foi morto.</p>

interemptus est.

(236) post quem iussu Marciani imperatoris Orientalis Maiorianus Occidentale suscepit imperium gubernandum. sed et ipse non diu regnans, dum contra Alanos, qui Gallias infestabant, movisset procinctum, Dertona²²² iuxta fluxium Hyra cognomento occiditur. cuius locum Severus invasit, qui tertio anno imperii sui Romae obiit. quod cernens Leo imperator, qui in Orientali regno Marciano successerat, Anthemium patricium suum ordinans Romae principem destinavit. qui veniens ilico Ricimerem generum suum contra Alanos direxit, virum egregium et pene tunc in Italia ad exercitum singularem. qui et multitudine Alanorum et regem eorum Beorgum in primo statim certamine superatos internicioni prostravit.

(237) Euricus ergo, Vesegotharum rex, crebram mutationem Romanorum principum cernens Gallias suo iure nisus est occupare. quod conperiens Anthemius imperator Brittonum solacia postulavit, quorum rex Riotimus cum duodecim milia veniens in Beturigas civitate Oceano e navibus egresso susceptus est.

(238) ad quos rex Vesegotharum Eurichus innumerum ductans advenit exercitum diuque pugnans Riutimum Brittonum rege, antequam Romani in eius societate coniungerentur, effugavit. qui amplam partem exercitus

(236) Depois disso, a pedido do imperador oriental Marciano, Majoriano aceitou governar o império ocidental, mas ele também não reinou por muito tempo, pois moveu as forças contra os alanos, que infestavam as *Galliae*, e foi morto em *Dertona*, próximo do rio conhecido como '*Hyra*'. Severo tomou o seu lugar e morreu no terceiro ano de reinado sobre *Roma*. Vendo isso, o imperador Leão, que no reino oriental havia sucedido Marciano, estabeleceu o seu patricio Antêmio como imperador e o enviou a *Roma*. Ele, chegando ali, enviou contra os alanos o seu parente Ricimer, um homem distinto e praticamente o único na *Italia* que poderia comandar o exército. De imediato, subjogou os alanos e o seu rei Beorgo na primeira batalha, destruindo os derrotados.

(237) Eurico, rei dos visigodos, então, ao perceber a frequente mudança de imperador entre os romanos, decidiu submeter as *Galliae* ao seu domínio. O imperador Antêmio, ao descobrir isso, pediu auxílio aos bretões. O seu rei, Riotimo, foi com doze mil [homens] até a cidade de *Beturigas* (Bourges), atravessando o *Oceanus*, e, ao desembarcar, foi acolhido.

(238) O rei dos visigodos Eurico foi até eles, comandando um exército inumerável, e lutou longamente contra o rei dos bretões Riotimo, pondo-o em fuga antes que os romanos a ele se unissem. Com a maior parte do exército perdida, Riotimo foi com os homens que conseguiu até o

²²² Atual Dertona, no noroeste da Itália.

*amissam cum quibus potuit fugiens ad
Burgundzonum gentem vicinam
Romanisque in eo tempore foederatam
advenit. Eurichus vero rex
Vesegotharum Arevernam Galliae
civitatem occupavit Anthemio principe
iam defuncto:*

*(239) qui cum Ricemere genero suo
intestino bello saeviens Romam
trivisset, ipseque a genero peremptus
regnum reliquit Olybrio. quo tempore
in Constantinopolim Aspar primus
patriciorum et Gothorum genere clarus
cum Ardabure et Patriciolo filiis, illo
quidem olim patricio, hoc autem
Caesare generoque Leonis principis
appellato, spadonum ensibus in palatio
vulneratus interiit. et necdum Olybrio
octavo mense in regno ingresso
obeunte Glycerius apud Ravennam
plus presumptione quam electione
Caesar effectus. quem anno vix expleto
Nepus Marcellini quondam patricii
sororis filius a regno deiciens in Porto
Romano episcopum ordinavit.*

*(240) tantas varietates mutationesque
Eurichus cernens, ut diximus superius,
Arevernam occupans civitatem, ubi
tunc Romanorum dux praeerat
Ecdicius nobilissimus senator et
dudum Aviti imperatoris, qui ad
paucos dies regnum invaserat, filius
(nam hic ante Olybrium paucos dies
tenens imperium ultro secessit
Placentia, ibique episcopus est
ordinatus). huius ergo filius Ecdicius,
diu certans cum Vesegothis nec valens
antestare, relicta patria maximeque*

vizinho povo dos burgúndios, federados aos romanos naquele tempo. Eurico, rei dos visigodos, ocupou a cidade de *Areverna*, [pois] o imperador Antêmio já estava morto.

(239) Ele havia sido forçado para fora de *Roma* por uma selvagem guerra contra Ricemer, da mesma origem e ele próprio, destruído, deixou o reino para [outro] da sua origem, Olíbrio. Naquele tempo, em *Constantinopolis*, Aspar, o primeiro dos patrícios e um famoso [homem] de origem goda, foi ferido e morto com os seus filhos Ardabur e Patriciolo — o primeiro já havia recebido o título de 'patrício' e o segundo era tido como um César e chamado de 'o príncipe do [imperador] Leão — pelas espadas dos eunucos. Quando Olíbrio não havia completado o seu oitavo mês de reinado, Glicério foi tornado César em *Ravenna*, mais por usurpação do que por eleição. Nem um ano havia se passado e Nepo, filho da irmã de Marcelino e outrora um patrício, o remove do reinado e o estabelece como bispo em *Portus Romanus*.

(240) Eurico, observando tantas variações e mudanças, como disse acima, ocupou a cidade de *Areverna*, onde então estava o comandante romano Ecdício, um nobilíssimo senador e filho do outrora imperador Avito, que havia tomado o reino [apenas] por uns poucos dias — pois, tendo o império por uns poucos dias, gratuitamente o [entregou] a Olíbrio, partindo para *Placentia*, onde foi ordenado bispo. O seu filho, Ecdício, lutou com os visigodos por um longo tempo, mas não conseguiu vencer. Abandonou a sua pátria, sobretudo a cidade de *Areverna*, ao inimigo e se retirou para locais

<p><i>urbem Arevernatē hosti. ad tutiora se loca collegit.</i></p> <p><i>(241) quod audiens Nepus imperator praecepit Ecdiciū relictis Galliis ad se venire loco eius Orestem mag. mil. ordinatum. qui Orestes suscepto exercitu et contra hostes egrediens a Roma Ravenna pervenit ibique remoratus Augustulum filium suum imperatorem effecit. quo conperto Nepus fugit Dalmatias ibique defecit privatus a regno, ubi iam Glycerius dudum imperator episcopatum Salonitanum habebat.</i></p>	<p>mais seguros.</p> <p>(241) Ouvindo isso, o imperador Nepo instruiu Ecdício para que deixasse as <i>Galliae</i> e viesse até si. No seu lugar, estabeleceu Orestes como mestre dos soldados. Orestes, então, assumindo o exército, partiu de <i>Roma</i> contra os inimigos e foi até <i>Ravenna</i>. Demorou-se ali e fez do seu filho Augústulo imperador. Nepo, quando descobriu isso, fugiu para a <i>Dalmatia</i> e ali morreu, privado do reino, no mesmo local onde então Glicério, outrora imperador, tinha o bispado de <i>Salona</i>.</p>
---	---

XLVI	Capítulo 46
<p><i>(242) Augustulo vero a patre Oreste in Ravenna imperatore ordinato non multum post Odoacer Torcilingorum rex habens secum Sciros, Herulos diversarumque gentium auxilios Italiam occupavit et Orestem interfectum Augustulum filium eius de regno pulsum in Lucullano Campaniae castello exilii poena damnavit.</i></p> <p><i>(243) sic quoque Hesperium Romanae gentis imperium, quod septingentesimo nono urbis conditae anno primus Augustorum Octavianus Augustus tenere coepit, cum hoc Augustulo perit anno decessorum prodecessorumque regni quingentesimo vicesimo secundo, Gothorum dehinc regibus Romam Italiamque tenentibus. interea Odoacer rex gentium omnem Italiam subiugatam, ut terrorem suum Romanis iniceret, mox initio regni sui Bracilam</i></p>	<p>(242) Não muito tempo após Augústulo ter sido estabelecido pelo pai Orestes como imperador, o rei dos torcilingos Odoacro, tendo a companhia dos ciros, dos hérulos e de outros, ocupou a <i>Italia</i> com povos auxiliares e matou Orestes. O seu filho Augústulo foi expulso do reino e condenado a uma pena de exílio no castelo <i>Lucullanus</i>, na <i>Campania</i>.</p> <p>(243) Consequentemente, então, o império ocidental do povo romano, que setecentos e nove anos após a fundação da cidade começou a ser governado pelo primeiro dos augustos, Otaviano Augusto, chegou ao fim com esse Augústulo, após quinhentos e vinte e dois anos de sucessão. A partir de então, os reis godos teriam <i>Roma</i> e a <i>Italia</i>. Antes disso, Odoacro, rei de povos, subjogou toda a <i>Italia</i> e, dando início ao seu terror contra os romanos, logo no início do reinado matou o conde Bracila em <i>Ravenna</i>. Ele fortaleceu o seu reino por quase</p>

<p><i>comitem apud Ravennam occidit regnoque suo confortato pene per tredecem annos usque ad Theodorici praesentiam, de quo in subsequentibus dicturi sumus, obtenuit.</i></p>	<p>treze anos, até que Teodorico, de quem trataremos em capítulos posteriores, apareceu.</p>
--	--

<p>XLVII</p>	<p>Capítulo 47</p>
<p><i>(244) Interim tamen ad eum ordinem, unde digressi sumus, redeamus, et quomodo Euricus rex Vesegotharum Romani regni vacillationem cernens Arelatum et Massiliam propriae subdidit dicioni. Gyzericus etenim Vandalorum rex suis eo muneribus ad ista committenda inlicit, quatenus ipse Leonis vel Zenonis insidias, quas contra eum direxerant, praecaveret, egitque, ut Orientalem imperium Ostrogothas, Hesperium Vesegothae vastarent, ut in utramque rem publicam hostibus decernentibus ipse in Africa quietus regnaret. quod Eurichus grato suscipiens animo, totas Spanias Galliasque sibi iam iure proprio tenens, simul quoque et Burgunzones subegit Arelatoque degens nono decimo anno regni sui vita privatus est.</i></p> <p><i>(245) huic sucessit proprius filius Alarichus, qui nonos in numero ab illo Alarico magno regnum adeptus est Vesegotharum. nam pari tenore, ut de Augustis superius diximus, et in Alaricis provenisse cognoscitur, et in eos saepe regna deficiunt, a quorum nominibus inchoarunt. quod nos interim praetermisso sic ut promissimus omnem Gothorum texamus originem.</i></p>	<p>(244) Antes, todavia, retornemos ao ponto de onde divergimos, contando como o rei dos visigodos Eurico, percebendo a vacilação no reino dos romanos, submeteu <i>Arelatum</i> e <i>Massilia</i>. Isso porque Gaiserico, rei dos vândalos, estimulou-o a realizar essa tarefa através de presentes, como uma armadilha para [os imperadores do Oriente] Leão e Zenão, que se dirigiam contra ele, para garantir que os ostrogodos devastassem o império oriental e os godos o ocidental, de modo que, com cada República preocupada com um inimigo, ele próprio reinasse em paz na <i>Africa</i>. Isso Eurico percebeu com boa vontade e como já tinha sob o seu domínio todas as <i>Spaniae</i> e <i>Galliae</i>, atacou os burgúndios. No décimo ano de seu reinado, foi privado da vida em <i>Arelatum</i>.</p> <p>(245) Eurico foi sucedido pelo próprio filho, Alarico, o nono [rei] desde o grande Alarico a receber o reino dos visigodos. Do mesmo modo que, como dissemos acima, deu-se com os augustos, é sabido que aconteceu com os alaricos: os seus reinos caíram com os mesmo nomes que começaram. Deixemos, por hora, isso e articulemos, como o prometido, a origem de todos os godos.</p>

XLVIII	Capítulo 48
<p>(246) <i>Et quia, dum utrique gentes, tam Ostrogothae quam etiam Vesegothae, in uno essent, ut valui, maiorum sequens dicta resolvi divisosque Vesegothas ab Ostrogothis ad liquidum sum prosecutus, necesse nobis est iterum ad antiquas eorum Scythicas sedes redire et Ostrogotharum genealogia actusque pari tenore exponere quos constat morte Hermanarici regis sui, decessione a Vesegothis divisos, Hunnorum subditos dicioni, in eadem patria remorasse, Vinithario tamen Amalo principatus sui insignia retinente.</i></p>	<p>(246) Uma vez que cada contei como pude, com o testemunho dos antigos, sobre quando ambos povos, ostrogodos e visigodos, eram um só e, sem interrupção, continuei [contando] sobre os visigodos sem os ostrogodos, é necessário que voltemos aos seus antigos locais de assentamento na <i>Scythia</i> e expor a genealogia e os feitos dos ostrogodos. Consta que eles, com a morte do seu rei Hermanarico, [já] separados dos visigodos, permaneceram na própria pátria submetidos às ordens dos hunos, ainda que o Amalo Vinitário haja mantido as suas insígnias reais.</p>
<p>(247) <i>qui avi Vultulfi virtute imitatus, quamvis Hermanarici felicitate inferior, tamen aegre ferens Hunnorum imperio subiacere, paululum se subtrahens ab illis suaque dum nititur ostendere virtute, in Antorum fines movit procinctum, eosque dum adgreditur prima congressione superatus, deinde fortiter egit regemque eorum Boz nomine cum filiis suis et LXX primatibus in exemplum terroris adfixit, ut dediticiis metum cadavera pendentium geminarent.</i></p>	<p>(247) Vinitário igualava em virtude o seu avô Vultulfo, apesar de ter sido mesmo afortunado do que Hermanarico. Desconfortável por estar submetido ao império dos hunos, aos poucos foi se afastando deles e numa tentativa de demonstrar a virtude do seu povo, moveu o exército contra as fronteiras dos antos. Quando os agrediu, foi superado no primeiro combate. A partir daí, agiu com mais coragem e dependurou o seu rei, de nome Boz, com os filhos e setenta nobres, como um exemplo aterrorizante, para que os cadáveres pendentes germinassem o medo nos vencidos.</p>
<p>(248) <i>sed dum tali libertate vix anni spatio imperasset, non est passus Balamber, rex Hunnorum, sed ascito ad se Gesimundo, Hunnimundi magni filio, qui iuramenti sui et fidei memor cum ampla parte Gothorum Hunnorum imperio subiacebat, renovatoque cum eo foedere super Vinitharium duxit exercitum; diuque certati primo et</i></p>	<p>(248) Mas quando Vinitário havia governado com tal liberdade pelo espaço de quase um ano, Balamber, rei dos hunos, não mais a tolerou. Convocou Gesimundo, filho do grande Hunimundo, que permanecia submetido ao comando dos hunos, assim com uma grande parte dos godos. Balamber fez Gesimundo lembrar-se do juramento e da relação de confiança. Renovada a aliança, enviou-o no</p>

<p><i>secundo certamine Vinitharius fecit exercitu.</i></p> <p><i>(249) tertio vero proelio subreptionis auxilio ad fluvium nomine Erac, dum utrique ad se venissent, Balamber sagitta missa caput Venetharii saucians interemit neptemque eius Vadamerca sibi in coniugio copulans iam omnem in pace Gothorum populum subactum possedit, ita tamen, ut genti Gothorum semper proprius regulus, quamvis Hunnorum consilio, imperaret.</i></p> <p><i>(250) Et mox defuncto Venethario rexit eos Hunimundus, filius quondam regis potentissimi Hermanarici, acer in bello totoque corpore pulchritudine pollens, qui post haec contra Suavorum gente feliciter dimicavit. eoque defuncto successit Thorismud filius eius flore iuventutis ornatus, qui secundo principatus sui anno contra Gepidas movit exercitum magna que de illis potitus victoria casu equi dicitur interemptus.</i></p> <p><i>(251) quo defuncto sic eum luxerunt Ostrogothae, ut quadraginta per annos in eius locum rex alius non succederent, quatenus et illius memoriae semper haberent in ore et tempus accederet, quo Valamer habitum repararet virilem, qui erat ex consubrino eius genitus Vandalario: quia filius eius, ut superius diximus, Beremud iam contempta Ostrogotharum gente propter Hunnorum dominio ad partes</i></p>	<p>comando do exército contra Vinitário. Depois de um longo tempo [de disputa], Vinitário venceu o primeiro e o segundo enfrentamento.</p> <p>(249) Mas na terceira batalha, junto a um rio de nome <i>Erac</i>, houve um acontecimento inesperado. Quando se aproximavam um do outro, a flecha enviada por Balamber acertou Vinitário, ferindo a sua cabeça e o matando. Ele, então, uniu-se em matrimônio com a neta de Vinitário, Vadamerca e pode submeter todo o povo dos godos sem ser incomodado. Assim, o povo godo sempre [teve] um reizinho próprio, ainda que governasse sob as ordens dos hunos.</p> <p>(250) Pouco tempo depois, com Vinitário morto, reinou sobre eles Hunimundo, filho daquele potentíssimo rei de outrora, Hermanarico. Era um homem habilidoso na guerra e de grande beleza corporal, que depois enfrentou com sucesso o povo suevo. Quando morreu, foi sucedido pelo filho Torismudo, ainda ornado pela flor da juventude. No segundo ano do seu reinado, Torismundo moveu um exército contra os gépidas e obteve uma grande vitória sobre eles, mas se conta que morreu caindo do cavalo.</p> <p>(251) Quando ele morreu, os ostrogodos se enlutaram por quarenta anos, de modo que outro rei não ocupou o seu lugar, por conta de que eles sempre o mencionavam, até que Valamer, filho do seu primo Vandalário, replicasse aquele caráter viril — isso porque o seu filho Beremudo, como dissemos acima, já desprezando o povo ostrogodo por conta do domínio dos hunos, foi para as áreas ocidentais atrás do povo visigodo. Dele nasceu Veterico, do qual nasceu Eutarico, que se uniu à filha de Teodorico, Amalasueta — assim unindo a</p>
---	---

Hesperias Vesegotharum fuisset gente secutus, de quo et ortus est Vetericus.

Veterici quoque filius natus est Eutharicus, qui, iunctus Amalasuentha filiae Theodorici. item Amalorum stirpe iam divisa coniunxit et genuit Athalaricum et Mathesuentam. sed quia Athalaricus in annis puerilibus defunctus est, Mathesuenta Constantinopolim allata de secundo viro, id est Germano fratruale Iustiniani imperatoris, genuit postumum filium, quem nominavit Germanum.

(252) Sed nobis, ut ordo, quem coepimus, decurrat, ad Vandalarii sobulem, quae trino flore pululabat, redeundum est. hic enim Vandalarius, fratruelis Hermanaric et supra scripti Thorismundi consubrinus, tribus editis liberis in gente Amala gloriatus est, id est Valamir Thiudimir Vidimir. ex quibus per successionem parentum Valamir in regno conscendit adhuc Hunnis eos inter alias gentes generaliter optinentibus.

(253) eratque tunc in tribus his germanis contemplatio grata, quando mirabilis Thiudimer pro fratris Valamir militabat imperio, Valamir vero pro altero iubebat ornando, Vidimer servire fratribus aestimabat. sic eis mutua affectione se tuentibus nulli paenitus deerat regnum, quod utrique in sua pace tenebant. ita tamen, ut saepe dictum est, imperabant, ut ipsi Attilae Hunnorum regis imperio deservirent: quibus nec contra parentes Vesegothas licuisset

estirpe dos Ámalos, então dividida — e gerou Atalarico e Matesuenta, mas, como Atalarico morreu ainda menino, Matesuenta foi levada até Constantinópolis, onde gerou um filho póstumo do seu segundo marido, um primo do imperador Justiniano chamado Germano, a quem chamou de 'Germano'.

(252) Mas para que nossa [história] decorra, como a começamos, em ordem, retornemos ao ramo de Vandalário, do qual brotou uma tríplice flor. Esse Vandalário, assim, sobrinho-bisneto de Hermanarico e primo do supramencionado Torismundo, foi louvado por ter gerado três filhos dentro do clã dos Amali: Valamiro, Teodomiro e Vidimiro. Desses, Valamiro sucedeu parentes, ascendendo ao trono — ainda no tempo em que os hunos prevaleciam sobre eles e sobre os vários clãs em geral.

(253) E era, àquela época, agradável observar os três irmãos: Teodomiro lutava em prol do reinado do irmão Valamiro; este, por outro lado, ordenava que o primeiro recebesse honrarias; enquanto Vidimiro tinha estima pelo serviço aos irmãos. Assim, eles se protegiam através da afeição mútua e ninguém estava completamente desprovido de um reino, pois ambos (Valamiro e Teodomiro) em paz mantinham-no. Ainda assim, como frequentemente é dito, governavam como se servissem ao reinado do próprio Átila, rei dos hunos, de modo que não lhes foi permitido recusar a disputa contra os seus

<p><i>recusare certamen, se necessitas domini, etiam parricidium si iubet, implendum est. nec aliter ab Hunnorum dominio divelli, potuit gens aliqua Scythica, nisi optata cunctis nationibus in commune et Romanis mors Attilae proveniret, quae tam fuit vilis, ut vita mirabilis.</i></p>	<p>parentes visigodos — se o [seu] senhor, por necessidade, lhes ordenasse que matassem um parente, isso seria cumprido. Tampouco qualquer outro clã cita pôde libertar-se do domínio dos hunos, a não ser quando sobreveio a morte de Átila, desejada em comum pelos romanos e por todas as nações, a qual foi tão sem valor quanto a sua vida foi admirável.</p>
--	--

XLIX	Capítulo 49
<p>(254) <i>Qui, ut Priscus historicus refert, exitus sui tempore puellam Ildico nomine decoram valde sibi in matrimonio post innumerabiles uxores, ut mos erat gentis illius, socians eiusque in nuptiis hilaritate nimia resolutus, vino somnoque gravatus resupinus iaceret, redundans sanguis, qui ei solite de naribus effluebat, dum consuetis²²³ meatibus impeditur, itinere ferali faucibus illapsus extinxit. ita glorioso per bella regi temulentia pudendos exitos dedit. sequenti vero luce cum magna pars diei fuisset exempta, ministri regii triste aliquid suspicantes post clamores maximos fores effringunt inveniuntque Attilae sine ullo vulnere necem sanguinis effusione peractam puellamque demisso vultu sub velamine lacrimantem.</i></p> <p>(255) <i>tunc, ut gentis illius mos est, crinium parte truncata informes facies</i></p>	<p>(254) Na época de sua morte, como relata o historiador Prisco, [Átila] desposou uma moça de extrema elegância, depois de haver tido incontáveis esposas, como era costume em sua tribo. Durante a festa da noite de núpcias, entregou-se excessivamente à farra e ao deitar-se de barriga para cima, pesado que estava por conta do vinho e do sono, um excesso de sangue, que normalmente lhe sairia pelo nariz, fica impedido de escorrer pelos meios usuais e desce perigosamente pelo caminho da garganta, matando-o. Assim, a bebedeira pôs um fim vergonhoso a um rei glorioso por conta das guerras. Na verdade, quando a maior parte do período iluminado do dia seguinte havia se passado, os serviçais reais, suspeitando de algo infeliz, depois de muito gritarem [à porta], invadem [a câmara real] e encontram Átila morto pelo escoamento de sangue, sem qualquer ferimento, e a moça com o rosto abaixado, coberto por um véu, chorando.</p> <p>(255) Então, como é costume naquela tribo, arrancada parte do escalpo, [sua] face disforme</p>

²²³ Jordanes emprega “consuo” (costurar) em lugar de “consuesco” (costumar). As formas, na segunda pessoa do singular do futuro ativo do indicativo são “consuetis” e “consuesces”, respectivamente. A rigor, contudo, talvez fizesse mais sentido se usar o particípio presente de “consuesco” e colocá-lo no ablativo plural, combinando com “meatibus”. Assim, teríamos “consuescentibus meatibus” ou “pelos meios usuais” – que parece ser justamente a ideia que Jordanes tenta transmitir.

cavis turpavere vulneribus, ut proelior eximius no femineis lamentationibus et lacrimis, sed sanguine lugeretur virile. de quo id accessit mirabile, ut Marciano principe Orientis de tam feroci hoste sollicito in somnis divinitas adsistens arcum Attilae in eadem nocte fractum ostenderet, quasi quod gens ipsa eo telo multum praesumat. hoc Priscus istoricus vera se dicit adtestatione probare. nam in tantum magnis imperiis Attila terribilis habitus est, ut eius mortem in locum muneris superna regnantibus iudicarent.

(256) cuius manes quibus a sua gente honoratae sunt, pauca de multis dicere non omittamus. in mediis si quidem campis et intra tenturia sirica cadavere conlocato spectaculum admirandum et sollempniter exhibetur. nam de tota gente Hunnorum lectissimi equites in eo loco, quo erat positus, in modum circensium cursibus ambientes, facta eius cantu funereo tali ordine referebant.

(257) 'praecipuus Hunnorum rex Attila, patre genitus Mundzuc, fortissimarum gentium dominus, qui inaudita ante se potentia solus Scythica et Germanica regna possedit nec non utraque Romani urbis imperia captis civitatibus terruit et, ne praedae reliqua subderentur, placatus praecibus annum vectigal accepit: cumque haec omnia proventu felicitatis egerit, non vulnere hostim, non fraude suorum, sed gente incolume inter gaudia laetus sine sensu doloris

foi mutilada com feridas escavadas, para que um combatente exímio não fosse pranteado com lamentações e lágrimas efeminadas, mas com sangue viril. A esse respeito ocorreu algo extraordinário, porquanto Marciano, imperador do Oriente, preocupado com um inimigo tão feroz, é assistido em um sonho por uma divindade que lhe mostra, naquela mesma noite, o arco de Átila partido — a arma de arremesso preferida da tribo dos hunos. Isso o historiador Prisco diz comprovar através de um testemunho verídico. Átila costumara ser tão terrível para os grandes impérios que os seres superiores anunciaram in loco a sua morte aos governantes.

(256) Não deixemos de dizer ao menos um pouco do muito que a sua tribo fez para honrar o seu espírito. Seu cadáver foi, de fato, colocado no meio de um campo e dentro de uma tenda de seda, como um espetáculo para a admiração, e exibido solenemente; porquanto os melhores cavaleiros de toda a tribo dos hunos cavalgavam em círculos ao redor do local onde ele fora posto, relatando em um canto fúnebre os seus feitos, desta maneira:

(257) “[Eis] o proeminente rei dos hunos Átila, filho de Mundzuc, senhor da mais valente das tribos, que com poderes desconhecidos antes de si possuiu sozinho os reinos da *Scythia* e da *Germania* e que também aterrorizou ambos impérios dos romanos através da captura de cidades e, para que não saqueasse as restantes, aceitou aquietar-se ao preço de um tributo anual; e tendo realizado tudo isso, como resultado de seu sucesso, caiu não por um ferimento causado pelo inimigo, tampouco pela trapaça de seus [homens], mas feliz e sem dor em meio às alegrias de sua tribo incólume. Quem, então,

occubuit. quis ergo hunc exitum putet, quem nullus aestimat vindicandum?'

(258) postquam talibus lamentis est defletus, stravam super tumulum eius quam appellant ipsi ingenti commessatione concelebrant, et contraria invicem sibi copulantes luctu funereo mixto gaudio explicabant, noctuque secreto cadaver terra reconditum copercula primum auro, secundum argentum, tertium ferri rigores communiunt, significantes tali argumento potentissimo regi omnia convenisse: ferrum, quod gentes edomuit. aurum et argentum, quod ornatum rei publicae utriusque acceperit. addunt arma hostium caedibus adquisita, faleras vario gemmaro fulgore praetiosas et diversi generis insignia, quibus colitur aulicum decus. et ut tantis divitiis humana curiositas arceretur, operi deputatos detestabili mercede trucidarunt, emersitque momentanea mors sepelientibus cum sepultu.

pode considerar isso uma morte, quando ninguém considera que é necessário vingá-la?"

(258) Depois que tais lamentos foram exauridos, celebram a “strava”, como eles próprios chamam uma grande farra na qual se unem para exibir, alternadamente, o pranto fúnebre e a alegria. Então, no segredo da noite escondem o cadáver sob a terra, sendo os caixões primeiro reforçados com o ouro, depois com a prata e em terceiro com a rigidez do ferro; dando a entender, com o seguinte argumento, que todas essas coisas convinhavam ao rei poderosíssimo: ferro, porque ele submeteu as tribos; ouro e prata, porque aceitou honrarias de ambos impérios. Adicionam armas tomadas dos inimigos caídos, jaezes resplandecentes com várias gemas e insígnias de diversos tipos, com as quais se adornava a corte. E, para que tamanhas riquezas fossem protegidas da curiosidade humana, trucidaram os encarregados desse trabalho, um pagamento abominável; e [assim] a morte súbita chegou tanto para os enterradores como para o sepultado.

<i>L</i>	Capítulo 50
<i>(259) Talibus peractis, ut solent animi iuvenum ambitu potentiae concitari, inter successores Attilae de regno orta contentio est, et dum inconsulti imperare cupiunt cuncti, omnes simul imperium perdiderunt. sic frequenter regna gravat copia quam inopia successorum. nam fili Attilae, quorum per licentiam libidinis pene populus fuit, gentes sibi dividi aequa sorte</i>	(259) Quando esses ritos foram realizados, como as almas dos jovens é incitada pela proximidade do poder, surgiu entre os sucessores de Átila uma disputa e, como todos apressadamente desejavam comandar, todos perderam o império ao mesmo tempo. Os reinos, afinal, frequentemente são derrubados por um excesso e não por uma falta de sucessores, pois os filhos de Átila, que pela liberdade da sua libido eram quase um povoado,

*poscebant, ut ad instar familiae
bellicosi reges cum populis mitterentur
in sortem.*

*(260) quod ut Gepidarum rex conperit
Ardarichus, indignatus de tot gentibus
velut vilissimorum mancipiorum
condicione tractari. contra filios
Attilae primus insurgit inlatumque
serviendi pudore secuta felicitate
detersit, nec solum suam gentem, sed
et ceteras qui pariter praemebantur
sua discessione absolvit, quia facile
omnes adpetunt, quod pro cunctorum
utilitate temptatur. in mutuuum igitur
armantur exitium bellumque
committitur in Pannonia iuxta flumen,
cui nomen est Nedao.*

*(261) illic concursus factus est gentium
variarum, quas Attila in sua tenuerat
dicionem. dividuntur regna cum populis,
fiuntque ex uno corpore membra
diversa, nec quae unius passioni
conpaterentur, sed quae exciso capite
in invicem insanirent; quae numquam
contra se pares invenerant, nisi ipsi
mutuis se vulneribus sauciantes se
ipsos discerperent fortissimae
nationes. nam ibi admirandum reor
fuisse spectaculum, ubi cernere erat
contis pignantem Gothum, ense
furentem Gepida, in vulnere Rugum
tela frangentem, Suavum pede,
Hunnum sagitta praesumere, Alanum
gravi, Herulum levi armatura aciem
strui.*

*(262) post multos ergo gravesque
conflictos favit Gepidis inopinata*

demandavam que os povos deveriam ser divididos igualmente entre eles, como à imagem de uma família de reis belicosos onde as terras são divididas ao acaso.

(260) Quando o rei dos gépidas Ardarico descobriu isso, indignou-se que tantos povos fossem tratados como os mais miseráveis escravos, insurgindo-se primeiro contra os filhos de Átila e, afortunadamente, limpou a vergonha da servidão que carregava — não só a de seu povo, mas também de outros que igualmente foram libertados do medo por sua rebelião, pois facilmente todos buscam conseguir aquilo que é de utilidade geral. Assim, eles se armaram para a destruição em conjunto e combateram [os hunos] na *Pannonia*, junto ao rio cujo nome é *Nedao*.

(261) Ali ocorreu o encontro entre vários povos que Átila tinha sob as suas ordens. Os reinos e os povos foram divididos e, de um [único] corpo, foram feitos membros sem qualquer desejo em comum e que, sem uma cabeça, enlouqueceram: essas fortíssimas nações não enfrentaram os adversários sem ferirem também umas às outras. Imagino que tenha sido um espetáculo admirável, onde se podia ver o godo lutar com uma pica, o gépida atacar com a espada, o rúgio quebrar o dardo em sua ferida, o suevo lutando à pé, o huno atirando flechas, o alano lutando com uma armadura pesada, o hérulo com uma leve.

(262) Assim, após muitos e pesados confrontos, uma inesperada vitória recaiu sobre os gépidas,

victoria. nam XXX fere milia tam Hunnorum quam aliarum gentium, quae Hunni ferebant auxilium, Ardarici gladius conspiratioque peremit. in quo proelio filius Attilae maior natu nomine Ellac occiditur, quem tantum parens super ceteros amasse perhibebatur, ut eum cunctis diversisque liberis suis in regno preferret; sed non fuit vota patris fortuna consentiens. nam post multas hostium cedes sic viriliter eum constat peremptum ut tam gloriosum superstis pater optasset interitum.

(263) reliqui vero germani eius eo occiso fugantur iuxta litus Pontici maris, ubi prius Gothos sedisse descripsimus. cesserunt itaque Hunni, quibus cedere putabatur universitas. adeo discidium perniciose res est. ut divisi corruerent, qui adunatis viribus territabant. haec causa Ardarici regis Gepidarum felix affuit diversis nationibus, qui Hunnorum regimini inviti famulabantur, eorumque diu maestissimos animos ad helaritatem literatatis votivam erexit; venientesque multi per legatos suos ad solum Romanum et a principe tunc Marciano gratissime suscepti distributas sedes, quas incolerent. acceperunt.

(264) Nam Gepidi Hunnorum sibi sedes viribus vindicantes totius Daciae fines velut victores potiti nihil aliud a Romano imperio, nisi pacem et annua sollemnia, ut strenui viri, amica pactione postulaverunt. quod et libens tunc annuit imperator et usque nunc consuetum donum gens ipsa a Romano

pois a espada e o ardil mataram trinta mil, entre hunos e os outros povos que os auxiliavam. Nessa batalha morreu o filho mais velho de Átila, chamado Ellac, que era, segundo se comenta, amado pelo pai muito acima dos demais, de modo que ele o preferia acima de todos os seus outros filhos no reino. A fortuna, todavia, não concordou com a preferência do pai. Após virilmente realizar muitas derrubadas de inimigos, morreu de um modo tão glorioso que, se o pai estivesse vivo, o haveria escolhido.

(263) Então, com Ellac morto, os seus irmãos fugiram até junto do litoral do mar *Ponticus*, onde mostramos que os godos se estaleceram no início. Foi desse modo que caíram os hunos, a quem se imaginava que o mundo cederia, tão pernicioso que é a dissidência. Divididos caíram aqueles que, unidos, aterrorizavam os homens.

A causa do rei dos gépidas Ardarico trouxe felicidade para diversas nações, que contra a vontade estavam a serviço do regime dos hunos, fazendo com que os seus ânimos, há tanto tempo tristíssimos, se erguessem em direção a uma desejada e alegre liberdade. Muitos povos enviaram os seus emissários ao território dos romanos e ao então imperador Marciano. Ele, de maneira muito agradecida, distribuiu-lhes terras, as quais foram aceitas.

(264) Isso porque os gépidas, com as suas forças, reivindicaram os territórios dos hunos, controlando toda a *Dacia* como vencedores e demandando, como homens vigorosos, nada mais do Império Romano do que a paz e a contribuição anual pela aliança. O imperador anuiu a isso de bom grado e até hoje aquele povo recebe do imperador romano o donativo

suscipit principe. Gothi vero cernentes Gepidas Hunnorum sedes sibi defendere Hunnorumque populum suis antiquis sedibus occupare. maluerunt a Romano regno terras petere quam cum discrimine suo invadere alienas. accipientesque Pannoniam, quae in longo porrecta planitiae habet ab oriente Moesiam superiorem, a meridie Dalmatiam. ab occasu Noricum. a septentrione Danubium. ornata patria civitatibus plurimis, quarum prima Syrmis, extrema Vindomina.

(265) *Sauromatae vero quos Sarmatas dicimus et Cemandri et quidam ex Hunnis parte Illyrici ad Castramartenam urbem sedes sibi datas coluerunt. ex quo genere fui Blivila dux Pentapolitanus eiusque germanus Froila et nostri temporis Bessa patricius. Scyri vero et Sadagarii et certi Alanorum cum duce suo nomine Candac Scythiam minorem inferiorem Moesiam acceperunt.*

(266) *cuius Candacis Alanoviamuthis patris mei genitor Paria, id est meus avus, notarius, quousque Candac ipse viveret, fuit, eiusque germanae filio Gunthicis, qui et Baza dicebatur. mag. mil., filio Andages fili Andele de prosapia Amalorum descendente. ego item quamvis agramatus Iordannis ante conversionem meam notarius fui. Rugi vero aliaeque nationes nonnullae Bizzim et Arcadiopolim ut incolerent, petiverunt. Hernac quoque iunior*

costumeiro. Os godos, vendo os gépidas defendendo por si próprios os territórios dos hunos e povo huno ocupando os seus antigos territórios, preferiram pedir terras ao reino romano do que invadir terras alheias com risco para si próprios. Aceitaram a *Pannonia*, que se estende por uma longa planície e tem a leste a *Moesia Superior*, a sul a *Dalmatia*, a oeste o *Noricum*, a norte o *Danubius*. A terra é adornada por muitas cidades, das quais a primeira é *Syrmium* e a última, *Vindomina*²²⁴.

(265) Mas os sauromatas, que chamamos de 'sármatas', os cemandros e alguns dos hunos habitavam a parte do *Illyricum* junto da cidade de *Castramartis*, que lhes havia sido concedida.

Dessa gente veio Bliviva, comandante de *Pentapolis*, o seu irmão Froila e também Bessa, patrício do nosso tempo. Os ciros, os sadagários e alguns dos alanos, com o seu comandante de nome 'Candac' aceitaram a *Scythia Minor* e a *Moesia Inferior*.

(266) Paria, pai do meu pai Alanoviamute — ou seja, o meu avô —, foi notário desse Candac, enquanto este viveu. Também eu, Jordanes, fui notário de Guntige, filho da sua irmã, também chamado de 'Baza', mestre dos soldados, filho de Andage — o filho de Andela, da linhagem dos Ámalos —, embora eu antes da minha conversão fosse um iletrado. Os rugi e muitas outras nações pediram para habitar *Bizzi*²²⁵ e *Arcadiopolis*. Hernac, o filho mais novo de Átila, com os seus homens, escolheu como sede a parte mais distante da *Scythia Minor*.

²²⁴ “Vindomina” é variante de “Vindobona”, atual Viena, na Áustria.

²²⁵ Variante de “Bizye” e atual Vise, na Turquia.

<p><i>Attilae filius cum suis in extrema minoris Scythiae sedes delegit. Emnetzur et Vltzindur consanguinei eius in Dacia ripense Vto et Hisco Almoque potiti sunt. multique Hunnorum passim proruentes tunc se in Romania dederunt, e quibus nunc usque Sacromontisi et Fossatisii dicuntur.</i></p>	<p>Emnetzur e Ultzindur, seus consanguíneos, se apropriaram de <i>Utus</i>, <i>Hiscus</i> e <i>Almus</i>, na <i>Dacia Ripensis</i>. Muitos dos hunos, ademais, pilharam de passagem [vários locais], até que se devotaram à <i>Romania</i>. Deles, hoje se conta que descendem os sacromontisi e os fossatisii.</p>
---	---

<p style="text-align: center;"><i>LI</i></p>	<p style="text-align: center;">Capítulo 51</p>
<p><i>(267) erant si quidem et alii Gothi, qui dicuntur minores, populus inmensus, cum suo pontifice ipsoque primate Vulfila, qui eis dicitur et litteras instituisse. hodieque sunt in Moesia regionem incolentes Nicopolitanam ad pedes Emimonti gens multa, sed paupera et inbellis nihilque habundas nisi armenta diversi generis pecorum et pascua silvaque lignarum; parum tritici citerarumque specierum terras fecundas. vineas vero nec, si sunt alibi, certi eorum cognoscent ex vicina loca sibi vinum negotiantes: nam lacte aluntur plerique.</i></p>	<p>(267) Também existiam outros godos, chamados de 'menores'. Era um grupo imenso, que tinha como o seu pontífice e primaz Vulfila, que se conta que os instruiu nas letras. Hoje habitam a <i>Moesia</i>, na região de <i>Nicopolis</i>, aos pés do monte <i>Hemus</i>. São um povo numeroso, mas pobre e não-combatente. São ricos em nada a não ser rebanhos de diversos tipos de gado, pastagens e florestas com lenhas. As suas terras são muito pouco fecundas para o trigo e outras espécies [de grãos]. Alguns deles, de fato, não sabem que as videiras existem em outros regiões e comprar vinho de locais vizinhos. Na verdade, a maioria se alimenta de leite.</p>

<p style="text-align: center;"><i>LII</i></p>	<p style="text-align: center;">Capítulo 52</p>
<p><i>(268) Ergo, ut ad gentem, unde agimus, revertamur, id est Ostrogotharum, qui in Pannonia sub rege Valamir eiusque germani Thiudimer et Vidimir morabantur, quamvis divisa loca, consilia tamen unita nam Valamer inter Scarniungam et Aqua nigra fluvios. Thiudimer iuxta lacum Pelsois, Vidimer inter utrosque</i></p>	<p>(268) Voltemos, agora, ao povo de onde partimos, ou seja, aos ostrogodos, que se demoravam na <i>Pannonia</i> sob o rei Valamir e os seus irmãos, Tiudimer e Vidimir. Ainda que os seus territórios fossem separados, os seus planos eram os mesmos. Valamir [residia] entre os rios <i>Scarniunga</i> e <i>Aqua Nigra</i>; Tiudimer, junto ao lago <i>Pelsois</i>; Vidimir entre eles, fazendo divisa. Então os filhos de Átila, [considerando] os</p>

*manebant, contigit ergo. ut Attilae fili
contra Gothos quasi desertores
dominationis suae, velut fugacia
mancipia requirentes, venirent
ignarisque aliis fratribus super
Valamer solum intruerent.*

*(269) quos tamen ille quamvis cum
paucis excepit diuque fatigatis ita
prostravit, ut vix pars aliqua hostium
remaneret. quae in fuga versa eas
partes Scythiae peteret, quas Danabri
amnis fluente praetermeant, quam
língua sua Hunni Var appellant. eo
namque tempore ad fratris Thiudimeri
gaudii nuntium direxit, sed eo mox die
nuntius veniens felicior in domo
Thiudimer reperit gaudium. ipso si
quidem die Theodoricus eius filius,
quamvis de Erelieva concubina, bonae
tamen spei puerulus natus erat.*

*(270) post tempus ergo non multum rex
Valamir eiusque germani Thiudemir et
Vidimir, consueta dum tardarent dona
a principe Marciano, quae ad instar
strenuae acciperent et pacis foedera
custodirent, missa legatione ad
imperatorem vident Theodericum
Triarii filium, et hunc genere Gothico,
alia tamen stirpe, non Amala
procreatum, omnino florentem cum
suis, Romanorumque amicitias iunctum
et annua sollemnia consequentem, et
se tantum despici.*

*(271) ilico furore commoti arma
arripiunt et Illyricum pene totum
discurrentes in praeda devastant. sed
statim imperator animo mutato ad*

godos quase como desertores da sua dominação, foram atrás deles como se fossem escravos fugitivos e atacaram Valamir sozinho, sem que os seus irmãos o soubessem.

(269) Valamir recebeu o ataque, mesmo com poucos [homens], até que os agressores se cansaram e então foram derrotados de tal modo que quase nenhuma parte do inimigo permaneceu [ali]. Aqueles que fugiram buscaram as partes da *Scythia* às margens da corrente do *Danaper*, que os hunos chamam na sua língua de '*Var*'. Então, um mensageiro foi enviado ao irmão Tiudimer para relatar o êxito, mas, naquele mesmo dia em que chegou encontrou um êxito ainda mais feliz: naquele mesmo dia nascera o filho de Tiudimer Teodorico que, ainda que [nascido de] uma concubina, era um neném do qual se esperava boas coisas.

(270) Pouco tempo depois, quando tardaram os presentes do imperador Marciano, o rei Valamir e os seus irmãos Tiudemir e Vidimir, que os haviam aceitado de pronto para manter a aliança de paz, enviam uma embaixada ao imperador e descobrem que Teoderico, filho de Triário — que embora fosse de origem goda, era de outra linhagem, não Ámala — vivia muito bem com os seus [homens], em consequência do donativo anual entregue pelos romanos pela amizade, enquanto eles próprios recebiam apenas o desprezo.

(271) Eles, de imediato, se agitam e tomam as armas, percorrem quase todo o *Illyricum*, devastando em busca de espólios. De imediato o imperador mudou de ânimo e voltou à antiga

<p><i>pristinam recurrit amicitiam missaque legatione tam praeterita cum instantibus munera tribuit quam etiam de futuro sine aliqua controversia tribuere compromittit, pacisque obsidem ab eis, quem supra rettulimus, Theodoricum, infantulum Thiudimeris accipit: qui iam septem annorum incrementa conscendens octavum intraverat annum. quem dum pater cunctatur dare, patruus Valamir extitit supplicator tantum, ut pax firma inter Romanos Gothosque manere. datus igitur Theodoricus obses a Gothis duciturque ad urbem Constantinopolitanam Leoni principi, et, quia puerulos elegans erat, meruit gratiam imperialem habere.</i></p>	<p>amizade, enviando uma embaixado com os presentes devidos e com os atuais, além de se comprometer, sem qualquer controvérsia, a no futuro continuar com as contribuições. Deles, o imperador aceitou como refém de paz, Teodorico, filho de Tiudimer — de que tratamos acima. Ele já havia completado sete anos e entrava já no oitavo. Ainda que o pai hesitasse em dá-lo, o tio Valamir suplicou-lhe o bastante, para que a paz pudesse permanecer firme entre romanos e godos. Portanto, Teodorico foi dado como refém aos romanos e conduzido até a cidade de <i>Constantinopolis</i> pelo imperador Leão e, como era um menininho agradável, mereceu ganhar o favor imperial.</p>
--	--

LIII	Capítulo 53
<p><i>(272) Postquam ergo firma pax Gothorum cum Romanis effecta est, videntes Gothi non sibi sufficere ea quae ab imperatore acciperent simulque solitam cupientes ostentare virtutem, coeperunt vicinas gentes circumcirca praedari, primum contra Sadagis, qui interiorem Pannoniam possidebant, arma moventes. quod ubi rex Hunnorum Dintzic filius Attilae cognovisset, collectis secum qui adhuc videbantur quamvis pauci eius tamen sub imperio remansisse Vltzinzures. Angisciros, Bittugures, Bardoes, venientesque ad Basianam Pannoniae civitatem eamque circumvallans fines eius coepit praedare.</i></p> <p><i>(273) quod conperto Gothi ibi, ubi</i></p>	<p>(272) Depois, quando uma firme paz havia sido estabelecida entre godos e romanos, os godos viram que não era suficiente aquilo que haviam aceito do imperador e, ao mesmo tempo, desejavam demonstrar a sua usual virtude, então começaram a pilhar os vizinhos povos ao seu redor. Primeiro moveram o exército contra os sadagi, que controlavam o interior da <i>Pannonia</i>. Quando o rei dos hunos Dintzic, um filho de Átila, soube disso, reuniu consigo aqueles à sua vista, mesmo que poucos [povos] ainda permanecessem no [seu] império: os ultzinzures, os angisciros, os bitturiges, os bardoes. Indo até a cidade de <i>Basiana</i>, na <i>Pannonia</i>, fez-lhe cerco e começou a saquear o seu território.</p> <p>(273) Quando descobriram isso, os godos</p>

*erant, expeditionemque solventes,
quam contra Sadagis collegerant, in
Hunnos convertunt et sic eos suis a
finibus inglorios pepulerunt, ut iam ex
illo tempore qui remanserunt Hunni et
usque actenus Gothorum arma
formident. quiescente vero tandem
Hunorum gente a Gothis
Hunumundus Suavorum dux dum ad
depraedandas Dalmatias transit,
armenta Gothorum in campis errantia
depraedavit, quia Dalmatia Suaviae
vicina erat nec a Pannonios fines
multum distabat, praesertim ubi tunc
Gothi residebant.*

*(274) quid plurimum? Hunimundus
cum Suavis vastastis Dalmatiis ad sua
revertens, Thiudimer germanus
Valameris regis Gothorum non tantum
iacturam armentorum dolens quantum
metuens, ne Suavi, si inpune hoc
lucrarentur, ad maiorem licentiam
prosilirent, sic vigilavit in eorum
transitu, ut intempesta nocte
dormientes invaderet ad lacum
Pelsodis consertoque inopinato proelio
ita eos oppressit, ut etiam ipsum regem
Hunimundum captum omnem
exercitum eius, qui gladio evadissent,
Gothorum subderet servituti. et dum
multum esset amator misericordiae,
facta ultione veniam condonavit
reconciliatusque cum Suavis eundem,
quem ceperat, adoptans sibi filium,
remisit cum suis in Suavia.*

*(275) sed ille inmemor paternae
gratiae post aliquod tempus conceptum
dolum parturiens Scirorumque gente
incitans, qui tunc super Danubium*

dissolveram a expedição que haviam montado contra Sadagis onde estavam e se dirigiram aos hunos, repelindo-os do seu território, derrotados, de modo que, desde aquele tempo até hoje, os hunos que [ali] permaneceram temem os exércitos dos godos. Quando o povo huno foi finalmente aquietado pelos godos, o líder dos suevos Hunumundo estava em movimento para pilhar a *Dalmatia* e se apoderou dos rebanhos dos godos que erravam pelos campos, pois a *Dalmatia* era vizinha da *Suavia* e não distavam muito dos territórios da *Pannonia*, particularmente de onde os godos então residiam.

(274) O que mais? Hunimundo, que com os suevos devastou a *Dalmatia*, voltou para as suas [terras]. Tiudimer, irmão do rei dos godos Valamir, vigiou o movimento dos suevos, não tanto se condoendo pela perda dos rebanhos, mas temendo que, se lucrassem impunemente, tomariam maiores liberdades. Assim, na noite escura, enquanto os suevos dormiam, ele invadiu [o seu acampamento] junto ao lago *Pelsus* e atacou-os de surpresa, Mesmo o seu rei Hunimundo foi capturado e o seu exército inteiro — aqueles que haviam escapado da espada — submeteu-se à servidão. Sendo um grande amante da misericórdia, Tiudimer perdoou-os após ter obtido a sua vingança e, reconciliado, adotou como filho aquele que havia capturado, enviando-o de volta com os seus [homens] para a *Suavia*.

(275) Mas Hunimundo esqueceu-se da gentileza paterna e, depois de algum tempo, gestou uma armadilha e incitou o povo sciri, que então estava assentado acima do *Danubius* e

consedebant et cum Gothis pacifice morabantur, quatenus scissi ab eorum foedere secumque iuncti in arma prosilerent gentemque Gothorum invaderent. tunc Gothis nihil mali sperantibus, praesertim de utrisque amicis vicinis confisi, bellum exurgit ex improviso coactique necessitate ad arma confugiunt solitoque certamine arrepto se suaque iniuria ulciscuntur.

(276) in eo si quidem proelio rex eorum Valamir dum equo insidens ad cohortandos suos ante aciem curreret, proturbatus equus corruit sessoremque suum deiecit, qui mox inimicorum lanceis confossus interemptus est. Gothi vero tam regis sui mortem quam suam iniuriam a rebellionibus exigentes ita sunt proeliati, ut pene de gente Scirorum nisi qui nomen ipsud ferrent, et hi cum dedecore, non remansissent: sic omnes extinci sunt.

permanecia em paz com os godos. Por conta disso, os sciri romperam a aliança com eles e, unindo-se ao exército de Hunimundo, avançaram para invadir o povo godo. Os godos não esperavam por qualquer mal, pois confiavam que os seus vizinhos eram seus amigos. De improviso, ergueram-se a guerra e, coagidos pela necessidade, apelaram para as armas. Combatendo do modo costumeiro, os godos vingaram-se pela ofensa.

(276) Nessa batalha, de fato, quando o rei dos godos Valamir, estava montado diante da tropas para encorajá-las, o seu cavalo agitou-se e correu, derrubando-o. Em seguida, Valamir foi perfurado pelas lanças dos inimigos e morto. Os godos, então, exigiram dos rebeldes [a reparação] tanto pela morte do rei quando pela ofensa sofrida e então lutaram de tal modo que não restasse quem carregasse o nome do povo sciri. Eles foram todos extintos por essa desgraça.

LIV	Capítulo 54
<p><i>(277) Quorum exitio Suavorum reges Hunimundus et Halaricus vereti, in Gothos arma moverunt freti auxilio Sarmatarum, qui cum Beuca et Babai regibus suis auxiliarii ei advenissent, ipsasque Scirorum reliquias quasi ad ultionem suam acrius pugnatuos accersientes cum Edica et Hunuulfo eorum primatibus habuerunt simul secum tam Gepidas quam ex gente Rugorum non parva solacia, ceterisque hinc inde collectis ingentem multitudinem adgregantes ad amnem Bolia in Pannoniis castra metati sunt.</i></p>	<p>(277) Diante dessa destruição, os reis suevos Hunimundo e Halarico se apressaram e moveram o [seu] exército contra os godos, com a ajuda dos sármatas, que, com os seus reis, Beuca e Babai, serviram de auxiliares. Convocaram também os poucos sciri restantes, com Edica e Hunuulfo no comando, acreditando que, em busca de vingança, lutariam com maior empenho. Trouxeram consigo também os gépidas e os rugi, um considerável reforço. Com outros reunidos daqui e dacolá, uma enorme multidão de aliados acampou junto à corrente <i>Bolia</i>, na <i>Pannonia</i>.</p>

<p>(278) <i>Gothi tunc Valamero defuncto ad fratrem eius Thiudimer confugerunt. qui quamvis dudum cum fratribus regnans, tamen auctioris potestatis insignia sumens, Vidimer fratre iuniore accito et cum ipso curas belli partibus, coactus ad arma prosilivit; consertoque proelio superior pars invenitur Gothorum. adeo ut campus inimicorum corruentium cruore madefactus ut rubrum pelagus appareret armaque et cadavera in modum collium tumultata campum plus per decem milibus oppleverunt.</i></p> <p>(279) <i>quod Gothi cernentes, ineffabili exultatione laetantur, eo quod et regis sui Valameris sanguinem et suam iniuriam cum maxima inimicorum strage ulciscerentur. de vero innumeranda variaque multitudine hostium qui valuit evadere, perquaquam effugati vix ad sua inglorii pervenerunt.</i></p>	<p>(278) Com Valamir morto, os godos se reuniram em torno do seu irmão Tiudimer. Ele, ainda que já houvesse reinado por um longo tempo com os irmãos, tomou a insígnia [real] com uma aumentada autoridade. Convocou o irmão mais jovem Vidimer e, com ele, dividiu a preparação para a guerra, coagido que fora a levantar as armas. A batalha aconteceu e os godos se revelaram o lado superior, a tal ponto que o campo ficou encharcado de sangue e parecia um mar vermelho. Armas e cadáveres se acumularam como colinas, cobrindo o descampado por mais de dez milhas.</p> <p>(279) Quando os godos viram isso, alegraram-se de maneira indescritível, pois haviam vingado o sangue do seu rei Valamir e a ofensa sofrida com o completo massacre dos seus inimigos. Quanto àqueles da multidão numerosa e variada que conseguiram escapar, fugiram com enorme dificuldade e sem quaisquer glórias para as suas terras.</p>
--	---

LV	Capítulo 55
<p>(280) <i>Post certum vero tempus instanti hiemali frigore amnemque Danubii solite congelato — nam istiusmodi fluvius ille congelascit, ut in silicis modum pedestrem vehat exercitum plaustraque et traculas vel quidquid vehiculi fuerit, nec cumbarum indigeat lintres — sic ergo eum gelatum Thiodimer Gothorum rex cernens pedestrem ducit exercitum emensoque Danubio Suavis inprovisus a tergo apparuit. nam regio illa Suavorum ab</i></p>	<p>(280) Após um certo tempo, o frio invernal se fez presente e a corrente do <i>Danubius</i> congelou-se como de costume — pois aquele rio congela como uma pedra e suporta um exército à pé, vagões, trenós ou o que seja, sem que sejam necessárias canoas ou esquifes. Então, o rei dos godos Tiudimer, percebendo que o rio congelara, conduziu o seu exército à pé e, atravessando o <i>Danubius</i>, apareceu de surpresa às costas dos suevos. Esse reino dos suevos ficava a leste dos baibaros, a oeste dos francos, a sul dos burgúndios e a norte dos turíngios.</p>

*oriente Baibaros habet, ab occidente
Francos, a meridie Burgundzones, a
septentrione Thuringos.*

*(281) quibus Suavis tunc iuncti
aderant etiam Alamanni ipsique Alpes
erectos omnino regentes, unde
nonnulla fluenta Danubium influunt
nimio cum sonu vergentia. hic ergo
taliterque munito loco rex Thiudimer
hiemis tempore Gothorum ductavit
exercitum, et tam Suavorum gente
quam etiam Alamannorum, utrasque
ad invicem foederatas, devicit, vastavit
et pene subegit. inde quoque victor ad
propriam sedem, id est Pannonias
revertens Theodoricum filium suum,
quem Constantinopolim obsidem
dederat, a Leone imperatore remissum
cum magnis muneribus gratanter
excepit.*

*(282) qui Theodoricus iam
adulescentiae annos contingens expleta
pueritia, decem et octo annos
peragens, ascitis certis ex satellibus
patris et ex populo amatores sibi
clientesque consocians, paene sex
milia viros, cum quibus inconscio
patre emenso Danubio super Babai
Sarmatarum rege discurrit, qui tunc de
Camundo duce Romanorum victoria
potitus superbiae tumore regnabat,
eoque superveniens Theodoricus
interemit familiae et censu
depraedans ad genitorem suum cum
victoria repedavit. Singidunum dehinc
civitatem, quam ipsi Sarmatae
occupassent, invadens, non Romanis
reddidit, sed suae subdedit ditioni.*

(281) Junto dos suevos, então, estavam também os alamanos — eles próprios regentes de todas as montanhas dos Alpes, de onde fluem muitas correntes para o Danúbio fazendo um grande ruído. A um lugar assim, protegido [pelo relevo], o rei Tiudimer conduziu o exército dos godos durante o inverno e venceu, devastou e quase submeteu tanto o povo suevo quanto também o alamanos, então aliados entre si. De lá, retornou vitorioso até as suas terras, isto é, as *Pannoniae*, [e] recebeu de volta do imperador Leão o seu filho Teodorico, que entregara a *Constantinopolis* como refém, e que [agora] era devolvido com grandes presentes.

(282) Esse Teodorico, finalizada a infância, já alcançara os anos da adolescência, [e] completado dezoito anos. Alguns do círculo do seu pai e admiradores seus tomou como clientes, associando-se a eles. Eram quase seis mil homens, com os quais, sem o conhecimento do seu pai, cruzou o *Danubius* e avançou sobre o rei dos sármatas Babai, que então havia obtido uma vitória sobre o comandante romano Camundo e reinava inchado pela soberba. Teodorico atacou, matou e, tomando a sua família e tesouro, retornou até o seu pai com a vitória. Dali, invadiu a cidade de *Singidunum*, ocupada pelos próprios sármatas, mas não devolveu-a aos romanos, pondo-a sob o próprio comando.

LVI	Capítulo 56
<p>(283) <i>Minuentibus deinde hinc inde vicinarum gentium spoliis coepit et Gothis victus vestitusque deesse et hominibus, quibus dudum bella alimonia prestitissent, pax coepit esse contraria, omnesque cum magno clamore ad regem Thiudimer accedentes Gothi orant, quacumque parte vellit, tantum ductaret exercitum. qui accito germano missaque sorte hortatus est, ut ille in parte Italiae, ubi tunc Glycerius regnabat imperator, ipse vero sicut fortior ad fortiorem regnum accederet Orientalem: quod et factum est.</i></p>	<p>(283) Começaram a diminuir, depois disso, os espólios [tomados] dos povos vizinhos e aos godos faltar víveres e roupas. Então, a esses homens, aos quais não muito tempo atrás a guerra proporcionava a alimentação, a paz começou a ser prejudicial. Exaltados, eles todos então abordaram o rei Tiudimer, implorando que fosse para qualquer local, desde que conduzisse o exército. Ele convocou o irmão e, motivado após tirar a sorte, [ordenou que fosse] à <i>Italia</i>, onde então reinava o imperador Glicério, enquanto ele próprio, sendo mais corajoso, iria ao mais forte reino oriental. O que foi feito.</p>
<p>(284) <i>ex mox Vidimer Italiae terras intravit, extremum fati munus reddens rebus excessit humanis, successorem relinquens Vidimer filium suumque synonymum. quem Glycerius imperator muneribus datis de Italia ad Gallias transtulit, quae a diversis circumcirca gentibus praemebantur, asserens vicinos ibi Vesegothas eorum parentes regnare. quid multum? Vidimer acceptis muneribus simulque mandata a Glycerio imperatore Gallias tendit seseque cum parentibus Vesegothis iungens unum corpus efficiunt, ut dudum fuerant, et sic Gallias Spaniasque tenentes suo iuri defendunt, ut nullus ibi alius pravalet.</i></p>	<p>(284) Sem demora, Vidimer adentrou as terras da <i>Italia</i>, pagou o seu último tributo ao destino e deixou as coisas humanas, deixando como sucessor o seu filho Vidimer, de mesmo nome. O imperador Glicério deu-lhe presentes para que se transferisse da <i>Italia</i> para as <i>Galliae</i>, então pressionada de todos os lados por diversos povos, asseverando os visigodos, seus parentes, reinavam ali. O que mais? Vidimer, tendo aceito os presentes e também as ordens do imperador Glicério, partiu para as <i>Galliae</i> e ele próprio se uniu em um [único] corpo com os parentes visigodos, como eram muito antes. Assim, defenderam as <i>Galliae</i> e <i>Spaniae</i>, que tinham sob o seu comando e ninguém mais ali prevaleceu.</p>
<p>(285) <i>Thiudimer autem, frater senior, cum suis transit Saum amnem Sarmatis militibusque interminans bellum, si aliqui ei obstaret. quod illi verentes</i></p>	<p>(285) Tiudimer, o irmão mais velho, todavia cruza a corrente do <i>Sauus</i>, ameaçando os sármatas e os seus soldados de guerra, caso lhe resistam. Eles, vendo isso, se aquietam. Na</p>

quiescunt, immo nec praevalent ad tantam multitudinem. videns Thiudimer undique sibi prospera provenire, Naissum primam urbem invadit Illyric filioque suo Theodorico sociatis Astat et Invilia comitibus per castrum Herculis transmisit Vlpiana.

(286) qui venientes tam eam quam Stobis mox in deditioe accipiunt nonnullaque loca Illyrici innaccessibilia sibi primum tunc pervia faciunt. nam Eracleam et Larissam civitates Thessaliae primum praedas ereptas, dehinc ipsas iure bellico potiuntur. Thiudimer vero rex animadivertens felicitatem suam quam etiam filii nec his tantum contentus, egrediens Naisitanam urbem paucis ad custodiam derelictis ipse Thessalonicam petiit, in qua Helarianus patricius a principe directus cum exercitu morabatur.

(287) qui dum videret vallo muniri Thessalonicam nec se eorum conatibus posse resistere, missa legatione ad Thiudimer regem muneribusque oblati ab excidione eum urbis retorquet initoque foedere Romanus ductor cum Gothis loca eis iam sponte, quae incolerent, tradidit, id est Cerru, Pellas, Europa, Mediana, Petina, Bereu et alia quae Sium vocatur.

(288) ubi Gothi cum rege suo armis depositis composita pace quiescunt. nec diu post haec et rex Thiudimer in civitate Cerras fatale egritudine

verdade, não conseguiriam prevalecer sobre tamanha multidão. Tiudimer, vendo a prosperidade que lhe aguardava em todos os lados, invadiu *Naissum*, a primeira cidade do *Illyricum*, e enviou o seu filho Teodorico com os condes Astat e Invilia até [a cidade de] *Vlpiana*, através de *Castrum Herculis*.

(286) Quando eles chegaram, tanto ela quanto, em seguida, *Stobi* se renderam e muitos locais do *Illyricum*, antes inacessíveis para eles, então se tornaram alcançáveis, pois primeiro pilharam as cidades de *Eraclea* e *Larissa*, na *Thessalia* — a partir de então, pelo direito de guerra, possuídas. O rei Tiudimer, percebendo tanto o próprio sucesso como o do filho, não ficou satisfeito apenas com isso. Partiu da cidade de *Naisus*²²⁶ deixando apenas alguns guardas atrás de si e foi em direção a *Thessalonica*, onde Helariano, um patricio enviado pelo imperador aguardava com um exército.

(287) Hilariano, vendo que o fosso cercava *Thessalonica* e que não podia tentar resistir aos godos, enviou uma embaixada até o rei Tiudimer e, com a entrega de presentes, mandou-o em outra direção, salvando a cidade da destruição. O comandante romano, então, fez uma aliança com os godos e, espontaneamente, entregou-lhes os locais onde habitavam, ou seja: *Cerru*, *Pellas*, *Europa*, *Mediana*, *Petina*, *Bereu* e outra [cidade] chamada *Sium*.²²⁷

(288) Então, os godos e o seu rei baixaram as armas, concordaram com a paz e se aquietaram. Não muito depois disso, o rei Tiudimer foi tomado por uma doença fatal na cidade de

²²⁶ Variante de “*Naissus*”, atual Niš, na Sérvia.

²²⁷ Variantes de “*Cyrrus*”, “*Pella*”, “*Europus*”, “*Methana*”, “*Pydna*”, “*Beroea*” e “*Dium*”.

<i>occupatus vocatis Gothis Theodoricum filium regni sui designat heredem et ipse mox rebus humanis excessit.</i>	<i>Cerras.</i> Chamados os godos, designou o seu filho Teodorico como herdeiro e então deixou as coisas humanas.
---	--

<i>LVII</i>	Capítulo 57
<p><i>(289) Theodorico vero gentis suae regem audiens ordinato imperator Zeno grate suscepit eique evocaturia destinata ad se in urbe venire precepit, dignoque suscipiens honore inter proceres sui palatii conlocavit. et post aliquod tempus ad ampliandum honorem eius in arma sibi eo filium adoptavit de suisque stipendiis triumphum in urbe donavit, factusque consul ordinarius, quod summum bonum primumque in mundo decus edicitur: nec tantum hoc, sed etiam et equestrem statuam ad famam tanti viri ante regiam palatii conlocavit.</i></p> <p><i>(290) inter haec ergo Theodoricus Zenonis imperio foedere sociatus, dum ipse in urbe omnibus bonis frueretur gentemque suam in Illyrico, ut diximus, residentem non omnino idoneam aut refertam audiret, elegit potius solito more gentis suae labore querere victum quam ipse otiose frui regni Romani bona et gentem suam mediocriter victitare, secumque deliberans ad principem ait: 'quamvis nihil deest nobis imperio vestro famulantibus, tamen, si dignum ducit pietas vestra, desiderium mei cordis libenter exaudiat'.</i></p> <p><i>(291) cumque ei, ut solebat, familiariter facultas fuisset loquendi</i></p>	<p>(289) Ao ouvir que Teodorico havia sido ordenado rei pelo seu próprio povo, o imperador Zenão recebeu [a notícia] com alegria e enviou-lhe um convite para que viesse visitá-lo na cidade. Recebendo-o com honrarias, colocou-o entre os nobres do seu palácio. Depois de algum tempo, Zenão ampliou a sua honra adotando-o como 'filho em armas' e lhe presenteando com um triunfo às próprias custas na cidade. Teodorico também foi tornado cônsul ordinário — algo que é bem dito como sendo o máximo bem e a maior honraria no mundo. Isso não foi tudo. Zenão também colocou uma estátua equestre desse tão afamado homem diante do palácio.</p> <p>(290) Enquanto isso, quando Teodorico estava associado por aliança ao império de Zenão e ele próprio estava na cidade, usufruindo de todos os confortos, ouviu dizer que o seu povo, residente no <i>Illyricum</i>, como dissemos, não estava de todo satisfeito. Ele escolheu, segundo o costume do seu povo, buscar o sustento com o próprio labor em vez de ociosamente desfrutar dos bens do reino romano enquanto o seu povo sofria privações. Após refletir, disse ao imperador: 'Ainda que nada me falte ao servir ao vosso império, se vossa benevolência considerar digno, escutai de bom grado os desejos do meu coração'.</p> <p>(291) Quando, como de costume, foi-lhe concedida a permissão para falar, Teodorico</p>

concessa: 'Hesperia', inquit, 'plaga, quae dudum decessorum prodecessorumque vestrorum regimine gubernata est, et urbs illa caput orbis et domina quare nunc sub regis Thorcilingorum Rogorumque tyrranide fluctuatur? dirige me cum gente mea, si praecepis, ut et hic expensarum pondere careas et ibi, si adiutus ad domino vicero, fama vestrae pietatis inradiet. expedit namque, ut ego, qui sum servus vester et filius, si vicero, vobis donantibus regnum illud possideam: haut ille, quem non nostis, tyrranico iugo senatum vestrum partemque rei publicae captivitatis servitio premat. ego enim vicero, vestro dono vestroque munere possedebo; si victus fuero, vestra pietas nihil amittit, immo, ut diximus, lucratur expensas'.

(292) quo audito quamvis egrae ferret imperator discessum eius, nolens tamen eo contristare annuit quae poscebat, magnisque ditatum muneribus dimisit a se, senatum populumque ei commendas Romanum. igitur egressus urbe regia Theodoricus et ad suos revertens omnem gentem Gothorum, qui tamen ei prebuerunt consensum, Hesperiam tendit rectoque itinere per Sirmis ascendit vicina Pannoniae, indeque Venetiarum fines ingressus ad Pontem Sontii nuncupatum castra metatus est.

(293) cumque ibi ab reficienda corpora hominum iumentorumque

disse: 'A região da *Hesperia*²²⁸, que há muito tempo foi governada sob o regime dos vossos ancestrais e predecessores e aquela cidade que era a cabeça e senhora do globo e que agora vacila sob o rei dos thorcilingos e a tirania dos rogi. Enviai-me lá com o meu povo. Se [assim] ordenásseis, vos livraríeis das minhas despesas aqui e, se com a ajuda do Senhor eu vencer, a fama da vossa piedade irradiará lá. Melhor ainda se eu, que sou vosso servo e filho, vencer e possuir com a vossa doação aquele reino, em vez daquele, que não conheceis, oprimir com um jugo tirânico o vosso senado e com o cativo parte da vossa república. Eu, assim, vencerei e possuirei [o reino] como um donativo e um presente vosso. Se eu perder, a vossa piedade em nada diminui. Na verdade, como dissemos, lucrareis com a economia'.

(292) Ao ouvir isso, embora sofresse pela partida de Teodorico, o imperador concordou, pois sabia que não seria capaz de entristecê-lo. Dispensou-o, então, com grandes e ricos presentes e com uma recomendação para o senado e o povo romano. Por conta disso, Teodorico, deixando a cidade régia, voltou para onde estava todo o seu povo godo, que concordou unanimemente com os seus planos, e então partiu para a *Hesperia*. Por um reto itinerário, subiu por *Sirmium* até a vizinha *Pannonia*, de onde igressou no território dos vênets até a ponte do chamado [rio] *Sontius*, onde acampou.

(293) Quando Teodorico ali se assentou por algum tempo para recuperar os corpos dos

²²⁸ O Império Romano do Ocidente.

aliquanto tempore resedisset, Odoacer armatum contra eum direxit exercitum. quem ille ad campos Veronenses occurrens magno strage delevit, castraque soluta finibus Italiae cum potiore audacia intrat, transactoque Pado amne ad Ravennam regiam urbem castra componit tertio fere miliario ab urbe locus, qui appellatur Pineta. quod cernens Odoacer intus se in urbe communit; indeque subreptive noctu frequenter cum suis egrediens Gothorum exercitum inquietat, et hoc non semel nec iterum, sed frequenter et pene molitur toto triennio.

(294) sed frustra laborat, quia cuncta Italia dominum iam dicebat Theodoricum et illus ad nutum res illa publica obsecundabat. tantum ille solus cum paucis satellitibus et Romanos, qui aderant, et fame et bello cotidie intra Ravennam laborabat. quod dum nihil proficeret, missa legatione veniam supplicat.

(295) cui et primum concedens Theodoricus postmodum ab hac luce privavit tertioque, ut diximus, anno ingressus sui in Italia Zenonemque imp. consultu privatum abitum suaeque gentis vestitum seponens insigne regio amictu, quasi iam Gothorum Romanorumque regnator, adsumit missaque legatione ad Lodoïn Francorum regem filiam eius Audefledam sibi in matrimonio petit.

(296) quam ille grate libenterque concessit suosque filios Celdebertum et Heldebertum et Thiudebertum

homens e dos jumentos, Odoacro enviou contra ele um exército armado, contra o qual ele [também] se moveu e, nos campos de *Verona*, destruiu num grande massacre. Depois, levantou acampamento e adentrou os territórios da *Italia* com maior ousadia. Tendo cruzado a corrente do *Padus*, montou acampamento no local a três milhas da cidade régia de *Ravenna*, chamado '*Pineta*'. Ao ver isso, Odoacro se fortificou dentro da cidade, de onde, à noite e de surpresa, inquietou com o exército os godos — e não uma única vez, mas repetida e frequentemente, por quase todo um triênio.

(294) Mas Odoacro laborou em vão, pois a *Italia* inteira já chamava Teodorico de 'senhor' e aquela república atendia à sua vontade. Tanto que Odoacro, com os seu pequeno séquito e com romanos apoiadores, sofria diariamente com a guerra e a fome. Não obtendo qualquer vantagem, ele enviou uma embaixada, suplicando por misericórdia.

(295) Teodorico primeiro concedeu-lhe [a misericórdia], mas depois privou-lhe desta luz. No terceiro ano do seu ingresso na *Italia*, como dissemos, Teodorico, a conselho do imperador Zenão, abandona os trajes privados do seu povo e se cobre com as insígnias reais, já quase como um governante de godos e romanos. Ele envia uma embaixada até Lodoíno, rei dos francos, e pede em matrimônio a sua filha, Audefleda.

(296) Lodoíno, com alegria e liberalidade, concedeu-a, assim como os seus filhos Celdeberto, Heldeberto e Thiudeberto, crente de

<p><i>credens hac societate cum gente Gothorum inito foedere sociari. sed non adeo ad pacis concordiam profuit ista coniunctio, quia saepenumero propter Gallorum terras graviter inter se decertati sunt, numquamque Gothus Francis cessit, dum viveret Theodoricus.</i></p>	<p>que, com essa associação, uma aliança seria formada com o povo godo. Mas esse matrimônio não beneficiou a concórdia e nem foi suficiente para a paz, pois incontáveis vezes eles lutaram entre si nas terras dos gauleses e nunca, enquanto Teodorico viveu, os godos perderam para os francos.</p>
---	--

LVIII	Capítulo 58
<p>(297) <i>Antequam ergo de Audefledam subolem haberet, natures ex concubina, quas genuisset adhuc in Moesia, filias, unam nomine Thiudigoto et aliam Ostrogotho. quas mox in Italiam venit, regibus vicinis in coniugio copulavit, id est unam Alarico Vesegotharum et aliam Sigismundo Burgundzonorum.</i></p> <p>(298) <i>de Alarico ergo natus est Amalaricus. quem avus Theodoricus in annis puerilibus utroque parente orbato dum fovet atque tuetur, comperit Eutharicum Veterici filium Beretmodi et Thorismodi nepotem, Amalorum de stirpe descendentem, in Spania degi, iuvenili aetate prudentia et virtute corporisque integritate pollentem. ad se eum facit venire eique Amalasuentham filiam suam in matrimonio iungit.</i></p> <p>(299) <i>et ut in plenum suam progeniem dilataret, Amalafridam germanam suam matrem Theodahadi, qui postea rex fuit, Africa regi Vandalorum coniuge dirigit Thrasamundo filiamque eius neptem suam Amalabergam</i></p>	<p>(297) Antes de ter um descendente com Audefleda, Teodorico teve filhas com uma concubina, geradas ainda na <i>Moesia</i>, uma chamada Tiudigoto e a outra Ostrogoto. Logo que chegou à <i>Italia</i>, uniu-as em matrimônio com os reis vizinhos: uma com Alarico, dos visigodos, e a outra com Sigismundo, dos burgúndios.</p> <p>(298) Assim, de Alarico nasceu Amalarico, que o avô Teodorico cuidou e protegeu, pois ele perdeu os pais durante a infância. Teodorico [também] descobriu que Eutarico, filho de Veterico e neto de Beremodo e Torismodo, descendente da linhagem dos Ámalos, vivia na <i>Spania</i> e, [ainda] jovem, tinha grande virtude e capacidade corporal. Teodorico o fez vir até si e com ele uniu a sua filha Amalasuenta em matrimônio.</p> <p>(299) E para que pudesse ampliar ainda mais a sua família, enviou a sua irmã Amalafrida, mãe do futuro rei Teodahad, até a <i>Africa</i>, para desposar o rei dos vândalos Trasamundo. Amalaberga, filha dela e sua sobrinha, ele uniu a Herminefredo, rei dos turíngios.</p>

*Thuringorum regi consociat
Herminefredo.*

*(300) Pitzamum quoque suum comitem
et inter primos electum ad obtinendam
Sirmiensem dirigit civitatem. quam ille
expulso rege eius Trasarico, filio
Trapstilae, retenta eius matre obtinuit.
inde contra Savinianum Illyricum mag.
mil., qui tunc cum Mundone paraverat
conflictum, ad civitatem cognomine
Margo planum, quae inter Danubium
Margumque fluminibus adiacebat, cum
duobus milibus ergo peditum,
equitibus quingentis in Mundonis
solacia veniens Illyricianum exercitum
demolivit.*

*(301) nam hic Mundo de Attilanis
quondam origine descendens
Gepidarum gentem fugiens ultra
Danubium in incultis locis sine ullis
terrae cultoribus divagatus et
plerisque abactoribus scamarisque et
latronibus undecumque collectis
turrem quae Herta dicitur super
Danubii ripam positam occupans
ibique agresti ritu praedasque
innectens vicinis regem se suis
grassatoribus fecerat. hunc ergo pene
desperatum et iam de traditione sua
deliberantem Petza subveniens e
manibus Saviniani eripuit, suoque regi
Theodorico cum gratiarum actione
fecit subietum.*

*(302) non minore tropeo de Francis
per Ibbam, suum comitem, in Galliis
adquisivit plus triginta milia
Francorum in proelio caesa. nam et
Thiudem suum armigerum post*

(300) Também dirigiu o conde Pítza até *Sirmium*, escolhido entre os mais importantes para controlar a cidade. Ele a obteve ao expulsar o rei Trasarico, filho de Trapstila, capturando a sua mãe. Contra Saviniano, o mestre dos soldados, que então se preparava para um conflito com o Mundo, enviou dois mil homens à pé até e quinhentos a cavalo até a cidade apelidada de '*Margoplanum*', entre os rios *Danubius* e *Margum*, demolindo o exército do *Illyricum*, que ali chegava, pela ousadia.

(301) Esse Mundo, descendente daquele Átila de outrora, afugentara o povo gépida e, para lá do *Danubius*, vagava por locais não-cultivados em terras sem qualquer agricultor. Reunindo quase todos os ladrões de gado, saqueadores e ladrões, ele ocupou a torre chamada de '*Herta*', situada à margem superior do *Danubius*. Ali, vivendo de modo rústico, ele predava os vizinhos como se fosse o rei dos bandidos. Mundo estava quase desesperado e já pensava em render-se, quando Pítza o ajudou e o libertou das mãos de Saviniano, tornando-o, com isso, um grato súdito do rei Teodorico.

(302) Não foi menor o troféu que Teodorico obteve dos francos nas *Galliae* através de Ibbá, seu conde, [quando] mais de trinta mil francos caíram em batalha. Além disso, após a morte de Alarico, ele apontou o seu escudeiro Teudis

<p><i>mortem Alarici generi tutorem in Spaniae regno Amalarici nepotis constituit. qui Amalaricus in ipsa aduliscentia Francorum fraudibus inretitus regnum cum vita amisit. post quem Thiudis tutor eodem regno ipse invadens, Francorum insidiosam calumniam de Spaniis pepulit. et usque dum viveret, Vesegothas contenuit.</i></p> <p><i>(303) post quem Thiudigisglosa regnum adeptus, non diu regnans defecit occius a suis. cui succedens hactenus Agil continet regnum. contra quem Atanagildus insurgens Romani regni concitat vires, ubi et Liberius patricius cum exercitu destinatur. nec fuit in parte occidua gens, quae Theodorico, dum adviveret, aut amicitia aut subiectione non deserviret.</i></p>	<p>como guardião do seu neto Amalarico no reino da <i>Spania</i>. Este, enganado ainda na adolescência pelas tramoias dos francos, perdeu o reino e a vida. Então, o guardião do reino Teudis atacou e expulsou das <i>Spaniae</i> os francos com as suas mentiras traiçoeiras. Enquanto viveu, Teodorico manteve os visigodos unidos.</p> <p>(303) Depois, quando Tiudigisglus obteve o reino, não reinou por muito tempo, sendo morto pelos seus [homens]. Foi sucedido por Ágila, que tem o reino até hoje. Atanagildo se insurgiu contra ele e está incitando a força do reino romano, então o patricio Libério está indo até ele com o exército. Não houve um povo na parte ocidental que não haja servido Teodorico, fosse através da amizade ou da sujeição, enquanto ele viveu.</p>
--	---

LIX	Capítulo 59
<p><i>(304) Sed postquam ad senium pervenisset et se in brevi ab hac luce egressurum cognusceret, convocans Gothos comites gentisque suae primates Athalaricum infantulum adhuc vix decennem, filium filiae suae Amalasuethae, qui Eutharico patre orbatus erat, regem constituit, eisque in mandatis ac si testamentali voce denuntiatis, ut regem colerent, senatum populumque Romanum amarent principemque Orientalem placatum semper propitiumque haberent post deum.</i></p> <p><i>(305) quod praeceptum quandium</i></p>	<p>(304) Mas depois, quando chegou a velhice e percebeu que em breve deixaria esta luz, convocou os condes godos e os líderes do seu povo e apontou o menininho Atalarico, filho da sua filha Amalasueta e do falecido Eutarico, como rei, ainda que ele mal tivesse dez anos. Ordenou-lhes, como se pronunciando o seu testamento, que cultuassem o rei; que amassem o senado e o povo romano; e que sempre mantivessem, após Deus, o imperador do Oriente apaziguado e favorável.</p> <p>(305) Enquanto Atalarico e a sua mãe viveram,</p>

*Athalaricus rex eiusque mater
adviverent, in omnibus custodientes
pene per octo annos in pace
regnarunt: quamvis Francis de regno
puerili desperantibus, immo in
contemptu habentibus bellaque parare
molientibus quod pater et avus Gallias
occupasset, eis concessit. cetera in
pace et tranquillitate possessa. dum
ergo ad spem iuventutis Athalaricus
accederet, tam suam aduliscentiam
quam matris viduitatem Orientis
principi commendavit, sed in brevi
infelicissimus inmatura morte
praeventus, rebus humanis excessit.*

*(306) tum mater, ne pro sexus sui
fragilitate a Gothis sperneretur, secum
deliberans, Theodahadum
consubrinum suum germanitatis gratia
accersitum a Tuscia, ubi privatam
vitam degens in laribus propriis erat,
in regno locavit. qui inmemor
consanguinitatis post aliquantum
tempus a palatio Ravennate
abstractam in insulam laci
Bulsiniensis eam exilio religavit, ubi
paucissimos dies in tristitia degens ab
eius satellitibus in balneo strangulata
est.*

eles obedeceram plenamente os seus preceitos e por quase oito anos reinaram. Uma vez que os francos não confiavam no reinado de uma criança — tinham desdém, na verdade — e buscavam preparar um guerra, ele concedeu-lhes aquelas partes das *Galliae* que o pai e o avô haviam ocupado. As outras ele manteve em paz e tranquilidade. Assim, enquanto Atalarico ainda avançava caminhava para se tornar um jovem adulto, tanto a sua adolescência quando a viuvez da sua mãe foram confiadas ao príncipe do Oriente, mas logo o infelicíssimo [rapaz] foi interrompido por uma morte precoce e deixou as coisas humanas.

(306) Então a mãe, pensando que os godos a desprezariam pela fragilidade do seu sexo, chamou da *Tuscia*, por conta do parentesco, seu primo Teodahad, que lá vivia em seu lar uma vida privada, e colocou-o no [comando do] reino. Ele esqueceu-se dessa consanguinidade [e], depois de algum tempo, removeu-a do palácio em *Ravenna* e relegou-a a um exílio numa ilha do lago *Bulsiniensis*²²⁹, onde, após viver em tristeza pouquíssimos dias, ela foi estrangulada no banho pelos seus serviçais.

²²⁹ Atual lago de Bolsena, na província italiana de Viterbo.

LX	Capítulo 60
<p>(307) <i>Quod dum Iustinianus imperator Orientalis audisset et quasi susceptorum suorum morte ad suam iniuriam redundaret, sic est commotus. eodem namque tempore de Africa Vandalicum cum per fidelissimum suum patricium Belesarium reportasset triumphum, nec mora in ipso tempore madentibus adhuc armis cruore Vandalico contra Gothos per eundem ducem movit procinctum.</i></p>	<p>(307) Quando Justiniano, o imperador do Oriente, ouviu isso, surgiu nele uma tal indignação quase como se fosse a morte de descendentes seus e ele ficou perturbado. Naquela época, ele havia obtido um triunfo sobre os vândalos na <i>Africa</i>, através do seu fidelíssimo patricio Belisário. Sem demora, nessa mesma época, ele enviou o exército ainda pingando sangue vândalo, sob o seu comandante, contra os godos.</p>
<p>(308) <i>qui dux providentissimus haud secus arbitratus Getarum subicere populum, nisi prius nutricem eorum occupasset Siciliam. quod et factum est. Trinacriaque ingressus mox Gothi, qui Syracusanum oppidum insidebant, videntes se nihil praevalere cum suo duce Sinderith ultro se Belesario dederunt. cumque ergo Romanus ductor Siciliam pervasisset, Theodahadus comperiens Evermud generum suum cum exercitu ad fretum, quod inter Campaniam Siciliamque interiacet et de Tyrreni maris sinu vastissimum Adriaticus aestus evolvitur, custodiendum direxit.</i></p>	<p>(308) Esse clarividente comandante julgou que não poderia submeter o povo geta a não ser que ocupasse primeiro a sua fonte de alimentos, a <i>Sicilia</i>. Foi o que fez. Logo que ingressou na <i>Trinacria</i>²³⁰, os godos, que ocupavam a cidade murada de <i>Syracusa</i>, vendo que não poderiam prevalecer, entregaram-se a Belisário com o seu comandante Sinderith. Quando Teodahado viu que o comandante romano se espalhava por toda a <i>Sicilia</i>, enviou o seu genro Evermudo com o exército para vigiar o estreito que fica entre a <i>Campania</i> e a <i>Sicilia</i> e que de um braço do mar <i>Tyrrenus</i> desemboca no <i>Adriaticus</i>.</p>
<p>(309) <i>ubi cum Evermud accessisset Regium oppidum, castra composuit. nec mora deterioratam causam cernens suorum ad partes victoris paucis et fidelissimis famulis consciis movit, ultroque se Belesarii pedes advolvens Romani regni optat servire principibus. quod Gothorum exercitus sentiens suspectum Theodahadum</i></p>	<p>(309) Evermudo, chegando à cidade murada de <i>Rhegium</i>, montou acampamento. Logo viu que o seu lado era o mais fraco. Moveu-se voluntariamente com poucos e fidelíssimos subordinados até a região do vencedor e, do outro lado [do estreito], atirou-se aos pés de Belisário e optou por servir o imperador do reino romano. O exército dos godos, suspeitando de Teodahado, clamou para que</p>

²³⁰ Um nome alternativo para a *Sicilia*.

*clamitat regno pellendum et sibi
ductorem suum Vitiges, qui armiger
eius fuerat, in rege levandum.*

*(310) quod et factum est; et mox in
campos Barbaricos Vitiges in regno
levatus Romam ingreditur
praemissisque Ravenna fidelissimis
sibi viris Theodahadi necem
demandat. qui venientes imperata sibi
perficiunt et occiso Theodahado regem
qui a rege missus adveniebat (et adhuc
in campos Barbaricos erat Vitigis)
populis nuntiat.*

*(311) inter haec Romanus exercitus
emenso freto Campaniam accedens,
subversumque Neapolim Romae
ingreditur; unde ante paucos dies rex
Vitigis egressus, Ravenna profectus,
Mathesuentam filiam Amalasuethae
Theodorici quondam regis neptem sibi
in matrimonio sociarat. cumque his
novis nuptiis delectatus aulam regiam
foviv Ravenna, Roma egressus
imperialis exercitus munita utriusque
Tusciae loca invadit. quod cernens per
nuntios Vitiges, cum Hunila duce
Gothorum manu armis conserta mittit
Perusia.*

*(312) ubi dum Magnum comitem cum
parvo exercitu residentem obsessione
longa evellere cupiunt, superveniente
Romano exercitu ipsi evulsi et omnino
extincti sunt. quod audiens Vitiges ut
leo furibundus omnem Gothorum
exercitum congregat Ravennaque
egressus Romanas arces obsidione
longa fatigat. sed frustrata eius
audacia post quattuordecim menses ab*

fosse expulso do reino e que Vitiges, que fora seu escudeiro, fosse elevado a rei.

(310) Isso foi feito. Logo em seguida, nos campos *Barbarici*, Vitiges foi elevado ao trono. Ele entrou em *Roma* e enviou a *Ravenna* os seus [homens] mais fieis para exigir a morte de Teodahado. Lá chegando, eles cumpriram as ordens e, quando o rei Teodahado havia sido morto, um emissário foi até o [novo] rei — pois Vitiges estava ainda nos campos *Barbarici* — e fez o anúncio ao povo.

(311) Enquanto isso, o exército romano, atravessando o estreito, chegou à *Campania* e, após submeter *Neapolis*, seguiu em direção a *Roma*, de onde, poucos dias antes, o rei Vitiges partira. Quando chegou em *Ravenna*, ele se uniu em matrimônio a Matesuenta, filha de Amalasuenta e neta do antigo rei Teodorico. Quando Vitiges, deleitado pelas suas novas núpcias, entretinha a corte régia em *Ravenna*, o exército imperial saiu de *Roma* e invadiu duas fortificações da *Tuscia*. Quando soube disso por mensageiros, ele enviou um forte exército com o comandante dos godos Hunila até *Perusia*.

(312) Enquanto [os homens de Hunila] tentavam fazer sair [de *Perusia*], através de um longo cerco, o conde Magno, que com um pequeno exército [ali] residia, o exército romano os atacou e eles próprios foram todos expulsos e mortos. Ouvindo isso, Vitiges, como um leão furibundo, reuniu todos os godos em um exército. Saindo de *Ravenna*, ele cansou as defesas de *Roma* através de um longo cerco. Mas, após quatorze meses de cerco, tendo a sua

obsidione Romanae urbis aufugit et se ad Ariminensem oppressionem praeparat.

(313) unde pari tenore frustratus fugatusque Ravenna se recepit: ubi obsessus nec mora ultro se ad partes dedit victoris cum Mathesuentha iugale regiasque opes. et sic famosum regnum fortissimamque gentem diuque regnantem tandem pene duomillensimo et tricesimo anno victor gentium diversarum Iustinianus imperator per fidelissimum consulem vicit Belesarium, et perductum Vitiges Constantinopolim patricii honore donavit. ubi plus biennio demoratus imperatorisque in affectu coniunctus rebus excessit humanis.

(314) Mathesuentam vero iugalem eius fratri suo Germano patricio coniunxit imperator. de quibus post humatum patris Germani natus est filius idem Germanus. in quo coniuncta Aniciorum genus cum Amala stirpe spem adhuc utriusque generi domino praestante promittit.

(315) Haec hucusque Getarum origo ac Amalorum nobilitas et virorum fortium facta. haec laudanda progenies laudabiliori principi cessit et fortiori duci manus dedit, cuius fama nullis saeculis nullisque silebitur aetatibus, sed victor ac triumphator Iustinianus imperator et consul Belesarius Vandalici Africani

ousadia sido frustrada, ele fugiu da cidade de Roma e se preparou para atacar Ariminum.

(313) Dali, por conta da mesma dificuldade, ele fugiu frustrado e se refugiou em Ravenna. Ali, cercado, ele se entregou sem demora e voluntariamente, com a esposa Matesuenta e o tesouro real. E assim um famoso reino e um muitíssimo corajoso povo, dominante por quase dois mil e trinta anos, foram vencidos pelo imperador Justiniano, vencedor sobre diversos povos, e pelo fidelíssimo cônsul Belisário. Justiniano conduziu Vitiges a Constantinopolis e concedeu-lhe o título de 'patrício'. Ali, após mais de dois anos unido em afeição ao imperador, Vitiges deixou as coisas humanas.

(314) O imperador, então, uniu Matesuenta em matrimônio ao patrício Germano, seu irmão²³¹. Deles, após a morte do pai Germano, nasceu o filho também chamado Germano. Essa união, do grupo dos anícios com a estirpe dos Ámalos traz esperança para ambos grupos, se o Senhor permitir.

(315) Estes foram a origem dos getas, a nobreza dos Ámalos e os feitos de homens corajosos. Essa gloriosa linhagem cedeu para um imperador ainda mais glorioso e se rendeu para uma mão mais corajosa, cuja fama não será silenciada pelos séculos e pelas eras, pois o vitorioso e também triunfante imperador Justiniano e o cônsul Belisário serão apelidados de 'vandálico', 'africânico' e 'gético'.

²³¹ Jordanes informou corretamente, no passo 251, que Germano era “*fratuelis*” (primo) de Justiniano. Aqui, no passo 313, todavia, ele emprega o termo “*frater*” (irmão).

Geticique dicentur.

*(316) haec qui legis, scito me maiorum
secutum scriptis ex eorum latissima
prata paucos flores legisse, unde
inquirenti pro captu ingenii mei
coronam contexam. nec me quis in
favorem gentis praedictae, quasi ex
ipsa trahendi originem, aliqua
addidisse credat, quam quae legi et
comperi. nec si tamen cuncta, quae de
ipsis scribuntur aut referuntur,
complexus sum, nec tantum ad eorum
laudem quantum ad laudem eius qui
vicit exponens.*

(316) Leitor, sei que segui os escritos dos meus ancestrais e colhi dos seus prados enormes umas poucas flores, com as quais, através da minha engenhosidade questionadora, teci uma coroa aos interessados. Que ninguém acredite que, em favor do povo sobre o qual falei, eu acrescentei algo além do que li e descobri — ainda que eu tenha quase essa mesma origem. Mesmo assim, eu não expus tudo o que foi escrito e referido a seu respeito, nem tudo o que os louvava e nem tudo o que louvava aquele que os derrotou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTAÇÃO

- AMMIANUS MARCELLINUS. **History: books 27-31**. Translated by John C. Rolfe. Cambridge and London: Harvard University Press, 2001.
- BÖCKING, Evardi (ed.). **Index ad Notitiam Dignitatum et Administrationum omnium tam civilium quam militarium in partibus orientis et occidentis**. Bonnae: Adolphum Marcum, 1853.
- CROKE, Brian. **The Chronicle of Marcellinus: a translation and a commentary, with a reproduction of Mommsen's edition of the text**. Sydney: Australian Association of Byzantine Studies, 1995.
- DENNIS, George T. **Das Strategikon des Maurikios. Einführung, edition und indices von George T. Dennis. Übersetzung von Ernst Gamillscheg**. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1981.
- HERODIANUS. **Herodiani Historiarum Romanarum Libri Octo, ad optimorum librum fidem accurate editi**. Lipsiae: Sumtibus et typis Car. Tauchnitii, 1829.
- JULIAN. **The Works of Emperor Julian, with an English translation by Wilmer Cave Wright**. London: William Heinemann : New York: The MacMillan Co., 1913. v. 2.
- KRUSCH, Bruno, LEVISON, Wilhelmus (eds). **Scriptores Rerum Merovingicarum, Tomi I Pars I, Gregorii Episcopi Turenensis Libri Historiarum X**. Hannoverae: impensis Bibliopolii Hahniani, 1851. Monumenta Germaniae Historica.
- JORDANES. **Origen y gestas de los godos**. Edición y traducción de José María Sánchez Martín. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- JORDANES. **The Gothic History of Jordanes in English version, with an Introduction and a Commentary by Charles Christopher Mierow**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, Humphrey Milford e Oxford University Press, 1915.
- LANG, Carolus (ed.). **Flavii Vegetii Renati Epitoma Rei Militaris**. Stuttgart & Leipzig: Teubner, 1885.
- LACTANTIUS. **De Mortibus Persecutorum**. Edited by J. L. Creed. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- MIGNE, Jacques-Paul (ed.). **Leontii Byzantini, Opera Omnia. Accedit Evagri Scholastici Historia Ecclesiastica; intermiscetur S. Eulogii Alexandrini Archiepiscopi, S. Eutychiei Constantinopolitani Patriarcae, S. Ephraimim Antiocheni Patriarchae, Zachariae, Modesti, Hierosolymitanorum Patriarcharum, Erechthii Antiochiae in Perside Episcopi, S. Petri Laodicensis, S.**

- Symeonis Junioris, Jobii Monachi, Pauli Silentarii, scripta vel scriptorum fragmenta quae supersunt.** Leontii tomus posterior, caeterorum tomus unicus. Parisi: 1865. Patrologia Graeca, v. 86b.
- MIGNE, Jacques-Paul (ed.). **Photii, Constantinopolitani Patriarchae, Opera Omnia. Tomus tertius.** Parisi: 1860. Patrologia Graeca, v. 103.
- MIGNE, Jacques-Paul (ed.). **S. Georgii Florentini Gregorii Turonensis Episcopi Opera Omnia necnon Fredegarii Scholastici Epitome et Chronicum cum suis continuatoribus et aliis antiquis monumentis.** Parisi: 1849. Patrologia Latina, v. 071.
- MIGNE, Jacques-Paul (ed.). **S. P. N. Andrea Cretensis Archiepiscopi Operae Quae Reperiri Potuerunt Omnia, accedunt Joannis Malalae, Theodori Abucarae Carum Episcopi scripta tum historica, tum ascetica quae supersunt, tomus unicus.** Parisi: 1863. Patrologia Graeca, v. 97.
- MIGNE, Jacques-Paul (ed.). **Sancti Isidori, Hispalensis Episcopi, Opera Omnia, Romae Anno Domini MDCCXCVII Excusa, Recensente Faustino Arevalo. Tomus Quintus.** Parisi: 1862. Patrologia Latina, v. 083.
- MIGNE, Jacques-Paul (ed.). **Sanctorum Hilari, Simplicii, Felicis III, Romanorum Pontificum, necnon Victoris Vitensis, Sidonii Apollinaris et Gennadii Presbyteri Massiliensis.** Parisi: 1847. Patrologia Latina, v. 058.
- MIGNE, Jacques Paul (ed.). **Synesii Episcopi Cyrenes. Opera Quae Exstant Omnia.** Parisi: 1864. Patrologia Graeca. v. 066.
- MOMMSEN, Theodorus. **Chronica Minora Saec. IV. V. VI. VII, volumen I.** Berolino: apud Weidmannos, 1892. Monumenta Germaniae Historica. Monumenta Germaniae Historia. Auctorum Antiquissimorum Tomus IX
- MOMMSEN, Theodorus (ed.). **Chronica Minora Saec. IV. V. VI. VII. Volumen II.** Berolini: Apud Weidmannos, 1894. Monumenta Germaniae Historia. Auctorum Antiquissimorum Tomus XI.
- MOMMSEN, Theodor, KRUEGER, Paul, et al. (eds.). **Corpus Juris Civilis.** 16. Auflage. Berlin: Weidmann, 1954. 3 v.
Disponível em: <<http://web.upmf-grenoble.fr/Haiti/Cours/Ak/>>
Acesso em: 3 de setembro de 2009.
- MOMMSEN, Theodorus (ed.). **Iordanis Romana et Getica.** Berolini: Apud Weidmannos: 1882. Monumenta Germaniae Historia. Auctorum Antiquissimorum Tomi V Pars Prior.
- MOMMSEN, Th., MEYER, Paulus M. (eds.). **Theodosiani Libri XVI cum Constitutionibus Sirmondianis et leges novellae ad Theodisanum pertinentes.** Berolinum: apud Weidmannos, 1905. 2 v.

- MÜLLERUS, Carolus (ed.). **Fragmenta Historicorum Graecorum, volumen quartum.** Parisiis: Editore Ambrosio Firmin Didot, 1868.
- PROCOPIUS. **Procopius, with an English translation of H. B. Dewing, in six volumes, vol. II.** London and New York: William Heineman and G. P. Putnam's Sons, 1916.
- PROCOPIUS. **Procopius ex recensione Guilielm Dindorfii, vol. II.** Bonnae: Impensis Ed. Weberi, 1833. Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae.
- ZANGEMEISTER, Karl Friedrich Wilhelm (ed.). **Pavli Orosii Historiarvm adversvm paganos libri VII.** Lipsiae: Tevbneri, 1889. Bibliotheca scriptorum graecorum et romanorum Teubneriana.
- ZOSIMUS. **Zosimus ex recognitione Immanueli Bekkeri.** Bonnae: Impensis Ed. Weberi, 1836.

FONTES SECUNDÁRIAS

- ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo.** Porto: Afrontamento, 1982.
- ANGOLD, Michael. **Bizâncio: a ponte da Antigüidade para a Idade Média.** Tradução de Alda Porto Santos. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- BACHRACH, Bernard S. **A History of the Alans in the West: From Their First Appearance in the Sources of Classical Antiquity through the Early Middle Ages.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1973.
- BACHRACH, Bernard S. The Fortification of Gaul and the Economy of the Third and Fourth Centuries. **Journal of Late Antiquity.** v. 3, n. 1, pp. 38-64, spring 2010. The Johns Hopkins University Press.
- BENARIO, Herbert W. Legionary Speed of March before the Battle with Boudicca. **Britannia.** v. 17, pp. 358-362, 1986. Society for the Promotion of Roman Studies.
- BENNETT, Julian. **Trajan Optimus Princeps: A Life and Times.** London and New York: Routledge, 1997.
- BLOCH, Gustave. La Gaule Independante et la Gaule Romaine. In: LAVISSE, Ernest (ed.). **Histoire de France, depuis les origines jusqu'à la Révolution.** Paris: Hachette, 1900. Tome 1, Première Partie.
- BOAK, A. E. R. Manpower shortage and the fall of Rome. In: KAGAN, Donald (ed.). **Decline and Fall of the Roman Empire: Why Did It Collapse?.** Boston: D. C. Heath and Company, 1962.

- BROGAN, Olwen. An Introduction to the Roman Land Frontier in Germany. **Greece & Rome**. v. 3, no. 7, pp. 23-30, oct. 1933. Cambridge University Press on behalf of The Classical Association.
- BURNS, Thomas S. The Battle of Adrianople: A Reconsideration. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. v. 22, no. 2, pp. 336-345, 2nd quarter 1973. Franz Steiner Verlag.
- BURY, J. B. **A History of the Later Roman Empire from Arcadius to Irene (395 A.D. to 800 A. D.)**. London: MacMillan and Co., 1889. v. 1.
- CAMERON, Averil. **El Bajo Imperio romano, 284-430 d. de C.** Madrid: Encuentro, 2001.
- CAMPBELL, Brian. **The Roman Army 31 BC-AD 337: A sourcebook**. London and New York: Routledge, 1994.
- CARLÀ, Filippo. Tu tantum praefecti mihi studium et annonam in necessariis locis praebe: prefettura al pretorio e annona militaris nell III secolo d. C. **Historia**, Band 56/1, 2007, pp. 82-110. Franz Steiner Verlag.
- CARRIÉ, Jean-Michel. O Soldado. In: GIARDINA, Andrea (ed.). **O Homem Romano**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1992. pp. 87-116.
- CLOVER, Frank M. Geiseric and Attila. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. vol. 22, no. 1, 1st qtr., 1973, pp. 104-117. Franz Steiner Verlag.
- COLLINGWOOD, R. G. **Idea de la Historia**. Traducción de Edmundo O'Gorman y Julio Hernández Campos. Mexico y Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1952.
- COLLINS, Roger. **The Visigothic Spain, 409-711**. Malden, Oxford and Carlton: Blackwell, 2004.
- COSTER, Charles Henry. Christianity and the Invasions: Two Sketches. **The Classical Journal**. v. 54, no. 4, pp. 146-159, jan. 1959. The Classical Association of the Middle West and South.
- CROKE, Brian. Cassiodorus and the Getica of Jordanes. **Classical Philology**, v. 82, no. 2, pp. 117-134, apr. 1987. The University of Chicago Press.
- CROKE, Brian. Latin Historiography and the Barbarian Kingdoms in: MARASCO, Gabriele (ed.). **Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth century AD**. Boston: Brill, 2003. pp 349-390.
- CRUMP, G. A. Ammianus and the Late Roman Army. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. v. 22, no. 1, pp. 91-103, 1st quarter 1973. Franz Steiner Verlag
- DAUBIGNEY, Alain. FAVORY, François. L'esclavage en Narbonnaise et Lyonnaise d'après les sources épigraphiques. In: **Actes du colloque 1972 sur l'esclavage, Besançon, 2-3 mai 1972**. Paris: Les Belles Lettres, 1974. pp. 315-388. Annales Littéraires de l'Université de Besançon, v. 163.

- DE PAOLIS, Paolo. Problemi di grafia e pronunzia del latino nella trattatistica ortografica tardoantica. In: ANREITER, Peter; KIENPOINTNER, Manfred (eds.). **Akten des 15. Internationalen Kolloquiums zur Lateinischen Linguistik, Innsbruck, 4.-9. April 2009**. Innsbruck: 2010.
- DELOGU, Paolo. Metamorfosi di Attila. in: FIORILLO, Rosa; LAMBERT, Chiara (a cura di). **Medioevo letto, scavato, rivalutato. Studi in onore di Paolo Peduto**. Firenze: Edizioni all'Insegna del Giglio, 2012, pp. 47-72.
- DRAGON, Gilbert. Une lecture de Cassiodore-Jordanes: les Goths de Scandza a Ravenne. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**. 26e anné, no. 2, Mar.-Apr. 1971, pp. 290-305. EHESS.
- ELTON, Hugh. **Frontiers of the Roman Empire**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1996.
- EVANS, J. A. S. **The Age of Justinian: circumstances of imperial power**. London and New York: Routledge, 1996.
- FEAR, Andrew. War and Society. In: SABIN, Philip, VAN WEES, Hans, WHITBY, Michael (eds.). **The Cambridge History of Greek and Roman Warfare, Volume II, Rome from the late Republic to the late Empire**. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2007. pp. 424-458.
- FERRILL, Arther. **A Queda do Império Romano: a explicação militar**. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- GARNSEY, Peter. Septimius Severus and the Marriage of Soldiers. **California Studies in Classical Antiquity**. v. 3, pp. 45-53, 1970. University of California Press.
- GAUDI, Giovanbattista. Late sparsa collegimus: the influence of sources on the language of Jordanes. In: DICKEY, Eleanor; CHAHOUD, Anna (eds). **Colloquial and Literary Latin**. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2010. pp. 357-375.
- GILLIVER, Kate. The Augustan Reform and the Structure of the Imperial Army. In: ERDKAMP, Paul. **A Companion to the Roman Army**. Malden, Oxford and Victoria: Blackwell, 2007. pp. 183-200.
- GLARE, P. G. W. (ed.). **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GOFFART, Walter. Jordanes's Getica and the Disputed Authenticity of Gothic History from Scandinavia. **Speculum**. v. 80, no. 2, apr. 2005, pp. 379-398. Medieval Academy of America.
- GOFFART, Walter. Rome, Constantinople, and the Barbarians. **The American Historical Review**.v. 86, no. 2, april 1981, pp. 275-306. The University of Chicago Press.
- GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History (550 – 800). Jordanes, Gregory of Tours, Bede, Paul the Deacon**. Princeton: Princeton University Press, 1988.

- GOLDSWORTHY, Adrian. **The Complete Roman Army**. London: Thames & Hudson, 2003.
- GORDON, C. D. **The Age of Attila: Fifth-Century Byzantium and the Barbarians**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1961.
- HEATHER, Peter. Cassiodorus and the Rise of the Amals. **The Journal of Roman Studies**, vol. 79, pp. 103-128, 1989. Society for the Promotion of Roman Studies.
- HEATHER, Peter. The Anti-Schyitian Tirade of Synesius' "De Regno". **Phoenix**. v. 42, no. 2, pp. 152-172, summer 1988. Classical Association of Canada.
- HEATHER, Peter. The Huns and End of the Roman Empire in Western Europe. **The English Historical Review**, vol. 110, no. 445, feb. 1995, pp. 4-41. Oxford University Press.
- ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, 2002.
- JONES, A. H. M. Inflation under the Roman Empire. **The Economic History Review**, New Series, v. 5, no. 3, pp. 293-318, 1953. Economic History Society.
- LEE, A. D. The Empire at War. In: MAAS, Michael (ed.). **The Cambridge Companion to the Age of Justinian**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- LIEBESCHUETZ, J. H. W. **Barbarians and Bishops: Army, Church, and State in the Age of Arcadius and Chrysostom**. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- LIEBESCHUETZ, Wolf. **East and West in Late Antiquity: Invasion, Settlement, Ethnogenesis and Conflicts of Religion**. Leiden and Boston: Brill, 2014.
- LIEBESCHUETZ, Wolfgang. The End of the Roman Army in the Western Empire. In: RICH, John, SHIPLEY, Graham (eds.). **War and Society in the Roman World**. New York: Routledge, 1993. pp. 265-276.
- LINDNER, Rudi Paul. Nomadism, Horses and the Huns. **Past and Present**, no. 92, aug. 1981, pp. 3-19. Oxford University Press.
- LÖFSTEDT, Einar. **Late Latin**. Oslo: Aschehoug & Co. W. Nygaard, 1959.
- MACDOWALL, Simon. **Late Roman Cavalryman AD 236-565, illustrated by Christa Hook**. Oxford: Osprey Publishing, 1995.
- MACMULLEN, Ramsay. Barbarian Enclaves in the Northern Roman Empire. **L'Antiquité Classique**, t. 32, fasc. 2, pp. 552-561, 1963. L'Antiquité Classique.
- MACMULLEN, Ramsay. **Corruption and the Decline of Rome**. New Haven and London: Yale University Press, 1988.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with Discourse: meaning beyond the clause**. London and New York: Continuum, 2007. 2nd. edition.

- MATHISEN, Ralph W. **Becoming Roman, Becoming Barbarian: Roman Citizenship and the Assimilation of Barbarians in to the Late Roman World**. Leiden and Boston: Brill, 2013.
- MERRILLS, A. H. **History and Geography in Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MERRILLS, Andy, MILES, Richard. **The Vandals**. Malden, Oxford and Chichester: 2010.
- MIEROW, Charles Christopher. Some Remarks on the Literary Technique of the Gothic Historian Jordanes. **Classical Weekly**. v. 16, no. 18, pp. 140-142. March 12th, 1923. Johns Hopkins University Press.
- MIRCOVIC, Miroslava. The Later Roman Colonate and Freedom. **Transactions of the American Philosophical Society, New Series**. v. 87, no. 2, pp. i-144, 1997. American Philosophical Society.
- NICOLLE, David. **European Medieval Tactics (1): The Fall and Rise of Cavalry 450-1260, illustrated by Adam Hook**. Oxford: Osprey Publishing, 2011.
- NICOLLE, David. **Romano-Byzantine Armies, 4th-9th centuries, illustrated by Angus McBride**. London: Osprey, 1992. Men-at-Arms, 247.
- NISCHER, E. C. The Army Reforms of Diocletian and Constantine and Their Modifications up to the time of the Notitia Dignitatum. **The Journal of Roman Studies**. v. 13, pp. 1-55, 1923. Society for the Promotion of Roman Studies.
- O'DONNELL, James J. The Aims of Jordanes. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. vol. 31, no. 2, 2nd Qtr., 1982, pp. 223-240. Franz Steiner Verlag.
- RESENDE, William Bottazzini. Introdução. In: CASSIODORO. **Institutiones: Introdução às letras divinas e seculares**. Tradução e notas de Hugo Medeiros. Campinas-SP: CEDET, 2018.
- PARKES, M. B. **Pause and Effect: An Introduction to the History of Punctuation in the West**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1993.
- PINTO, Otávio Luiz Vieira. As if from this people I traced my origin: hypotheses on the life of Jordanes. **Calamus**. no. 1, 2017, pp. 197-222.
- POHLSANDER, Hans A. **The Emperor Constantine**. London and New York: Routledge, 2004.
- POLITZER, Robert L. The Interpretation of Correctness in Late Latin Texts. **Language**. vol. 37, no. 2, pp. 209-214 apr.-jun. 1961. Linguistic Society of America.
- POLITZER, Robert L. Synonymic Repetition in Late Latin and Romance. **Language**. vol. 37, no. 4, oct.-dec. 1961, pp. 484-487. Linguistic Society of America.

- RIDLEY, Ronald T. Introduction. In: ZOSIMUS. **New History, a translation with commentary by Ronald T. Ridley**. Camberra: Australian Association of Byzantine Studies, 1982.
- ROHRBACHER, David. **The Historians of Late Antiquity**. London and New York: Routledge, 2002.
- SAENGER, Paul. **Spaces Between Words: The Origins of Silent Reading**. Stanford: Stanford University Press, 1997.
- SÁNCHEZ, Dionisio Pérez. El ejército y el pueblo visigodo desde su instalación en el imperio hasta el reino visigodo de Tolosa. *Studia Historica. Historia Antigua*. v. 2-3, pp. 249-259, 1984-5. Ediciones Universidad de Salamanca.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino-Português, Etimológico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico, etc.** Rio de Janeiro e Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000. 12a. edição.
- SARTIN, Gustavo H. S. S. **As Estruturas Sociais e Econômicas do Império Romano do Ocidente e o Estabelecimento do Reino dos Visigodos nas Galliae Aquitania e Narbonensis**. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011. Dissertação de Mestrado.
- SARTIN, Gustavo H. S. S. De Origine Actibusque Getarum/Sobre a Origem e Feitos dos Godos: tradução e comentários filológico-tradutórios da introdução geográfica. **Scientia Traductionis**, no. 11, pp. 330-359, 2012. Universidade Federal de Santa Catarina.
- SOUTHERN, Pat. **The Later Roman Army**. New Haven and London: Yale University Press, 1996.
- SOUZA, Ladjane Farias de. A tradução de termos de recentes desenvolvimentos da Linguística Sistêmico-Funcional para o português brasileiro. **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, no. 22, 2011, pp. 73-90. Anhanguera Educacional Ltda.
- SPEIDEL, Michael A. Maximinus and the Thracians. Herodian on the Coup of 235, and Ethnic Networks in the Roman Army of the Third Century CE. In: COJOCARU, Victor, RUBEL, Alexander (eds.). **Mobility in Research in the Black Sea Region**. Cluij-Napoca: Mega Publishing House, 2016.
- STROBEL, Karl. Strategy and Army Structure between Septimius Severus and Constantine the Great. In: ERDKAMP, Paul. **A Companion to the Roman Army**. Malden, Oxford and Victoria: Blackwell, 2007. pp. 267-285.
- TREAGOLD, Warren. Paying the army in the Theodosian period. In: JACOBS, Ine (ed.). **Production and Prosperity in the Theodosian Period**. Leuven and Laupole: Peeters, 2014.

WATSON, G. R. **The Roman Soldier**. Ithaca: Cornell University Press, 1984.

WOLFRAM, Herwig. The Goths in Aquitaine. **German Studies Review**. v. 2, no. 2, pp. 153-168, may 1979. German Studies Association.